



CUIDADO COM O QUE VOCÊ DESEJA

PERIGUETE
apaixonada

KAMILA CAVALCANTE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



KAMILA CAVALCANTE

Perigete
APAIXONADA

2º EDIÇÃO

- 2018 -

Copyright © 2018 KAMILA CAVALCANTE

Todos os direitos reservados às Autoras. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização das Autoras. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Equipe Editorial:

Capa: Baby Nunes

Diagramação Digital: Kamila Cavalcante

Revisão: Sara Rodrigues

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Essa obra foi escrita e revisada de acordo com a Nova Ortografia da Língua Portuguesa. O autor e o revisor entendem que a obra deve estar na norma culta, mas o estilo de escrita coloquial foi mantido para aproximar o leitor dos tempos atuais.

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[VEM AÍ](#)

Sinopse

Maria Fernanda é uma perigete assumida que vive se metendo em confusões. Short curto e batom vermelho são sua marca registrada. Por onde passa seu corpo, seu bom humor e loucura chamam atenção. Sempre animada e sem se importar com o que os outros pensam, Mafê é dona do próprio nariz. Contrariando o que todos acham, ela é uma eterna romântica que está à procura do verdadeiro amor sem deixar de se divertir, obviamente.

Carlos Eduardo é um dos maiores chefões do tráfico na capital Rio Azul. Comanda a favela Bela Flor onde vive em *quase* harmonia. Apesar de ser um homem violento, ter problemas com os polícias e com a justiça, Cadu, como é conhecido, é um homem venerado pela maior parte da comunidade e respeitado por muitos na cidade. Cadu é centrado e sempre coloca o trabalho acima de quase tudo. Ele não confia em mulher alguma e segundo ele, elas só servem de passatempo. Pegou, desapegou. Esse é o seu lema com elas.

Mafê vai enxergar em Cadu o homem perfeito para se apaixonar e vai encarar o desafio de fazer com que ele se apaixone por ela.

Embarque nessa aventura com o pessoal da Bela Flor e descubra se e como Mafê vai conseguir essa proeza, mas para isso: *Liberte seu lado romântico. Liberte sua perigete interior* .



Prólogo

Repasso mais uma vez em minha mente tudo o que tenho para fazer hoje, levanto-me devagar da cama e deixo as cobertas caídas no chão do quarto. Tomo um bom banho e volto para o quarto.

Sinceramente, as pessoas deveriam se tocar e ter o mínimo de *semancol*, mas que surpresa, só que não, lá está ele ainda estirado na minha cama. Podem apostar, não é como nos filmes onde o galã fica todo esticado na cama, ao nosso bel-prazer, enquanto só *aquela* parte está coberta.

Com a baba escorrendo por um os lados da boca, lá está ele, todo aberto mostrando tudo o que, infelizmente, não tem. Frustrada, pego meu caderno e escrevo rapidamente:

Lembrete: *As aparências enganam! De que serve tanto músculo se a parte que mais importa é menor que o meu dedo mindinho?*

Enquanto enxugo meu corpo, tento descobrir se sei o nome dele. Sinceramente não lembro, mas até que é necessário algumas vezes. Em vão chuto nomes aleatórios para ver se me recordo, porém depois de algum tempo digo a mim mesma que não conseguirei. Volto a endireitar minha cabeça, que havia entortado na vã tentativa de encontrar um ângulo onde *aquilo*, por algum milagre de Deus, parecesse ao menos alguns centímetros maior.

lho para trás quando ele começa a se mexer e acelero ao ver que está acordando. Essa noite foi no mínimo frustrante, entediante, decepcionante e o que menos preciso é que ele acorde querendo um *repeteco*. Já basta eu tê-lo deixado ficar sem me proporcionar um mísero orgasmo, não há coisa no

mundo que me faça reviver esse pesadelo. Onde já se viu em pleno século XXI, um cara não saber usar os dedos ou a boca?

Pego meu caderno, e a caneta, novamente para escrever:

Dica para as mães: *Ensinem seus filhos a tomar Danone sem colher. Esse é um aprendizado que se carrega para a vida toda. O mundo agradece... E eu também!*

Largo o caderno numa gaveta e volto a me arrumar. Rímel e meu amado, querido e abençoado pelo padre Antônio, batom vermelho são o suficiente e, após calçar um salto preto, estou pronta. Feliz ou infelizmente o maldito tem um *timing* perfeito e acorda se remexendo na cama como se merecesse ganhar um “bom dia” especial. Passo até as cobertas no chão ignorando-o, mas o filho da mãe me puxa para a cama como se tivesse me proporcionado algo mais que mau humor matinal.

— Se apronta em cinco minutos? Tenho que ir trabalhar! — Faço-o e seus malditos músculos enganadores me soltarem.

— Claro, delícia. — Levanta mostrando o mindinho dele e se veste rapidamente. Não sei se fico feliz por ele não pedir para tomar um banho ou se fico enojada pelo mesmo motivo.

Dou um nó no cabelo, pego meu celular, chaves e saímos juntos da minha casa, enquanto rezo para todos os santos que conheço para que ele não queira nada mais comigo, mas novamente ele me decepciona e me pergunta quando vamos nos ver de novo.

— Hum, não vai rolar. Desculpa. — Tento ser legal o que não é meu forte com gente como ele.

— Por que não, *Delicinha*? Sei que adorou minha performance. Não precisa ficar com vergonha por ser inexperiente. Eu posso te treinar...

Não acredito no que acaba de sair da boca amaldiçoada desse idiota. Já não basta ter um mindinho no lugar do meu brinquedo favorito e não me proporcionar o mínimo de prazer, ainda me fala uma coisa dessas? Odeio caras que se acham incríveis, mas gozam mais rápido que pré-adolescente assistindo o primeiro pornô escondido.

— Como é que é?

— Vai, *Delicinha*. Posso te ensinar umas coisinhas — diz confiante e só não o mando para *aquela* lugar porque mamãe me criou uma garota muito bem-educada e que não quer matar ninguém! Pelo menos ainda não.

Ignoro-o e tento seguir em direção ao trabalho, mas ele impede minha passagem. *Santa mãe da paciência! Que raios ele quer?*

— Eu posso te dar umas aulas...

— Aulas? — pergunto estupefata com o excesso de confiança e a falta de *semancol* dele.

— É. Tipo, se você treinar um pouco mais, consegue levar o cara até a garganta...

Garganta? Ele sequer tem tamanho para chegar até lá!

O mundo é testemunha de que tentei ser alguém legal. Que eu sou uma boa garota. Eu o deixei ficar e dormir, apesar de tudo, mas isso foi demais! Eu sequer coloco qualquer um na boca, mas esse idiota foi questão de honra, já que não “crescia”. Pensei que precisava de mais estímulos, porém quando percebi que aquele era o verdadeiro tamanho dele, o idiota já estava quase gozando em minha boca e, claro, não deixei.

— Qual o seu problema? Você é lerdo ou só tem o cérebro tão pequeno quanto isso que você chama de “*garanhão*”? — sim, é esse o nome que ele deu para o mindinho dele. — Não notou que estou te dando um fora? — explodo.

— O que? Não entendi. — ele se assusta, afasta um pouco com cara de poucos amigos.

— Não entendeu? Você não sabe dar prazer para uma mulher, além de ter isso no meio das pernas. — ele continua paralisado e quando parece dizer algo, continuo: Quer que eu desenhe? Sem problemas! — Abaixo-me, pego uma pedra avermelhada e risco no chão dois desenhos. — Isso é um órgão genital masculino capaz de proporcionar prazeres incríveis a qualquer mulher, seja ela experiente ou não. — Aponto para o maior e em seguida para o menor. — E isso é o que você guarda nas calças. Fino, pequeno e que sequer chega a ser notado. E isso não é desculpa, tá? Aliás, existem alguns caras assim que se dão bem melhor que o Kid Bengala, vou te dar uma última dica: pepeca foi feita para ser chupada, saboreada, degustada...

Levanto-me rapidamente, antes que ele me atrase mais nesse blá blá blá desnecessário e sem fim e passo pelo meu vizinho meio tarado, mas inofensivo de dezesseis anos que, como sempre já estava na porta me esperando sair para o trabalho.

— E isso, é uma verdadeira ereção — aponto para as calças do garoto que, modéstia à parte, sempre fica assim quando me vê.

Viro as costas e me apresso para não chegar tão atrasada, mesmo sabendo que não vai adiantar.

Última dica: *não deixem de dizer a um cara o quão ruim de cama ele é. Não finjam orgasmos só para inflar o ego de quem transa mal. Mas*

vale ele criando vergonha e aprendendo a fazer o serviço direito do que fingir e ele sujeitar você e, quem sabe, outras a um sexo ruim pro resto da vida.



Capítulo 01

É, não deu certo e acabo chegando atrasada, até demais, ao boteco do seu Filé. Entro, quase caindo e os habituais clientes que já estão lá me cumprimentam. Retribuo com um sorriso antes de me dirigir para trás do balcão.

— Mafê? — Dona Carolina, mulher do seu Filé, já me chama na cozinha.

— Eu, dona Carol!

— Minha filha, isso são horas de tu chegar? — fala repreensora.

— *Desculpa*, dona Carol, o cara de ontem à noite quis apelar hoje, não resisti a falar umas boas para ele.

— Menina, tu precisa parar com isso. Todo dia um macho diferente. Tu precisa é de um namorado!

— Concordo plenamente, dona Carol, mas já dizia a filósofa Xuxa Meneghel: “*Vamos brincar no bosque, enquanto seu lobo não vem...*” — Cantarolo o trecho da música infantil e dona Carol sorri antes de me mandar ir trabalhar.

Há quase dois meses quando cheguei aqui na comunidade Bela Flor, com meus fios ruivos sexys e salto alto, eu não tinha ideia do que fazer ou para onde ir, eu estava sozinha, precisava de um emprego, lugar para ficar e ainda tinha que conseguir encontrar o que sempre procurei: o amor. Clichê? De certa forma sim, mas de tudo o que já aconteceu em minha vida, minha

única certeza, é o amor. Ele não veio até mim e eu realmente não quis esperar que viesse, resolvi que teria que ir atrás dele, afinal, vamos combinar, são tantos casais se conhecendo e se apaixonando, que o cupido deve ter muito que fazer, então decidi diminuir o trabalho do coitado. Mudei-me para cá com um pouco de dinheiro, um objetivo e uma malinha apenas. Ok, pode ser que não seja uma *malinha*, mas era pequena para o que eu estava acostumada. Logo conheci a dona Carol que me ofereceu um emprego e me arrumou um lugar para morar.

Dona Carol é um anjo em forma de mulher. De pele clara e olhos amendoados, cabelos pretos pintados, pele com poucas rugas e pouco mais de cinquenta anos. Desde que nos conhecemos trata-me como uma filha e eu a respeito como uma mãe.

Visto um avental que ela insiste que preciso usar e começo a limpar as mesas, terminando rapidamente. Volto para dentro e pego os salgados para colocar na estufa, abasteço os congeladores e limpo os balcões, enquanto me movo ao som de um funk que toca no rádio.

— Não é que tu *tá* animada hoje, menina. — Seu Filé chega me cumprimentando com um beijo no rosto, como sempre. — Aproveitou bem a noite de folga?

Seu Filé é um senhor negro e alto com uns cinquenta e poucos anos. Tem barba e cabelos grisalhos, é barrigudo e sempre está com um ótimo humor. Ele e a dona Carol são casados há muitos anos, mas acho que nunca tiveram um filho. Pelo menos nunca os vi falar sobre isso.

— Quem me dera, seu Filé. A noite não poderia ser pior.

— Mais um virgem, menina? — Ele gargalha relembrando o cara que tentou perder a virgindade comigo semana passada, mas deu para trás

na hora H. *Tadinho...*

Sim, conto tudo para ele e para a dona Carol visto que são as únicas pessoas que tenho por mim aqui na comunidade.

— Pior. O cara não fez nem cócegas com o *mindinho* que ele guarda dentro daquela calça tão apertada — digo frustrada, mas divertida. Normalmente meu humor fica bem melhor quando tenho música por perto.

— Só tu mesmo, menina. — Ele gargalha alto. — Bom, me *deixa* ir ali ajudar a Carol antes que ela venha puxar minha orelha por estar te atrapalhando.

— *Tá* bom, seu Filé, vai lá.

A manhã passa rápida, entre cantadas bobas, assobios que fizeram meus ouvidos zunirem e uma forte dor de cabeça que tomou conta de mim, mas diverti-me com as piadas do seu Filé, com os conselhos de dona Carol e com uma música ou outra. Depois de me despedir dos dois volto para casa.

Tomo um bom banho e preparo uma macarronada com bife e muito queijo. Sento-me no sofá só de toalha para assistir pela milésima vez *Friends* e devoro meu prato. Como tenho que voltar ao trabalho somente às seis e meia, visto-me, pego Kath, minha câmera, e saio para me divertir.

□

Rio Azul não ganhou esse nome por acaso. Apesar de ser uma capital, ainda preserva o que tem de melhor. Há setenta e poucos anos, quando a cidade foi construída, uma das exigências da população, que na época vivia basicamente da pesca, era que o rio continuasse intacto. Bom, o rio não continuou exatamente intacto, mas continuou, com certeza,

exuberante. Suas águas são tão azuis quanto o céu e é, sem sombra de dúvidas, o lugar perfeito para namorar. Esse é o motivo para eu descer o morro da comunidade em plena tarde ensolarada de fritar ovo no asfalto.

Sinceramente, quando Deus estava construindo o mundo Ele deve ter dito: “Rio Azul é um lugar tão especial e bonito que terá um sol exclusivo para que nunca falte calor!”.

Entenda, não é que eu odeie o calor, longe disso, pois no calor posso usar as roupas que amo à vontade, mas em Rio Azul é tão quente que quando está fazendo 28°, todo mundo se tranca dentro de casa embaixo de cobertores térmicos. Vê se pode...

Desço as escadas do morro tirando uma foto aqui ou ali, até que chego ao ponto certo: “*o point dos enamorados*”, como é chamado. Ali é como se fosse habitado por centenas de cupidos atirando flechas para todos os lados, atingindo as pessoas e fazendo-as se apaixonarem umas pelas outras e de quebra pelo lugar e cenário.

Enquanto caminho pelo calçadão de pedras brancas e azuis, vou tirando algumas fotografias de adolescentes e adultos se agarrando, conversando ou simplesmente demonstrando seu amor através do olhar ou pequenos gestos e toques, até mesmo um casal de velhinhos abraçados na areia. Algum tempo depois, decido dar alguns mergulhos e, após, vou até o quiosque mais próximo. Peço a uma atendente baixinha, uma água de coco e verifico algumas das fotos que havia tirado, mas quem traz o coco não é a moça e sim Thiago, o outro atendente que conheço bem até demais.

— E aí, Mafê? Já achou o príncipe encantado? — pergunta debochado.

— Ainda não, Thiago, mas relaxa que vou achar, nem que eu tenha que procurar no mundo inteiro. — Dou uma piscadinha para ele.

— Não se preocupa. Talvez ele esteja bem na sua frente.

— A Madonna tinha cinquenta e cinco anos e seu namorado vinte e dois; Jennifer Lopez tinha quarenta e três anos e seu namorado vinte e seis; Mariah Carey tinha quarenta e quatro anos e seu namorado trinta e dois. Sinceramente, não estou preocupada. Talvez ele somente não tenha nascido ainda. — brinco.

É incrível como um mergulho nas águas do rio te deixa de tão bom humor.

— Diz aí, por que acha que não deu certo entre a gente? — Ele ignora o que eu disse e pergunta na maior cara de pau.

— Acho que talvez seja porque você comeu minha vizinha no meu sofá. Tenho quase certeza de que foi isso. — Sorrio tomando a água do meu coco.

Thiago é o tipo de cara que não se contenta com uma mulher só, mas por uma semana pensei que ele poderia ser o cara certo para mim. Grande e gostoso engano. Ele é alto, forte, tentadoramente moreno, sexy e com uma pegada de galã de cinema. Então em um belo dia, depois de uma noite excepcional, resolvi preparar um bom café da manhã para nós, mas quando cheguei da padaria, o encontrei com Francisca, irmã de Felipe – meu vizinho, no meu sofá! Pior que isso só se fosse na minha cama. Mande Francisca sair e o expulsei da minha casa.

A mulher pode até não prestar, mas e o homem que cede? Deixemos essa ideia atrasada de lado. Ambos fizeram errado, mas por que condenar

apenas a mulher? Não é ela que te deve respeito, e sim o cara que diz que está contigo, apenas contigo. Deu vontade de quebrar a cara dela? Deu, mas preferi me vingar dele.

— Nunca vai esquecer isso, Mafê? Já faz sei lá... mais de um mês?

Tanto tempo? Tudo isso? Jura?

— Thiago, você sabe muito bem que eu não esqueço. Posso até perdoar, mas esquecer? Só se eu tiver Alzheimer e isso em um futuro bem distante.

— Então me perdoou?

— Claro. Não guardo mágoas, elas causam rugas. Além do mais, não estávamos necessariamente juntos — falo e ele faz cara de quem comeu e não gostou. *Isso, benzinho. Você não era tão importante assim.*

Mais uma dica: *Quer afetar um homem de verdade? Mostre para ele que você está muito melhor sem ele. Eles ficam loucos e você tomando essa boa dose de amor próprio, até esquece dele.*

— Tenho que ir, Thiago. Esse fica por sua conta — aponto para o coco.

— *Perae*, Mafê. — Ele sai de dentro do quiosque e me puxa pelo braço. — Se você me perdoou significa que podemos tentar de novo?

— Qual a parte de “*Esquecer só se eu tiver Alzheimer e isso em um futuro bem distante*” você não entendeu?

— Para de doce, Mafê, você gostou tanto ou mais que eu. Somos bons juntos. — Ele rodeia os braços em minha cintura colando nossos

corpos e admito que fico um pouco mexida e quase me entrego, então percebo que, na verdade, estou enjoada.

— Sabe das regras, Thiago, uma vez na lista negra, sempre na lista negra. — Aperto seu *amigo* com força até ele me soltar e ter certeza que os gêmeos jamais serão os mesmos depois disso. — Até mais, gatinho. — Sopro um beijo para ele no ar enquanto ele se contorce no chão.

□

Volto ao trabalho, já em cima da hora. Sequer consigo ir em casa me trocar antes. Infelizmente, não posso nem culpar o Thiago pelo meu atraso. O que aconteceu é que na volta, conheci um cara que me convidou para uma sorveteria perto, se não fosse pelo meu trabalho aqui no boteco, nós dois teríamos estendido e, com certeza, estaríamos fazendo algo muito proveitoso. Se bem que o que rolou no banheiro da sorveteria não foi nada mal. Quase compensou minha noite com o Sr. Dedo Mindinho. Claro, que não sou nenhuma boba de pensar que o Júlio — ou será Júnior (?) — e eu vamos nos casar, ter filhos e sermos felizes para sempre, mas orgasmos são sempre bem-vindos. Então após mais alguns amassos, cada um seguiu seu rumo, sem mais.

— Quase não chega, menina! — Dona Carol joga o avental ao me ver. — Esqueceu o que comentamos sobre esse tipo de roupas?

— *Desculpa*, dona Carol. Eu estava lá embaixo tirando umas fotos e perdi a noção do tempo. Se a senhora quiser esperar quinze minutinhos eu posso ir em casa me trocar — digo, pois como sempre respeitei muito a dona Carol e seu Filé acatei seus pedidos.

Quando ela me ofereceu o emprego deixou claro que eu não precisava usar uma burca, mas também não queria que fossem usados

shorts “iogurte”, como dona Carol chama, pois segundo ela, “*mostra a poupa*”. Vai entender os mais velhos. Ela também me pediu para não usar blusas extremamente curtas ou que pudesse ser considerado vulgar e como gostei dela e realmente o emprego seria bom para mim, resolvi respeitar seus pedidos. Quando resolvi descer o morro, coloquei um short jeans e uma blusa de crochê por cima de um biquíni vermelho, pois adoro o encontro de águas entre o Rio Azul e o mar, apesar de ser um pouco violento. Por isso as roupas.

— Não precisa menina, mas não faz de novo. Agora cuida que hoje temos muito trabalho. Os meninos ainda não apareceram. — Ela se refere ao grupo que se apresentaria naquela noite.

— Eles vão aparecer, dona Carol. — Guardo a Kath embaixo do balcão e vou atender algumas mesas.

□

Dona Carol e seu Filé, a cada cinco minutos, ligam para o grupo que estava previsto para se apresentar hoje no boteco. Eles viriam de outra comunidade e já estavam mais que atrasados. Até eu já estava frustrada.

— Era *pra* esses idiotas *tarem* aqui há mais de hora! — seu Filé rosna com o telefone na mão.

— Nem um aviso? Ligação? Nada? — pergunto.

— Nada! Nós *já deu* metade do dinheiro e esses vagabundos não aparecem. Carol já *tá* louca da vida.

— Sinto muito, seu Filé. Gostaria de poder ajudar o senhor. Com licença. — Saio para atender uma mesa cheia de garotas que estão aproveitando o *happy hour*.

— Moça, traz mais uma rodada por minha conta — uma garota negra e robusta diz e as outras batem na mesa rapidamente rindo e falam diversas coisas uma com a outra ao mesmo tempo.

— Tudo bem. Volto já.

Depois de servir à mesa das garotas e outras três mesas, escuto uma conversa de algumas pessoas dizendo que vão embora, pois foram por causa da música ao vivo. Aviso à dona Carol e seu Filé, mas logo me arrependo ao ver suas caras de tristeza.

— Acho melhor *nós fechar* mais cedo hoje, Carol — seu Filé diz a contragosto.

— Mas nem pensar. A gente não vai fechar mais cedo coisa nenhuma, vamos dar um jeito — ela diz firmemente.

— Que jeito? — ele pergunta.

— Não sei, mas a gente pensa em algo.

— Podíamos fazer uma noite do microfone aberto, cobrando uma pequena taxa de inscrição — sugiro, lembrando uma das brincadeiras que tinha toda noite em um barzinho perto da faculdade.

— Essa é uma ótima ideia, menina. — Dona Carol me dá um beijo no rosto e sobe ao palco pequeno que havia sido montado para o show.

Depois de algumas batidas no microfone ela começa:

— Boa noite, gente. Sei que todo mundo *tava* esperando um pagodinho bom *pra* sambar, né? Mas o grupo não apareceu e hoje por sugestão da nossa querida Mafê, vamos fazer uma noite do microfone

aberto. Quem quiser vir aqui cantar, vai concorrer a um prêmio! A taxa de inscrição é dez, com o Filé.

“Qual o prêmio?” — alguém grita.

Vejo dona Carol parar no palco pensando, então subo e alguns aplausos e assobios começam a soar.

Esse é o preço da fama, baby!

— Obrigada. — Agradeço. — O prêmio vai ser uma rodada grátis para mesa do vencedor e mais cinquentinha. — Esfrego um dedo no outro como sinal de dinheiro.

Mais aplausos, assobios e gritinhos. Dona Carol diz que serei a “anfitriã” da noite e desce do palco indo ajudar o seu Filé.

— Então gente, quem quer começar? — pergunto animada.



Capítulo 02

As coisas estão cada vez piores. Os tiras continuam me pressionando e interceptando minhas entregas. Querem de uma maneira ou de outra se livrarem de mim, mas já avisei aos quatro ventos, pois só conseguirão tirar-me da Bela Flor morto. E para isso, vão ter que se esforçar bem mais,— Cadu!!! — Logo que entro no boteco, seu Filé vem cumprimentar-me.

A comunidade é dividida em relação a mim. Muitos me odeiam, entretanto, muitos me admiram e até respeitam quem sou e o que faço por eles. Seu Filé faz parte do último grupo, diferente da sua mulher, dona Carol.

— Como é que *tu tá*, rapaz? Faz tempo que tu *num* aparece por aqui.

— Sabe *comé*, seu Filé, o trampo não tá fácil. — Dou de ombros e como qualquer outra pessoa da comunidade, ele acena sabendo do que estou falando.

— *Vamo* lá rapazes, podem sentar. — Leva-nos a uma mesa. — A primeira rodada é por conta da casa.

— Nem pensar, seu Filé. Faço questão do Nordeste bancar essa! — Sorrio e bato no ombro do meu amigo e braço direito.

— Eu não, seu Filé, é por conta da casa *mermo* — Nordeste avisa e seu Filé sai sorrindo.

De longe vejo dona Carol e cumprimento-a com um aceno de cabeça. Virando as costas com arrogância, ela adentra a portinha que leva à

cozinha.

— Cadê a véia Carol? Já sei o que eu quero como prato da noite. — Nordeste avisa.

— Tá rapidinho, hein? Nós nem *chegou* direito e tu já tem um alvo... — Comento divertido procurando a próxima foda do meu amigo. — Quem é?

— Quem mais? Aquela ruiva deliciosa ali — aponta para um mulherão usando por cima de pedaços mínimos de pano um avental igual o da dona Carol.

— Puta que pariu! — Penso imediatamente, mas é Peixe que diz babando na ruiva tanto quanto os demais homens no boteco, incluindo eu.

A ruiva é linda e, pelo jeito que anda e rebola ao som da música que está tocando, tem certeza disso. O cabelo da danada é de um tom de vermelho escuro, pintado. Tem olhos verdes e grandes, além de uma boca carnuda que me faz imaginar o que ela pode fazer com aqueles lábios pintados de um vermelho que praticamente implora para ser arrancado por mim com beijos grosseiros. Com uma cintura fina, quadril e seios chamativos, os pedaços escassos de pano que “cobrem” seu corpo, demonstra que ela estava na praia há não muito tempo. O que não é de se estranhar morando em Rio Azul.

Animada, ela serve as mesas, infelizmente não a nossa que dona Carol faz questão de servir e avisar que, ao contrário do que o seu Filé afirmou, nosso consumo não será por conta da casa. Concordo com a cabeça sem conseguir desviar minha atenção da ruiva. Vez ou outra ela se reúne com seu Filé e dona Carol que parecem insatisfeitos com algo, mas

impeço-me de ir até eles, mas especificamente até ela. O que eu não preciso é piorar ainda mais a minha relação com a dona Carol.

Incapaz de atentar-me à conversa com meus amigos percebo o humor dos donos do local melhorar como em um passe de mágica após um belo sorriso da ruiva. A velha anuncia algo que também não consigo me concentrar e em seguida diz um nome: Mafê, convidando a ruiva a subir no palco e cedendo-lhe o microfone.

— Então gente, quem gostaria de começar? — ela questiona com um sorriso divertido.

Droga. Preciso dessa mulher. Apenas por uma noite..

Alguns filhos da mãe assobiam e gritam coisas para ela, que sorri. O primeiro a querer se apresentar é um homem velho e babão, que dedica a música ela deixa o palco dando espaço para ele.

A noite continua animada com o pessoal cantando desde funk à sertanejo. Até mesmo uns rock antigos. Na maior parte foi homem se apresentando, fora algumas mulheres, só que nenhuma tão boa e interessante quanto a tal Mafê.

— Mais alguém vai querer se apresentar ou já podemos fazer a votação? — Ela sobe no palco e pergunta.

— E aí, Nordeste, vai pegar ou não a ruiva? — Peixe pergunta.

— Claro. Essa noite a gostosa é minha. — Nordeste se levanta e vai até o seu Filé pagar a taxa de inscrição e em seguida até o palco. — Vou fechar com chave de ouro. — fala no microfone.

— Filho da mãe convencido. — resmungo.

— Qual o seu nome? — pergunta.

Ela não é daqui, porque todo mundo conhece a gente.

— Marcos e você?

— *Mafê*. — Ela sorri. — E aí, que música você vai cantar, Marcos?

— “*Buquê de flores*” — ele diz e os olhos dele não param de examinar o corpo dela.

— Thiaguinho? Hum, espero que seja bom mesmo, porque ninguém tem o direito de estragar uma música daquele pretinho delícia, ok? — pergunta sorrindo e o bastardo babando nos peitos dela. Será que ela não tá vendo isso? Ou será que não se importa?

Mafê sai do palco e o bastar... Nordeste começa a cantar a bendita música. Filho da mãe! Não é que ele canta bem?

“Eu tava pensativo

Então fui no pagodinho para te encontrar

Peguei meu cavaquinho

Fiz um samba bonitinho para te ver sambar

Vem, vem...”

Quando Nordeste canta a parte “*vem, vem*” ele faz sinal com a mão para ela, que sobe no palco e, sem vergonha, samba enquanto ele canta. Quando ele finalmente termina, sorri para mim e para o Peixe. Tô puto nem sei porque, mas essa é a nossa deixa. Peixe sai com uma loira mais alta que ele e com uma negra de lábios carnudos. Olho de novo meu amigo jogando todo o seu papo furado para cima da ruiva.

Em casa, faço com a negra tudo o que eu queria fazer com a ruiva. O resultado? Não chega nem perto do que espero ter com a ruiva. Se ela vai para minha cama? Claro que vai, ou não sou Carlos Eduardo, maior chefe do tráfico de Rio Azul!



Capítulo 03

Chupa, Sr. Dedo Mindinho! A noite foi quase que um sucesso total. Minha noite com Marcos, o último a se apresentar no palco do seu Filé, foi boa. Proporcionou-me prazer como não sentia há um tempo. O que ele tem de pegada, compensa o problema do brinquedo excessivamente torto. Seus dedos me levaram ao sétimo céu. O homem é homem mesmo!

Marcos é magro, mas musculoso, alto, negro e com pose de valentão que não vale o prato onde come. De cara percebi que ele só me queria como mais uma na cama dele. Como não sou de dispensar o que promete ser uma boa noite, decidi ir com ele que esperou-me até que o boteco fechasse e fomos juntos conversando. Sua casa fica na parte mais perigosa — ou mais segura, depende do ponto de vista — do morro, próxima à do “*poderoso chefão*”. Mal entramos e ele já mostrou o quão quente é me agarrando pela cintura e rasgando minha querida blusinha de crochê. Cama? Não faço ideia de onde estava, mas descobri onde era a mesa da cozinha e o sofá da sala.

Ele é aquele tipo de homem que pegada não falta. Não gostaria, mas não me assustaria nada de acordar com um hematoma aqui, um roxinho ali, uns chupões acolá, mordidas no... *Ai, posso repetir a dose?* Ao que parece, Deus resolveu atender as minhas preces e não teve só segunda rodada, teve também a terceira... Poxa, fiquei tão sem força e desnorteada. Ele me deixou sem chão. Na verdade, no chão, pois foi lá que acabamos pegando no sono.



Acordo no chão da sala com ele. Começo a procurar minhas roupas e pego a camisa dele para substituir minha finada blusa, “*descanse em paz,*

querida!”. Saio pela porta da frente, pronta para ter mais algumas horinhas de sono antes de ir trabalhar, mas de repente dou de cara em um muro, ou pelo menos é o que penso até olhar para cima e sentir minhas pernas bambearem quando constato ser não um simples muro, mas uma *muralha*.

— Nordeste já te mandou pastar? — diz com uma voz rouca e se ele não estivesse me ofendendo eu poderia muito bem me derreter aqui agora mesmo.

— Na verdade, ele ainda está dormindo. A vaca aqui o cansou. Sabe como é, né? — falo jogando o cabelo de lado e tentando sair dali.

— Não, sei não. Quer me mostrar? — Ele me segura pelo braço, lambe os lábios e céus, eu adoraria lambê-los, não só os lábios, mas ele todinho, pois a julgar pelo jeans apertado e protuberância nele, com certeza ele é um embrulho grande para um presente maior ainda. Calma, Mafê, o Sr. Dedo Mindinho também era grande, exceto no lugar que mais importava.

Puxando-me para perto, ele encosta nossos corpos e percebo que não é só a embalagem... Que homem gostoso é esse? O perigo que ronda seus olhos verdes é excitante. Ele tem essa cara de anjo misturada com uma essência de *bad boy* que, pelo amor das minhas calcinhas, eu adoro. Seus músculos nada exagerados, mas bem trabalhados, com certeza tem muito a me mostrar. A boca, ah essa boca, com certeza pode me proporcionar várias idas ao céu. O cabelo castanho é perfeito para afundar meus dedos e trazê-lo mais para perto. Será que ele é o certo? Tem que ser, porque se não for, vou fazer com que ele seja!

— Quem sabe. — Afasto-me, dou de ombros e viro as costas para ele.

— Piranha. — É a última palavra que escuto antes dele entrar na casa do Marcos.

“*Pensei que era vaca meu novo apelido*” quase falo, mas prefiro ficar calada.

Chegando em casa tomo somente um banho e me jogo na cama. O Marcos realmente me cansou e, sinceramente, não me recusaria a ter um “repeteco” com ele. Afinal ele não vai ficar no meu pé mesmo... Durmo com uma pedra e sonho com *minha muralha* particular.

□

Chego ao boteco do seu Filé já em cima da hora e dona Carol já me espera com um sorriso, maior que o normal, no rosto.

— Menina, a noite foi um sucesso — diz ela.

— Eu que o diga, dona Carol. — Sorrio me abanando teatralmente com a mão.

— Não tô falando disso, sua pervertida. — Ela bate com o pano de prato no meu bumbum, sorrindo sem graça.

— Então por que a noite foi um sucesso, dona Carol? Seu Filé mandou ver com a senhora essa noite? — Começo a gargalhar quando ela fica vermelha igual a um pimentão.

— Menina, isso não é coisa de falar.

— Estou brincando, dona Carol, mas vai. Conta, por que a noite foi um sucesso? — Começo a limpar o balcão.

— A noite, deu um dinheirão, com o negócio do microfone aberto. Deu até de ganhar quase tudo que gastamos com os vagabundos.

— Eu já esperava por isso. Só tenho ideias magníficas, como eu — brinco.

— Tá bom, então. A gente conversou ontem, eu e Filé, e a gente decidiu que toda semana agora vai ter uma festa desse tipo aqui.

— Isso é ótimo, dona Carol, mas vocês não têm que pedir, sei lá, uma espécie de autorização para o “*poderoso chefe*”? — Refiro-me ao tal de Cadu da Bela Flor, traficante conhecido e temido na cidade e principalmente aqui na comunidade.

— O Filé fala com ele. O Cadu não presta, mas gosta do Filé, sempre tratou a gente bem, apesar de que eu não gosto dele nem um pingão.

— Claro, principalmente quando comete algum crime. — sussurro a última parte para mim mesma.

Desde que nasci fui ensinada a detestar esse tipo de gente, e apesar de com o passar do tempo comecei a ter autossuficiência e escolher o que realmente achava certo, errado... o que gostava e detestava, mas isso não mudou nunca mim. Bandido é bandido. Sei que, infelizmente, há fatores que levam algumas pessoas a esse mundo, mas, de qualquer forma, é uma esolha.

— E aí, menina? O que *acha*?

— O que eu acho de que?

— De fazer?

— Eu? Mas, dona Carol...

— Olha, menina, tu não disse que tem “*ideias magníficas*”?

— Sim, dona Carol, mas...

— Não disse que é como suas ideias?

— É diferente, dona Carol. A senhora sabe que...

— Shiu, menina. Nós vamos aumentar teu salário. E *tu só vai* precisar trabalhar no turno da noite. E *ajudar nós* de vez em quando nos dias...

— Só isso?

— Só. — ela confirma.

— Dona Carol, acaba de conseguir uma *promotora de eventos* particular! — Estendo a mão para ela e fechamos o acordo com um aperto.

□

Acordo assustada. Faz-se um barulho alto vindo da sala. Pego meu celular e vejo que é mais de três da manhã. Passos rápidos se aproximam, encolho-me na cama e de repente a porta do meu quarto é aberta.

Lá está ele. O “Muralha” delicioso de mais cedo. Sem dizer uma palavra, ele vem até a minha cama. As luzes da rua iluminam o quarto pela janela e vislumbro seu torso nu. Devagar ele sobe na cama e suas mãos me alcançam, puxando-me para ele. Antes que possa pensar em dizer algo, “Muralha” sela nossas bocas com um beijo quente, ardente, urgente e o que mais possa existir para que tire minha sanidade. Agradeço a mim mesma, em silêncio, por, como sempre, dormir totalmente nua e aproveito esse segundo de sanidade que me resta para pegar uma de suas mãos fortes e ásperas levando-a para minha coxa e ajudando a subi-la. Rapidamente seus dedos se enfiam em mim.

Sua boca deixa a minha e desce para o meu pescoço, deixando chupadas e mordidas que, com certeza, resultarão em marcas no outro dia,

mas não ligo. Foda-se tudo, esse homem delicioso está aqui na minha cama e o que mais quero é que me faça dele, que faça comigo tudo o que desejar. Meus seios são seu próximo alvo. Sua boca alcança um mamilo, sugando-o como se sua vida dependesse disso e em seguida faz o mesmo com o outro. Enquanto isso, seus dedos tratam de dar atenção aos meus países baixos levando-me não ao sétimo, mas ao trigésimo sexto céu.

— Oh! — gemo e ele levanta o rosto brevemente no meu campo de visão, sorrindo.

Ele continua a descer, passando sua língua pela minha barriga e rodeando meu umbigo, mordiscando o delicado piercing que tenho ali. Enquanto suas mãos apertam minha bunda com força.

— Quando eu fizer tu gozar é meu nome que tu vai chamar. Entendeu?

Aceno que sim com a cabeça mesmo sem saber o nome dele e em resposta ele desce sua língua rapidamente até o meio das minhas pernas, completamente molhado.

— Ai meu Deus! — Sua língua faz um oito e me deixa ainda mais cheia de prazer e desejo.

Quando ela deixa o lugar onde estava, gemo em protesto, mas logo o “Muralha” volta a colocar um dedo dentro de mim, tirando-me um pouco do fôlego e mais um pouco com o dedo seguinte. Com eles movimentando-se habilidosamente dentro de mim, seu polegar pressiona o meu clitóris levando todo o fôlego que restava-me.— Droga, homem! — profiro e ele sorri.

— Ansiosa? — diz tirando os dedos e levando-os até a própria boca em seguida.

— *Muito* — *admito, respirando com dificuldade.*

— *Deliciosa!* — *comenta e, de repente, seu rosto começa a se metamorfosear.*

Em um segundo não é mais minha Muralha deliciosa que está ali na minha frente, mas o... Lucas Lucco? Oi? Como assim, mundo? O rosto do Lucas com o corpo de uma dessas mulheres frutas dança na minha frente com um microfone e começa a cantar:

“Looooouca,

Louquinha

Dá uma empinadinha,

Dá uma agachadinha...”

Abro os olhos e vejo meu celular tocando a música que acabou de deixar de ser a minha favorita. Controlo minha vontade de jogá-lo na parede e atendo sem nem olhar quem é.

— Acho bom que seja importante, pois acabou de me tirar um orgasmo maravilhoso! — Rosno.

— *Olá, filha, quem ia te proporcionar esse “orgasmo maravilhoso”?* — Droga, é minha mãe.

— Oi, mamãe. O que aconteceu? — Ignoro sua pergunta e procuro pelas horas.

— *O de sempre. Quero saber sobre como está indo o...*

— Ai meu Deus. Mãe, tenho que ir, eu te ligo depois. — São mais de sete da noite. Eu deveria estar no boteco do seu Filé às seis.

— *Usa proteção, Fernanda!* — diz antes que eu desligue na cara dela e dê um salto da cama.

Tomo um banho rápido, menos de cinco minutos. Depois de vestir somente uma saia jeans, salto preto e uma regata verde, saio em disparada para o boteco do seu Filé, ignorando até o coitado do Felipe que sempre me cumprimenta e me dá um chocolatinho ou algo do tipo.

— Dona Carol, desculpe-me, por favor — peço, sem fôlego. — Eu dormi e não escutei o alarme. *Desculpa*, de verdade. Juro que não vai acontecer de no...

— Shh. — Dona Carol põe o dedo na frente da boca, pedindo silêncio e se encosta na porta do pequeno escritório que leva até a casa dela e do marido.

— O que *tá* acontecendo? — pergunto, sussurrando.

— Shh. — Ela repete o gesto.

— Ok. Se precisar de mim, vou servir as mesas. — sou dispensada com um gesto de mão e volta a encostar o ouvido na porta.

O boteco está animado e mais cheio do que o normal para o horário. Entre servir uma mesa e outra, atender o pessoal no balcão e vender fichas para a sinuca, apesar de frustrada com meu sonho interrompido, consigo pensar em algumas ideias para o que dona Carol me propôs e algumas para ter aquele homem gostoso na minha cama.

De repente dona Carol se materializa do meu lado e põe-se a lavar alguns copos que eu havia acabado de secar.

— Dona Carol, o que a senhora...

— Shh, fica quietinha — diz e volta-se aos copos.

Então seu Filé, o Marcos, minha *Muralha* deliciosa e um homem baixinho que já vi em algum lugar saem do escritório do seu Filé. Marcos sorri abertamente quando me vê e depois se volta aos homens. O arrogante de olhos verdes que está me devendo um orgasmo sai após olhar para mim, com a cara fechada junto com o homem baixinho. Marcos fala algo com meu chefe que confirma. Logo seu Filé pede que eu vá até a frente do boteco, pois Marcos quer falar comigo e faço isso.

— Oi, ruiva. — Marcos vem até mim e surpreende-me dando um beijo em minha boca.

— Oi, Marcos. Você não pode fazer isso aqui. É meu trabalho. — Não gosto de desrespeitar seu Filé e muito menos a dona Carol.

— Que tal *nós ir* para o meu barraco agora? — ele pergunta e quase reviro os olhos. Acabei de dizer que estou trabalhando e o cara vem me chamar para ir para casa dele agora?

— Estou trabalhando, Marcos.

— Falei com o seu Filé, ele falou que *tu pode* sair mais cedo. — Ele dá de ombros e dá um sorriso como se essa fosse a coisa mais legal do mundo e seria se eu não soubesse que ele só quer me comer e me jogar fora. Além de estar mais interessada num certo Muralha do que nele.

— Você o que?

— Não precisa agradecer. Ou pode agradecer... com a boca... — o idiota de pinto torto diz.

— Agradecer?

— Sei que *tu tá* doidinha para repetir. — Ele se aproxima para me dar mais um beijo, mas não deixo.

Qual o problema desses homens, Nossa Senhora do Dedo Podre? Por que tinhas que ser minha padroeira?

— Quem você pensa que é para falar com meu chefe para ele me liberar mais cedo? Tenho uma carga horária a cumprir se eu quiser receber meu salário.

— Eu posso cobrir teu prejuízo.

— Cobrir meu prejuízo? Você por acaso acha que eu sou uma prostituta? — nada contra essas moças que fazem seu trabalho para ter o seu dinheiro, mas sexo pra mim é prazer, não retorno financeiro.

— Não uma prostituta, mas...

— Imbecil. — Minha mão vai de encontro ao rosto dele antes mesmo que eu possa pensar direito. Não deveria existir um “mas” na frase dele!

— *Tu é* doida? — Ele puxa uma arma de sei lá onde.

— Droga! — Praguejo.

Ai merda! O que eu fui fazer? E o mais importante: Com quem fui me meter?



Capítulo 04

Estava no meio de um planejamento com os homens da minha equipe, quando seu Filé ligou perguntando-me se poderíamos conversar. Apesar de saber que a mulher dele não ficaria feliz de me ver por lá, avisei que passaria no boteco em pouco tempo para nos falarmos. Nada tinha a ver com o fato de eu, talvez, querer rever a ruiva de língua afiada. Eu apenas não queria fazê-lo vir até mim. E talvez eu quisesse revê-la também.

Sempre admirei seu Filé, um bom homem, trabalhador e de caráter. Os anos fizeram dele uma pessoa ainda melhor, mas também mais cansado. Lembro-me de quando eu ainda era apenas um moleque que ficava brincando pelo morro com minha pipa próximo ao boteco dele. Nós conversávamos, eu contava sobre os meus planos infantis para o futuro, ele contava história engraçadas e até deixava-me ajuda-lo a limpar as mesas em troca de um salgado, um refrigerante ou até mesmo algum doce. O conheço praticamente desde que me entendo por gente e por saber muito do que ele viveu, prefiro evitar que ele venha até esta parte do morro.

A conversa não demorou muito. Tudo o que seu Filé queria era pedir uma autorização para fazer alguns eventos no boteco o que eu achei uma ótima ideia. Na Bela Flor não tem tanto entretenimento, geralmente o pessoal acaba descendo o morro nas quais muitos são discriminados ou sofrem violência. A maioria se irrita e, infelizmente, resulta em famílias destruídas por bobagens. Não me importo com muita coisa, mas uma coisa que deve ser valorizada em todos os sentidos é a família. E não falo só daqueles que tem o mesmo sangue que o seu, mas aqueles que você considera.

Logo após a autorização verbal e acertarmos o valor que será repassado para mim, seu Filé faz questão de contar-me a ideia para a festa do fim de semana e tenho a mais absoluta certeza de que partiu de certa maluca de cabelos vermelhos. Paro de dar atenção ao seu Filé quando percebo Nordeste e Peixe observando descaradamente a mulher que tem tirado um pouco da minha sanidade.

Hoje ela *tá* diferente, está com a boca vermelha, mas não está com cara de praia de novo. Ela está usando uma blusa verde, salto preto e uma saia jeans, *tá* bem que a saia não é o maior pedaço de pano que já vi na vida, mas ela cobre mais que o short que usava da última vez, com certeza. Foco naquela boca sexy e nos olhos que me lembram *pecado*. Saio do meu devaneio logo que escuto Nordeste dizendo ao seu Filé para ele dispensar a ruiva dele mais cedo. Isso mesmo, a ruiva *dele*. Nunca o vi falando assim sobre mulher alguma, por mais gostosa que seja. Seu Filé parece sem saber o que fazer e fica entre a funcionária trabalhar ou atender ao pedido de um dos homens mais perigosos da Bela Flor.

— Nordeste, a garota *tá* trabalhando — falo para ajudar seu Filé que precisa da garota, só por causa do seu Filé, garanto.

— Nada! Seu Filé, libera *minha* ruiva mais cedo hoje.

— Mais cedo quando?

— Agora — Nordeste fala como se fosse a coisa mais simples do mundo.

— Se a Mafê quiser. Bom, rapazes, tchau. Vou falar *pra* ela que tu *tá* esperando aqui fora, Nordeste — diz indo até ela.

Quando a vi sair cedo da casa do Nordeste, imaginei que ele já tinha abusado de *comer ela*, mas logo percebi que estava errado. Além de linda,

ela também é ainda mais gostosa do que parece, pelo menos foi o que o Nordeste falou – e eu não duvido. Logo que esbarrou em mim, vi a camisa dele cobrindo o seu corpo e, apesar de não estar feliz vendo aquilo, tudo que passava na minha cabeça era *pegar ela* e fazer aquela boca encenqueira se ocupar. Sim, boca encenqueira, porque quando a provoquei, aquela maluca respondeu mostrando que não dar a mínima para o que eu disse, uma qualquer... porém com valor. Isso é estranho.

— Nordeste, não era para pedir *saporra* para o seu Filé, não! Tá doido? Seu Filé e a dona Carol tem que ter ela aqui ajudando! — falo quase gritando.

— As mocinhas *pode* ficar de viadagem! Eu vou indo, tenho umas coisas para fazer. — Peixe vai para as escadas que levam para a saída da comunidade.

— Ah, cara! Tu não *sabe*, mano, essa mulher é uma delícia, vou me esbaldar. — Bate no meu ombro e viro as costas para essa palhaçada!

Meu relógio avisa que está na hora de ligar para o passado, mas não encontro no bolso. Aproveito que ainda *tô* perto do boteco do seu Filé para *buscar ele*, tenho certeza de que devo ter deixado na mesa do escritório, mas logo que viro a esquina, vejo a cena da ruiva gritando com o Nordeste. *Merda! Isso não vai dar coisa boa.*

— Imbecil. — A mão dela vai rapidamente em direção ao rosto do meu amigo, um tapa certo no rosto dele.

Ele diz alguma coisa que não consigo ouvir e logo saca uma trinta e seis. *Merda!* Eu já vi o Nordeste puto outras vezes e sei o estrago que ele faz quando quer. Caminho rápido na direção dos dois antes que aconteça uma merda de verdade.

— Abaixa a arma, Nordeste — grito com ele.

— *Tu viu, meu? Tu viu o que essa vadia fez?* — pergunta tremendo e sei que a pouca paciência que ele tem já acabou.

— Você mereceu, idiota! — A ruiva maluca ainda provoca, mesmo com uma arma na testa.

Só pode ser doida, mesmo!

— Cala a boca, vagabunda! — Nordeste grita.

— Nordeste, *parça*, num mata a garota. *Tu sabe que num vale a pena* — falo.

— Ela deu um tapa na minha cara, mano! Um tapa! *Tá ligado?* Já apaguei malandro por muito menos. Matar essa *vagaba* não vai pesar minha cabeça não. — Ele sorri friamente e me desespero.

Não sei que merda fazer e a única coisa que consigo pensar é em puxar minha arma e apontar para cabeça dele, mas o cara é meu amigo. Ela é só uma vadia que nem conheço. *Como posso fazer isso com meu braço direito por causa de uma mulher que não vale o chão onde eu piso?* Mas essa é minha comunidade, minha casa e todos que vivem aqui merecem segurança e por uma coisa dessas não posso deixá-lo fazer tamanha besteira. Antes que eu possa pensar uma segunda vez, eu me vejo engatilhando a arma e apontando para cabeça do meu amigo.

— O que *tu tá* fazendo? — ele grita.

— Tirando tu de uma pior! *Me dá* a arma, Nordeste!

— Fica fora dessa, *mano!* Vou acabar com a raça dessa puta.

— Puta não, meu filho! — ela grita e droga ou essa louca é muito idiota ou é muito corajosa, o que também é muita idiotice numa situação dessa. — Puta é a mãe!

— Cala a boca! — grito com ela. — Nordeste, caralho, *me dá a merda dessa arma!*

— Não...

— Agora, Nordeste! *Me passa a porra da arma!* — grito encostando a minha na sua cabeça e ele tira a arma da testa da maluca *me dando ela.*

— Tu *tá* ferrado, mano! — Sai chorando e correndo. *Não sei se rio, se vou atrás dele ou se finalmente volto a respirar.*

— Caramba, *Muralha!* Obrigada, de verdade — a ruiva diz e do nada me dá um beijo.

Ok, além de linda, a ruiva sabe o que fazer. *Filha da mãe!* Que beijo. Se o beijo é bom desse jeito, imagine o restante. Incrível deve ser pouco para definir. Puxo ela para mais perto de mim e percebo que esqueci as armas ainda estão na minha mão e que o Nordeste nesse momento está maluco. *A afasto* e meu ego aumenta (e o espaço do meu short diminui) um pouco mais ao notar que não fui o único a apreciar o beijo. *Sim, estou me sentindo a merda de um virgem de treze anos que fica batendo uma vendo pornô escondido da mãe.*

— Porra, garota, tu *tá* bem?

— Para melhorar, só se aproveitar uma noite com você! — diz na maior cara de pau e só de ouvir isso, imagino-me desfrutando de uma noite com ela. *Te controla! Ela é só mais uma.*

— Sério? Tu tinha uma arma apontada para tua testa!

— Mas você me salvou. Acho que um único beijo não foi o suficiente para te agradecer. — A doida chega mais perto e, deslizando as mãos por baixo da minha camisa, passa as unhas no meu peito e no meu pescoço. — E então? Onde vai ser?

— Onde vai ser o que? — Ela está muito perto. *Perigo!*

— Imagina... — desliza a boca do meu pescoço a minha orelha e morde de leve. — Qual seu nome? — pergunta. *Ela realmente não é daqui, todos nos conhecem. Não avisaram ela sobre mim e nem sobre o Nordeste, pelo jeito.* — Acho que vou ter que continuar te chamando de *Muralha*.

— Qual o teu problema? — Guardo as armas no short quando vejo que ainda tô com elas em mãos.

— Qual o *seu* problema? Eu acabei de te dar um beijo e você quer saber se eu sou louca? Deveria era aproveitar minha “*insanidade*” mental já que queria que eu te mostrasse...

— *Tu sabe* o que vai acontecer contigo?

— Vou ter você só para mim a noite inteira?

— O Nordeste vai te pegar, sua burra!

— E daí?

— “E daí?”? *Tu tem* certeza de que não toma remédio controlado? Tu fugiu *dum* hospício, né?

— Claro que tenho certeza. E não fugi de hospício algum.

— Ele vai te matar!

— Claro que não! Você me protege — Ela sorri.

— Por que tu num simplesmente deu *pra* ele até ele desencanar de tu?

— Eu não estava com vontade. — Dá de ombros e, sério, até que estou gostando do jeito dela. — Sexo é pra ser feito quando se quer e com quem se quer, caso contrário é estupro.

— Droga! Vou me arrepender disso. — *Pego ela* pelo braço e a arrasto comigo.



Capítulo 05

Não tenho certeza do que houve comigo, mas após sentir o maldito cano frio da arma na minha cabeça, vi-me beijando o Muralha e não me arrependo. Foi incrível e o calor que senti no meio das pernas compensou todo o frio de antes. Após afastar-se, contra minha vontade, perguntou-me inúmeras vezes se sou louca e em seguida, sem dizer-me ao menos para onde estávamos indo, arrastou-me pelo braço.

— Não vai mesmo me dizer seu nome? — questiono mais uma vez, porém sou ignorada novamente.

Logo chegamos a uma casa pequena e discreta por fora. A casa dele que, assim como a do Marcos, fica na parte da comunidade onde o *poderoso chefão* mora. A casa é pequena, incrivelmente arrumada e limpa para um homem. Na sala há dois sofás, vermelhos e confortáveis, e uma poltrona de couro preta. Há também uma TV de última geração e um sistema de som de fazer inveja a muito *funkeiro*. Não cheguei a fazer um *tour* pela casa, mas pude perceber que ela não é tão grande, mas é perfeita para ele.

— Vou telefonar *pro* seu Filé. —começa a procurar o celular.

— O que? Não! Por que vai ligar para ele?

— Porque ele vai saber o que fazer contigo!

— Não é para preocupar seu Filé e dona Carol por minha causa. Deixa que eu mesma me viro.

— Se virar como? Não sabe calar a boca quando tem um cara perigoso com uma arma na tua testa. Imagina se cuidar só. Merda, deixei o celular no boteco!

— Olha aqui, *Muralha*, em momento nenhum te pedi para cuidar de mim. Eu só queria *dar* para você, mas já que não quer, quem sou eu para insistir? Tchau! — Vou em direção à porta, mas logo que alcanço a maçaneta, ele me puxa fortemente e me deixa cair desajeitadamente em um dos sofás.

— Fica quieta! Por isso não tenho mulher, meu Deus.

— Vai ver não é por isso. Vai ver é porque mulher nenhuma consegue te amar ou você não é capaz de amar mulher nenhuma — falo dando de ombros e me arrependo em seguida.

Rapidamente ele se aproxima de mim e aperta, com força, meu rosto com uma mão e faz com que eu olhe diretamente para o seu. Sua face está completamente tomada pela fúria e por um segundo penso que ele poderia me bater, mas não. Ele continua segurando meu rosto abrindo e fechando a boca como se quisesse dizer algo, mas logo me larga abruptamente e sai frustrado para o que parece ser a cozinha.

— É louco! Só pode — digo a mim mesma. — Mas é um louco gostoso *pra* caralho.

Depois de alguns minutos de barulhos de copos sendo quebrados e panelas sendo jogadas, *Muralha* volta totalmente gostoso com a camisa de antes sobre o ombro e somente um short pendendo sob sua cintura mostrando o “v” mais sedutor que do Adam Levine. Seu peito tem alguns pelos que me deixam mais desejosa e uma carreirinha de pelos em particular no abdômen que aposto que leva ao *paraíso*.

Enquanto babo no conjunto de músculos e suas tatuagens, *Muralha* senta ao meu lado com a cara fechada e liga a TV, ignorando-me completamente. Decoro suas tatuagens antes de resolver me levantar para finalmente ir embora.

— Bom, foi muito chato estar aqui, mas tenho que ir para casa. Até mais, *Muralha* — falo e vejo um resquício de sorriso na boca dele.

— Eu não ia se fosse tu — avisa sem desviar o olhar da TV que *tá* passando alguma luta chata.

— Por que não? Pior do que aqui, lá fora não está.

— O Nordeste — apelido do Marcos. — *tá* lá fora. Zangado, doido para dar um cabo em ti!

— Dar um cabo é? — falo maliciosamente, brincando.

— Sério que está pensando em *dar pro* Nordeste? — Ele olha para mim de repente. — Antes era só *dar* para ele e o problema não tinha nem acontecido. Agora que a bagunça *tá* feita quer *dar pra ele*? — grita.

— Na verdade, quero *dar para você*, mas já que não quer, quem saiba o Marcos queira!

— Meu Deus! Garota, *tu tem* algum problema muito sério. — Joga as mãos para o alto. — Olha só, seu Filé parece gostar muito de ti e eu gosto dele, então dá *pra* tu ficar viva?

— E eu por acaso estou tentando me matar? Não me lembro de ter subido na laje mais alta da comunidade e pular de lá sem um paraquedas. Ou de me jogar no Rio Azul sem saber nadar. Ou será que fiz isso?

— *Tu tem* duas opções.

— Que seriam?

— Ficar aqui até amanhã e quando o Nordeste aparecer, falo com ele.

— Ou?

— Ir pro teu barraco, morrer por burrice e fazer dona Carol, seu Filé e tua família sofrer.

Filho da mãe! Ele percebeu que não dou a mínima para o que o Marcos pode tentar fazer, até porque me garanto, mas seu Filé e dona Carol sempre cuidaram de mim como uma filha desde que cheguei aqui e eles são muito importantes para mim. Sei que também sou importante para os dois, então jogo-me no sofá ao lado dele e começo a arrancar o esmalte vermelho das minhas unhas jogando as lasquinhas propositalmente nele.

— Quando me viu saindo da casa do Marcos, você me queria...

— De problemas eu quero é distância! — diz sem olhar para mim em momento algum.

— Qual o seu nome? — pergunto e ele aumenta o volume da TV. — Sabe, eu acho que vou para casa da Dona Carol. Pelo menos lá eu tenho o que fazer. — Levanto-me frustrada, não vou sair daqui, claro, mas quem sabe ele fale comigo. Não sou o tipo de pessoa que consiga ficar em silêncio por muito tempo.

— *Tá querendo que eles morra?* Vai nessa!

— Então vou descer o morro e vou para um hotel, sei lá, mas aqui não vou ficar.

— Nordeste desceu o morro. Na hora que te encontrar, dá um chá de sumiço em tu.

— Deus! Você é muito chato. Não acredito que me enganei! — Bufo. — Eu nunca me engano.

— Como assim? — Desvia o olhar da TV e em seus lábios deliciosos, devo dizer, brota o sinal de um sorriso.

— Quando eu te vi pela primeira vez, pensei: “*Ele é o cara! Tenho que ficar com ele...*”

— *Tu me viu uma vez!*

— E daí? Vai dizer que é daqueles caretas que não fica a mulher na primeira noite.

— Garota...

— Ou pior, não me diga que é gay — falo e ele arqueia a sobrancelha. — Puta que pariu! Meu radar gay tá falho? — *Como um homem tão gostoso pode ser gay meu Deus?* Ajoelho-me e começo a falar com Papai do céu. — Por que fizestes isso comigo? O que eu fiz para merecer? Eu juro, não dei moral para o padre Antônio, apesar de ele ser muito mais gostoso que o padre Fábio de Melo e certamente ter tentado me bulinar.

— Puta merda, um pad...

— Cala a boca, vai que Deus faz você ser hétero pelo menos essa noite — digo e ele começa a gargalhar. — O que foi?

— Eu num sou gay!

— Não? Então meu radar gay não está com defeito? — Levanto-me e ele acena que não com a cabeça.

Bem que desconfiei que um cara como ele não poderia ser gay.

Dica de amiga: *Antes de se ajoelhar perguntando por que Deus fez aquele cara que gostamos gay, tenha certeza de que ele realmente é gay e se ajoelhe por um motivo melhor.*

— Garota, se eu quisesse te comer, agora tua boca ia tá ocupada com outra coisa, não me enchendo — diz e meu coração dá um pulo só de imaginar.

— Ótimo. Mas me diz uma coisa, por que não quer?

— Primeiro, porque *tu devia tá* pirando! Lá fora — ele aponta para a porta — tem um cara muito puto, doido para te matar. Segundo porque *tu nem é* tão gostosa assim. — Ele dá de ombros voltando-se novamente para a TV.

Nesse momento estou boquiaberta e não consigo falar nada. Milhões de coisas passam pela minha cabeça, mas todas acabam comigo dando para ele. Porém, agora é uma questão de honra! Não dou para ele enquanto eu não quiser. Quer dizer, se for assim, darei logo, logo. Então, não dou para ele enquanto ele não me implorar! De joelhos e fazendo um bom oral, de preferência!

Sento-me, aparentemente derrotada, ao lado dele e — de certa forma realmente estou, afinal, não vou ter o corpo dele nu só para mim, pelo menos não hoje — tento prestar atenção em uma luta onde dois homens, gostosos, diga-se de passagem, atracam-se num octógono, suponho que seja o esporte queridinho do momento, MMA. Os dois são musculosos demais para o meu gosto, mas ainda assim deliciosos. O moreno de cabeça raspada,

quase no zero, desperta uma vontade de virar *ring girl*, enquanto o loiro com cara de psicopata me dá calafrios.

Fico alguns momentos somente imaginando como seria ser *ring girl*. Ser venerada, adorada por milhões de homens que gostariam de me ter e observada por milhares de mulheres que gostariam de ser eu.

— Ai! — Saio da minha bolha particular quando o *Muralha* pisa em meu pé. — Aonde você vai?

— Dormir!

— E eu?

— O que tem? — Ele para em frente a uma porta.

— Onde eu vou dormir? — Bufo.

— *Pera* um pouco. — Entra batendo a porta atrás de si.

Algum tempo se passa e nada dele. Levanto-me e abro a porta por onde ele entrou e salivo com a cena que presencio. O *Muralha* com uma toalha pendurada na sua cintura que poderia muito bem cair com uma ajudinha minha.

— O que *tu tá* fazendo aqui? — rosna logo que me vê com a porta escancarada e babando.

Senhor! Homens assim deveriam ser proibidos de não serem provados por mim! Eu necessito desse homem. Necessito subir nessa muralha!

Por um segundo desvio meu olhar para o quarto que nada tem de chamativo, com exceção da arma em cima da cômoda de madeira próxima à porta e a arrumação impecável do local. As paredes são todas beges, não há

cortina e a janela é de um vidro bem escuro. Uma cama *king size* ostenta alguns travesseiros, lençol e colcha, tudo em tons de azul. Há guarda-roupas grande rouba quase todo o espaço do quarto e uma porta ao lado que por ser de onde ele saiu, acredito ser o banheiro.

— Você disse para eu esperar um pouco, não uma eternidade. — Forço as palavras a saírem da minha boca e meus olhos saírem do “v”.

— Eu *tava* banhando, mas já que tu *tá* tão apressada... — Vira de costas para mim e mesmo com a toalha, consigo contornar seu bumbum incrivelmente delicioso, com o olhar. — Aqui! — Ele me entrega um travesseiro e dois lençóis.

— Para que isso?

— *Pra* dormir, ué!

— Ok. — Vou até a cama e começo a puxar a coberta

— O que *tu pensa* que *tá* fazendo? — indaga logo que coloco meu travesseiro sobre a cama.

— Estou me preparando para dormir! — Dou de ombros e continuo arrumando meu lado da cama.

— Não, não, não! — Ele começa a repetir.

— O que foi?

— *Tu não vai* dormir na minha cama!

— E onde acha que eu vou dormir? — Coloco as mãos na cintura, irritada com essa situação.

Eu e essa minha amiguinha viciada em homem gostoso. Vivo me metendo em confusões por causa dela.

— No sofá, na sala, na cozinha! Foda-se. Qualquer lugar, menos na minha cama! — fala irritado.

— Ah, meu querido e *gostoso*, Muralha. Sinto muito lhe informar, mas não vou dormir em chão ou sofá. — Deito-me na cama. — Se quiser dormir aqui do meu ladinho, é muito bem-vindo. Caso contrário, durma onde você sugeriu que eu dormisse.

— Tem cinco segundos para levantar da porra da minha cama! — diz entre dentes.

— Pode tentar me tirar daqui! — o desafio.

Mal pisco os olhos, ele já está do meu lado, pegando no meu braço para me tirar da cama. A raiva estampa seu rosto, mas a luxúria predomina em seus olhos. Sua mão aperta-me e ele está dizendo algo em que não consigo me concentrar. Só consigo focar em sua boca e no oral incrível que ela com certeza me proporcionará, mas não hoje! Não agora! Só quando ele implorar. Já disse e vou me manter firme. Talvez não tão firme assim, mas mais firme que gelatina no espeto. E por falar em gelatina, é exatamente disso que minhas pernas parecem ser feitas no momento. De gelatina. Qual será o sabor favorito dele? *Mafêrango* ou *Uvafê*? Seja lá qual for, ele já pode me devorar que já estou pronta.

— *Tá* surda? — ele grita, tirando-me dos meus pensamentos deliciosos.

— O que?

— Eu disse para levantar! Agora! — ruge.

— E eu já disse que não vou sair!

— *Tu é* inacreditável. — Ele larga meu braço e passa a mão pelo rosto.

Eu sei que estou brincando com fogo e que não deveria estar fazendo isso, mas esse cara me faz querer irritá-lo. Levá-lo a linha tênue entre a loucura e a sensatez. Ele me faz querer matá-lo e depois querer que me chupe, levando-me a ter sensações incríveis.

— E deliciosamente insistente. — Fico de joelhos sobre o colchão, de frente para ele.

— Olha, Mafê... — Ele começa a falar mais calmo.

Espera, como ele sabe meu nome? Marcos em momento nenhum me chamou de Mafê. Desde a noite que passamos juntos ele só me chamava de ruiva.

— Como você sabe meu nome? — Ele simplesmente dá de ombros. — Quer dizer que você sabe meu nome, mas não posso saber o seu? — Agora a irritada sou eu e seus olhos brilham com a antecipação da provocação que sei que ele fará.

— É o seguinte, Mafê — fala meu apelido devagar, saboreando cada letra e me provocando. — Você não vai dormir nessa cama.

— Por que não? — pergunto e um sorriso se forma em seu rosto.

— Porque nessa cama, mulher não deita para dormir.

— Se não deita para dormir, deita *pra...* — Nem preciso completar minha pergunta estúpida, pois logo entendo. — Claro. Agora você quer? — Fuzilo-o com o olhar.

— Esse é o único jeito de ficar deitada nessa cama! — diz com um sorriso que não chega ao olhar.

— Eu posso até ser uma perigete de primeira! — Quase grito. — Mas não sou uma prostituta que vai dar para você simplesmente para dormir na merda dessa cama por uma noite.

— Dormir vai ser a última coisa que *tu vai* fazer.

— Dormir será a próxima coisa que farei logo que colocar minha cabeça nesse travesseiro. Eu vou dormir aqui. — Bato com a palma da mão na cama. — E ai de você se encostar um mísero dedo em mim!

Levanto-me e vou andando em direção ao banheiro. Entro batendo a porta atrás de mim e encosto-me nela respirando fundo. *Gostoso imbecil de uma figa!* Tudo bem, todo mundo sabe que sou meio perigete sim e não nego, mas não sou prostituta! Eu transo por prazer. E quer saber? Isso não é mais que hipocrisia da sociedade. Os homens transam com quantas mulheres quiserem, no espaço de tempo que quiserem e são considerados heróis. Agora deixe que uma mulher transe com um cara hoje e outro amanhã... Aí verá a notícia até no Jornal Nacional. Já até imagino o âncora falando:

“Acabamos de tomar conhecimento sobre um caso de inacreditável desrespeito com a sociedade. Uma mulher, totalmente livre e desimpedida, transou com dois caras em menos de 72hrs! Isso mesmo, dois homens, separadamente! É um absurdo até onde essa sociedade vai. Daqui a pouco mais notícias: vocês verão o incrível caso de um homem que afirma ter dormido com vinte e duas mulheres em uma semana. Ele vai entrar para o Guinness Book como um herói da nação...”

É a hipocrisia, meus caros! Sério, é totalmente ridículo viver numa sociedade em que gozar da liberdade é errado, mas foda-se! Gozo sim da minha liberdade! E gozo mais ainda quando meus orgasmos são ‘bem-sucedidos’, agora se isso significa ser uma periguete, que seja!

Depois de tomar uma chuveirada rápida e escovar meus dentes com a escova *dele*, pego-me criando coragem para sair do banheiro, porém noto um problema: eu estou sem roupas aqui. Em hipótese alguma eu usarei a mesma calcinha e o atrito do jeans com minha pele não seria muito agradável. Então me enrolo numa toalha que encontro, abro uma fresta da porta e coloco-me para fora do banheiro devagar.

—... eu sei disso! Eu já falei que vou amanhã, que merda! Pare de me cobrar algo que *tu nunca fez* questão de ter! — ele grita e arremessa algo na minha direção que me faz dar um grito e me abaixar rapidamente.

De repente me vejo de frente para o *Muralha* que continuamente me pergunta algo que não consigo identificar. Minha mente está mais lerda, mas logo ele começa a gritar e me balança segurando fortemente em meus braços.

— Você *tá* me machucando. — É a única coisa que consigo dizer e ainda sai como um quase choramingo.

Ele para, mas continua me segurando e olhando fixamente para os meus olhos. Sua boca abre como se quisesse dizer algo, enquanto ele vai afrouxando o aperto em meus braços e seu olhar sai do meu, passado algum tempo ele volta a olhar para o meu rosto e sorri levantando uma sobrancelha. As mãos dele deixam meus braços e tocam levemente minha cintura.

Espera!

Minha cintura? Era para as mãos dele estarem na toalha, não na minha pele, causando-me arrepios

Fecho meus olhos, respiro fundo e olho para baixo. A toalha que eu havia enrolado no corpo está aos meus pés e próximo a ela, alguns estilhaços do que, um dia, foi um celular. Calmamente levanto meu rosto em direção ao dele, que sorri de forma sexy e lambe os lábios enquanto, descaradamente, percorre meu corpo com o olhar. O sorriso fica estampado em seu rosto e quando olha nos meus olhos, vejo que o sorriso chegou até lá.

Sua mão alcança minha cintura novamente e me puxa mais para perto dele. Minha barriga encosta-se a sua cueca, sim ele está só de cueca e estremeço ao sentir seu *amigo* pronto para o combate. Assim como eu, ele parece não saber o que falar, mas quando foca seu olhar em minha boca já sei o que vai acontecer. Ele aproxima seus lábios dos meus, enquanto eles parecem mais secos que nunca. Desejosos. Sua mão na minha lombar me causa arrepios e seu rosto cada vez mais perto do meu me aquece tanto que começo a “suar” pelo meio das minhas pernas. Quando aquela perfeição em forma de boca alcança meu pescoço, ele espalha pequenas mordidas e lambidas em direção à minha orelha, fazendo com que eu quase caia ali mesmo na frente dele, então ele sussurra:

— Vai querer ir para cama ou prefere aqui mesmo?



Capítulo 06

Muitas vezes nos arrependemos dos nossos erros, das bobagens que falamos, fazemos ou pelo menos pensamos em fazer. Às vezes cometemos erramos sabendo disso, mas fazemos mesmo assim por necessidade.

Atualmente, me encontro em um momento da minha vida onde sinto o cheiro de um maldito erro há quilômetros de distância. E, bom ou ruim, é exatamente o cheiro que ela exala.

Uma vez meu pai me disse que erros nos ensinam, que eles devem ser mesmo cometidos, mas que não devemos repeti-los. Exceto se for uma mulher que te faça enlouquecer, então erre até que deixe de ser um erro. Não sigo todos os conselhos que meu pai me deu a risca, mas sei que ele se orgulharia de mim se ainda estivesse vivo. Eu sou um grande homem! Respeitado e temido. Tenho dinheiro, mulheres, casas, carros e *respeito!* Esse sempre foi o desejo do meu pai, pelo menos em partes. Ele queria que eu fosse bem-sucedido, que eu não passasse pelo que ele teve que passar, fosse a falta de comida ou o preconceito existente do lugar de onde viemos: o morro da Bela Flor. Com o passar do tempo e com a morte se aproximando, mesmo que não soubéssemos, várias coisas foram mudando no que ele falava, mas sempre quis me lembrar dele em seus melhores momentos.



A vida também nos ensina por si só. E algo que aprendi foi ter telefones extras. Ainda precisava fazer uma ligação e ainda não havia encontrado melhor momento para isso que quando a ruiva maluca estava trancada no meu banheiro. Porém, às vezes, a vida parece querer brincar

com a nossa cara e quem diria que em um ataque de fúria, eu atiraria o telefone na porta no exato momento em que a maluca decidiu sair enrolada apenas em uma toalha?

A primeira coisa que me veio à mente era que ela estava escutando a conversa escondida e tivera o azar de ser surpreendida pelo telefone indo em sua direção e isso era muito pior do que parecia. Em hipótese alguma conversa que eu havia acabado de ter, poderia cair nos ouvidos errados. Isso seria um inferno e não só para mim.

A agarro pelos ombros balançando-a, furioso, tentando descobrir o que ela sabe, mas só o que recebo em resposta é que a estou machucando. Eu sempre fui grosso e arrogante, além de ter certa dificuldade em controlar meus ataques de fúria, mas nunca em toda a minha vida agredi uma mulher e não seria essa a primeira vez que aconteceria. Muito menos depois do pavor que vi em seu olhar.

Tento falar algo enquanto ainda a seguro, mas não consigo formular uma única frase, muito menos após ver a toalha, que deveria estar cobrindo o seu corpo, aos nossos pés. Sim, inferno. Ela estava absolutamente sem nada além das minhas mãos que tocam sua cintura macia ao mesmo tempo em que analiso detalhadamente a marca pequena de biquíni que estampa seu corpo moreno. Seus olhos fecham-se e seu peito sobe e desce rápido enquanto ela respira, fortemente, antes de, novamente, abrir os olhos. Lindos e chamativos olhos verdes e brilhantes.

Percebo então que não apenas não consigo me afastar dela ou pensar direito com sua respiração tão próxima, e a puxo para ainda mais perto, fazendo nossas peles ficarem grudadas. Seu corpo estremece quando entra em contato com o meu deixando ainda mais claro o quanto ela me deseja e, apesar de ter prometido a mim mesmo que ela seria um erro que eu não

cometeria, ao menos não enquanto a confusão com Nordeste não fosse resolvida, me vejo pensando com cabeça errada e percorrendo aquela pele sedosa com minha boca quando ela se arrepiava falhando ao tentar se controlar.

Brevemente lembro-me de algum conselho que me pai me dera, antes de dar meu tiro de misericórdia:

— Tu vai querer ir para cama ou prefere aqui mesmo?

— O que? — Ela sai da bolha. Inferno! — Não.

— Por que não? — Mordo o lóbulo da sua orelha, mas apesar de estremecer sentindo-me tão perto, ela me empurra e rapidamente se enrola na toalha novamente. — O que pensa que *tá* fazendo?

— Não rosna para mim, cachorrão. — Ela me repreende com o olhar e começa a procurar algo no meu guarda-roupa. — Não vou transar com você!

Posiciono-me atrás dela segurando seu quadril e vejo o quanto ela está afetada por eu estar tão perto, mas parece que não vai dar o braço a torcer. Encosto-me no seu quadril e todo o seu corpo estremece. Ela percebe o quão excitado estou. Impossível não perceber, na verdade.

— Oh, *Muralha* — Por que ela insiste em me chamar assim? Ah, é... ela não sabe a merda do meu nome e sei lá porque, eu me sinto feliz com isso. — Eu sei que você é gostoso, tem um corpo incrível e tudo mais, mas não vou dar para você! — Ela tira minhas mãos do corpo dela rapidamente. Suas mãos suam frio e tremem levemente, me divertindo.

— Oh, ruiva, até algum tempinho atrás era tu que queria isso. — Eu a viro de frente para mim. Seu olhar surpreso brilha com malícia. Ela vai se

entregar!

Aproximo meu rosto do dela. Brinco com seus lábios antes de reivindicá-los. São incríveis! Aquela boca carnuda com certeza é melhor do que eu me lembrava e ela sabe o que fazer. Sua língua se enrosca com a minha, meus dentes vez ou outra mordem seus lábios enquanto ela faz o mesmo comigo. Porra, se essa mulher beijando é uma perdição! Imagine usando a boca para outras coisas... Deve ser o paraíso.

A toalha cai aos nossos pés e dessa vez ela não se preocupa em se cobrir novamente. Minhas mãos passeiam pelo seu corpo despreocupadamente conhecendo cada parte dela. As mãos dela fazem sua parte. Roça minhas costas com suas unhas e percorre a barra da cueca que, por algum motivo que desconheço, ainda estou usando. Se antes eu já estava sedento, agora estou salivando, não, babando de desejo por essa ruiva maravilhosa.

Levo-a para a cama e me deito por cima dela. Minha boca deixa a dela para percorrer seu pescoço, deixando mordidas. Continuo meu trajeto em direção aos seus seios. *Rodeio eles* com minha língua, depois mordendo sem delicadeza, fazendo-a soltar um palavrão e empurrá-los mais em minha direção. Ela é deliciosa, não nego. Hoje vou fazer o que quiser com ela, até eu não aguento mais! Até que ela se despedace gritando meu nome, ou o apelido que ela me deu, repetidas vezes.

Desço minha boca por sua barriga, seu umbigo sustenta um pequeno *piercing* e mordo o local arrancando-lhe suspiros. Sim, adoro morder! Quem sabe fui um cachorro em outra vida... Não que eu não seja nessa também. Minha língua rodeia seu umbigo e desço pela lateral interna de suas pernas. Sinto seu cheiro e ela estremece se agarrando aos lençóis da cama. Ela está ali. Aberta e totalmente entregue a mim. Provo-a

delicadamente e ela empurra-se em minha direção. Sorrio e decido que não é o melhor momento para deixá-la aguardando visto que estou louco para prová-la de verdade. Para estar dentro dela. Para fazer tudo e muito mais *com ela*.

Minha língua volta a deliciar-se com seu sabor enquanto eu gemo de prazer ao prová-la. Suas mãos pressionam-minha cabeça como se dissesse: “*isso, aí mesmo*” o que faz com que eu perca mais ainda meu controle. Coloco um dos meus dedos nela e ela solta um palavrão enquanto seus dedos puxam meu cabelo. O sabor dela é incrível demais. A cada lambida, cada prova, cada segundo seus gemidos me enlouquecem um pouco mais. Meus dedos entram e saem enquanto continuo a lambê-la. Ela rebola em minha língua e percebo o quão próxima ela está do seu auge. Ela começa a falar coisas que só aumentam meu ego — e meu amigo.

Logo ela se liberta. Minha boca usufruindo cada gota de seu prazer, até que ela me puxa e sussurra com a respiração falha:

— Obrigada! — Beija a ponta do meu nariz.

Reivindico sua boca. O cansaço dela já é evidente, porém ela não se dá por vencida. Sobe em cima de mim e começa a rebolar no meu colo enquanto ainda me beija.

— Droga! Preciso te comer. — Rosno.

— Só depois que eu agradecer da maneira certa — diz saindo de cima de mim e tirando minha cueca.

— Oh merda, ruiva! Deixa eu gozar nessa sua boquinha gostosa, deixa! — imploro.

A boca dela é bem melhor do que pude imaginar. Sua língua tem uma habilidade incrível que nunca havia tido chance de experimentar e olhe que, normalmente, sou sempre bem cuidado.

Sinto seu sorriso e jogo minha cabeça para trás quase pronto para encher a boca dela, mas ela deposita um beijo na ponta da cabeça e se levanta. Isso mesmo! Ela se levanta e vai até a porta do banheiro me deixando totalmente sem reação.

— Ei, onde pensa que vai? — chamo.

— Acabei por aqui, Muralha. Já agradei o suficiente.

— O que? Não! — grito como um garotinho mimado que acabou de ter o doce roubado.

— Não faz essa carinha de cachorrinho abandonado que eu gamo.
— Faz um biquinho que, tenho de admitir, é sexy e ri sarcasticamente.

Dê-me paciência para não matar essa mulher, meu Senhor!

— Não, não, não! Volta aqui e termina o que começou! — Sim, estou implorando. Que merda essa mulher *tá* tentando fazer comigo?

— Muralha, eu disse que iria agradecer. E agradei!

— Não o suficiente!

— O orgasmo que me proporcionou não foi bom o suficiente também. — Sorri e pisca o olho para mim antes de, finalmente, entrar no banheiro e trancar a porta.

Porra, que merda é essa? Ela me deixou aqui nessa situação. Duro. Muito duro! Ainda não posso acreditar. Que droga! Ela não deveria ter feito isso, mas aquela boca dela... Ah! Que boca. É incrível. Eu com certeza

poderia gozar só de imaginar ela me envolvendo novamente com aquela boca quente e gostosa. Meus pensamentos me levam a outro nível nesse momento e quando dou por mim, já estou com a mão nele, novamente pronto para me liberar, mas me recuso terminantemente a isso. Nunca tive que me aliviar com a mão e não será hoje que farei isso.

Levanto-me ainda duro e vou até o banheiro. Estou pronto para implorar se for necessário. Não! Que merda estou dizendo? Eu, Carlos Eduardo Gomes Trindade, implorar para uma mulher? Nunca! Tudo bem que aquela boca carnuda sabe bem o que fazer, sua língua sabe como agir e o roçar de suas unhas são de arrepiar... Ai meu Deus!

— Mafê, abre essa porta, por favor! — Vejo-me falando manso.

Que porra é essa? Seja homem, Carlos Eduardo!

— *O que você quer, Muralha?* — ela grita do banheiro e... porra, ela tá tomando banho.

Passo a imaginar aquele corpo delicioso debaixo do chuveiro. Cada gota d'água escorrendo suavemente por aquela pele morena. Pele onde meu cheiro deve estar impregnado agora! Pele onde deveria estar meu suor! Porque ela não terminou o que começou? Eu preciso daquela ruiva!

— Mafê, abre a porta! — Bato continuamente com força.

— O que você quer? — Ela abre a porta toda molhada com o cabelo por cima dos seios e nada mais a cobrindo.

Fico sem reação. Sem fala. Porra, isso nunca aconteceu comigo antes. Essa mulher só pode estar brincando com meu juízo.

— Diz logo, Muralha, quero voltar para o meu banho — ela fala com um sorrisinho ao notar que examino todo o seu corpo. — Ou será que

não me quer limpinha antes de deitar na sua cama?

Ainda não faço ideia do que falar. A única coisa que consigo imaginar é estar dentro dela, eu não faria isso sem seu consentimento, claro, mas, porra, olha o que ela está fazendo comigo! Está pelada, com essa água escorrendo pelo seu corpo. E que corpo! Não sei o que ela faz, mas está dando certo. Sua cintura fina, seus seios redondos que se encaixam perfeitamente em minhas mãos e aquela bunda...

Aproximo-me dela que sorri. Acho que finalmente ela se entregará. Ela vai ser minha! Puxo-a aproximando nossos corpos mais uma vez e abaixo meu rosto para que fique na altura do seu. Nossos narizes colados e eu pronto para tomar aquela boca para mim quando ela pega minhas bolas e *aperta!* Isso mesmo, a louca aperta minhas queridas, amadas e finadas bolas. Descansem em paz companheiras e não se esqueçam de quando foram chupadas por aquelas três loiras no Ano Novo.

— Mafê, larga! — imploro fraco, já no chão.

— Escuta bem uma coisa, Muralha. — Ela senta no meu colo bem em cima das falecidas que tem um irmão já pronto para o combate, mas que desiste rapidinho. — Eu vou dormir nessa cama e você não vai implicar. Entendido?

— Ok. — É o que consigo dizer, afinal a louca ainda segura meus gêmeos queridos.

— Mais uma coisa: eu vou tomar meu banho com a porta destrancada e você não pode entrar! Depois disso, dormirei. Não me importa onde você vai dormir, mas eu vou dormir nessa cama. Certo?

— Ok.

— Ótimo. Bom garoto! Mereceria uma recompensa, mas flácido do jeito está, não valeria a pena. — Ela finalmente larga minhas bolas, dá uma mordida no meu lábio inferior e uma pequena, porém deliciosa, lambida na cabeça do meu amigo que humildemente se põe a posto.



Quase não consegui dormir. Todas as vezes que fechava meus olhos e ela ao menos respirava, eu me assustava e cobria minhas bolas. Medo não é nem a palavra certa para definir o que senti por essa mulher durante a madrugada. Pavor tampouco. Não há uma palavra para descrever o que senti ou se há, desconheço.

Depois de muito tempo, quatro horas, quinze minutos e dezesseis segundos, depois que ela saiu do banheiro foi quando consegui dormir. Acordei às oito, assustado e ao olhar para o outro lado da cama, notei que estava vazio. Será que foi só um pesadelo? Levanto-me e a dor entre minhas pernas afirmam convictamente que a ruiva maluca esteve aqui. Espera... esteve? Oh, droga! Ela não pode ir embora assim, se o Nordeste pega ela... Mata e resolve meus problemas! Não. Ele não pode matar ela. Apesar de ela ser uma vadia destruidora de ovos sem coração, seu Filé e dona Carol gostam muito dela e depois de tudo o que aconteceu, eu não deixaria que os dois sofressem ainda mais.

Rapidamente vou ao banheiro me aliviar. Ainda posso sentir os resquícios de seu aperto cruel na noite anterior. Ainda que com dificuldade, faço o que tenho de fazer e pego uma roupa para ir até a casa dela procurá-la.

— Vai onde, Muralha? — Escuto-a e me pego babando no seu corpo que só está coberto por uma camisa minha.



Capítulo 07

Depois que comecei a entender um pouco mais da vida passei a imaginar que meu príncipe encantado não seria nada convencional. Que a primeira vez que eu me apaixonasse de verdade seria pelo cara errado, por um cara complicado. Agora, quem diria que esse cara seria tudo de bom, mas arrogante, machista e um tanto quanto perigoso? E sim, acho que estou apaixonada ou quase, ou talvez seja o que eu quero que aconteça o quanto antes...

Eu sempre fui louca por contos de fadas. Desde criança me via vidrada em histórias de princesas indefesas e príncipes de cabelos perfeitos, montados em cavalos brancos. Imaginava que um dia ele simplesmente chegaria e me levaria embora para um castelo e seríamos “*felizes para sempre*”. Esse tema tanto me encantou que minhas festas eram sempre sobre isso e realmente nunca me cansei dele. Exceto aos quinze anos, quando optei por uma viagem ao invés de uma festa, o que de certa forma ainda manteve a ideia. Comemorei meu aniversário na Disneylândia e foi quando perdi minha virgindade com o príncipe da Cinderela no castelo da Fera, mas isso é outra história...

Hoje ainda sonho com o tal príncipe, apesar de que não sou a princesa indefesa que precisa ser salva de uma bruxa ou uma madrasta muito má. Também imagino que ele possa não ter os cabelos tão perfeitos que imaginei e de que a única pessoa que estará montada em algo, com certeza, não será ele, mas sim eu.

O que senti pelo *Muralha*, foi tesão à primeira vista. Sim, tesão! Não vou ser hipócrita, o tanquinho dele me faz querer lavar roupas como

jamais quis fazer na minha vida. Mas já sei que o que ele tem de gostoso, tem de safado, aquele sem vergonha delicioso filho de uma mãe...

Eu nunca pensei que teria que nocautear meu príncipe encantado pelas bolas, mas vamos admitir que ele mereceu, certo? Poxa, o cara é uma delícia, mas propor sexo em troca de uma noite de sono (com sonhos quentes, devo ressaltar) na cama dele, foi fim da picada! Eu até faria sexo com ele, até o dia amanhecer e sem pestanejar, não precisava nem ser no raio da cama, mas o que aconteceu... Então fiz o necessário porque se eu não tivesse feito, com certeza, eu teria caído de boca nele, literalmente.

Então, depois dos acontecimentos da noite, ele ficou com medo de mim, pois em momento algum tentou se aproximar. Dormiu quietinho, como uma múmia, no seu lado da cama, admito que fiquei um pouco chateada. Ainda tinha esperança de ganhar um novo orgasmo proporcionado por aqueles dedos mágicos e/ou por aquela língua magnífica. Eu bem que tentei me aproximar um pouco dele, mas ao que parece, eu o traumatizei. Cada vez que eu me movia um centímetro que fosse, ele ficava tenso e se afastava um pouco mais. Acordei cedo, por incrível que pareça e resolvi fazer um agradinho para ele. Paola, uma amiga, sempre me diz que *“se não conseguir capturar um homem pelo que ele tem entre as pernas, tente pela barriga”*. Encontrei poucas coisas de se comer então sai para comprar alguns pães.



Sinceramente, não sei o que deu nessa gente da Bela Flor, pareciam nunca ter visto uma mulher linda e gostosa sair da casa de um homem gostoso usando somente uma camiseta, cueca branca dele e salto alto, sim salto alto, ou será que queriam que eu saísse descalça? Enfim, comprei pães e mais algumas coisinhas e voltei para a casa do Muralha com o olhar de

muita gente me acompanhando. Se eu me senti desconfortável? Nunca! Senti foi falta de alguns flashes. Fala sério! É uma pena que não tiraram fotos para a posterioridade.

Dei uma passadinha no quarto para saber se ele ainda estava dormindo e, não é que ele estava, bem encolhidinho na cama, por sinal. Preparei um café bem quentinho e fiz algumas torradas para ele e entupi meu pão doce com manteiga. Não olhe para mim com essa cara, pão doce com manteiga e com goiabada por cima é um manjar dos deuses, quase tão bom quanto um orgasmo. Eu disse *quase!*

Muralha demorou um pouco mais para acordar do que imaginei, então sai vasculhando a casa atrás do meu celular. Quando percebi que não o encontraria porque o deixei no boteco do seu Filé me danei a procurar o do Muralha que não tem fixo em casa. Encontrei alguns dentro de uma gaveta — é, alguns e peguei um para ligar para minha mãe.

— Oi, mãe?

— *Maria Fernanda! Eu estava quase mandando o batalhão policial atrás de você! O que você estava fazendo que não atendeu sua mãe? E não me diga que estava transando que ninguém aguenta tudo isso, nem mesmo você sendo tão fogaenta... Por que não está aparecendo seu número, Maria Fernanda?*

— Desculpa, mãe. Esqueci o celular em casa.

— *E onde você está, se não em casa?*

— Sério que tenho que responder isso? — Sorrio.

— *Você não tem conserto, minha filha.* — Ela também ri. — *E então... É ele?*

— Ainda não sei, mãe. Acabei de conhecer ele...

— *Mas isso não te impediu de ir para cama com ele...*

— E desde quando algo assim me impede, mãe?

— *Verdade. Bom, vou trabalhar, filha. Aproveita bem e descubra se é ele “o tal”.*

— *Tá bom, mãe. Beijos.*

— *Beijos.*

Rapidamente vejo Muralha correndo em direção à porta e trato de chamar sua atenção, pois seja lá o que ele tem que fazer nessa pressa toda, vai ter que esperar, já que não preparei esse café para ele à toa.

— Vai onde, Muralha? — Ele para e quando se vira me examina dos pés à cabeça.

— Eu, eu, é...

— Você? Ah, esquece! — Ando até ele e o levo a mesa onde coloquei nosso café. — Não vai sair enquanto não comer o que preparei para você.

Ele parece que estar com o olhar petrificado em meu corpo, em momento algum tira os olhos de mim. Sento-me também e seus olhos seguem cada um de meus movimentos.

— Gosta de café?

— O que tu *tá* fazendo aqui? — Ele finalmente fala.

— Você quem disse que se eu saísse, iria...

— Sei o que eu disse! — Enche uma xícara com café e leva até quase a boca, pausando no último segundo. — *Tu encontrou pão onde?*

— Na padaria. Onde mais seria? — Dou de ombros e tomo um pouco do meu café.

— Tu saiu assim?

— Assim como?

— Sem roupa! Sem calçado. SEM ROUPA!

— Claro que não. Eu também estava de salto alto. — Mostro o salto no pé.

— *Tu é completamente maluca!* — diz e em seguida dá um sorriso safado. — Uma louca, maluca, mas gostosa.

Escuto uma batida na porta, mas ele não move um centímetro para abri-la.

— Eu sei disso. — Pisco o olho para ele e dou um sorriso antes de levantar para ver quem está lá fora.

Como a casa não é muito grande, após alguns passos, já chego a entrada e assim que abro a porta não sei se corro e grito ou se ajo normalmente como se nada tivesse acontecido. É o Marcos está ali parado na porta com a mão parada no ar como se fosse dar mais uma batida. Quando a surpresa de me ver ali passa, raiva queima em seu olhar e a primeira coisa que me vem à mente é chamar o *Muralha*.

— Que merda tu *tá* fazendo aqui, ruiva? — ele esbraveja.

— Muralha! — grito.

Rapidamente Marcos dá um passo em minha direção e me pega pelos pulsos apertando-os com muita força.

— Responde, ruiva! Já *tava dando para o meu parça*? — grita comigo deixando-me com mais raiva do que com medo.

— Sim. Eu dei para ele a noite inteira! — grito. — E já ia dar de novo! Agora se me der licença. — Tento empurrá-lo, mas não consigo me soltar. — Vou voltar para um macho que sabe satisfazer uma mulher de verdade.

— Nordeste! Solta a garota — rosna o Muralha.

— Mano, tu é muito traíra! Comeu minha mulher na hora que dei uma volta! Que porra é essa?

— *Pera* aí! Sua mulher desde quando? Afinal como diz aquela música: “*Eu, não sou de ninguém, eu sou de todo mundo e todo mundo é meu também...*”, sou de todo mundo, mas sua não!

— Calada, ruiva! — Ele me empurra para o lado e bato de costas na parede.

— Filho de uma p... — aponta uma arma para minha cabeça, mais uma vez. — Que porra, Marcos! É assim que quer ficar comigo? Apontando uma arma para minha cabeça sempre que eu te disser um não? Deixa de ser imbecil! Não sabe entender um “não”?

— Por que *tu fez* isso ruiva? — começa a choramingar e me vem uma súbita vontade de gargalhar. — Eu gosto tanto de tu... — Olho para o Muralha como um pedido de socorro para não rir, mas ele começa a se aproximar devagar do Marcos sem tirar os olhos da arma. — Por que? Por que *tu tinha* que dar logo *pro meu brother*? Mais que isso, meu irmão!

— Ah, querido, deixa de ser trouxa! O que eu ia querer com esse descolorido? — falo e de canto de olho vejo a careta que o Muralha faz. — Prefiro os negões, tipo você. Vocês costumam ser muito bem-dotados. — Um sorriso presunçoso surge em seu rosto. — Agora pode fazer o favor de guardar a porra dessa arma?

— Mano? — Ele vira para o Muralha que estava quase arrancando a arma de suas mãos. — Essa ruiva não é demais? Pega aqui. — Entrega a arma e se aproxima de mim. — Ruiva, *desculpa eu*, tá?

— Uhum. — É o que consigo dizer, pois sei onde isso vai chegar.

— Agora, vamos lá para casa? — põe uma mecha do meu cabelo atrás de minha orelha.

— Na verdade, preciso ir para *minha* casa — falo devagar.

— Acho melhor não... — diz sem graça.

— O que *tu aprontou*, Nordeste? — Muralha pergunta.

— Fiquei meio irado por tu não estar lá e...

— E? — Eu me irrito, ai dele se a Kath — minha câmera —, meus batons ou sapatos estiverem um centímetro diferente do que deixei!

— Eu meio que acabei com *algumas coisa*...

— Você o que? Seu imbecil! Como assim? Se você tiver tocado nos meus batons... nos meus sapatos... não, se você tiver tocado na minha câmera, eu vou fazer uma circuncisão em você — grito irada e ele leva rapidamente as duas mãos para o meio das pernas.

Uma risada alta ecoa na pequena sala e me pego andando furiosamente na direção do Muralha. Empurro-o com toda a minha força

que, certamente, não é o suficiente para movê-lo nem um centímetro e grito. Muito!

— Seu imbecil da bunda branca! Isso tudo é sua culpa! Sabe o quanto gastei naqueles batons? E nos sapatos? Dois pares de Jimmy Choo que me custaram o olho da cara, fora os outros! Sabe o que é isso seu filho de uma mãe? — Bato no peito dele sem, é claro, deixar de aproveitar para sentir aqueles músculos. *Foca, Mafê! Raiva, não tesão! R-A-I-V-A.* — E a Kath?

— Kath? — Os dois perguntam juntos.

— Minha câmera! Você! — Aponto para o Marcos. — Você não encosta UM DEDO em mim até que eu tenha T-U-D-O de volta! TUDO! — *Nem depois.* Aviso mentalmente.

— Mas ruiva...

— Sem “mas” nem meio “mas”! Agora vou ver os estragos da minha falecida casa. E ai de vocês se vierem atrás de mim! — grito.

— E minha camisa e cueca? — Escuto o tom de deboche na voz do Muralha.

— Você tem duas opções: Ou as tira de mim e vou para casa peladinha, o que não é má ideia. Ou devolvo depois, limpas e passadas. Cinco segundos para decidir.

Ele engole em seco e vejo o Marcos crepitar de raiva, mas nenhum diz nada.

— Foi o que pensei! — Saio dali em cima do meu salto e nem preciso olhar para trás para saber que estão me olhando



Como aquele imbecil do pinto torto ousou tocar nos meus sapatos? No momento estou dentro do meu quarto em cima de uma pilha de enchimento de travesseiros, visto que o *Foice* — assim que vou chamá-lo agora — os destruiu! O filho da mãe ainda fez questão de pegar TODOS (!) os meus batons e riscar os espelhos e as paredes. Nem vou comentar o que ele fez com minha pobre Kath. Ah, que se dane, vou comentar sim: a coitada está em pedacinhos espalhados pelo chão da minúscula sala. O desgraçado destruiu as coisas que mais gosto. Sim, até meus shorts! Onde já se viu? Rasgou os meus amados shorts, agora tenho que fazer compras — não que eu não goste — e eu não vou pagar um fio de linha. Aquele imbecil do pinto de foice que vai bancar cada botão!

Com a mesma peça de roupa que estou usando (a camisa do Muralha, a cueca também dele e meu salto) vou até o boteco do seu Filé atrás do meu celular. Chegando vejo a surpresa nos olhos de dona Carol, afinal, apesar de tudo, eu nunca tinha ido trabalhar daquela maneira.

— Menina, o que aconteceu ontem? *Tu não voltou* nem para dizer que ia sair. O Filé disse que aquele capeta “pediu” — fala fazendo sinal de aspas com os dedos — pra que ele te liberasse mais cedo, mas *tu devia* ter me avisado pelo menos!

— Desculpa, dona Carol. — Começo a procurar meu telefone. — A senhora viu meu celular por aí?

— Aqui, menina. — Ela tira do bolso do avental e me entrega. — Também achei estranho *tu ter* deixado ele largado aqui. *Tá tudo* bem?

— Ainda não, dona Carol, mas vai ficar. Ah se vai! — Procuo na agenda o número para chamar e coloco o celular no ouvido saindo para os

fundos do boteco.



— Por favor, Ruiva! *Me desculpa!* — PRECISO descrever essa cena para vocês!

O Foice — filho de uma jumenta — está AJOELHADO aos meus pés, implorando meu perdão. E eu? Bom, estou por cima do salto quinze com um baita batom vermelho novo, que assim como os antigos, também foi abençoado pelo padre Antônio — o tarado — uma saia micro toda desfiada e um biquíni vermelho tomara que caia que favorece ainda mais minhas curvas.

— Sai de mim! Você acabou com minhas roupas, meus batons e com a Kath, minha pobre câmera!

Você deve estar se perguntando onde estou, vou contar: onde mais eu estaria usando uma combinação de biquíni, salto e batom vermelho? No pagode do seu Filé, óbvio! O biquíni é só um toque especial, já que pretendo descer para a praia.

Hoje está acontecendo o primeiro evento organizado oficialmente por mim, não se pode contar com o karaokê, né? Resolvi manter a ideia do pagode, mas hoje seria com gente da própria comunidade e começando a luz do dia, para que a tarde seja aproveitada e bebidas vendidas. É uma maneira de ajudar o pessoal e garantir que não levaremos calote, já que segundo o seu Filé, Cadu — o *poderoso chefão* da comunidade — está do nosso lado. Sinceramente não estou acreditando nesse traficante não! Nunca nem o vi, só sei que aqui geral se borra de medo dele.

— Mas, Ruiva, foi um momento de fraqueza! — Ele faz cara de cachorrinho que caiu da mudança, ainda ajoelhado aos meus pés.

— E quem me garante que em “*outro momento de fraqueza*” você não vai apontar uma arma para minha testa de novo e depois destruir minhas coisas?

— Por favor, Ruiva. Eu faço o que *tu quiser!*

Sabe quando soa um sininho em sua cabeça de repente e te vem uma ideia? Tipo, em um estalar de dedos? Um passe de mágica! Foi isso o que aconteceu comigo quando ele disse a última frase.

— O que eu quiser?

— Tudo o que quiser! — Ele se levanta devagar e desconfiado.

— Primeiro: eu quero que peça desculpas ao seu Filé por fazer um pedido ridículo como aquele de me tirar do trabalho no começo do expediente.

— Eu pedir desculpa? — ergue uma sobrancelha com ironia e eu ergo outra desafiando-o.

— Ok, Ruiva. Eu faço isso. Agora já pode me dar um beijo. — Faz biquinho e vem em minha direção.

— *Nam, nam, nim, na-não!* — Coloco o dedo indicador evitando seus lábios. — Quem disse que é só isso que eu quero?

— Não? Ah, Ruiva! Deixa de ser sacana. Quer dizer, volta a ser a sacana que conheci na noite do karaokê. — Suas mãos alcançam minha cintura e eu as retiro rapidamente sem me importar com a cara feia que ele faz a seguir.

— Segundo: vai me comprar uma câmera nova, mas não é qualquer câmera! Quero uma Powershot de última geração.

— Eu nem sei falar o nome disso!

— Eu anoto para você!

— Parece caro! — Ele faz uma careta.

— Cerca de uns cinco mil. — Dou de ombros.

— *Tá* louca, Ruiva? Puta que pariu, esse teu celular não serve para tirar a merda de uma foto, não?

— Até serve, mas eu quero uma câmera nova!

— *Tá* beleza então! Mais alguma coisa, dondoca?

— Sim, eu vou comprar saltos, não tão bons quanto os outros, mas são saltos e não se dispensa um salto, exceto o de carne da Lady Gaga, porque afinal... — Paro de falar quando percebo a cara de “*Quem é Lady Gaga?*” dele. — Enfim, a conta dos sapatos é por sua conta.

— Também? Assim *tu me leva* a falência!

— Problema o seu! Quando eu saí de casa para trabalhar, os meus sapatos estavam lindos, organizados, limpos e divosos. Quando voltei, estavam quebrados, destroçados e jogados em tudo quanto é canto por sua culpa! Levando em conta tudo o que tem na sua casa, você não tem o direito de ser mão de vaca, porque isso é *sua* culpa. Só sua! De mais ninguém! Então pegue a porcaria da sua carteira e dê um jeito de me arrumar TODO o dinheiro necessário para comprar minhas coisas de volta. Entendeu ou preciso desenhar? Não sei se você sabe, mas sou uma desenhista-nata! — Sorrio quando me lembro dos desenhos na calçada há apenas alguns dias.

— Ruiva, é muito dinheiro. Assim *tu me quebra* as perna.

— Não me faça falar dos meus shorts, Foice! — Rosno na cara dele.

— Foice? Por que “*Foice*”?

— Não mude de assunto, caramba! Vá arrumar a porra do meu dinheiro e só apareça na minha frente com ele! — Viro as costas no estilo Beyoncé e saio andando.



Faz três dias desde que vi o *Foice* e, graças a Deus, parece que ele realmente não vai aparecer tão cedo. Ontem foi um corre-corre aqui na comunidade. A polícia subiu o morro atrás do tal Cadu — *o pica das picas por aqui*. Houve troca de tiros, tudo fechou... nem uma pluma ousou aparecer nas ruas. Seu Filé e dona Carol disseram para me trancar dentro de casa e ficar abaixada, pois o perigo de bala perdida é enorme. Sinceramente, não me senti segura para ficar em casa, então pedi a eles para ficar junto deles. Os dois aceitaram e ficamos o tempo todo comendo as deliciosas comidas de dona Carol junto com algumas bebidas do boteco que seu Filé pegou. Vez ou outra escutávamos tiros. Pessoas gritando, crianças chorando... E muitos, mas muitos mesmo, xingamentos. Sim, deu para ouvir tudo isso de dentro da casa do casal que me acolheu desde que cheguei a comunidade, dá para acreditar?

Depois de horas que pareceram eternas, já passava das onze da noite, nós três estávamos cansados, meio bêbados, então dormi ali mesmo no sofá da sala, enquanto seu Filé, com certa dificuldade, conseguiu levar dona Carol, meio desacordada e grogue para o quarto. Durante a madrugada os barulhos de tiros foram cessando devagar e fiquei pensando em como os policiais arriscavam suas vidas por nós, pessoas comuns, as quais eles sequer conhecem. Enquanto o tal traficante — Cadu — fica lá sentado no

seu trono imponente botando medo em todo mundo. Mandando e desmandando na comunidade. Cometendo seus crimes sem pensar em nada além de si mesmo. Filho de uma mãe egoísta!

Agora durante a manhã estamos consertando os estragos. Anotando os prejuízos e recomeçando tudo de novo, porque é assim que funciona... Vejo medo nos olhos de todos que, mesmo em meio a essa guerra, ainda sorriem ao cumprimentar todo mundo. Vejo nos olhos lacrimejantes de dona Carol a tristeza e no semblante abalado do seu Filé, o medo de um recomeço. Isso me dá uma vontade de justiça. Vontade de derrubar esse vagabundo. Uma vontade de estar aqui na Bela Flor para presenciar a bendita queda do tal *Poderoso Chefão*. E, com certeza, verei, ou não me chamo Maria Fernanda Vasconcelos Meireles.



Capítulo 08

A vida nem sempre é fácil. Aos vinte e cinco anos muito bem vividos, devo dizer, minha vida teve seus altos e baixos. Sou um homem bonito, inteligente, tenho dinheiro, mas admito que a honestidade não seja mais uma de minhas qualidades, se é que um dia já foi. Não é fácil você ser respeitado, muito menos sendo um criminoso. É claro que eu sei que sou um bandido, ou só por que ajudo o pessoal da comunidade, acharia que eles me consideram o salvador deles? Não mesmo. Não estou reclamando, até porque, eu realmente tenho uma noção de tudo o que fiz e faço. Não cobro que me amem ou que me aclamem. Cobro somente respeito e, claro, os impostos de proteção.

Não era minha pretensão me tornar um chefe da comunidade, muito menos o terror da cidade. Não vou ser hipócrita e dizer que me tornei o que sou hoje por acaso, porque não foi. Se hoje sou o homem que sou é porque batalhei muito.

O curioso é que me tornei o oposto do que queria. Eu queria estar do outro lado, ao lado dos policiais e olha só agora, ao invés de ser o mocinho que sempre desejei, hoje sou taxado como vilão e sabe o que mais? Isso não me incomoda nem um pingo!

Não fico feliz com o prejuízo e medo causado ao pessoal da comunidade, claro. Todas as vezes que isso acontece, abaixo o preço dos impostos ou corto os mesmos por pelo menos um mês, afinal, se ofereço proteção e não consigo cumprir, o mínimo que posso fazer é isso. Sim, sei que sou contraditório, que ora pareço um cara legal que se preocupa com a

comunidade, ora pareço o grande vilão, um cara desprezível, mau — *será que a Mafê prefere os caras maus?*

Droga, lá vem de novo a maldita ruiva em meus pensamentos. A culpada da minha falta de concentração durante o dia e da minha preocupação a todo momento. Há alguns dias não a vejo já que eu não tive muito tempo para ir até o boteco do seu Filé. Nordeste está igual a um louco atrás de uma câmera com um nome complicado e o tal de “*Dimi Xu*” que não faço ideia de quem seja, mas já não gostei dele. Que tipo de idiota o Nordeste é para ir procurar um homem para mulher dele, afinal? Pior ainda, um homem japonês, pelo nome é o que parece. Ele não sabe que os japoneses são inteligentes? Se bem que eles têm fama de pinto pequeno... Bom, talvez Nordeste não seja tão burro, a ruiva adora sexo, levar um japonês para ela é a mesma coisa de fazê-la implorar por ele. Bastardo filho de uma mãe.

Um toque no celular e eu desperto da minha raiva do meu *brother* e do maldito japonês do pinto pequeno.

— O que você quer, Taíza? — Atendo frustrado, ela tem ligado cada vez mais depois da besteira que aconteceu no dia anterior ao que conheci a Mafê: dormir com ela novamente.

— *Amor, isso é jeito de falar comigo?* — fala manhosa e sei que está fazendo o seu maldito bico que um dia já considere sexy. — *Quando vem me ver de novo?*

— Já falei que foi um maldito erro que não vai acontecer de novo. — Não escondo meu desprezo por ela.

— *Pode fingir o quanto quiser, mas eu te conheço como a palma da minha mão, meu amor. Eu te tenho na palma dela. E saiba que eu estou*

voltando...

— Tu o que? — interrompo ela. — *Tá louca? Sabe muito bem que não pode fazer isso.*

— *Hm, adoro te deixar nervosinho... Mas enfim, eu posso tudo o que eu quiser, amor. Não importa quem você é, na verdade, importa sim e exatamente por você ser quem você é eu posso ir e ficar se e até quando eu quiser!*

— Não, não pode e sabe muito bem por que!

— *Fala sério, Cadu! Não posso perder minha juventude e beleza assim... Tem a babá aqui e...*

— Já chega, Taíza! Eu disse que não. Se quiser continuar recebendo sua maldita mesada, fique onde *tá*. Eu me cansei de ti. Acabou, por que *tu não entende* isso?

— *Me aguarde, Carlos Eduardo!* — ela desliga.

Droga, essa mulher sabe me enlouquecer e não é de um jeito bom. Merda, não acredito que dormi com ela de novo. Não segurei as calças e agora ela quer mais! É duro ser gostoso!

Deixo o escritório cumprimentando rapidamente os homens que estão fazendo a ronda e vou direto para o boteco do seu Filé. Preciso de algo para tirar Taíza da minha mente ou ao menos colocar outro alguém no lugar, mesmo que seja a Mafê.

Andando pela comunidade percebo que os moradores ainda não conseguiram se reerguer totalmente, mas pelo menos dá para ver senhoras estendendo roupas na laje, comerciantes cuidando de suas lojas, alguns indo e outros vindo pela entrada principal, moleques jogando bola no campinho,

até mesmo alguns adolescentes se agarrando nos vãos ou becos das casas. Isso até me lembra a época que comecei a sair com Taíza, a época em que achei que ela realmente valesse a pena. Pena que eu era um tolo. Um idiota.

Não sou aquele tipo de homem que fica magoadinho porque uma mulher pisou no meu coração, sem dó nem piedade. Claro que não. Eu sou macho, porra! Depois que Taíza e eu não demos certo, eu simplesmente não quis um relacionamento com ninguém. Tinha e ainda tenho coisas mais importantes a me dedicar.

Eu tinha vinte e um anos quando terminamos de vez. Antes tínhamos aquele tipo de relacionamento ioiô, mas cansei e na última vez, foi para valer. Taíza sempre foi muito bonita, insistente e persuasiva. Ela já não me interessava mais, não era mais a mulher que achei conhecer e até mesmo o carinho que eu senti por ela um dia se transformou em raiva e desprezo. Minha ascensão na comunidade foi difícil, mas quando tudo isso aconteceu, eu já estava no topo com ótimos aliados.

Não foram fáceis as coisas pelas quais eu e Taíza passamos em anos de relacionamento, mas o que me fez querer ela longe de vez, foi totalmente imperdoável. Em toda a cidade eu já era conhecido e, mesmo não sentindo mais nada por Taíza, a tirei da comunidade. Comprei um apartamento para ela na zona mais segura e cara da cidade, o lugar em que ela sempre desejou morar, mas nunca pode. Passei a dar a ela um bom dinheiro mensalmente e meu único pedido foi que cuidasse do nosso filho, eu não *queria ele* em perigo na comunidade.

— Cadu, meu rapaz, quanto tempo, hein? — seu Filé vem me cumprimentar. Nem notei o resto do caminho até aqui, estive preso na má lembrança de Taíza. — Senta aqui, vou pedir para Mafê trazer uma loura trincando *pra* ti.

Prefiro a ruiva mesmo, seu Filé! — até penso isso, mas não digo, claro.

— Muralha! — Ela abre um sorriso antes de colocar a garrafa e um copo na mesa e logo após se senta numa cadeira próxima de mim. — Então, o que te traz aqui?

— Precisava respirar, mas pelo visto o ar *tá* empestado com o fedor de pelo de cachorra molhada — falo notando o cabelo enxarcado dela. *Será que ela já deu para o Nordeste antes de vir trabalhar?*

— É o que? *Tá* louco, Muralha? Céus! — Ela se levanta. — Não dá para falar contigo sem que me ataque sem motivo?

— Espera, volta, Mafê — falo logo que ela vira de costas e sai rebolando, linda em um vestido incrivelmente-não-colado no corpo dela, pelo menos não no quadril. Não faço ideia de como as mulheres chamam esse tipo de vestido... bom, ele é bem justo no tronco dela com um decote que (uau!) deixa seus seios ainda mais lindos, mas abre numa saia meio rodada e é claro que é curto, se não, não seria a Mafê... enfim, é um vestido rosa e ponto.

— O que você quer, Muralha? — Ela volta, mas não se senta, fica apoiada na cadeira.

— Senta e toma essa comigo.

— Não, obrigada, *tô* trabalhando.

— Senta então e conversa comigo. Ainda é muito cedo para ter tanta gente que não pode se sentar um pouco.

— Ainda é muito cedo para entornar uma loura!

— Ok, mas senta, por favor!

A mulher já é um tesão, aí ela vai e coloca um salto alto, um vestido que mal cobre a polpa da bunda, um batom vermelho que dá vontade de borrar todo, o cabelo jogado nos ombros e que me deixa com vontade de enrolar na mão e puxar. Para piorar, ainda cruza seu belo par de pernas fazendo o microvestido subir mais e minha maldita calça jeans apertar.

— Sobre o que quer conversar, Muralha?

— Nada muito específico... o que tenho para saber de ti?

— Não vou te responder nada sobre mim. — Ela fica na defensiva, com certeza esconde algo. — Você não me responde nada sobre você!

— Justo. Eu te respondo uma pergunta e tu me responde outra, topa?

— Pode ser...

— Ok, de onde *tu veio* e o que está fazendo aqui?

— Uma pergunta por vez, gatinho! — Ela pisca para mim.

— De onde *tu veio*?

— Lá debaixo. Sou daqui de Rio Azul, o que fiz foi subir o morro.

— Por quê?

— Não, não. É a minha vez! O que faz aqui tão cedo?

— Já disse: precisava relaxar. — Tomo um gole da cerveja e ofereço a ela que nega com a cabeça. — Minha vez! Porque *tu subiu* o morro? Normalmente o pessoal lá de baixo não faz nenhum esforço *pra* subir *pra* cá, nem *pra* passear, imagine *pra* morar.

— É temporário, Muralha. — Ela pega meu copo e bebe todo o conteúdo e o enche novamente bebendo, em seguida, metade. — Subi o morro por questões de trabalho.

— *Tá* dizendo que veio *pra* Bela Flor só *pra* trabalhar? — Solto uma risada. — Fala sério, Mafê? Lá tenho certeza de que *tu não precisa* vir *pra* um morro *pra* procurar trabalho. *Vai, me diz* a verdade!

— *Tô* dizendo a verdade. — Olho bem para ela, que não parece estar mentindo.

— *Tu não parece* nem precisar trabalhar, na verdade. *Tu tem* cara de filhinha de papai que gosta de um desafio — falo e ela não me olha.

— Acho que é minha vez! Por que abrir espaço para o Marcos e não me ter? — Seu tom é brincalhão, mas a verdade está estampada no seu rosto.

— Não vale a pena brigar com um amigo por mulher nenhuma, muito menos por tua causa. — Pisco para ela que não se deixa abalar e tomo o resto da cerveja. — Minha última pergunta: *Pra* que raios tu quer um japonês? Eles têm pinto pequeno!

— Japonês? Já *tá* bêbado, Muralha? Poxa! Foi só uma garrafa de cerveja, que fra...

— O japonês que *tu exigiu* do Nordeste. Ele me disse que “*pra ter a ruiva de volta, tenho que comprar a câmera num sei o que lá e o ‘Dimi Xu...’*”. Agora te pergunto, Mafê: Por que *tu quer* um japonês, porra? — brado e ela cai na risada.

— Isso é ridículo, Muralha! — depois de minutos sem conseguir falar, somente sorrindo, ela finalmente diz. — Um japonês? — Volta a rir.

— Ai meu Deus! Você é muito fofo com ciúmes!

— Ciúmes? *Tá* louca? Por que raios eu teria ciúmes de ti? — Eu me levanto com raiva e deixo o dinheiro da cerveja em cima da mesa. — Cada uma que me aparece. Vai responder à pergunta ou ficar rindo que nem uma bocó sem falar nada?

— Ai meu Deus! — Ela se levanta e ficamos frente a frente. — Muralha, é “*Jimmy Choo*”, não o que você disse...

— Foda-se o nome do japonês! Só quero saber *pra* que *tá* precisando dele! Já disse, eles têm pinto pequeno.

— Em primeiro lugar, Muralha, é “*Jimmy Choo*”. Seu grande amigo, de quem você tanto se gaba, destruiu meus saltos, roupas, minha câmera entre outras coisas, então exigi que ele comprasse ao menos um *Jimmy Choo* – que é um sapato – para repor os que ele destruiu. — *Porra, então o japonês é na verdade um salto? Não acredito numa merda dessa!* — Em segundo lugar: De onde você tirou que japoneses tem pinto pequeno? Já estive com mais de um japonês e posso te garantir: pinto pequeno de japonês é apenas mito. — Ela sussurrou a última parte e pegou o copo, a cerveja e o dinheiro me deixando sem reação. — Adorei a visita, Muralha. Ah, antes que eu me esqueça. — Ela volta já de mãos vazias. — Acho que me deve uma última resposta.

— Manda ver. Odeio essa brincadeira!

— Que peninha que foi você quem propôs. Então, qual seu nome, Muralha? — ela pergunta com um sorriso no rosto e eu quase caindo de tão nervoso.

— Odeio mesmo esse maldito jogo!



Capítulo 09

Nunca vi um ser humano mudar de cor tão rapidamente. Até seu jeans não parece mais estar apertado após minha pergunta, mas é tudo ou nada. Não é justo que eu já tenha chupado o cara e ele nem queira me falar seu maldito nome. Poxa, não o estou pedindo em casamento, só quero saber o seu nome. Claro que isso é muito frustrante, nunca quis saber o nome dos caras com quem me envolvi, afinal, nunca consegui decorar.

— E então, Muralha? Qual seu nome?

— Essa brincadeira perdeu a graça. Já vou indo! — Ele vira as costas, mas puxo seu braço.

— Você sabe que se eu quiser perguntar a dona Carol e a seu Filé, eles me contam, não é?

— Mas tu *num* vai, porque assim não tem graça. — tira minha mão do seu braço e sai do boteco. — Obrigado pela companhia, Mafê.

Claro que não vou ficar sem minha resposta!

— Pena que não posso dizer o mesmo! — o sigo até a ruela onde ele me salvou de um tiro na testa. — Eu pensei estar na companhia de um homem, mas vejo que me enganei.

— Que droga! — Ele me puxa pressionando-me contra a parede. — Quer saber o caralho do meu nome? — passa o nariz pelo meu pescoço sentindo meu cheiro. — Ok! Eduardo é o meu nome. Satisfeita? — fala bem perto do meu ouvido e em seguida dá uma mordida leve na orelha esquerda.

— Poderia estar mais — respondo claramente afetada.

— Ofegante, é? — Ele leva sua boca até meu pescoço e suas mãos que até então estavam apoiadas na parede, uma de cada lado de minha cabeça, vão fazendo seu caminho pelo meu corpo. Enquanto uma desce pelo meu braço direito, a outra sobe pela minha cintura até meu seio esquerdo.

— Ai meu Deus!

— Eu podia fazer *tu chamar* Ele por horas — fala devagar e roça levemente seus lábios nos meus e depois dá uma mordida no meu lábio inferior. — Eu podia te levar no céu, podia te levar no inferno.

— Faça isso — peço.

— Ia ser fácil. — Sua mão deixa meu braço e mesmo em plena luz do dia, ele enfia sua mão por debaixo do meu vestido. — Fazer *tu gozar* aqui mesmo, ia ser simples e divertido. — Minha calcinha é afastada para o lado e seus dedos já brincam comigo ali. — Você já estava molhada antes mesmo que eu colocasse minha mão, não é? — Seus dedos começam a me torturar. — É uma pena.

— Não para, Eduardo — falo seu nome pela primeira vez.

— Aqui? Onde todo mundo pode ver, Mafê? — Ele me beija rapidamente, mas o suficiente para me tirar o ar. — Eu adoraria continuar aqui, mas... — coloca minha calcinha de volta ao lugar e olha para mim com seus malditos olhos incrivelmente verdes. — Eu não sei brincar!

— O que? Como assim? — pergunto atordoada e indignada. — Fala sério, Muralha. Põe seus dedos de volta onde estavam e termine o que começou!

— Do jeito que tu terminou o que começou lá em casa outra noite?
— Merda, conheço essa cara, é a mesma que eu fiz quando parei de chupá-lo naquela noite. — Sorte sua que sou um cara legal e totalmente contra a violência contra a mulher, se não, *tu tava ferrada!*

— É sério mesmo que não vai terminar isso? — Seu sorriso aumenta.

— É claro que não! — Ele me dá mais um maldito beijo de tirar o fôlego e sai me deixando encostada na parede e frustrada. — Foi ótimo te ver de novo, Mafê.



Quatro dias que o Muralha não aparece! Quatro dias que ele está me devendo meu orgasmo e se tem uma coisa que eu faço questão de cobrar é um orgasmo que tinha tudo para ser incrível. Chame-me de maluca, mesquinha, o que for, mas só estou querendo o que me pertence por direito e foi por isso que resolvi vir atrás do Muralha na casa dele, só não imaginava que teria que ficar batendo na porta dele e o chamando durante quinze minutos antes de ser recebida por uma mulher usando uma camisa dele! FALA SÉRIO!

A empurro para o lado e entro na casa antes que ela consiga me impedir. Muralha *tá* dormindo espalhado na mesma cama que dormiu encolhido comigo. Não penso duas vezes, pego o copo com água que está na cômoda e derramo no rosto dele. Ele acorda xingando Deus e o mundo e já engatilha uma arma apontando para mim antes mesmo de identificar quem é.

— *Tá* louca, garota? — esbraveja e abaixa a arma. — Que porra *tu acha* que *tá* fazendo?

— Louca? Você ainda não me viu louca, Eduardo. Se me visse louca, com certeza imploraria para que eu repetisse isso umas cem vezes.

— Que merda, Mafê. — Ele senta na cama e respira fundo tentando se acalmar. — Aconteceu alguma coisa?

— Oh Ca... — A mulher de cabelos escuros aparece na porta do quarto e cala a boca logo que o Muralha olha para ela. — Quem é essa louca?

— Louca é a senhora sua mãe! — digo e ela zumbe, sim, zumbe como a girafa, que ela é.

— Louca sim! Que tipo de maluca chega na casa dos outros atacando assim do nada?

"Pra que todo esse escândalo, Mafê?" Me pergunto, sinceramente, não sei, mas meu instinto me diz para mandar a girafa desengonçada para casa e, depois de dar uns tapas bem merecidos no Muralha, receber o que é meu! Meu orgasmo.

— Oh, Girafa, cala a boca que a conversa ainda não chegou ao zoológico. Agora pegue suas coisas, deixe a camisa do Muralha aqui em qualquer lugar e vá embora antes que eu mesma faça isso por você! — falo com raiva.

— Vai deixar essa louca falar assim comigo?

— Queridinha, já teve seu momento com ele, volte para o zoológico! — Vejo Eduardo dividido entre rir ou gritar comigo.

— Mayara, a noite foi legal, mas *tá* na tua hora. — Ele fala e a cara da girafa quase toca no chão.

— Meu nome é Nayana!

— Tanto faz — diz sem nem olhar para ela que pega algumas peças de roupas espalhadas no chão e vai para o banheiro. — Então, Mafê, o que é urgente *pra tu vir* me acordar assim e expulsar uma mulher daquela?

— O que de urgente? Faz quatro dias que você não aparece! — digo e a Girafa joga a camisa do Muralha em mim, aparentemente ela não tem medo do perigo, mas mesmo não me conhecendo, devia ter.

— Pode ficar, queridinha, ainda está com meu cheiro. — Ela se aproxima do MEU Muralha e dá um beijo nele.

— Girafa, tem dois segundos para tirar as patas de cima dele, ou eu mesma de tiro daqui e nem o IBAMA vai conseguir te salvar de mim! — falo já puxando o Muralha para longe dela.

Eu sei, soei possessiva, mas enquanto ele me dever, será meu! Quem sabe depois que me pagar também...

— Eu te vejo hoje à noite? — Ela me ignora e Eduardo sorri SEDUTORAMENTE para ela. *Porra, o que tem de errado hoje? Eles realmente não têm medo do perigo que sou, mas Muralha me conhecendo já deveria ter.*

— Tá, cansei disso. Vem cá — Pego nos cabelos da Girafa puxando para baixo e caminho em direção à sala levando ela comigo. — Se eu souber que você voltou aqui, eu te *suicido!* Sim, suicido!

— Louca! — Ela choraminga quando já a atirei para fora da casa.

— Você não imagina o quanto, Girafa! — Fecho a porta com força e quando volto para o quarto, Muralha não está lá.

O barulho do chuveiro confirma que ele está no banheiro. Não acredito que ele foi tomar um banho enquanto eu cometia algo que não me achava capaz: brigar com uma mulher por causa de homem.. Caramba! Que homem mais... não tenho palavras para descrever. Enquanto ele continua o maldito banho, trato de tirar os lençóis da cama, a camisa que ela usou para ir abrir a porta e saio do quarto procurando a lavanderia ou uma lixeira, bem grande de preferência.

Depois que eu já joguei os lençóis e a camisa do Muralha no lixo, coloquei outros lençóis na cama e me deitei no sofá da sala, Eduardo sai do quarto enrolado em uma toalha branca e enxugando o cabelo com outra.

— Então, Mafê, qual o problema? — Ele senta praticamente em cima dos meus pés no sofá.

— Faz quatro dias que você não aparece. — Começo falando devagar e mantendo a calma para não pular em cima dele agora mesmo, tanto para matá-lo quanto para dar para ele.

— E...?

— E? Você está me devendo! — O plano de me manter calma não está dando muito certo.

— Devendo? Eu paguei a cerveja naquele dia! — Ele levanta e caminha até o balcão que divide a cozinha da sala pegando a carteira preta que está em cima dele me entregando algumas notas de dinheiro. — Mas sem problemas, pago de novo.

— Não estou falando do dinheiro, imbecil! — Jogo na cara dele o dinheiro.

— Olha aqui, Mafê, *tu já tá* enchendo minha paciência. — pega meus pulsos e me mantém cara a cara com ele, próximo demais. — *Tu me acordou* com um copo de água, colocou uma mulher gostosa *pra* fora da minha casa, o que não me agradou muito porque gosto de acordar e dar umazinha. Diz que veio me cobrar e quando dou o caralho do dinheiro *tu joga* essa merda na minha cara! Que porra deu em ti, mulher? Sabia que *tu não é* normal, mas não surtada!

— Surtada? Ai meu Deus! Vocês insistem em dizer esse tipo de coisa, mas se me visse surtada, adoraria me ver como estou agora! Eu só vim cobrar o que é meu por direito!

— Que seria?

— Meu orgasmo!

— É sério isso? — Ele me solta e cai na gargalhada.

— Estou com cara de quem está brincando?



Depois de meia hora do Muralha rindo, preparei um café da manhã paranós e ele foi — infelizmente — se vestir. Quando saiu do quarto a mesa já estava pronta e ele ainda não conseguia olhar para mim e não rir.

— Senta logo, caralho! — aponto a faca de manteiga para ele.

— Certo — diz segurando a risada e se senta. — Então quer dizer que *tu veio* cobrar o que é teu "*por direito*"?

— Entendeu bem!

— E quem garante que quero pagar? — Ele toma um pouco do café.

— Eu garanto! Se não quiser pagar, arrume outro para pagar, não vejo o Marcos há pelo menos uma semana.

— É, eu também não. Vou mandar o Peixe procurar ele. — Ele *tenta* levantar, mas o impeço sentando em seu colo.

— Você não vai fazer nada enquanto não pagar o que me deve!

— Mafê — Seu sorriso aumenta e o espaço no short dele diminui rapidamente. — Eu adoraria te comer aqui em cima dessa mesa, no balcão, no chão, mas tenho coisas mais importantes a fazer. Meu amigo deve estar com problemas e a culpa é tua!

— Minha? — Enrosco meus braços ao redor do seu pescoço e me movimento devagar no seu colo.

— Se tu não tivesse mandado ele ir atrás da tal câmera e do seu maldito sapato, ele não ia *tá* sumido. Para com isso, Mafê! — Ele fecha os olhos.

— *Me faça* parar — sussurro em sua orelha e dou uma mordida nela.

Antes que eu possa fazer mais qualquer coisa, Muralha já jogou tudo o que estava sobre a mesa no chão e eu estou deitada sobre ela. Parece que alguém vai pagar sua dívida, afinal.

Pela primeira vez desde que eu chegara à Bela Flor estava usando uma calça jeans e a maldita era *skinny* o que em nada facilitava meus planos! Eduardo já estava usufruindo bem da parte superior do meu corpo. Meu top já tinha ido pelos ares há muito tempo e a língua dele já tinha percorrido cada pedacinho meu, desde o cós da calça até minha boca. Finalmente o botão da minha calça havia sido aberto, o zíper abaixado e a

calça... Não se move, ela não sai de mim! *É por isso que odeio calças!*
Como ele vai entrar se a calça não sair?

Dica importante: *Quando sair com a intenção de dar, não coloque uma calça skinny, dica de amiga! Ainda digo mais: opte por toda e qualquer roupa fácil de tirar, nunca se sabe quando aparecerá uma boa oportunidade.*

— *Tu passou cola superbond nas pernas antes de vestir essa calça?*
— Ele para de tentar tirá-la frustrado quando nem a mão dele consegue entrar.

— *A culpa não é minha! Não me restou muitas opções de roupas depois que seu amiguinho destruiu minhas coisas. — Saio de cima da mesa e tento eu mesma tirar a calça.*

— *Isso até que foi divertido.*

— *Divertido? Muralha, ele destruiu todas as minhas roupas! Tive que pedir pra Danny me enviar as roupas que deixei em casa. Tem noção de como foi difícil conseguir apenas algumas peças? Minha entrega foi interceptada! — me sinto uma criminosa com a última frase.*

— *Interceptada como?*

— *O filho da mãe, o tal Cadu, poderoso chefão tem "regras", sabia?*
— *Faço o sinal de aspas com as duas mãos. — Então os "lambe-saco" dele não deixaram as caixas e demais coisas subirem. Então eu tive que descer e pegar só uma mala pequena com umas peças, porque não dava para subir com tudo e eles quase não deixaram. Tive que abrir a mala e mostrar que só tinha roupas e sapatos ali. Um deles ainda tentou pegar uma calcinha minha! Dá para acreditar?*

— Não, não dá! — Ele fecha a cara. — Olha só, Mafê, o clima acabou e eu preciso achar o Nordeste. Não é normal ele sumir assim sem avisar...

— Não senhor! Logo agora que consegui tirar essa calça, voc... — Continuo a guerra contra a calça.

— *Tu não tirou a calça, Mafê!* — Ele sorri. — Ela está na metade da sua bunda.

— Pega uma tesoura e corta essa porra!

— Quem sabe outro dia. Sobe ela que tenho que sair. — Ele joga meu top de volta para mim. — Mas valeu por avexar – e atrapalhar – as coisas com a Mayara.

Visto-me a contragosto e antes de sair, ele me pressiona na porta e me dá um beijo que me deixa de pernas bambas. Um beijo forte e urgente, com ele cheio de mãos e desejo, deixando-me ansiando por mais e me fazendo quase implorar pela maldita tesoura.

— Até qualquer dia desses, maluquinha. — Termina o beijo com uma mordida em meu lábio inferior e abre a porta para cada um seguir seu rumo.



Por escolha própria voltei a ajudar dona Carol e seu Filé durante o dia no boteco. Tenho bastante tempo aqui na Bela Flor desde que minha pequena bebê, Kath, foi destruída sem dó nem piedade pelas mãos daquele brutamonte para quem tive o desprazer de dar, quer dizer, não foi um desprazer na hora, mas depois de todo esse circo, é claro que chego a brochar só de lembrar.

Sou adepta da filosofia de uma frase que vi em um banheiro no colégio há muitos anos: "*Não, não me arrependo dos erros cometidos na vida. Mas, se pudesse voltar atrás, erraria de outro jeito!*". O que? Os fujões que matam aula podem ser interessantes também. Além do mais, concordo muito com essa frase. Claro que eu sei que mudando o passado, o presente seria também alterado, mas vamos supor que eu tivesse ficado com o Muralha ao invés de ficar com o Marcos naquela noite... Muito provavelmente a Kath ainda estaria viva, eu não teria perdido meus amados sapatos, minhas roupas, nem meus batons! Teria desfrutado do corpo do Muralha à vontade e tido orgasmos incríveis proporcionados por ele... Mas *nããão*, eu tinha que dar logo para o primeiro negão com cara de delicioso que me aparecesse. Isso é culpa de minha periquita insaciável! Agora não temos o Muralha e nós duas ficamos de castigo.

— Menina, tem uma visita para ti — diz dona Carol logo que entro no boteco.

— Visita?

— É, *tá* lá no escritório do Filé. Pode entrar sem bater — diz me empurrando em direção à porta.

— Dona Carol, quem *tá* aí dentro? — Paro desconfiada olhando para o rosto dela.

— Entra logo, menina. — Ela me empurra porta adentro e depois a fecha.

— Dona Carol! — gritando, bato na porta de costas para seja lá quem for.

Sabe quando você está assistindo um filme e acontece algo de repente em uma cena, então tudo começa a acontecer em câmera lenta?

Aquele momento em que acontece um acidente ou quando a mocinha pega o cara de quem gosta se atracando com outra, ou até alguém está brigando com armas envolvidas no meio e alguém é atingido e você fica sem saber quem levou o tiro, sabe? Então, foi assim que me senti ao ouvir aquela voz tão familiar.

— Tentando fugir de mim?

— Eu. Não. Acredito — falo pausadamente.

— Sim, Cadela, sou eu mesma. Em carne e osso. Na verdade, mais osso que carne, mas sou eu! — Danny dá uma risada e abre os braços.

— Não acredito!!!! — grito e vou abraçá-la. — Cadela, o que está fazendo aqui?

— Primeiro preciso de um banho, depois conversamos sobre isso. Como aguenta subir essas escadas?

— Não aguento. — Sorrio e olho bem para ela. — Ai meu Deus, que saudades, Cadela!

Faz um bom par de meses que não a vejo. Danny é aquela magra que a maioria quer ser. Seca para caramba e come como um pedreiro, mas também o tipo de pessoa que é impossível de odiar. Ela sempre tem um sorriso aberto no rosto. Seus cabelos escuros quase sempre soltos e um ar de mulher fatal. A vaca consegue deixar qualquer cara aos seus pés e não é só por causa de sua beleza. Danny é muito mais que um rostinho bonito. Quando nos conhecemos, ela era uma *nerd* de primeira que fazia trabalhos como modelo para conseguir pagar a tão sonhada faculdade. Que os pais se recusavam a pagar mesmo tendo condições. Assim como meu pai, eles queriam algo totalmente diferente para a filhinha deles, queria que Danny fosse famosa por sua beleza, não pelo seu conteúdo e isso não era o que ela

queria. Minha amiga é mais que uma simples jornalista, ela é uma pessoa que corre atrás do que quer e do que acredita. O tipo de pessoa que desfilou na marcha mundial da maconha, que apoiou os professores quando fizeram greves em busca de melhorias de serviço e salário, posso citar mil coisas aqui e ainda assim não fará jus a quem ela é. Danny é a Danny, é isso que importa.

Depois de apresenta-la formalmente para a dona Carol, a levo para minha casa. Enquanto ela toma um banho, preparo um almoço para nós. Na geladeira só tem bobagens que adoramos comer: desde massas a salgados pronto para fritar, então frito alguns pastéis, peço a Felipe, meu vizinho para ir comprar um refrigerante e depois de tudo arrumado nós nos sentamo para comer com minha amiga enrolada só em uma toalha.

— Então, Danny, conta, o que veio fazer aqui?

— Nanda, não nos vemos há um bom tempo, cara. — Ela dá uma mordida gigante no pastel logo após enchê-lo de pimenta e ketchup.

— Isso é verdade. Aliás, por que você mesma não veio deixar as roupas que pedi para pegar lá em casa?

— Pedi para o Dani — irmão dela — trazer, mas ele furou de última hora e como eu não podia vir, tive que mandar de táxi mesmo.

— Hum, certo. Então, *me conta*, como a mamãe está? Não falei muito com ela ultimamente.

— Nanda, você não faz ideia do que está acontecendo. Seu pai está maluco atrás de ti, garota.

— Meu pai? — Levanto de uma vez a procura do meu celular.

— Sim e quando sua mãe não contou onde você está, ele... — Ela para.

— O que ele fez com a minha mãe, Danny? Não, quer saber? Já deu! Eu vou voltar. — Saio para o quarto disposta a pegar tudo o que é necessário e sair o mais rápido possível de volta para casa.

— Não, Fernanda. Ele não fez nada com sua mãe, na verdade, eu acho que ele fez um favor para ela.

— Ai, Danny, para de enrolação e fala logo! — falo jogando meus documentos e um dinheiro dentro de uma bolsa qualquer.

— Ele saiu de casa há um mês e...

— Fala sério, Danny! Você me assustou desse jeito pensando que ele tinha feito algo com mamãe e ele só saiu de casa? É sério?

— Sim, Nanda, ele só saiu de casa. Sua mãe está ótima, mas morrendo de saudades. — Largo a bolsa e me joga na cama.

— Cara, eu te odeio. Você é péssima em contar notícias.

— Nem sou! Senão, não seria jornalista. — Ela se joga ao meu lado ainda comendo o pastel.

— Ok, então vou me corrigir: você é péssima em contar notícias sem rodeios. Está aprendendo a manter audiência é? — Dou uma risada.

— Abusada, você sabe que não é isso, mas enfim, sua mãe está ótima.

— Não é por nada, mas o que você está fazendo aqui? — Viro-me para ela.

— Então, Nanda...



Capítulo 10

Apesar de louca, Mafê tinha razão em uma coisa. Nordeste estava sumido e isso só podia significar duas coisas: ou ele havia sido preso ou morto. Nem uma das duas possibilidades me agradavam. Reuni alguns homens e perguntei a eles sobre o Nordeste, mas nem mesmo Peixe sabia aonde ele estava. Telefonei, mandei alguns homens procurá-lo e mandei também que chamassem os homens que interceptaram as coisas da Mafê na subida do morro.

Eu sou um cara razoavelmente sensato, mas apesar das ordens de revistarem as coisas que estão trazendo para cima do morro, não consigo deixar de ficar muito puto pelas coisas da Mafê. Porra, ela disse que o cara tentou ficar com uma calcinha dela. Ok, que eu tenho uma em casa do dia que ela dormiu lá, mas eu não tentei pegar nem nada assim. Ela que deixou.

— Chamou, chefia!? — Aparece um rapaz boa pinta demais.

— Você foi que barrou as coisas da Mafê?

— Mafê? — pergunta confuso.

— A ruiva... — falo entredentes.

— Puta que pariu, chefia... aquela ruiva é uma delícia, né? Mas mesmo com aquele belo par de pernas, não deixei tudo o que chegou subir. Eu conheço as regras.

— Seguiu todo o procedimento?

— Claro! Mandei abrir mala e revistei. Cá para nós chefia, a ruiva tem uma bela coleção de calcinha — diz e me controlo para não pegar

minha arma e atirar nele agora mesmo.

— Uma o que?

— Coleção de calcinha. — Deu uma risada e se aproximou um pouco mais. — Chefe, tinha uma vermelha que pelo amor de Deus... Até peguei uma preta sem que ela visse, só que quando fui pegar a ver...

— Tu *tá* louco, filho da mãe? — Passo meu braço ao redor do pescoço dele e aperto antes que ele mesmo perceba. — Vou te falar só uma coisa... — Alguns homens invadem a sala com a arma apontada, mas quando veem o que está acontecendo, simplesmente abaixam as armas e saem de novo. Eles sabem que me devem respeito e que nunca devem me enfrentar. — Da próxima vez que tu se aproximar da Mafê ou qualquer mulher da Bela Flor que não te der liberdade, eu corto teu brinquedinho fora. Entendeu?

— Si-sim.

— Não ouvi direito! — grito apertando mais.

— Sim, chefia. — Eu o solto finalmente e ele tosse como se estivesse com tuberculose.

— Perdoa aí, chefe, não sabia que a ruiva tinha dono — fala rápido e nem percebe que eu ia interromper ele. — Ela não comentou que *tava* contigo.

— Pois é, mas ela tem dono. — "*Cala a boca, Cadu*", digo a mim mesmo. — E esse dono sou eu! — "*Para de falar merda!*" — Agora, você vai atrás dela, sem dizer que eu ou qualquer outra pessoa falou contigo. *Tu vai* dizer para ela que é para mandarem trazerem as coisas dela até lá embaixo e tu *sozinho* vai levar tudo para o barraco dela.

— Mas che...

— Não terminei! — interrompo ele. — A partir de agora, *tu fica* de olho nela e vai fazer tudo que ela quiser, entendido?

— Mas...

— Eu perguntei se entendeu! — grito.

— Sim, chefia. — Ele vira de costas para abrir a porta e sair.

— Não disse que podia sair! — Caminho até ele. — Qual teu nome, afinal?

— JP.

— Certo. É para seguir à risca o que mandei, senão, tu *tá* ferrado. E nem sumindo daqui da Bela Flor *tu vai* conseguir se safar. Entendeu?

— Sim. — Abaixa a cabeça e o mando sair.



Durante o resto do dia fiquei em contato com os homens para ter notícias sobre a procura do Nordeste. Nada. Era como se ele nunca tivesse existido. Ninguém o tinha visto, ninguém havia falado com ele... "*Onde é que tu tá, Nordeste?*", passei o tempo todo me perguntando isso. Continuei a ligar para ele, mas sempre ia direto para caixa postal, por fim, mais um maldito celular quebrado na parede e sai para casa.

Passava de oito da noite. Precisava de um banho. Estava cansado, com fome e vontade de ter a Mafê finalmente. A garota sabia me enlouquecer. Apareceu mais cedo na minha casa, fez toda aquela cena com a tal de Mayara e por fim, acabou me deixando na mão por causa da maldita calça jeans. Só ela mesmo para usar short e saias o tempo todo e a única vez

que tudo estava certo, encaminhado... a calça jeans não saía do corpo dela. Mal notei quando comecei a me tocar ali mesmo no banho, mas não tive forças para me impedir, não essa noite. Não dessa vez.



Assistindo mais uma luta qualquer de MMA na TV, eu me espanto quando uma batida rápida ecoa na porta. Pego minha arma e pergunto quem é antes de abrir a porta. É o Peixe que já entra pegando o controle da televisão e colocando em um canal qualquer onde passa um jornal local.

— Saca só isso, Cadu! — ele aponta para a tela onde mostra Nordeste algemado.

Na legenda fixada na tela, diz que o idiota foi preso ao tentar assaltar uma loja de sapatos e que uma velhinha com uma bengala o derrubou batendo em seus países baixos. Em seguida mostra a velhinha narrando como aconteceu tudo. No momento eu não sei se sorriu ou se matou o Nordeste.

— É sério isso? — pergunto tentando segurar a risada e minha raiva.

— Cadu, esse cara não gira bem. Como um cara desse tamanho e armado foi derrubado por uma velhinha de 70 anos com uma bengala?

— Peixe, chama a dona Carol, pede para ela tirar esse imbecil da gaiola.

— A dona Carol do seu Filé?

— E eu conheço outra dona Carol? — falo rispidamente enquanto vou a cozinha pegar uma cerveja.

— Não, mas... Por que a dona Carol? — pergunta pegando a cerveja que estendo para ele.

— Ela tem estudo. Foi doutora advogada — digo terminando a conversa.

Peixe é um dos caras que mantenho sempre por perto. Ele e o Nordeste, claro. Porém manter alguém por perto não quer dizer confiar. Na posição em que me encontro, nunca se pode confiar em ninguém, nem em sua própria sombra. Um exemplo disso foi a vez que aponte a arma para a cabeça do Nordeste e não me orgulho de dizer que provavelmente teria atirado se fosse preciso. Nordeste é mais antigo em minha vida. Ele está comigo desde quando éramos criança. Peixe apareceu no morro há pouco mais de um ano e trabalha bem tendo uma subida rápida e merecida.

— Tu tá fazendo o que aqui? — falo para ele quando um repórter pergunta ao Nordeste seu nome e ele com o olho roxo, provavelmente de uma bengalada, fala que não fez nada. Aquele típico discurso de bandidinho de esquina.

— É quase meia-noite. Quarta-feira seu Filé fecha às dez — diz com a mesma cara de sempre. Incrível como ele sempre mantém a mesma expressão neutra, queria eu fazer isso.

— Que se dane. Faz o que mandei, rápido! — Não preciso falar mais nada, ele pega a arma e depois de guardar, sai fechando a porta.



Com a cara mais lavada e com um olho roxo, Nordeste aparece logo pela manhã em minha casa e com uma inhaca de derrubar gambá. Ele entra e vai direto para minha cozinha como se fosse dono da casa. Pega tudo o

que acha, faz um sanduíche, uma cerveja e por fim se joga em cima do meu sofá.

— Que porra *tu acha* que *tá* fazendo?

— Que? — pergunta de boca cheia e derrama um molho no meu sofá.

— Nordeste, *tu tem* três segundos *pra* sair daí e me contar que porra acha que *tava* fazendo e cuida que eu não *tô* nada feliz! — Ele levanta com cara feia e senta em um banco perto do balcão.

Logo que ele toma um gole grande de cerveja, começa a contar que estava conseguindo as coisas da "*ruiva dele*". Já tinha conseguido até a câmara, que era muito difícil de encontrar, quando percebeu que faltavam os sapatos. Então ele entrou em uma loja renomada da cidade e quando encontrou o sapato, uma senhora pegou ao mesmo tempo em que ele pegou. No início ela fez a onda de boa velhinha, mas quando viu que ele não ia desistir e nem ela, ele, burro, anunciou o assalto e ela acertou a bengala no meio das pernas dele e ele deixou a arma cair.

— Mano, depois disso, eu só vi estrelas. A *veia* maldita acertou aquele pau no meu olho e uns três brutamontes pularam em cima de mim até *os cana chegar*. Valeu por ter mandado a dona Carol ir me tirar. — Termina o sanduíche e bate no meu ombro. — Vou até *minha* ruiva contar para ela que vou ter que conseguir as coisas dela semana que vem.

Isso mesmo. Ele sai, deixa uma bagunça na minha casa e vai atrás da Mafê. Ele está precisando aprender uma lição.



Capítulo 11

Desde que nos conhecemos, Danny e eu somos praticamente inseparáveis. Aprontamos muito juntas e claro, nos divertimos demais. Mas não é somente nesses momentos em que estivemos juntas.

Sou uma mulher crescida, ganho meu próprio dinheiro e moro na minha própria casa, que foi me dada pela minha mãe, mas é minha... Enfim, não dependo de ninguém, pelo menos não mais. Porém, quando Danny me conheceu, meu pai e eu vivíamos em uma batalha sem fim dentro de casa. Ele é um homem grosso, arrogante e machista! Deu-me tudo o melhor que sempre pode, claro, mas quando eu passei a entender melhor as coisas, vi quem ele era de verdade. Um homem prepotente, que não mede esforços para conseguir o que quer, doa a quem doer e isso me fez perder a imagem perfeita dele que eu tinha guardada comigo.

Minha mãe sempre dizia que homens como o meu pai, são difíceis de lidar, mas não impossíveis. Dizia que tinha ele nas palmas das mãos e cheguei acreditar nisso, até o dia em que ele fez uma coisa que nunca consegui perdoar, durante uma discussão, empurrou minha mãe que tentava me defender fazendo-a se machucar e um tapa em meu rosto acabou com tudo. Um tapa que me marcou, mas também me fez erguer ainda mais minha cabeça e às duas da manhã, após ele ligar do hospital dizendo que minha mãe estava bem, mas ficaria em observação até a manhã, arrumei minhas coisas e quando dei por mim, já batia na porta da Danny pedindo abrigo. Passei três semanas no apartamento da minha amiga, que já vivia só há um bom tempo. Porém, tinha necessidade de ter algo só meu, foi então que mamãe surgiu com o apartamento de meus avós, que ela tinha herdado.

Ela não renovou o contrato com os inquilinos e assinou toda a documentação necessária para transferi-lo para o meu nome, resultando em uma Maria Fernanda muito feliz em seu novo apartamento velho. Faculdade particular versus sair de casa com uma mão na frente e outra atrás é igual à bater perna atrás de emprego ou um estágio remunerado.

Paola dizia que eu deveria me tornar logo uma "*personal fucker*". Dizia que isso era juntar o útil ao agradável já que nunca neguei o quanto gosto de sexo e que eu precisava de dinheiro. Lembro-me bem de quando comentou pela primeira vez:

— *Ih, amiga, sai dessa! Vira logo personal fucker... você vai conseguir viver onde quiser, como quiser... Nada de faltar dinheiro, nada de depender da mamãe. Vamos admitir, se eu consigo pagar a faculdade de Direito e comprei meu próprio apartamento, porque você não vai conseguir se sustentar?*

— *Fernanda, não me diz que tá cogitando essa ideia de jerico dessa louca?* — *Danny diz irritada.*

— *Me surpreende você, Danny. Tão engajada em projetos feministas, de igualdade e afins, mas me critica por fazer o que eu gosto. Puta também é gente, sabia?* — *Paola retruca e não aguento segurar a risada.*

Claro, não cheguei a seguir a sugestão da minha amiga. Sexo para mim sempre foi prazer, não dinheiro. Mesmo Paola me chamando de boba e careta, preferi continuar procurando algo mais na minha área. Mais um peso foi tirado das minhas costas quando mamãe disponibilizou o dinheiro que meus avós haviam deixado para os meus estudos. Era mais que o suficiente

para que eu conseguisse bancar a faculdade. Concluí meu curso como uma das melhores alunas e logo fui efetivada onde fazia meu estágio.

Danny e eu não nos deixamos nem depois da faculdade, somos o tipo de amigas que se xingam e se batem — não a sério — e que se alguém tenta algo contra uma, a outra parte para cima.

— Que filha da mãe! — praguejo.

— Pois é, Fernanda. Ela quer roubar isso de você. Só para não perder o hábito de ser escrota, acho.

— Mas ela não pode! A ideia foi minha, a Renata me autorizou. Sem chance daquela songamonga me passar a perna!

— Só estou te avisando, Cadela. — Ela levanta as mãos em sinal de rendição.

— Eu sei, mas você poderia ter me avisado sem vir aqui com uma mala desse tamanho — aponto para bagagem dela. Aliás, muito me surpreende que tenha conseguido subir com isso. — Não que eu não goste de te ter aqui — já me defendo. — Mas porque você veio de mala e cuia?

— Então, não vim só por você...

— Isso magoou. — Dramatizo com a mão no peito e rindo ela me joga um travesseiro no rosto.

— Eu estou aqui atrás de uma pessoa...

— O que? *Me diz* que é gostoso, pelo menos.

— Fernanda! Foco e não me mate. — Ela fica vermelha e em seguida nervosa.

— Ai, meu Deus, fala logo, Cadela!

— É uma grande oportunidade! Você sabe que eu não me arriscaria por pouco e...

— Cadela, respira e fala devagar. Se você for morrer, que seja pelas minhas mãos, não porque falou demais e ficou sem ar. — Ela inspira fundo e expira.

— *Tá*, não me mata, ok? — meneio um aceno de cabeça. — Estou atrás de uma exclusiva para o *Rio Azul Notícias*.

— Exclusiva aqui na comunidade? Mas quem é tão interessante para você vir ent... — nem preciso terminar para saber quem é. — Eu não vou te matar.

— Graças a Deus. — Ela solta o ar que estava segurando.

— Ele é quem vai! — grito e levanto rapidamente da cama. — Você é maluca?

Eu pensava que a maluca era eu, mas parece que minha amiga mais normal é pior do que eu. A pessoa é criada para ser uma princesa e me aparece em uma comunidade ocupada pelo maior traficante do país e seu batalhão, achando que é normal! Onde isso é normal? Ok, respira, Maria Fernanda, você está sendo hipócrita, porque também se enfiou na comunidade.

— Fernanda, ele não vai me matar.

— Danny, você tem noção do que está fazendo? Há pouquíssimo tempo eu presenciei uma das batalhas desse cara contra a polícia. Isso não é de brincadeira. Isso é sério, muito sério. O cara é perigoso!

— Poxa, pensei que você pudesse me ajudar, afinal você *tá* aqui há um tempo...

— E eu sequer sei qual a cara desse ser. — Escuto batidas contínuas na porta e vou abri-la com ela atrás de mim. — Vai por mim, já perguntei por aí e ninguém nem toca no assunto. Toda vez que toco no nome dele, ou falam muito bem dele, ou não falam nada. O mais perto que cheguei dele, foi quando transei com o Marcos. — Abro a porta.

— Quem é Marcos? — Ela para olhando para a porta e então finalmente olho para ver quem é. É o tarado da calcinha que fez com que minhas coisas voltassem.

— O que você quer, TDC? — pergunto me colocando no meio da passagem quando ele parece querer entrar.

— TDC? — Ele e Danny perguntam ao mesmo tempo.

— Tarado das calcinhas. Explico depois — digo à minha amiga que segura uma risada.

— Então, é, eu... — Ele começa a falar, aliás, gaguejar.

— Você? — pergunto.

— Tô arrependido do que fiz — fala entredentes.

— Você o que? — agora as duas que perguntam juntas.

— Tô arrependido do que fiz — fala frustrado com a cabeça baixa.
— *Manda trazer tuas coisa para o morro que eu mermo "vô" buská lá embaixo.*

Sim, esse é o cara. O tarado que tentou pegar minha calcinha e que impediu tudo o que Danny mandou para cá. Ele é um cara bonito, mas não faz muito meu estilo. Tem pele bem branca, cabelo em pé demais que parece ter usado um vidro inteiro de fixador para segurar assim e com a

pele extremamente limpa, provavelmente mais limpa que a minha. Olhos azuis e uma boca incrivelmente vermelha. Ele *tá* usando uma camisa cinza com capuz e um short jeans da moda com chinelo de dedo.

— Por que essa mudança repentina? — pergunto desconfiada.

— Fernanda, eu te espero no quarto — Danny diz e ele levanta a cabeça arregalando os olhos quando nota as roupas que as duas usamos. Provavelmente ele já deve estar pensando besteira. — *Tá*, vou num minuto — falo e os olhos dele brilham de excitação. O monte que cresce em seu short também demonstra isso.

Escuto uma batida de porta sinalizando que minha amiga já está no quarto, mas ainda não tenho uma resposta dele.

— Então? — pergunto estalando os dedos na frente dele.

— Então o que?

— Porque mudou de ideia sobre minhas coisas subirem?

— Não faz pergunta difícil. Só manda trazer que eu trago para o teu barraco.

— Eu não! Vai é tentar roubar minhas calcinhas de novo. — Ele dá uma risada.

— Delícia, eu já fiz isso. — levanta uma de minhas calcinhas e a balança na frente do meu rosto.

— Quando... como... Que droga!

— Calminha! *Tá* aqui, oh! *Pra tu ver* que eu *tô* falando sério. — Ele põe a calcinha no gancho perto na parede perto da porta.

— Tá. Vou mandar trazerem e te aviso! Qual seu nome? Como te encontro?

— JP. Só aparecer aqui fora. Vou esperar aqui na escada *mermo*. — se senta no segundo degrau dos três que levam à minha porta. — Apenas a fecho desconfiada e peço a Danny que ligue para o irmão pedindo que mande minhas coisas para cá mais uma vez.



— Que droga, JP! Dá para sair da porra do meu pé? — grito me virando subitamente para ele que para de repente.

— Não dá.

— Por que não?

— Não faz pergunta difícil... — diz ele e eu volto a andar rapidamente.

— Odeio isso, JP! — Paro e viro mais uma vez para ele. — Eu não gosto de andar com um homem que não esteja no meu encaixe pelos motivos certos.

— Motivos certos?

— É. Motivos certos. Um homem para andar atrás de mim, tem que estar querendo algo comigo, algo que envolva sexo consensual, de preferência. Eu nem sei que raios você *tá* querendo comigo. Quem te mandou ficar de olho em mim?

— Ninguém. — Ele fica pálido. — Ninguém mandou eu *pra* cá não. Eu vim porque eu quero, Mafê.

— Hum, sei. — Caminho em sua direção e ele cambaleia para trás dando de costas com a parede uma casa. — Eu vou falar só uma vez, TDC/JP/*whatever*...

— "*uat*" o que? — ele pergunta confuso.

— "*Whatever*". Significa "tanto faz". Enfim... uma ve...

— Ruiva! — escuto uma voz melosa e nem preciso me virar para saber quem é. Na verdade, nem quero me virar.

— *Me beija, JP!*

— O que? — ele arregala os olhos. — Quer que eu morra?

— Se você não me beijar agora, falo para ele que me obrigou a passarmos a noite inteira transando, aí ele te mata! Vai querer arriscar?

Não preciso perguntar uma segunda vez. Ele me beija e xingamentos ecoam pelo ar. Posso sentir passos se aproximando, mas a voz que vem seguida do Marcos me paralisa e me faz afastar JP de mim imediatamente.

— Que merda vocês acham que estão fazendo? — É o Muralha.

Ele se aproxima e está cada vez mais perto. Posso sentir a sua respiração descompassada. A raiva e o calor que ele emana do seu corpo. Do seu belo e delicioso corpo. Também sinto se aproximando um ser que preferia que não existisse. Um ser alto, forte, negro, mas que estava me sufocando, não literalmente, porque alguém me puxou e quem ele realmente estava sufocando naquele momento era o JP contra a parede.

— Marcos, larga ele. — Tento me aproximar e o Muralha me segura pelo pulso me fazendo voltar meu rosto para ele.

— Que porra *tu acha* que *tava* fazendo? — ele grita.

— Beijando um cara! Eu te devo satisfações?

— Deve *pro* meu amigo *pra* quem *tu abre* as pernas! — diz a contragosto.

— Aff, Muralha, não vou nem te responder! — Puxo meu braço e vou até Marcos tentando fazê-lo soltar o JP. — Marcos, se você não soltar ele agora, eu vou... Beijar o seu amiguinho aqui! — aponto justamente para quem eu realmente quero.

— Que porra, ruiva. Para de me colocar galha! — Ele larga o JP que desce devagar para o chão, tossindo e tentando recuperar o fôlego. — Assim eu perco o respeito!

— Olha bem para mim, Marcos. — Ele sobe o olhar desde os meus pés, parando para babar no meu decote por tempo demais e então para o meu rosto.

— Ah, ruiva. Como senti tua falta... — Ele me puxa pela cintura e me beija antes mesmo que eu me dê conta.

Não sou hipócrita para negar que não gostei e que não estou retribuindo, mas também sou sincera ao ponto de dizer que não está acontecendo nada lá embaixo. Nem uma pequena chama trêmula no meio de uma tempestade. Nadica de nada! E quando ele finalmente me larga, já duro e se esfregando em mim, sinto nojo e vontade de me jogar em uma piscina de sabão cheia do Eduardo só para tirar o cheiro e o gosto do Marcos de mim, deixando só o dele. Afasto-o delicadamente quando ele tenta me beijar mais uma vez.

— Vem comigo! — Muralha aponta para o JP que levanta rápido e com o olhar de medo, anda atrás dele rapidamente.

Agora vem a parte difícil. Livrar-me desse chiclete grudado no meu salto gliterizado. Marcos é o tipo de homem que me assusta. Ele é grudento demais, carinhoso demais, ciumento demais... enfim, intenso demais. Ok, que quando algumas mulheres vão descrever "o homem perfeito" colocam tais adjetivos, como: carinhoso, amoroso, um pouco ciumento, que goste de estar com elas... mas sejamos sinceros, quem quer um homem como o Marcos? Ele é intenso demais... Vocês que levantaram a mão, sintam-se fuziladas por mim. Obrigada, de nada.

— O que eu te disse, Marcos? — Ponho as mãos na cintura como desafiando-o.

— Que queria *tuas coisa* de volta... — ele fala de cabeça baixa como uma criança que acaba de ser repreendida pelo pai.

— E...?

— E eu não consegui, Ruiva. *Me perdoa*, mas aquela velha maldita me bateu com a bengala e... — fala quase choramingando e não aguento segurar uma risada.

— Espera, Marcos... Que velha? — Continuo rindo.

— Aquela velha, quando fui atrás do teu sapato! Eu peguei o sapato "bimi xu" e...

— Jimmy Choo, Marcos.

— Isso aí *mermo*. Peguei, mas ela me acertou com a bengala. Aí os *tira* chegaram e me levaram, ruiva — fala manhoso. Manhoso demais!

— *Pera*, você tentou roubar?

— Consegui pegar *as outras coisas tua*, mas quando peguei o sapato... Bom que o Cadu mandou uma doutora ir me tirar e...

— Espera! — grito, séria e ele para. — Você disse "Cadu"?

— É. O Cadu. *Tu sabe* quem ele é, né, Ruiva?

— Sei, mas não sabia que você tinha envolvimento com ele!

Tudo bem, admito que percebi desde o início que o Marcos não é lá "flor que se cheire", mas não sabia que ele tinha alguma ligação direta com o tal Cadu. Se eu soubesse não teria ficado com ele nem uma vez, não teria dado moral... enfim, nunca teria nada com ele. Afinal, não estou aqui na Bela Flor para me envolver em problemas com traficantes. Meu objetivo é outro.

— Não sou "envolvido" com ele, Ruiva. A gente é *parça*... — ele dá um passo em minha direção e eu dou um para trás.

— Ele é um bandido, Marcos!

— Não é bandido, não.

— É sim! E sai de perto de mim que de problemas eu quero distância. — Eu me afasto dele e saio diretamente para o boteco do seu Filé.



Chego para encontrar o seu Filé e a dona Carol com a cabeça à mil. Aliviada porque tenho um motivo para manter o Marcos afastado, mas preocupada por ele ser quem é. Caramba, ele é da trupe do poderoso chefe e eu não estou com nem um pingão de vontade de me meter com essa gente. Sempre fui boa para detectar essas coisas. Danny e Paola viviam dizendo

que tenho "faro jornalístico"... Eu sentia cheiro de problemas grandes de longe... quase nunca mantinha distância, claro, mas sabia que o problema maior não seria para mim, seria para eles mesmos.

Meu pai além de arrogante, machista e superprotetor, também é policial, mas não qualquer policial, ele é o capitão do BOPE encarregado de combater o narcotráfico nas comunidades de Rio Azul. Sim, ele é o pica das galáxias da polícia na cidade, por isso ainda me surpreendo que ele não me encontrou em todo esse tempo.

Talvez eu esteja perdendo meu faro... Talvez eu precise exercitá-lo. Só talvez, apenas talvez, eu possa ajudar a Danny a conseguir a entrevista com o tal Cadu, se eu conseguir descobrir quem é ele, claro.

— O que foi, menina? — dona Carol pergunta preocupada quando entro no boteco.

— O Marcos, dona Carol... — falo sem ar, pois fui correndo de salto até lá.

— Aquele demônio-mandado já aprontou de novo? — ela pergunta raivosa. — Sabia que não deveria *ter tirado ele do xilindró*. Devia ter deixado ele mofando mais um pou...

— Para. Tudo. — Sinalizo com a mão e ela fica em silêncio. — Como assim? Hoje é o dia das revelações?

— Do que *tu tá* falando, menina? — ela pergunta desconfiada e vai para de trás do balcão rapidamente.

— O Marcos, ele é do exército do tal Cadu! — Eu a sigo.

— É. Ele é faz parte da gangue daquele demônio.

— E por que a senhora não me disse? — Continuo a segui-la que sai de trás do balcão para varrer a entrada do boteco.

— *Tu é maior de idade, menina. Tu viu minha cara quando vi ele perto de ti...* Ele não presta. — É, ela tem razão.

— Mais uma pergunta: Como assim a senhora "*tirou ele do xilindró*"? — Ela vira de costas varrendo mais rápido.

— Eu não. De onde tirou isso, menina?

— A senhora falou. — Seguro o cabo da vassoura e ela respira fundo antes de olhar para mim.

— Olha, eu tinha uma vida diferente antes, assim como você. Você quer falar da sua? — ela pergunta.

— Não, senhora.

— Então, também não quero falar da minha. Agora, *tu coloca* os salgados na estufa? — Tira a vassoura das minhas mãos e continua a varrer a calçada.

É, eu sei que não tenho direito nenhum de cobrar alguma explicação da dona Carol, mas algo me diz que eu preciso saber dessa história. Talvez seja meu "faro jornalístico" voltando. Estou enferrujada há um tempo, pouca coisa fiz para apurá-lo desde que cheguei aqui na Bela Flor.

Faço tudo o que dona Carol me pediu e depois que termino com as mesas, ela me libera a ir para casa me encontrar com a Danny, já que combinamos de almoçar e ela me contar o que descobriu. Danny é muito boa no que faz, não é por acaso que ela ganhou prêmio Belíssimo, equivalente ao Pulitzer nos Estados Unidos, de melhor matéria impressa no país logo após se formar. Ela sempre se interessou pelos mais variados

assuntos, desde a legalização da maconha até as questões de desigualdade social. O prêmio foi concedido a ela após uma matéria sobre aborto ilegal. A matéria seria para um pequeno jornal local, mas foi tão boa que circulou nacionalmente e garantiu o prêmio.

Depois de me contar do pouquíssimo progresso que teve durante a manhã em que havia saído para pesquisar, contei a ela sobre como foi ter encontrado o Marcos, beijado o JP, da reação do Muralha e do que aconteceu com a dona Carol.

— Não acredito que você beijou ele! — Ela gargalha.

— Beije, mas ainda não sei se me arrependo ou se comemoro...

— Por que?

— Bom, lembra da história do Marcos apontando uma arma para mim, do Eduardo apontando uma arma para ele e tudo o mais?

— Sim, o que tem?

— O que tem? — praticamente grito. — Você não percebeu? Esses caras são perigosos. Vai que o Eduardo ou o Marcos façam algo com o JP... não quero nem pensar nisso.

— Ihh, Nanda, sai dessa. O Marcos trabalha para o Cadu, não é?

— Sim!

— E pelo que sabemos, o JP também, já que ele teve moral para barrar suas coisas quando Dani as mandou.

— É, mas não sei como funcionam as leis desses bandidos. Dá para perceber que na "hierarquia" o Marcos tá acima do JP.

— Fica tranquila, Cadela! Vai dar tudo certo. Quem sabe os dois duelem e... — Uma batida na porta nos interrompe.

— Fica shiu, deixa eu ver se é o Marcos, porque se for não abro essa porta nem a pau — sussurro e vou devagar até a janela próxima à porta e não é o Marcos quem está ali na minha porta, mas o Muralha.

— Quem é? — Danny sussurra para mim.

— O Muralha — sussurro de volta.

— Abre, quero conhecer!

— Vou abrir! — Arrumo minha roupa e vou até a porta. — Ponha suas garrinhas para dentro que esse aqui... é só meu! — falo séria e ela faz um sinal de "ok".

Abro a porta e sua cara não está das melhores, está fechada, a raiva estampada, uma tensão sexual se espalha logo que ele põe os olhos em mim e sinceramente, não sei se corro de medo ou se me joga nos braços dele. Opto por não fazer nenhuma das duas coisas, pelo menos não por enquanto.

— Oi, Muralha — falo quando ele dá dois passos à frente e recuo o mesmo. — Deseja alguma coisa? — Seus olhos brilham de excitação, mas a raiva ainda é visível.

— Que porra *tu acha* que *tava* fazendo? — ele fala raivoso, mas não grita.

— Já conhece minha amiga? — aponto para o sofá. — Essa é a Danny. Danny, esse é o Eduardo.

— Oi, Eduardo. — Minha amiga o cumprimenta, mas ele mal olha em sua direção.

— O que tu *tá* tentando fazer afinal, garota? — ele rosna.

— Do que você *tá* falando?

— Não se faz de sonsa. Logo pela manhã tu se atraca com dois! Um seguido do outro!!!

— Em minha defesa, JP só me beijou porque eu queria manter seu amigo longe de mim.

— E isso é motivo *pra* beijar qualquer um? Pior: Tu não *tava* tentando se livrar do Nordeste, porra? *Pra* que diabos tu foi beijar ele então? — ele grita.

— Ei, calminha aí, não sou uma qualquer aí para você ficar gritando comigo como se fosse meu pai! — falo. Ele para, respira fundo e volta a falar.

— *Tu tava* se esfregando em mim em cima da minha mesa da cozinha. Até onde eu sei *tu não queria* nem que tocasse no nome do Nordeste perto de ti! Agora quer que eu não fique puto por pegar *tu beijando* aquele projeto de Ken humano e depois ele?

— Eu não beijei o Marcos, ele me beijou!

— E faz diferença? — começa a andar de um lado a outro resmungando e Danny dá de ombros e liga a TV.

— Quer saber, nem sei o que vim fazer aqui! — Ele abre a porta para sair.

— Ah, mas eu sei. Isso se chama crise de ciúmes!

— *Tá louca*, Mafê. — Ele sorri nervoso com a porta ainda aberta.

— Estou? Então *tá*, vou procurar o Marcos. — Paro na frente dele, que já está quase saindo pela porta. — Pelo menos ele admite ter sentimentos por mim.

Quando saio de casa e piso no primeiro degrau, ele puxa meu braço, forçando-me a voltar para dentro, bate à porta e me beija violentamente me prensando contra a porta fechada.

— Arrumem um quarto. — Danny grita ao longe.

É, talvez não tão ao longe, talvez eu apenas esteja com todos os meus sentidos concentrados no homem que *tá* quase tirando minha roupa na frente da minha melhor amiga, não que ela já não me tenha visto em situações bem piores.

— Onde é o quarto? — Ele, ofegante, encosta sua testa na minha.

Sem pensar duas vezes, puxo-o pela mão e sopro um beijo para minha amiga. Como diria a Ludmilla, "*É hojeeeee!*".



Capítulo 12

Louca! É o que essa mulher é. Ou talvez seja o que ela está tentando fazer comigo, *me enlouquecer*. A pessoa me implora para foder com ela, beija o filho da mãe que mandei ficar de olho nela e depois ainda se atraca com meu amigo idiota de quem ela disse querer manter distância.

Mandei o Ken engomadinho que a tinha *beijado* me acompanhar, enquanto o Nordeste ainda *comia ela* com os olhos e com a boca(!). Ele obedeceu com o rabinho entre as pernas. É assim mesmo que eu gosto! Que tenham medo, mas acima disso, gosto quando têm respeito.

A caminho do escritório ele até tenta se explicar, mas só olho para ele que se cala imediatamente. Quando finalmente chegamos, aviso aos rapazes que não quero ser incomodado nem pelo papa e nos tranco na sala. Sento-me em minha cadeira e logo que ele senta também, começa a falar rapidamente.

— Chefia, eu juro, *ela mandou eu beijar ela...*

— Hum.

— Disse que se eu não beijasse, ia dizer que eu tinha obrigado ela a dar para mim...

Mesmo muito puto e sem entender exatamente porque, sei bem que isso não é menos que a verdade. O cara *tá* tremendo como vara verde e, ainda por cima, sei que a louca é bem capaz de falar isso. Naquele momento se ela falasse isso, eu não pensaria duas vezes antes de matar ele, mas ainda bem (ou mal) que ele tem um pouco de cérebro embaixo de tanto gel de

cabelo! Quando ele termina de explicar o que aconteceu, apenas fico olhando para cara dele e, nervoso, ele volta a falar:

— Fala, Chefia! — O desespero em sua voz quase me faz gargalhar, quase.

— Da próxima vez que tu botar as mãos nela — eu me apoio na mesa e continuo falando —, vai perder elas e o que tem no meio das pernas! Entendido?

— Claro como o Rio Azul, Chefia!

— Agora mete o pé daqui e fica de olho no Nordeste.

— E a Mafê? — pergunta pálido.

— Faz o que eu mandei e vai ficar com todos os dedos da mão! — falo e ele sai quase correndo da sala.

Ligo para o Peixe e peço que venha ao escritório para conversarmos sobre alguns problemas que *houve* na distribuição do produto. Um carregamento havia sido interceptado pela polícia e perdi cinco homens. Todos foram presos e estavam sendo pressionados nem só por informações da mercadoria, mas sobre mim. Mesmo sendo quem comanda tudo isso há anos, pessoas de fora da comunidade não fazem ideia de como sou fisicamente e aqui, ninguém é, nem quer ser, X9, então os tiras vivem tentando mover mundos e fundos para saber quem eu sou.

O prejuízo não foi pequeno, nunca é... contudo ultimamente tem sido pior. Uma operação atrás da outra atrapalhando meus planos... um prejuízo maior que o último...

— Peixe, não sei como eles tão conseguindo. Não quero acreditar, mas acho que tem a porra de um X9 com a gente! — falo com raiva.

— Acho que não, Cadu!

— Isso não acontecia antes! Era uma vez na vida e outra na morte que eles conseguiam, agora dificilmente algo chega na porra do destino final.

Nordeste entra ofegante pela porta, de repente e com cara de desesperado como se tivesse acabado de descobrir que era pai.

— O que foi, homem? *Tá* com cara de que tu é pai.

Não disse?

— Eu não quero mais viveeeeeer! — ele grita e se joga no chão. A cena seria hilária se não fosse tão confusa. A quem eu quero enganar? Peixe e eu estamos morrendo de rir. — Ela me deixooooooooou!!!!!!!

— Ela quem? — Peixe pergunta entre risadas.

— Minha ruiva!!!! Ela disse que não quer um bandido, mano. — Ele se levanta e me abraça chorando. — *Brother*, eu preciso da minha ruivaaaa!

Dou uma gargalhada alta. Tanto pelo drama quanto pelo, meu amigo que me perdoe, o pé na bunda que ele levou.

— Nordeste, *me larga*. — Peixe puxa ele que me larga muito a contragosto. — Que merda *tu fez?*

— contei para ela da velha da bengala!

Peixe desaba em gargalhadas e eu o acompanho. Meu amigo com os olhos inchados de chorar, *nos encara* com cara de cachorro que caiu da mudança.

— Vocês são *sacana*! Tô sofrendo! — ele diz e tento controlar uma risada alta em vão.

— Nordeste — o Peixe começa a falar entre risadas —, a gente *tem problemas maior* que uma boceta qualquer.

Fala e paro de rir na hora. Não é uma boceta qualquer, afinal. Ela deu ou dá a muitos, mas não é uma qualquer!

— Ei, qualquer não! — Nordeste fecha a cara. — Minha ruiva é especial.

— Que gay! — digo tentando disfarçar a raiva que sinto do termo "*minha ruiva*".

— Diz isso porque nunca provou! Ela é incrível! E tem uma boca... — Ele começa a falar e lágrimas começam a escorrer pelo rosto dele. — Eu quero minha ruiva!!!!

— Peixe, *te vira* com ele, tenho que resolver uma parada. — Saio com raiva em direção à casa da ruiva dele.

A cada passo que lembro das palavras dele fico com mais raiva! Porra, por que ela tinha que ter dado para ele? Por que eu não *vi ela* primeiro? Por que ela não deu um fora nele ao invés de sambar naquele maldito palco com aquela roupa tão pequena?

Subo os três degraus que levam à sua porta verde. Bato e espero remoendo minha raiva. Essa mulher consegue me tirar do sério sem nem falar comigo.

Depois de abrir a porta e me apresentar uma amiga dela que sequer prestei atenção, Mafê ainda tem a audácia de me desafiar dizendo que vai atrás do Nordeste. Nesse momento perco a cabeça, a noção... fecho a porta

e a pressiono contra ela beijando-a como queria. Com raiva, com desejo. Como uma punição e como prêmio. Estava perto de rasgar o pedaço de pano que ela chamava de roupa, quando a amiga dela grita para irmos para o quarto. Encosto minha testa na dela, ofegante, assim como ela e desorientado, pergunto onde é o quarto. Em questão de segundos estamos os dois sem roupas. Parecemos dois animais famintos. Nós nos atacamos, beijamos, apertamos e provamos.

Logo que tem uma oportunidade, ela me joga na cama e, depois de deixar minha boca, desce sua língua pelo meu corpo até a parte que mais almeja por ela, uma parte minha que quer invadi-la, estar dentro dela... preenchê-la.

Com maestria sua língua me prova e sua boca aprova. O sobe e desce contínuo me deixa de pernas bambas. Ela me rodeia com o calor que exala de sua boca e sua mão me bombeado, deixa-me zonzos de prazer. Próximo demais do meu gozo, deito-a no chão, coloco um preservativo e a invado sem aviso prévio. Seus gemidos e xingamentos são músicas para os meus ouvidos. Suas unhas marcam minhas costas, roçam meu peito... seus dedos puxam meu cabelo, abafos seus gemidos com minha boca, que é doce e pecaminosa... sua boca é uma perdição, a minha perdição!

Beijo seu pescoço, mordo a ponta da sua orelha e minha língua brinca com seus seios, fartos, que me fazem querer estar sempre ali, mas tiro isso da cabeça.

Minha mão circula seu órgão, ela está cada vez mais perto e eu também. Intensifico minhas investidas, não vou aguentar me segurar por muito mais tempo, ela também já está na borda. Com uma última estocada e uma mordida em seu ombro, gozo junto com ela.

— Isso foi...

— Uau — completo.

— É, uau! — diz se movendo devagar e beijando meu pescoço. — Que tal uma segunda rodada?

Começo a beijá-la, dessa vez sem tanta urgência, sem receio... somos apenas nós dois no mundo. Nós dois e o raio do meu celular tocando.

— Tenho que atender — falo com nossas bocas ainda coladas.

Mesmo contra minha vontade — e a dela — ela sai de cima de mim, veste minha camisa e pergunta se quero uma água.

— Uma cerveja — falo antes de atender o telefone e ela sair do quarto.

— *Cadu, vem para cá, agora!* — É Taíza.

— Agora não, Taíza, tô ocupado.

— *Foda-se a vadia que você tá comendo. Seu filho precisa de você, vem logo* — disse as palavras mágicas, falou sobre *meu filho*.

— O que tu fez dessa vez, Taíza?

— *Eu não fiz nada, Cadu! Você sabe como essa coisinha é toda problemática e...*

— Cala a boca! Tô chegando. — Desligo o telefone na cara dela.

Rapidamente visto minha cueca, calça e coloco os sapatos, não encontro minha camisa em lugar nenhum e quando vou abrir a porta do quarto para sair, Mafê entra *usando ela*. É a segunda vez que a vejo usando só a minha camisa e admito, ela fica linda!

— Isso é judiação.

— Que foi, Muralha? Desistiu da segunda rodada? — pergunta.

— Eu quero ficar aqui e provar cada pedacinho desse teu corpo delicioso, mulher, mas tenho que resolver um problema que apareceu. — Eu a beijo e tiro minha camisa, a única coisa que cobria seu corpo nu. — Vida injusta! — reclamo quando meu soldado começa a se apertar em minha calça.

— Eu te vejo depois?

— Eu venho aqui. — Beijo-a e saio correndo para fora da casa, mas não antes de ver o Ken e uma mulher de cabelos escuros se pegando no sofá. — JP, *tô* de olho!

Saio deixando ele assustado e com a imagem do corpo daquela ruiva na minha mente.



Capítulo 13

Foi intenso, foi bom, foi... Marcante! Estou marcada. Marcada por ele. Foi melhor do que imaginei e o que estou sentindo é maior do que eu pensei que sentiria.

Sempre quis encontrar alguém que eu amasse e que quisesse do meu lado, mas apesar de ter me deitado com vários caras, de ter beijado muitas bocas e gostado de fazer tudo isso... Nada se compara a sensação de sentir os beijos dele, nada se compara a tê-lo dentro de mim, de sentir suas mãos pelo meu corpo, dos nossos corpos quentes e suados quase sendo fundidos em um só. Nada se compara. Apesar do frio que estou sentindo em minha barriga desde que o telefone dele tocou e do meu coração batendo tão descompassadamente, estou feliz. Acredito que ele é a pessoa que eu estava procurando, mesmo sem saber muito sobre ele... Espera, eu preciso saber.

— Cadelaaa!!!!!!! — Saio do quarto depois de colocar só a calcinha e o sutiã que estava usando antes.

— Oi... Eu! — Ela levanta, descabelada, do sofá. — O que houve?

— O que você *tava* fazendo? — questiono.

— Nada — ela responde rápido. Rápido demais!

— Hum, sei. — Caminho devagar até ela. — Então, você só estava dormindo? — Olho rápido no sofá, mas não tem ninguém ali. Ué, realmente preciso exercitar mais meu faro.

— Claro. O que pensou que eu estava fazendo? — Ela começa a arrumar o cabelo e procurar alguma coisa.

— O que você está procurando? — Encontro seu sutiã pendurado em um dos ganchos próximos à porta da frente.

— Meu sutiã. Não sei onde aquele idiota colo... É, não sei onde ele se meteu. — Ela se vira e entrego a ela.

— O que está me escondendo, Cadela? — Ando ao redor dela.

Consigo ver, pela minha visão periférica, JP se esgueirando pelo chão da sala como uma lagartixa na parede. A cena é hilária, mas seguro o riso.

— Ai, Fernanda, que coisa! Não estou te escondendo nada! — continua nervosa. Quero gargalhar e dizer que a peguei no flagra, como ela fez quando me pegou transando com o Dani, irmão dela, na bancada da cozinha do apartamento dela, mas continuo me segurando. Estou esperando meu momento "A-ha".

— Sei... Você não sabe me esconder nada mesmo... ou como eu conseguiria arrancar de você que *tá* tentando dar o golpe da barriga no JP para ele casar com você. — Eu me sento no sofá e escuto os dois gritando juntos:

— É o que?

— A-ha!!!! Sabiaaaaa! Estavam transando no meu sofá? — Olho para os dois. Danny está vermelha como um tomate e JP com o cabelo totalmente bagunçado, pela primeira vez.

— Você é um porre, Cadela! — Danny finalmente ri e se joga comigo no sofá.

— E você me ama! Então, os dois estão se pegando desde quando?

— Não estamos nos pegando. Foi um desafio — ela fala e vejo JP chegando à porta, pronto para fugir.

— TDC, venha aqui, agora!!!!

Com cara de coitado, ele se arrasta devagar e senta no outro sofá.

— Que história de desafio é essa? — pergunto curiosa.

— Essa tua amiga aí que é doida — ele fala como se tivesse se defendendo e dou uma gargalhada.

— *Tá*, vou contar, Cadela maldosa — Danny fala. — Então, *tava* você e o Muralha transando e gritando horrores lá no seu quarto.

— É, aquilo lá *tava* bom... — falo me lembrando e o frio na barriga volta.

— Então, o JP chegou. Aí ficamos aqui conversando no sofá.

— Aí queriam competir comigo e com o Muralha nos gritos? — Sorrio.

— Não. Ela é doida, Mafê. Disse que ia bagunçar meu cabelo. Do nada!!!! — conta com os olhos arregalados e nós duas damos mais risadas.

— Ele falou que nem o beijo mais selvagem conseguia essa proeza, então o beijei. — Ela dá de ombros.

— Isso aí, Cadela! — bato palmas e JP nos olha horrorizado.

— As duas. Loucas! Meu cabelo *tá* bagunçado!

— JP, deixa de ser viado! — falo.

— Iiih, amiga, não sinto em dizer que ele não é viado não...

— Ai meu Deus. — Gargalho.

— *Tu atrapalhou* o “vamo-vê”. — Ele levanta e bate à porta frustrado.

— Ele volta. — Ela pisca o olho para mim e levanta indo para cozinha.



Há dois dias não tenho notícias do Muralha, ele disse que ia me procurar, *não venha me dizer que todos dizem isso, porque se me disser, vou procurar um pai de Santo e ele vai fazer todos os caras que tentarem ter algo contigo broxarem, isso também vale para você, seu mentiroso!!!!* O Muralha não mentiu para mim! Eu sei disso e se tiver mentido, *tá* ferrado porque com ele sei que o maldito frio na barriga vai cessar e isso é tão malditamente desconfortável.

Em contrapartida, Marcos tem me procurado constantemente, até fez uma serenata, admito que foi fofa, cantando a música que cantou quando nos conhecemos. Se eu não tivesse louca pelo Muralha, seria bem capaz de repensar se posso repensar no caso dele.

— Cadela!!!!!!! — Danny entra ofegante no boteco e se esconde atrás do balcão.

— O que você *tá* fazendo? — pergunto.

— Shiiiiu, Cadela! Não importa o quão importante seja, eu não estou aqui! — fala e dou de ombros deixando ela ali atrás.

Com menos de cinco minutos que Danny chegou, JP também chega igualmente ou mais ofegante.

— Cadê a louca? — ele pergunta.

— Quem? — Eu me faço de desentendida e saio de trás do balcão fingindo limpar algumas mesas.

— *Num se faz de boba, nois dois sabe que tu não é, Mafê.* — segura forte no meu braço me fazendo virar para ele.

— Eu realmente não sou boba e também não sei sobre quem você tá perguntando. Mas de uma coisa eu sei, eu me soltaria se fosse você! — falo e ele solta com raiva.

— Fala para ela que vai ter volta! — Ele sai do boteco derrubando uma cadeira. Sorte que seu Filé e dona Carol tinham saído para fazer compras ou ia dar barraco.

Depois de levantar a cadeira e ter certeza de que ele realmente não está ali por perto, volto para de trás do balcão e me abaixo perto da minha amiga que digita algo no celular.

— Explicação agora!

— Espera, deixa eu terminar aqui. — continua digitando freneticamente.

— Cadela, não! — Tomo o celular da mão dela e frustrada ela começa a falar.

— Então, você não estava curiosa para saber um pouquinho mais do Muralha?

— Sim, o que o JP tem a ver?

— JP tá seguindo ordens lá de dentro do *clube da Luluzinha*. — Apelidamos carinhosamente o *quartel general* do Cadu assim.

— Do Marcos? — pergunto cismada.

— O buraco é mais em cima, Fernanda.

— Danny, explica que hoje eu *tô* lerda.

— Acho que é do Muralha.

— O Muralha? Ma...

Uma voz já conhecida fala com algumas pessoas que estão no boteco e uma sombra aparece na parede.

— Tem alguém aí? — A voz me causa borboletas no estômago, o maldito frio.

Danny e eu temos uma breve discussão por sinais e nos levantamos.

— Bom dia, Muralha — Danny e eu falamos juntas.

— Oi, Mafê. E... amiga da Mafê? — fala dando um sorriso para a Danny.

— Danny! — ela diz olhando desconfiada para ele.

— Hum, oi, Danny — diz e me dá um selinho rápido. — Que horas *tu fica* livre?

Fico sem reação depois do selinho que recebo. Na frente de quem *tá* ali lanchando, bebendo, conversando ou fugindo do JP.

— Só depois que o boteco fechar à noite — Danny responde por mim. Mente, na verdade.

— Passo na tua casa à noite, então. — Ele sorri para mim e minhas pernas bambeiam. *Que merda!*

— Não pode. — Danny se apressa em dizer.

— Não? — eu e ele falamos juntos e depois de sorrirmos um para o outro, encaramos minha amiga.

— É. Não pode. Nós vamos para uma festa.

— Festa? — pergunto e ela me dá um pisão que me faz desequilibrar do meu salto.

— É, o Dani, vai esperar a gente lá embaixo. Vamos para uma festa com ele e os amigos.

— Hum. Tudo bem. Vejo vocês depois — diz já saindo com a cara fechada.

— *Tá* louca? — sussurro para minha amiga.

— Louca *tá* você. Vai dar para esse cara que você nem sabe quem é!
— sussurra de volta.

— E desde quando isso é impedimento para mim? Conheço-o mais que conheci os demais.

— Isso é bem verdade.

— Fica aqui enquanto não volto — peço para minha amiga.

— Fernanda, não! — ela fala quando saio de trás do balcão e vou atrás do Muralha.

Encontro-o subindo uma ruela rumo a casa dele. Suas mãos fechadas em punho e ele falando sozinho:

— "*O Dani vai esperar a gente lá embaixo...*" — fala com deboche.
— Dani, Dani... duvido que com um apelido desse faça uma mulher gozar.

Alcanço-o e quando coloco a mão em seu braço, ele puxa uma arma sei lá de onde, pressiona-me em uma parede e aponta a arma para o meu peito.

— *Tá* louca? — questiono me largando e guardando a arma. — *Te* machuquei?

— Não — respondo ainda assustada.

— Desculpa. *Tu me assustou.*

— *Tá.* — A Danny *tá* certa, esse cara anda armado, eu mal conheço ele e ainda há a possibilidade de que ele tenha mandado JP me vigiar. — Vou voltar para o boteco.

Saio meio desequilibrando no salto. Estou trêmula e não sei exatamente o porquê. Marcos já apontou uma arma para mim e eu não me assustei tanto. Olhei nos olhos dele quando ele me pressionou na parede e o que vi ali me deu medo. Durante aqueles míseros segundos que ele não sabia que era eu, seus olhos estavam frios e pareciam que se ele tivesse que matar alguém, não se importaria.

— Tu *tá* bem? — Ele me pega quando piso em falso e quase caio.

— Estou. *Me solta.* — Eu me desvencilho dos braços dele. — Sai de perto de mim.

— Quê?

— Você trabalha também para o *Poderoso Chefão*? — pergunto na lata.

— Não, Mafê, não trabalho pra ele — responde surpreso com minha pergunta.

— Mas "*trabalha*" com o Marcos — afirmo.

— E? — ele não nega. Eu queria que ele negasse mesmo sabendo que é verdade.

— Então você também é bandido! — falo sem pensar duas vezes.

— Depende do ponto de vista. — dá de ombros como se não fosse nada.

— Do *meu* ponto de vista, você é bandido, um criminoso. O que você faz é errado.

— É meu meio de sobreviver. De ajudar a galera da comunidade.

— Traficando? — falo rispidamente e ele dá um passo para trás com uma carranca. — Machucando quem *tá* fazendo o certo ao impedir vocês? Isso afeta a todos! Não só a você, um policial bom ou corrupto. Afeta a todos.

— Político pode fazer coisa errada, mas pobre tem de abaixar a cabeça e se envergonhar do que faz para viver? — fala com mágoa na voz.

— Ninguém pode!

— Cada um sobrevive ao seu modo, Mafê! — Ele vira as costas e segue o caminho de antes.

Fico alguns momentos ali, sentada no chão e encostada na parede pensando. Depois que consigo respirar normalmente e me manter de pé, volto ao boteco mesmo com a cabeça cheia.

— Fernanda, você merece mais que um bandido — minha amiga fala logo que me vê.

Dona Carol e seu Filé chegam na hora e depois de cumprimentá-los, saio rapidamente dali levando minha amiga comigo. Ela tem de me explicar o que fez para que o JP ficasse com tanta raiva. Ainda não sei, mas pode não ter sido nada, visto que até quando encostam no cabelo dele, ele falta explodir.



— Pode começar a falar! — falo logo que chegamos à minha casa.

— Fernanda, calma...

— Calma? Danny, você sabe o quanto isso tudo é importante. Sabe que preciso provar à Renata que sou mais do que todos naquela maldita redação acham! Não me peça calma, porque meu prazo *tá* se esgotando e se eu não conseguir... — Minha voz falha e pela primeira vez em muito tempo, as lágrimas vêm.

— Maria Fernanda, olha para mim! — Minha amiga se aproxima. — Você sabe que vai conseguir! Vai calar a boca de todo mundo ali. A Renata acredita que você vai conseguir. Eu e sua mãe também. Então respira, enxuga essas lágrimas e senta no sofá que te conto o que aconteceu. Não foi nada demais. JP que faz tempestade em copo d'água.

— *Tá* bem. — Respiro fundo e enxugo as lágrimas. Sempre confiei no meu talento, não vai ser agora que vou deixar minha confiança vacilar.

Por mais incrível que pareça, escuto calada tudo o que Danny tem a me dizer. No final, chego a uma conclusão totalmente óbvia e inegável.

— JP é um imbecil! — brado revirando os olhos.

— Eu disse que ele estava fazendo tempestade em copo d'água. — Ela levanta, vai até a cozinha, volta com duas cervejas e me entrega uma.

— Mas é sério que todo esse escândalo foi porque você o viu saindo de um lugar que, provavelmente, é o "*Clube da Luluzinha*"?

— Sério. Ele estava falando com uma mulher. Ela estava de costas para mim e ele conseguiu me ver. Não sei o que aconteceu depois, corri para o boteco. — Senta ao meu lado no sofá.

— Então vamos aos fatos: JP tá maluco atrás de você. Você sabe onde fica o *clube da Luluzinha*. Além do mais, por algum motivo o Muralha mandou que o JP ficasse na minha cola.

— Possibilidades? — Ela toma um gole da cerveja e faço o mesmo. — O Muralha é um psicopata obcecado por você.

— Lógico que não! Eu corri atrás dele, para início de conversa. Ele me rejeitou algumas vezes — relembro e entorno a cerveja.

— Vai devagar. Sabemos que você é fraca para bebida — me adverte quando vou pegar outra na geladeira.

— Tá. O que mais?

— JP surtou por que a localização do *clube da Luluzinha* é "ultrassegredo"?

— Não... O pessoal da comunidade, com certeza, sabe. Não é segredo para quem está aqui dentro...

— Só para quem é de fora — ela completa.

— Exatamente. — Danny pega mais cerveja para nós duas.

Tomo mais um pouco da cerveja porque sei onde essa conversa vai chegar e agradeço mentalmente o fabricante dessa marca específica verdinha de maçã verde. É uma delícia e nem sinto álcool e olha que sou

fraca para bebidas. Já estamos cada uma em sua quinta ou sexta latinha quando dou mais um palpite.

— Já sei! — Danny *tá* girando, não sei porque, mas ignoro. — JP quer manter a mulher em segredo para poder te dar uns pegas. — Sorrio e Danny me acompanha, acho que ela está bêbada.

— Verdade! — faz uma cara de surpresa exagerada. — E o Muralha deve ter o mandado ficar de olho em você por medo que a gente descubra as malandragens que estão por aqui!

— Cadela! É isso! — falo me sentindo em câmera lenta. É engraçado e não consigo terminar minha frase.

— Você *tá* parecendo aquelas crianças birrentas — Danny fala e ri também em câmera lenta. É, ela está muito bêbada. — Fazendo bico "axim". — Ela tenta fazer um bico, mas falha fazendo com que a duas deem risadas.

— Tive uma ideia! — Pego meu celular que coloquei em cima da mesa de centro.

Lembro-me de uma de nossas brincadeiras favoritas da época da faculdade. Não nos julgue, mas adorávamos passar trote e nos divertíamos muito. Claro que minha amiga sempre foi mais moralista, mas quando bebia era bem mais liberal.

— Trote! — gritamos juntas.

— *Pra* quem vamos ligar primeiro? — pergunta.

— Que tal para sonsa? — sugiro.

— Ótima ideia. *Me dá* aqui. — Ela toma o celular e liga para Taíza.

A vaca demora a atender e quando finalmente atende com a voz de songa-monga , caímos na risada antes de conseguirmos falar algo. O telefone no viva-voz e ela xingando "o infantil que tá passando trote".

— Beijinhos, songa-monga! — falamos juntas e Danny desliga.

— Acho que não foi uma boa ideia. — Danny pega mais cerveja e eu tomo o celular da mão dela.

— Estamos apenas começando.

Começamos a rir. Não sei por que a Danny está rindo, mas eu estou rindo dela. Sua risada está engraçada, nunca tinha notado o quão estranha era a risada dela. Talvez seja porque ela está bêbada. Não sei. Ligamos para mais alguns números. Danny não fala coisa com coisa, ela diz que eu também não, mas estou me entendendo. Agora que minha mente começou a desacelerar.

— Mais, Cadela! — ela pede e mesmo com o chão girando e alguém tendo colocado uma parede no meu caminho, consigo pegar a bebida e volto para tomarmos.

— São as últimas — falo quando esvaziamos as duas últimas latinhas.

— Ah neeeeeem! Vamos pedir para o Dani trazer mais!

— O Dani não ia viajar? — pergunto.

— Ia! Verdade! Obrigada por me lembrar. — Ela me abraça desajeitada. — Melhor pedir para o JP — falo com o celular na mão.

— Ótima ideia!



Acordo com dor de cabeça. Algum gigante está pisando com muita força no chão fazendo um barulho absurdo. De repente uma luz forte me cega.

— Socorro! — grito.

— Louca — alguém grita com a voz abafada. *Por que tem um gigante no meu quarto?*

Tateio minha mão até a gaveta do criado-mudo e acho uns óculos de sol jogado lá dentro. Coloco no rosto e devagar abro meus olhos. De início minha visão está embaçada e por um momento vejo dois homens gostosos, só de shorts, de pé próximo a mim.

— Acho bom vocês irem embora. Meu pai não vai ficar feliz se imaginar o que aconteceu aqui! Afinal o que aconteceu aqui? — reclamo bocejando e minha voz aumenta minha dor de cabeça. Minha garganta está seca. Preciso de água, muita água.

— Toma logo esse remédio. — Os dois se transformam em um só e esse se aproxima batendo forte os pés no chão e me entregando um comprimido e água.

— Você pode fazer menos barulho com os pés? Parece um gigante pisando — reclamo após engolir o comprimido e beber toda a água.

Ele sai resmungando e viro de lado para tentar dormir. Mal fecho meus olhos e alguém me balança tentando me acordar.

— Não. Só mais cinco minutinhos! — Imploro.

— Se ficar gemendo assim, vou acabar te comendo. — Abro os olhos de uma vez e vejo o Muralha sentado ao meu lado na cama.

— Já acordei. — Eu me sento e ele me entrega uma xícara com café. — O que você tá fazendo aqui?

— Dá para se cobrir? — Ele geme e percebo que a única coisa que cobre meu corpo é meu lençol. Cubro-me enquanto tento me lembrar de quando me deitei ou tirei a roupa. Provo o líquido e quase cuspo quando sinto o sabor amargo.

— Caraca, Eduardo. Não dava para colocar açúcar? — Tento entregar a xícara a ele.

— Toma logo. E sem reclamar.

— "*E sem reclamar.*" — Faço birra. Tampo a respiração e me forço a engolir todo o líquido forte e amargo. — Pronto.

Quando Eduardo sai do quarto, eu me levanto e vou até o guarda-roupa procurar algo para vestir. Não que tenha problemas em ficar nua na frente dele, mas sei que se ele continuar olhando para o meu corpo com aquele olhar de predador, não vou resistir. Encontro a camisa dele que usei quando estava em sua casa e tento vesti-la. Quando consigo percebo que está de trás para frente e para piorar do lado avesso. Tiro-a e me desequilibro ao tentar vesti-la de novo. Mãos encostam-se aos meus braços e me assusto com o calor que percorre meu corpo.

— Relaxa. Vou te ajudar — fala calmo e com a voz rouca. *Quando ele voltou para o quarto?*

Devagar passa a camisa pela minha cabeça e desce as mãos por cima dela contornando meu corpo até meu quadril. Estou acuada no canto onde o móvel encontra a parede. Seus olhos nos meus lábios. O frio na barriga toma conta de mim. Por um momento quero me enroscar nele e

beijá-lo, entregar-me a ele, mas sinto um reboiço estranho no meu estômago.

— Pelo amor de Deus, tu não vai vomitar em mim, né? — questiona fechando os olhos, saio correndo chegando a tempo de despejar tudo no vaso sanitário.

O restante do dia é assim. Eu vomitando e o Muralha ao meu lado reclamando.

— Eduardo, quer saber? — falo lavando meu rosto após mais uma seção de "joelhos, boca aberta e descarga". — Vai tomar no seu...

— Olha o que vai falar! — Ele faz cara feia. Uma cara feia muito linda e sexy, por sinal. O calor aumenta e desisto de só lavar o rosto.

— Tchau, Eduardo! — Caminho até o box e tiro a camisa. A água na temperatura exata do inferno e mudo para inverno na Sibéria ao invés de conseguir colocar no normal.

— *Desvantagens de não ser alta!* — resmungo frustrada.

Pego o shampoo e começo a lavar meu cabelo mesmo tremendo de frio. De repente, mesmo com a água congelante caindo sobre mim, uma onda de calor me envolve, é ele atrás de mim. Rapidamente ele troca a temperatura da água deixando-a extremamente agradável.

— *Tá* melhor assim? — pergunta. Não falo nada, apenas aceno um positivo com a cabeça. — Vou *panhar* a toalha para ti.

— Eduardo... — Seguro seu braço quando ele sai do box. Seus olhos vão para a minha mão, em seguida para meu rosto e, após, para o restante do meu corpo.

— Não inventa. Não vou conseguir, nem querer, parar depois de começar.

— E quem disse que eu quero que pare? — dito isso, avança em minha direção e me pressiona na parede.

A boca de Eduardo toma a minha para si com voracidade. Sua língua massageia a minha e as mãos passeiam livremente pelo meu corpo. Puxo-o mais para perto afundando meus dedos em seu cabelo molhado. A água não cai mais sobre mim, somente alguns respingos. Já Eduardo está encharcado. Meu cabelo continua cheio de shampoo, mas não me dou ao trabalho de tirar. Eduardo quebra nosso beijo para me puxar exatamente para debaixo do jato d'água. E me deixa.

— Aonde você vai? — pergunto com a respiração falha logo que ele sai do box.

— Buscar a toalha. Termina de se banhar. — Então sai encharcando o chão e me deixando louca por ele. Termino de lavar o cabelo, praguejando mesmo sabendo que ele já havia voltado há um tempo e estava me observando.

Saio do box e tiro a toalha das mãos dele bruscamente. Ele sorri surpreso, mas não diz nada. Sigo meu caminho até o guarda-roupa e tiro de dentro um roupão, trocando a toalha que envolve meu corpo por ele. Então uso a toalha para enrolar meu cabelo.

— Dona Carol mandou uma sopa para tu e para tua amiga — ele avisa quando pego meu celular para conferir as horas. Passam de nove da noite e hoje eu deveria estar no boteco para organizar os últimos detalhes do baile funk que teria no sábado da semana seguinte.

— Cadê a Danny? — pergunto notando o número de chamadas perdidas do irmão dela no meu celular.

— No outro quarto. Ela não *tá* tão melhor que tu — fala e se joga na minha cama.

— Não, senhor! Fora! — Gesticulo para ele sair da cama. — *Tá* com a roupa molhada. Sai daí de cima!

— Vem me tirar. — me desafia e prefiro ignorá-lo e ligar para o irmão da minha amiga, já que eu não iria resistir à tentação de estar na mesma cama que ele.

— *Finalmente!* — Dani atende no segundo toque.

— O que aconteceu? Por que tinha dezessete chamadas perdidas suas no meu celular?

— *Eu que te pergunto! Vocês me ligaram ontem pedindo mais suco de maçã verde. O que vocês beberam, afinal?*

— Ai, Dani, longa história — falo desenrolando a toalha do meu cabelo.

— *Fernanda...* — Ele me repreende.

— Danilo... — *brinco.*

Olho para a cama e o Muralha já não está mais lá, na verdade ele está se aproximando de mim sem o shorts molhado. Para falar a verdade, nem cueca ele está usando. Está nu e com um sorriso travesso no rosto.

— Dani, podemos nos falar depois? — pergunto quando o Muralha se aproxima demais e deposita um beijo no meu pescoço.

— *Não mesmo. Conte-me logo o que aconteceu!* — insiste enquanto o Muralha desce um lado do meu roupão deixando uma trilha de beijos do meu pescoço até meu ombro.

— Dani, ficamos bêbadas e só. — Solto um gemido involuntário quando o meu roupão é aberto.

— *Fernanda... Por que você tá gemendo?* — Merda, ele está entendendo errado e já posso ter uma ideia do que está imaginando.

— Não é o que você tá pensando, Dani. — Mais um gemido escapa quando o Muralha roça os dentes em um dos meus seios.

— *Você tá... se masturbando, Maria Fernanda?*

— Desliga. — O Muralha sobe a língua pelo outro lado do meu pescoço até minha orelha e sussurra.

— Dani, eu tenho que ir. A Cadela te liga depois.

— *Fernanda...* — Ele quem geme dessa vez. Droga. — *Me deixa gozar te escutando, vai.*

— Amigo, ela disse que depois fala contigo. — O Muralha tira o telefone da minha mão e depois desliga antes de jogar o meu celular em qualquer lugar. — Cara insistente.

— Concordo. — É minha última palavra antes dele me puxar pela cintura e reivindicar minha boca. Deixo o roupão terminar de descer pelos meus braços e quando ele me levanta, enrolo minhas pernas em sua cintura.

É a mesma urgência da nossa primeira vez. Talvez com um Q a mais que eu não sei explicar. Ele me encosta na parede próxima à porta ainda me

beijando. Quando sua boca deixa a minha, vai deixando rastros pelo meu pescoço e colo, até chegar aos meus seios.

Excitada é eufemismo para definir o estado em que me encontro. Eduardo usa a mão em minha intimidade e quando estou prestes a me libertar, ele para e se posiciona em minha entrada. Ele não entra devagar, pelo contrário. Ele é ágil e o som que nossos corpos fazem ao se chocar são rápidos e contínuos. Ele fala sacanagens, na verdade, grita e retribuo na mesma intensidade.

Depois de um tempo, acabamos os dois sujos e satisfeitos mais uma vez, no chão. Também como na primeira vez, o telefone dele toca, mas ao invés de atender, ele volta a me beijar e a me tocar.

Passa de onze da noite quando saímos do quarto para que eu possa tomar a sopa que dona Carol mandou. Muralha me explicou que Felipe havia batido na porta mais cedo perguntando por mim a mando de seu Filé e que disse a ele que eu estava em casa cuidando da minha amiga que havia bebido demais. Então dona Carol mandou pelo meu vizinho uma sopa para a Danny que no fim, está servindo para nós duas.

— Nanda, nunca mais quero tomar aquela porcaria de maçã verde — ela fala logo que me vê.

Minha amiga está sentada à mesa junto com JP ao seu lado. Ela está usando uma camisa grande e folgada que conheço ser do irmão dela e JP com uma camisa regata "*mamãe quero ser gay*", shorts, e o cabelo impecável como sempre. Já eu, estou usando a camisa do Muralha e ele com somente uma toalha enrolada na cintura.

— Nem eu!

Depois do Muralha e do JP explicarem que nós, as duas bêbadas retardadas, tentamos pedir ao JP mais "*cerveja de suco de maçã*" por telefone, ele veio conferir se estávamos bem, junto com o Muralha.

— Mas por que os dois estavam juntos? — minha amiga pergunta e observo os dois. Muralha como sempre é neutro, mas o JP fica nervoso antes que o próprio Eduardo interfira.

— Porque eu queria saber se tu *tava* bem. O JP vive por aqui, então eu perguntei e bem na hora, duas bêbadas ligaram *pra* ele — ele diz calmo.

— Certo. Estou morta de cansada, preciso dormir. — Levanto me espreguiçando. — Boa noite para vocês. — Mando um beijo para minha amiga e para o JP.

Assim que entramos no quarto, eu me jogo na cama e espero ela afundar indicando que o Muralha também deitou, mas nada disso acontece. Quando abro meus olhos, vejo-o vestindo a roupa ainda molhada.

— Por que *tá* se vestindo? — Eu me sento na cama.

— Vou para casa. *Me dá* a camisa?

— Claro. — Tiro-a e acerto na cara dele. Sei que estou nua e que é por isso que tem uma baba escorrendo pelo canto esquerdo da boca dele, mas *se ele não quer ficar e dormir comigo, quem sou eu para obrigá-lo?* — Obrigada por ter cuidado de mim. Chama a Danny para trancar a porta quando você sair.

Eu me arrumo debaixo do lençol e fecho os olhos, frustrada. Não escuto barulho de passos ou da porta. Não escuto nem a respiração dele. Abro meus olhos e ele continua ali em pé do mesmo jeito que estava há

cinco minutos. Ele parece ponderar e por fim, joga de volta a camisa para mim e, depois de tirar o shorts molhado se deita ao meu lado.

Capítulo 14

Danny

Dinheiro, palavra com significado mais forte que qualquer outra para os meus pais. Glamour, moda, fama, flashes... tudo isso foi o que meus pais sempre quiseram para si, mas apesar de ambos serem nascidos e criados em berço de ouro, nunca conseguiram se sobressair, então acabaram espelhando isso em mim.

Nossa, eu me lembro bem da minha primeira vez sendo o centro das atenções, com os holofotes sobre mim... Mentira, não lembro, mas dona Adriana e seu Flávio, meus pais, filmaram cada detalhe e de tanto assistir — obrigada (!) — é como se me lembrasse. Eu tinha dois anos... era uma bebê bem cabeluda, de olhões chamativos. No comercial para uma marca de leite famosa, uma moça muito bonita fingia ser minha mãe (provavelmente mais mãe que a minha). Eu realmente parecia estar me divertindo e ao fim do comercial a moça ainda brincava comigo por um tempo até que minha mãe me tomava dos braços dela e saía comigo enquanto eu chorava... é, eles realmente filmaram tudo, juro.

Meu irmão, um acidente de percurso, como dizem dona Adriana e seu Flávio, não sofreu com isso. Tudo recaiu sobre mim, feliz ou infelizmente. Não estou contando isso para reclamar... não mesmo! Com tudo isso consegui fazer muita coisa que muita gente não pode fazer e, claro, tive muitas regalias. Eu viajei para o Japão, passei um ano e meio lá, trabalhando. Conheci Nova Iorque, todo o sul da França, Lisboa... estive em festivais como Rock In Rio — Las Vegas, Rio de Janeiro; fui no

Tomorrowland... aproveitei shows, pré-estreias de filmes, peças teatrais... conheci cantores, grandes nomes da moda, atores e muito mais... mas nem tudo são flores! Muitos pensam: “*Nossa, só sabe reclamar... Quem dera eu, ter uma vida boa dessas...*”. Não, não queira, porque a grama do vizinho é sempre mais verde.

O que há de pessoas egoístas, mesquinhas, arrogantes, maldosas, estúpidas e mal-educadas por detrás de tantos sorrisos falsos, histórias inventadas e passando a perna nos outros, nessa vida que eu levava... Nossa, acho que poucos se salvam. Eu passo longe disso. Sim, já fiz a maioria dessas coisas e não nego, mas como minha amiga diz: “*Liguei o foda-se. Não gostou? Foda-se*”.

Quando decidi que cursaria jornalismo, meus pais me proibiram... isso mesmo, *PRO-I-BI-RAM*. O que eu fiz? O que toda garota de dezenove anos com uma conta bancária mais que gorda e fluente em três línguas faria... Tomei as rédeas da minha vida, adaptei meu trabalho aos estudos e cá estou eu: jornalista formada, colunista semanal de uma grande revista. Ganhei prêmio nacional de jornalismo. Agora, o jornal, onde cobiço um emprego fixo há um bom tempo, Rio Azul Notícias, ofereceu-me uma matéria quase impossível: Conseguir uma entrevista com Cadu da Bela Flor, simplesmente o maior traficante da região. O que eu fiz quando perguntaram se eu tinha interesse? Respondi um sonoro (e nada profissional): SIIIIIM!!!!!!!

Só me dei conta do que estava fazendo quando cheguei ao morro e minha amiga jogou isso na minha cara. Então novamente: “*Liguei o Foda-se*”.

Chegar à Bela Flor e descobrir que minha amiga está praticamente de quatro por um cara qualquer já me deixa sem reação. Ok, Fernanda

sempre foi maluquinha, mas nunca se apaixonou, nem por quem se apaixonou por ela... e olha que até hoje meu irmão ainda é maluco por ela...

Fernanda e eu somos as melhores amigas. Se uma chora, a outra sente a dor e tenta fazê-la ficar bem. Se uma cai, a outra ajuda a se levantar. Se uma sobe, a outra vai junto. Somos unidas desde que nos conhecemos. Sempre digo que meu “amor à primeira vista” foi a minha melhor amiga, não um cara. Nossa amizade é uma das melhores coisas que aconteceu em minha vida e ela sempre diz o mesmo.

Amar minha amiga não significa que concorde com tudo o que faz, mas é como disse, somos unidas e é aquele velho ditado: “*Se não pode vencê-los, junte-se a eles*”. Não que eu tenha sido contra bebermos, sabia o quão fracas para bebida somos, mas que mal faria?



Acordo me perguntando que merda devo ter feito depois de toda a bebedeira com a minha amiga. Lembro-me vagamente da maldita bebida verde e de ligarmos para alguém para trazer mais para nós, mas não lembro quem. Minha dor de cabeça é quase tão grande quanto a do porre que tomei com uma modelo russa que trabalhei em uma campanha há alguns anos. Assusto-me quando entro no banheiro e JP está arrumando o cabelo e fazendo poses em frente ao espelho. Não aguento e solto uma gargalhada e ele, sem graça, apenas finge estar arrumando o cabelo.

— Isso é um vício, sabia? — Abaixo a calcinha e sento no vaso para fazer xixi.

— O que? — Ele fica me olhando.

— Quer saber ou quer ficar olhando para minha periquita? — Eu me limpo, subo a calcinha e dou descarga.

— Pode ser os dois? — pergunta analisando meu corpo.

— Ué, se quiser... mas não pode ficar só olhando. Se for olhar, vai ter que dar algo em troca.

— *Tu é* direta, hein? — Eu sai do banheiro para o quarto e fecho a porta louca por um banho.

Depois do banho, apesar da ressaca, já estou melhor.

— Mandei comprar para tu. — Ele me entrega um coco geladinho.

— Nossa, obrigada, JP.

Bebo rapidamente a água do coco, deliciando-me com cada gota doce, enquanto JP me encara.

— O que, JP? Quer que eu sugue o líquido do seu canudinho também? — Olho para o short dele e só então noto que ele já está...

— Mulher, *tu é* doida. — Ele sorri sem graça quando vê que notei, mas não tenta se esconder.

— Nunca neguei. — Dou de ombros e deixo o coco em cima de uma cadeira. — Vai querer provar minha loucura? — Eu me aproximo e passo minhas unhas pelo seu braço.

Em um segundo, ele me pega pela cintura e joga tudo que tem cima da cômoda no chão. Ele solta meu cabelo e enrola a mão nele para em seguida puxar para trás deixando meu pescoço livre para ele.

Sua boca deslizado do meu pescoço aos meus seios e a atenção que ele dá a cada um quase me faz me desmanchar ali mesmo. Ele me puxa um pouco mais para a frente e desce uma das mãos até a parte que mais deseja ele e em seguida é sua boca que desce até lá.

Dessa vez sou eu que segura seus cabelos e surpreendentemente, ele não reclama, pelo contrário. As investidas de sua língua aumentam e ficam cada vez mais prazerosas, fazendo com que eu afunde meus dedos nos fios do seu cabelo.

Ele se afasta quando estou prestes a me libertar e finalmente beija minha boca. Sinto meu próprio gosto em sua língua. JP me puxa ainda mais para a frente, levantando-me da cama. Enrosco minhas pernas em seu corpo e ele quebra nosso beijo me jogando na cama.

Levemente seu dedo indicador passa entre minhas pernas e chego a me arrepiar. Rapidamente a camisa dele voa pelo quarto e seu short cai no chão com um abrir de zíper. O filho da mãe sequer estava usando cueca e, admito, surpreendi-me com o tamanho, não que imaginasse algo mínimo, mas cheguei a imaginar, sim, imaginei, algo mais comum, mas não... ele tinha que ser... surpreendente e de uma maneira muito boa. Depois de vestir uma camisinha, com um sorriso convencido pela minha reação, ele se esfrega em minha entrada, em cima de mim, apoiado em seus braços.

— Por favor — peço ansiosa para tê-lo dentro de mim.

— *Tu quer* isso aqui, né? — Coloca o dedo dessa vez dentro de mim.

— Muito — admito e parece que só isso é o suficiente para ele que comece e entrar em mim.

De início sinto um incômodo e ele, depois de estar já dentro de mim, para um pouco para que ambos nos acostumemos. Sei que disse que ele é... surpreendente e, apesar de imaginar que incomodaria um pouco, não imaginei que seria assim, mas ainda sim estou gostando. Muito.

— Posso? — pergunta no pezinho do meu ouvido e tento falar um sim que sai como o mais puro gemido de prazer.

Primeiramente, ele se movimenta devagar e quando o prazer passa a ser maior que o incômodo, aumenta os movimentos e velocidade. Sua boca me beija, morde, prova, proporciona prazer e seus dedos não ficam para trás nessa.



Acordo em seus braços e me assusto um pouco por isso. Não costumo dormir com alguém, menos ainda acordar nos braços desse alguém. Entre minhas pernas sinto um leve incômodo como se eu tivesse perdido a virgindade pela segunda vez, mas não consigo tirar o sorriso do rosto e antes de levantar para ir ao banheiro, dou um beijo em seu peito.

— Ei, quer comer alguma coisa? — Acordo-o.

— Tu. — Sorri e me joga de volta na cama subindo, em cima de mim.

— Não estou no cardápio. — Sorrio e pisco o olho para ele.

— Meu cardápio é outro, gata. Uma coisa mais VIP. — Morde minha orelha.

— Se você diz... quem sou eu para discordar, né? — Arrepio até os fios frisados do cabelo quando ele beija meu pescoço. O danado descobriu meu ponto fraco.

— Isso aí! — Sua mão desce até o meio das minhas pernas e então, olhando nos meus olhos pergunta: — *Tá* doendo?

— Oi?

— Aqui. — Coloca a mão lá.

— Não. — Sorrio. — Só um pouco incômodo, mas nada demais.

Acontece quando a gente perde a virgindade.

— Porra! — Ele arregala os olhos e paralisa.

— Que?

— *Tu era* virgem? — quase grito e caio na gargalhada.

— Eu estou brincando!

— Porra, faz isso não. Assim eu até broxo! — Ele faz uma careta e se joga ao meu lado na cama.

— Se broxar te ajudo. — Sorrio e dessa vez sou eu quem desce até o meio das pernas dele.



Capítulo 15

Não esperava cuidar de uma bêbada quando devia estar resolvendo a mudanças de rota para receber e enviar produtos, deixei Nordeste e Peixe encarregados disso, quando JP me avisou o que estava acontecendo.

No momento que cheguei à casa da maluca, não sabia se ficava muito puto ou se dava risada. Onde já se viu, ficar bêbado com uma bebida como a que as duas estavam tomando? Deixei JP com a morena maluca que queria bagunçar o cabelo dele "*como nenhuma mulher conseguiu*", segundo ela. Segurei a risada com o olhar de socorro que o "*Ken*" me lançou e levei Mafê para o quarto dela.

Mal fechei a porta, a maluca começou a fazer uma espécie de *strip tease* me deixando excitado e confuso com o que ela queria fazer, tudo ao mesmo tempo. Ela tentou tirar a blusa e essa prendeu em sua cabeça. Então, depois de pedir socorro dizendo ser claustro-alguma-coisa, ajudei-a a tirar. Em seguida ela desce a saia ficando somente com um micro tecido preto que ela ousa chamar de calcinha e um sutiã amarelo.

— Muralha, você é um garoto muito malvado! — se aproxima de mim, devagar.

— Para de graça, Mafê! Vai lá tomar banho! — Tiro os braços dela de mim e me afasto.

— Papai me ensinou a fugir de homens como você! — Ela ri e tira as últimas peças que cobrem seu corpo. — Sabe o que é pior, é que eu sempre fiz isso, mas...

— Mas?

— Eu quero ficar longe, Muralha, sério! Mas sabe... "*Se correr o bicho pega...*".

— "... *Se ficar o bicho come*" — completo, tentando entender o que quer dizer com isso.

— E por que diabos não *tá* me comendo, infeliz? — Ela se joga na cama.

Olho bem para ela. Meu amigo se põe a postos, mas apesar de não ser um exemplo de pessoa, também não transaria como uma mulher no estado em que ela está. Penso o que fazer e quando resolvo *levar ela* para tomar um banho, ela resmunga alguma coisa e percebo que dormiu. Fecho a cortina do quarto, *arrumo ela* debaixo do lençol sem parar para observar, mas continuo duro por culpa dela. Eu me vejo sem o que fazer ali, mas sem vontade de ir embora. Volto para a sala, dou alguns telefonemas para o Peixe, peço para o chefe da patrulha subir o morro, ligo para um dos fornecedores e para Carlinha, a babá do meu filho já que Taíza quase nunca para em casa. Depois que terminou a faculdade que paguei para ela, resolveu trabalhar, mas não foi para viver às custas do próprio dinheiro não. Como ela mesma diz, foi para "*conviver com o glamour*". Se formou em jornalismo e trabalha em uma revista com pessoas tão ou mais fúteis que ela.

Uma batida na porta me tira Taíza dos pensamentos, graças a Deus. Não que eu vá ter uma recaída e reatar com ela, mas não gosto de ficar pensando nela.

Quando abro a porta e um moleque vê quem sou, quase foge correndo, ele até parece calcular a distância que teria que correr, mas imagina algo mais e desiste.

— Ô, é, oi, senhor — fala de maneira tão respeitosa que tenho vontade de gargalhar, mas mantenho uma postura firme e somente aceno com a cabeça. — A dona Carol pediu *pra* mim, falar *pra* gosto... quer dizer, Mafê... eu, digo... É...

— O que a dona Carol quer? — pergunto.

— Que a Mafê vá até o boteco do seu Filé — fala com medo. *Será que tenho cara de mau ou será que isso é só por eu ser quem sou?*

— Diz *pra* dona Carol que a amiga da Mafê tá muito *bêba* e ela vai cuidar dela — falo firme. — E não diz que *tô* aqui, entendido moleque?

— Já é, senhor. — Eu me viro e quando olho para trás, ele já saiu correndo.

Acordo a maluca quase à noite. De início ela não fala coisa com coisa, mas vai recobrando a consciência e quando percebe que estou ali se retrai como se não me quisesse ao lado dela. Admito que isso fere meu orgulho. Várias vezes a maluca corre até o banheiro para vomitar e na última tira a roupa na minha frente depois de quase me mandar tomar no... melhor não comentar. Escuto-a resmungando sobre a temperatura da água e ajusto para ela. Só que me molho inteiro, mas nem a água consegue diminuir o calor que sinto *próximo a ela*. Perco a noção do que ela tinha falado, que queria se afastar, mas que não conseguia, felizmente, quando recobro a consciência saio *deixando ela* sozinha e me xingando, debaixo do chuveiro.

Eu me jogo ainda com o short molhado em cima da cama e ela reclama, não resisto a *provocar ela*, mas assim como eu, Mafê parece disposta a não se aproximar muito. Talvez seja como eu e tenha consciência

de que quando nos aproximamos demais não conseguimos controlar nosso desejo.

Escuto-a ao telefone com o prego com quem a amiga dela havia dito que sairiam hoje. Provavelmente *pra* combinar um horário com ele. Não me seguro, tiro minha roupa e vou até ela. Vejo-a se explicando *pra* ele. Será que os dois tem algum tipo de relacionamento onde possam ficar com outros, mas ainda dão explicação?

A faço desligar a ligação e me delicio com o seu corpo.

Mafê não é o tipo de mulher que se satisfaça de primeira com pouca coisa. Ela é mulher demais para receber só um pouco, ela quer tudo e apesar disso me assustar, também atrai e excita. Ignoro meu celular tocando e continuamos a nos perder um no outro.

Um ultimato, foi o que ela me deu sem que precisasse usar palavras diretas. Simplesmente fechou os olhos, *se aconchegou* no travesseiro e me ignorou. Eu não planejava dormir por lá, mas após imaginar que o tal Dani podia ligar e vir ficar com ela ou ela sair com ele, voltei a tirar a roupa e me deitar ao lado dela. Não, isso não é ciúmes, apenas cuidado do que me pertence. Nordeste que me perdoe e Mafê que admita, pois, essa ruiva sem dúvidas é minha.



Acordo sentindo o cheiro dela, estou duro como uma rocha e prestes a explodir. Sua boca me contorna e sua língua passeia por mim. Uma de suas mãos me massageia e a outra desce as unhas devagar do meu umbigo até meu soldado.

— Mafê, não... — Tento tirá-la de lá, mas não consigo. Suas investidas ficam mais rápidas e acabo me libertando em sua boca.

— Bom dia, Muralha. — Ela me dá um beijo e se levanta usando só minha camisa. Definitivamente, ela fica linda com ela, acho que vou dar algumas para ela... Droga, o que eu estou dizendo? Ela própria disse que sou um criminoso e que queria ficar longe de mim. O problema é que, assim como ela, eu já não consigo ficar longe. Quero ela para mim.

Enquanto ela está no banho, ligo para um dos meus homens e peço traga uma roupa para mim. Quando ela termina, minha roupa já chegou e vou tomar banho.

Saio do banho já vestido e nada de encontrar ela no quarto. Procuo na sala, na cozinha e... não encontro ela! Bato com força na porta do outro quarto e, depois de uns risos abafados, JP abre a porta completamente descabelado. É, afinal a morena conseguiu descabelar ele.

— Danny, cadê a Mafê? — pergunto enquanto JP surta quando se vê no reflexo de um porta-retratos.

— Ué, não tá com você? — fala já pegando o celular e levando ao ouvido. — Cadela, onde você tá? — Ela para *pra* ouvir a resposta. — Tá. Não, só vou tomar um banho.

Antes mesmo de desligar a ligação, Danny empurra o Ken surtado para fora do quarto, bate à porta e tranca. Tento ouvir se diz mais alguma coisa, mas ela não fala nada. Escuto o chuveiro e algum tempo depois ela sai usando uma calça jeans, uma blusa estampada e terminando de passar uma espécie de escova preta nos cílios. *Como as mulheres conseguem não enfiar essas coisas dentro dos olhos afinal?*

— Ei, gatinho. — Ela fecha a embalagem que tem um espelho e uma superfície da cor da pele dela e depois joga dentro de uma bolsa

pequena. — Ótima noite, *tá?* Beijinhos, tranquem a porta quando saírem. — vai rápido à porta da frente, mas impeço sua passagem.

— Pensa que vai onde?

— *Ai, me poupe*, Muralha. Não te devo satisfações alguma. Sai da minha frente — fala e o celular na mão dela começa a tocar.

— Cadê a Mafê? — Pergunto.

— Quando ela voltar pergunte a ela. Agora sai da minha frente que tenho o que fazer. — me empurra e passa por mim já atendendo o celular. — *Tô chegando*, Cadela.

Checo as horas no meu celular. Tinha marcado reunião com um colarinho branco em meia hora e ainda assim saio, desço os três degraus indo atrás da morena.

— Cadu, deixa a mulher! — JP me segura e fico tentado a dar um soco na cara dele. — Uma hora ela volta *pra casa!*

— Tem cinco segundos *pra* me largar se quiser manter esse cabelo na cabeça. — Fixo meu olhar primeiro na mão dele que segura meu braço, depois no rosto dele.

— Desculpa, chefe! — Ele levanta as mãos assustado e volta para dentro de casa.

Logo que chego à escada que leva até a avenida, escuto duas vozes conhecidas. Peixe e Nordeste.

— Mano! *Tá* indo onde? — Nordeste pergunta.

— Tenho uma coisa *pra* fazer. — Dou as costas *pra* ele e vejo a morena quase no fim da escadaria. "*Como raio mulheres conseguem subir e*

descer essas escadas num salto daquele tamanho?", fico me perguntando.

— Não! *Tá doido?* — Peixe que me para. — O homem é coisa grande, não vai deixar passar.

— *Tu e o Nordeste resolve isso!* — Tento descer as escadas, mas os dois ficam na minha frente.

— Não! Cadu, foco! Tu *tá* me vendo atrás da minha ruiva? — Nordeste fala e me seguro para não socar a cara dele quando se refere a ela assim. — Isso é nosso ganha pão, porra!

Depois de algum tempo desisto, pois, sei que sequer vou conseguir encontrar a morena. Ela já deve ter pego um ônibus e seguido caminho *pra* encontrar a ruiva.



Deixo JP de aviso, afinal, mandei que ele grudasse na ruiva, mas ele fez isso com a morena e nem nela foi capaz de grudar. A reunião é um sucesso. Nordeste sai dizendo que depois de tanto trabalho, merece um "*agrado da minha ruiva*". Nessa hora ferveo e ligo para o Ken imprestável.

— Então?

— *Chefia, nem uma voltou. Só que eu bati um papo com o moleque aqui do lado.*

— Fala logo!

— *Ele disse que a Ruiva faz isso.*

— Como assim?

— *Ele bateu a real, chefia. Disse que uma vez na semana, ela desce o morro* — conclui.

— Qualquer coisa *tu me avisa*. — Desligo sem esperar a resposta dele.

Peixe me encara sentado em uma cadeira em frente à minha. Ele não sabe o que tenho feito com a ruiva, mas desconfia que está acontecendo algo.

— Quem te derrubou pelas bolas? — pergunta desconfiado.

— *Me derrubou?*

— Tu *tava* querendo descer o morro e não era por causa do Nick, se não tu falava...

— *Me erra, Peixe. Vou pro meu barraco.*

— *Tu sabe* que não dá certo mexer com o que é dos outros — ele diz e paro na porta.

— *Tô* mexendo com nada de ninguém não, *parça*. — Controlo minha raiva. Se essa ruiva é de alguém, esse alguém sou eu.

— Nordeste é *abestadão*, mas gosta dela — fala sério, ficando de frente para mim. — Que porra, Cadu! Tu pode comer a mulher que tu querer, mas vai atrás da mulher do teu amigo!

— Que dele o que!? Ela é minha, Peixe.

— Porra, foi realmente derrubado. — passa por mim e dá um tapa no meu ombro. — Essa ruiva é problema.

"Acha que não sei?", penso comigo mesmo.

Saio sem saber aonde ir. Penso em ir ao boteco do seu Filé e exigir que ele ou dona Carol me contem onde ela foi. Penso em descer o morro e esperar ela aparecer lá na entrada. Penso até mesmo em ir para a casa dela e

esperar lá. Entretanto, opto por um que mostre que minhas bolas são minhas, não dela.

Vou para o boteco do seu Filé e começo a beber. Entre uma cerveja e outra, fixo meu olhar em uma ruiva de costas para mim, vou até ela e chamo pela *minha* ruiva, mas não é ela.

— Pensei que era outra pessoa — falo para ela.

— Posso ser quem *tu quiser*, gato.

Ela se esfrega em mim, mas apesar de acontecer algo lá embaixo, eu não a quero. Eu quero a ruiva que me acordou com a boca. Quero a ruiva que quer se manter longe de mim tanto quanto, ou mais, que eu quero ficar longe dela. Quero a ruiva que fala de maneira diferente da minha.

— Oh, querida, tira as mãos do *meu* homem. — Quero a ruiva brava que encara a outra que tentava me beijar.

— Ele deu em cima de mim. — A outra se defende ao se afastar de mim.

— Eu não duvido. Agora, chispa daqui! — Ela gesticula com a mão para a outra e se aproxima de mim para me dar um beijo. Até biquinho eu faço, mas em seguida sinto um ardor no lado esquerdo do rosto. — Safado! — E sai me deixando sem reação.



Capítulo 16

Eu havia planejado um dia regado a sexo com o Muralha, tanto que o acordei de um jeito super especial, mas logo que ele entrou no banho e já cogitava acompanhá-lo quando meu celular tocou. Xinguei ao ver o nome e o rosto de Renata estampado na tela.

— Bom dia, Re...

— Sem puxa-saquismo! Tem duas horas para chegar aqui! — fala e desliga. Droga! Aposto que aquela songamonga está por trás desse mau humor da minha chefe.

Tudo bem que ela é minha chefe, não minha amiga como a Danny, mas sempre tivemos uma boa relação desde a época da faculdade quando comecei a estagiar lá.

Rapidamente coloco uma saia escura de estampa étnica, uma blusa preta e um blazer preto puxando as mangas até os cotovelos. Calço uma rasteirinha para descer o morro mais rápido, mas coloco um salto preto de bico dentro da minha bolsa. Passo perfume, pego celular e jogo maquiagem dentro da bolsa para me arrumar no caminho e saio rápido dali. Desço o morro rápido como nunca. Há uma boa distância da comunidade até o bairro onde tenho de encontrar Renata. No táxi, prendo meus cabelos desgrehados em um rabo de cavalo, para tentar disfarçar a zona que ele está.

— *Pra* onde, moça? — o taxista pergunta.

Meu telefone toca e consigo respirar um pouco mais tranquila ao saber que é a Danny e não Renata.

— Só um minuto — peço para ele já atendendo meu telefone.

— Onde você está, Cadela?

— Danny, a Renata ligou — respondo tentando imaginar o que a minha chefe quer comigo. — Por favor, encontre-me lá? Tipo, para ontem!

— Não, só vou tomar um banho.

— Já estou no táxi, esperando aqui embaixo. Você tem quinze minutos. — Desligo.

— Moço, vou esperar minha amiga...

— Não! Olha, dona, tenho um pessoal *pra* buscar no aeroporto depois que deixar a senhora no seu destino.

— Não, não. Já entrei, o taxímetro *tá* rodando. Além do mais, vamos *pra* Riachuelo, ou seja, não leva menos que uma hora, se ultrapassar muito sinal vermelho.

— Mas é lado oposto do aeroporto. Sinto muito, dona, mas não vou levar a senhora não. Pague os 7,30 que já rodou no taxímetro e desça.

— Pagar? Nem desço, nem pago! — falo e começo a passar rímel.

Só noto que ele desceu do carro quando ele já está me puxando para fora. Coisa feia que esses homens de hoje em dia têm de partir para agressão!

— Tira as patas de mim! — grito.

— Dona, pague o que deve que eu tenho que ir embora! — ele reclama apertando meu braço.

— *Me solte! Afinal...* — Então, tenho uma ideia de jerico pela mente. — O senhor sabe com quem está lidando?

— Uma favelada qualquer com espirito de dondoca? Agora me dá licença, dona! Tenho mais o que fazer. — Ele me solta.

— Saia daqui sem mim e vai se arrepender!

— Haha, o que vai fazer? — aproxima-se cético.

Meu celular toca de novo e atendo sem olhar quem é. Danny avisa que já está descendo a escadaria e aproveito a deixa. Vejo de relance um dos idiotas que ficam na escadaria como JP fazia antes de ficar no meu pé.

— Cadu, meu amor, toma cuidado! — falo me arrependendo no minuto seguinte. Afinal nem conheço esse ser sujo, menos ainda acho que esse senhor acreditaria.

Finjo estar confiante. Olho para trás só para lançar uma piscada para o idiota que está no lugar do JP. Fazendo-o dar um sorriso enorme. Enorme até demais. Guardo meu telefone e me viro para o motorista.

— Isso aí, sou mulher do Cadu da Bela Flor.

— Ah *tá* que eu acredito! — o homem fala pálido.

— Não acredita? Problema seu! Deixe-me aqui e amanhã não terá mais esse carro! — ameaço. Droga, o que raios estou fazendo?

— Eu posso te denunciar. Por, por, por... ameaça! — afasta-se me medindo dos pés à cabeça.

Olho para trás mais uma vez e vejo minha amiga descendo às escadas.

— Acabou a conversa! — Aceno para minha amiga e entramos no táxi. — *Pra Riachuelo, agora! Pra ser mais exata, vamos para a "Amo Isso"*.

O homem entra emburrado no carro e me maquio enquanto ele se dirige ao endereço. Ele dirige rápido e calado! Borro meu batom quando ele passa por uma lombada com tudo. Seguro-me para não o xingar de tudo quanto é nome e termino de me maquiar após limpar o borrão. Encontro dentro da bolsa um par de brincos dourados em forma de folha e os coloco assim que o motorista para no prédio.

Minha amiga foi o caminho inteiro xingando a songamonga. Jamais imaginei que houvesse tantos palavrões em nossa língua. Na verdade, escutei uns que eu sequer sabia que eram palavrões.

Faltando quinze minutos para acabar o prazo que Renata me deu para chegar, o motorista estaciona na frente do prédio da redação. Tento pagá-lo, mas ele recusa dizendo que não cobraria da mulher do "Chefão". Deixo o dinheiro debaixo do banco do carona e saio com minha amiga após trocar minhas rasteirinhas pelo salto. Subimos direto para o trigésimo andar e logo que abre a porta do elevador, damos de cara com a sonsa com um sorriso no rosto.

— Ora se não são Salsicha e Scooby-Doo — desdenha.

— Olha, amiga, acho que é o Dick Vigarista! — Minha amiga sorri tirando o sorriso da cara da songamonga. — Até o bigode e o senso de moda são iguais!

Sáimos de perto dela dando risadas e nos dirigimos para a sala da Renata. A pequena placa dourada com seu nome escrito nunca foi tão intimidante. "Renata Barbosa" brilha em néon e letras garrafais, pelo menos

em minha mente. Respiro fundo enquanto Cinthia, sua secretária, anuncia que chegamos.

— Fernanda, a Renata disse para você entrar — fala assim que desliga o telefone. — Sem você, Danny.

— Não. Sem essa, vamos as duas — minha amiga reclama.

— Relaxa, Cadela, eu resolvo isso sozinha. — Bato a porta e após receber uma resposta, entro a fechando atrás de mim.

Renata está olhando alguns papéis em sua mesa, usando seus óculos de grau de marca. Seu olhar sequer levanta para mim. Ela manda que me sente e faço isso. Depois de alguns minutos, ela finalmente olha para mim, tira os óculos e se levanta.

— Maria Fernanda Vasconcelos Meireles. — Começa passando a mão pelo braço da minha cadeira, ela para quando fica à minhas costas.

Renata é uma mulher bonita, poderosa e extremamente intimidante quando quer. É uma boa amiga, uma ótima chefe e uma profissional espetacular. Bem-sucedida e viciada em trabalho. Renata é uma negra linda, de sorriso grande e olhos escuros. Seu cabelo cacheado, hoje está preso em um coque. O corpo, coberto por um vestido branco e justo, acentuando todas as suas curvas e chegando até um pouco abaixo dos joelhos. Suas unhas, sempre bem-feitas, ostentam um esmalte vermelho e em seu braço esquerdo, há um bracelete dourado que ocupa quase todo o pulso.

— Renata, eu tenho enviado tudo certinho para você.

Ela sai e vai até uma estante onde ela ostenta cada edição da "*Amo Isso*" desde que se tornou editora-chefe há alguns anos. Pega uma, a mais

recente cuja matéria destaque na página é minha: "*Como ser sexualmente ativa sem culpa em um mundo extremamente machista*".

— Sabe qual o número de cópias vendidas dessa edição? — pergunta de costas para mim. Eu sei a resposta, até porque foi um recorde de vendas. As revistas se esgotaram nas primeiras doze horas de venda. — A próxima edição já está montada. Estão esperando apenas meu aval.

— Renata, eu não...

— Shiu! Há sete anos, eu me dedico de corpo e alma a essa revista. Sabe quantas vezes conseguimos ter uma edição esgotada em tão pouco tempo no país inteiro? — Eu não sabia a resposta para essa pergunta, então preferi ficar calada enquanto minha chefe voltava para o seu lugar à minha frente, com a edição recorde ainda em mãos. — Essa foi a primeira vez que isso aconteceu no país inteiro!

— Renata, desculpe, mas não estou entendendo.

— Fernanda, sua matéria, sua coluna, são simplesmente magníficas. — Ela sorri e finalmente consigo respirar.

— Por Deus! Pensei que eu estava despedida, ia ter de desistir do projeto ou algo assim...

— Não, você não está despedida, até porque, sua matéria "*Esqueça as predefinições da sociedade*" já está na capa da "*Amo Isso*".

— Renata!!!! Não acredito. — Sorrio para ela completamente emocionada.

— Você merece, Fernanda. — Ela sorri, mas volta a seriedade rapidamente. — Olha, essa sua pesquisa de campo, ou seja, lá como você

chama, já dura um tempo e você ainda não conseguiu resultados significativos quanto ao objetivo final.

— Aí que você se engana! — Eu me levanto e vou até o lado dela lhe estendendo uma pasta com um breve rascunho

Por alguns minutos ela se foca nas minhas palavras naquele papel. Não expressa emoção nenhuma. Admiro mais uma vez a bela sala que ela tem. Não há paredes atrás dela, pelo menos não de cimento, concreto... há simplesmente vidro. As laterais são paredes normais, em tons de marrom e na parte da frente também. O que a separa do restante do escritório é sua porta de madeira. Sua mesa é de mogno, muito bem organizada. Há um pequeno espaço para reuniões mais simples do lado esquerdo da sala e um sofá preto próximo à estante onde ela coloca cada edição da "“*Amo Isso*”". O chão polido, quase dá para ver o próprio reflexo.

— Fernanda — indica a cadeira, novamente, para que me sente e faço isso. Ela retira os óculos e deposita-os sobre a mesa. — Você tem dois meses para terminar com isso ou sua verba será barrada.

— O que? — Levanto de uma vez e a porta abre de repente com Danny caindo por cima da Taíza.

— Vejo que as duas estão muito interessadas na reunião. Entrem e fechem a porta! — Renata fala e Taíza sustenta um sorriso que não cabe no rosto. *Songamonga maldita que acha que vou me dar mal!*

— Renata, o combinado era que eu finalizasse em três meses! — argumento ignorando a presença da songamonga.

— As coisas mudaram, Fernanda. Você tem dois meses. — Volto a me sentar. — E você, Daniela, como está indo sua matéria para a seção de notícias?

— Já enviei a você todas as informações por e-mail — Danny diz direto ao ponto.

— Certo. — Ela digita algo no notebook e em seguida, volta-se para Taíza. — E você, Taíza, tudo pronto para a premiação?

— Mais que perfeito, Re. — Sua voz de taquara rachada me traz de volta a realidade e me levanto acompanhada da minha amiga. — Aliás, sobre o que é o trabalho de vocês mesmo?

Taíza metida simplesmente porque trabalha na seção que trata de famosos. Para mim, ela é apenas uma fofqueira, mas fofoca vende como sexo, então não ousou falar nada, pelo menos não para minha chefe.

— Renata, você não disse o que achou do texto.

— Fernanda, está muito bem escrito como sempre, mas falta algo. Eu quero o final dessa história. Nessa edição a matéria de capa é sua — ela diz.

— Ai, Re, a que eu trouxe hoje cedo sobre o romance gay entre o...

— Não, Taíza! — Renata a corta. — Não quero essa fofoca como destaque. Aliás, já a colocou no site?

— Não, eu...

— Vai logo, Taíza. — Renata dispensa a sonsa com a mão e me sinto tentada a dançar *Flawless*, da Beyoncé.

— Vocês, boa sorte na comunidade Bela Flor. Estão precisando — fala e também nos dispensa.

Cumprimentamos Cinthia na saída e nos dirigimos para o elevador falando com um ou outro colega. Logo que entramos e as portas começam a

se fechar, Taíza põe o braço na frente para que não feche.

— Fernanda, querida, fica de olho, seu emprego está com os dias contados — diz com um sorriso ridículo no rosto.

— Dick Vigarista, desista, jamais vencerá essa corrida maluca. — Sopro um beijo para ela e as portas se fecham num *timing* perfeito.

Saímos do prédio com minha cabeça a mil. Danny insiste que essa noite temos de sair, aproveitar que não estamos na comunidade e que aqui tem muito mais coisas a se fazer.

— Cadela, não estou com cabeça para isso. Vou almoçar com minha mãe, depois vou para a comunidade.

— Posso ir com você?

— Claro.

Almoçamos com minha mãe em um restaurante de comidas típicas. Comemos desde banana frita até nossa amada feijoada. Depois fomos para minha casa, onde minha mãe agora estava morando e fizemos brigadeiro. Danny resolveu dormir em casa e eu, mesmo com os protestos de minha mãe, voltei para comunidade completamente cansada. Eu sequer havia falado com o Muralha antes de sair. Queria vê-lo. E estou vendo-o, agora, com uma ruiva de farmácia, não que eu seja natural, jogando-se em cima dele e ele aceitando. Para mim culpada não é a mulher que dá em cima do homem, culpado é o homem que dá moral. Claro que tem umas que realmente não prestam, mas na maioria das vezes a grande verdade é essa. Afinal, quando um homem casado arruma uma amante, você não vê a mulher indo na casa dele e dizendo: "*Oi, quer trair sua mulher comigo? Eu amaria ser sua amante.*". Não, você não vê isso.

Aproximo-me dos dois, mando ela chispar e dou-lhe um tapa bem merecido na cara, afinal, ele teve a audácia de ir onde trabalho, quase se pegar com outra e ainda fazer um biquinho incrivelmente sexy para receber beijinho! Tapa mais que merecido.

Caminho rápido para casa, louca para descansar.

Mal fecho a minha porta, já escuto uma batida insistente. Parte de mim quer que seja o Muralha, para acabar com minha raiva com sexo selvagem, já minha outra parte também quer que seja ele, mas se arrastando, humilhando e, claro, finalizando com sexo. *O que? Somos ótimos nesse quesito.*

Mais batidas ecoam e frustrada, saio da cozinha com um copo de água gelada. Abro a porta rápido e jogo a água na cara dele. É uma pena que quem está ali não é ele, mas sim o Marcos. *Droga, por que raios atraio essas coisas?*

— Ruiva! — ele grita. — *Tá pirada?*

— Ai, meu Deus! — Tento me desculpar, mas além de não querer, não consigo porque estou me acabando de rir.

— Ruiva! Para de rir — ele reclama, tirando a camisa e me permito parar e babar pelo seu tanquinho por um segundo apenas porque logo me lembro de que se trata dele, o chiclete mais grudento do mundo em pessoa. — *Vai me deixar entrar?*

— Claro. — Dou passagem rindo ainda mais quando ele tem uma espécie de tremelique e entra batendo o queixo.

Para um homem tão grande e forte e que sabe usar a língua e os dedos... E perigoso! Foca, Mafê. Aliás, lembre-se que o pior é o grude que

ele é.

— O que você quer, Foice?

— Hum! Foice por quê? — Ele faz uma careta ainda batendo o queixo. *Nada sexy, isso é fato.*

— Foco! O que você quer?

— Ruiva, *tô* com saudade! — Tenta me abraçar, mas eu desvio. — *Tá* na hora de parar com esse castigo.

— Não é castigo, Marcos. Apenas acabou! Por que não se conforma? — Olho para cara de cachorrinho abandonado dele.

— Eu faço o que *tu quiser*. Quer que eu paro de fazer *as coisa* pro Cadu? Eu paro! Quer que eu te dê a câmara nova? Eu *dô!* Levo tu na loja para escolher... — Olho rápido para a câmara que peguei no meu quarto antes de voltar para a comunidade hoje, mas quando volto o meu olhar para o Marcos, o encontro ajoelhado e chorando. Eu *me seguro muito para não rir e mando que ele se levante*.

— Volta *pra eu*, Ruiva. — funga.

— Por que não te apresento uma amiga, Marcos?

— Mas eu quero tu. — Ele caminha de um lado para o outro e segura forte meus braços.

— Você está me machucando, Marcos.

— Por que tu *num* quer ser minha? — Ele ainda chora, melega escorre pelo seu nariz, mas suas mãos apertam de maneira nada agradável meus braços.

— Eu estou namorando. — Minto.

— Mentira! JP disse que *tu não tem* ninguém! — Volta a andar de um lado para o outro.

— Mandou ele me vigiar? — grito com raiva. *De onde ele tirou que tem algum direito sobre mim? E mais, por que JP não comentou sobre o Eduardo? Essa história está estranha.*

— Ele disse que *tu num tem* ninguém! — grita de volta. — Então por que *tu não me quer*, Ruiva?

De repente, o homem furioso que estava na minha frente a apenas um segundo, se joga no chão e começa a fazer birra como essas crianças que vemos em supermercados quando os pais negam algo. Não seguro a risada. Gargalho enquanto ele diz que me quer e rola pelo chão igualzinho mesmo a uma criança.

— Levanta, Marcos! — peço sorrindo e tento puxá-lo, mas além da minha saia subir deixando parte do meu bumbum de fora, acabo caindo por cima dele que, apesar de torto, não é pequeno não.

— Só essa vez, Ruiva! — Ele geme e aperta meu bumbum.

— Tira a mão daí, Marcos. — Tento me levantar e ele me segura.

Sinto um vento no lugar onde a saia deveria estar cobrindo. A porta foi aberta e uma voz raivosa ecoa.

— Nordeste! — É o Muralha. Não sei se agradeço e corro em sua direção ou se corro na oposta, para longe, depois de ter visto seu olhar matador.

— Agora não, deixa eu me resolver com minha ruiva! — Ele volta a me apertar e continuo tentando me soltar.

— Já disse para me largar, Marcos! — Sou puxada e em um segundo estou de pé. Muralha me arrancou dos braços do amigo.

— Pô, *brother*, tem que parar de atrapalhar eu assim! — Marcos levanta rápido e me encolho nos braços do Muralha.

— Vou dizer uma vez, Nordeste! Homem sabe escutar um não, cacete! Vai atrás de outra mulher se essa *num* te quer! — ele esbraveja e Marcos fecha a cara.

— Ela só disse não porque tu apareceu!

— Verdade, Mafê? — O idiota tem a audácia de me perguntar.

— Marcos, se eu não queria nada contigo antes, agora quero menos ainda! Pinto torto mentiroso! — Eu me desvencilho dos braços do Eduardo, empurro o Marcos e vou para o meu quarto. Tranco-me no banheiro por pelo menos meia hora. Saio de banho tomado e pronta para dormir.

Paro quando vejo o Eduardo deitado em minha cama, mas o ignoro. Seco-me, deixo a toalha cair e sei que seu olhar está em mim. Visto um short e uma blusa para dormir. Mesmo não tendo costume de dormir vestida, é melhor não correr o risco com este idiota ao meu lado. Apago a luz e me deito embaixo das cobertas do lado vago da cama. Ele não diz nada. Mal ouço sua respiração.

— Você é um grande idiota que sequer deveria estar na minha cama agora — falo me virando e deixando nossos narizes se encostarem de tão próximos que estamos.

— Tu *tava* em cima dele e a mão dele na tua bunda!

— Mas mesmo me ouvindo falar para ele me largar, pensou que só falei porque você estava vendo — falo magoada.

— Eu *num* sei... Desculpa? — diz tímido.

— É, tem mesmo que pedir desculpas! Você só fez merda hoje. — Ele me puxa para seus braços apoiando o queixo em minha cabeça.

— Eu não ia pegar aquela ruiva não.

— Você estava dando moral.

— *Tava* nada. Ela que é uma oferecida e *tava* se jogando em cima de mim. — Tenta se defender.

— Ah, nem vem que não tem. Não jogue a culpa só nela. Você também tem sua parcela de culpa.

— *Nós não é* um casal — fala e sinto um frio no estômago e uma dorzinha no coração.

Ele está certo, não somos um casal, mas poderíamos ser. Essa brincadeira de gato e rato vai cansar e, pelo menos por enquanto, eu o quero só para mim.

— Ok. — Faço ele me soltar e viro de costas para ele. — Pode ir embora, por favor?

— Não entendo o que *tu quer!* Ontem não queria que eu fosse embora. Hoje quer que eu vá! — Ele levanta, acende a luz e começa a se vestir com raiva.

— Vou te dizer o que eu quero, Muralha. — Eu me sento na cama e ele para um pouco. — Eu quero alguém para transar muito.

— Isso *nós pode* fazer!

— Mas eu também quero alguém para dormir de conchinha, para assistir filmes comigo e me aguentar na TPM!

— *Nós pode* tentar isso! — senta perto de mim e acaricia meu rosto.

— Mas eu preciso de exclusividade. — Ele para o gesto de carinho. Levanta, anda de um lado a outro sem parar. — Esquece, Eduardo. Vai para casa e me deixa quieta. — Deito.

— Mas *tu vai* deixar o tal irmão da tua amiga? — para e me olha sério.

— O Dani? Mas ele...

— Não! Se eu não posso comer outras, *tu não pode* dar para outro. Acaba com esse lance com ele — fala e tenho certeza de que é ciúmes.

Ele gosta de mim tanto quanto gosto dele!!!!

— Muralha, vem cá. — Abro meu melhor sorriso e ele se aproxima. — Eu não tenho nada com o Dani!

— E por que tu *tava* dando satisfação para ele ontem?

— Porque a irmã dele está aqui comigo. — Ele quem abre um sorriso agora.

— Então *tu nunca teve* nada com ele?

— Bom... — Começo, mas quando vejo o sorriso dele se fechando, opto por negar. Uma mentirinha a mais não faz mal. — Não.

Logo que a última palavra sai da minha boca, ele me beija. Puxo seu cabelo nos aproximando e ele geme em minha boca. Em questão de segundos, a roupa que ele havia vestido a pouco e a minha saem de nossos corpos.



Estamos suados e ofegantes quando o Muralha se joga ao meu lado na cama e me puxa para os seus braços.

— *Pra* onde tu foi hoje cedo? — pergunta quando estou quase inconsciente.

— Eu tenho uma vida fora da comunidade.

— O que *tu veio* fazer aqui no morro?

Mando Morfeu a merda abrindo meus olhos e respiro fundo pensando no que responder. Claro que não posso falar a verdade. Pelo menos não a verdade completa.

— Eu escrevo.

— Escreve livro? — Sua mão passeia pelas minhas costas.

— Não. Eu escrevo para uma revista. — Ele fica tenso embaixo de mim.

— Que revista?

— Você não me conta nada sobre você. Eu falo algo sobre mim e você faz o mesmo.

— A gente já tentou isso. Não funcionou.

— Porque você tem medo de me falar quem você é! — Murmuro com a boca em seu pescoço.

— *Tu sabe* quem sou eu.

— Sei quem você me mostra. — Mordo sua orelha. Já expulsei Morfeu mesmo, que se dane o resto do sono. — Quero saber mais.

— Hum, beleza — ele geme. — O que *tu quer* saber?

— O que você faz?

— Tu já sabe e não gosta da resposta. — Ele fica momentaneamente tenso, mas logo que beijo sua boca, ele volta a relaxar.

— Então você trafica drogas... — Beijo seu pescoço e vou descendo até a linha de pelo abaixo do seu umbigo enquanto ele geme.

— E tu?

— Sou colunista da revista "*Amo Isso*", já ouviu falar? — Quando chego onde quero, sou virada ficando com as costas apoiadas na cama e com meus braços e pernas imóveis.

— Aquela vagabunda que te mandou aqui? — grita e me assusto. Não tínhamos apagado a luz do quarto, pois além da preguiça que eu estava sentindo, não queria sair dos braços dele e ele também não queria isso. — Fala. Foi ela que te mandou?

— De quem você está falando? — Tento me soltar, mas não consigo.

— Não acredito que ela te mandou! — Ele aperta um pouco mais meus pulsos e dou um grunhido de dor.

— Você está me machucando. — Além da fúria que estampa seu rosto, seus olhos estampam dor. Ele sai de cima de mim, anda de um lado para o outro completamente transtornado.

— Não acredito que caí na tua conversinha fiada! — ele grita me assustando ainda mais. Encolho-me brevemente sem saber o que fazer, mas logo me recomponho. Seja lá o que ele acha que estou fazendo ali, está equivocado.

— Eduardo, presta atenção. — Levanto enrolada no lençol, mas não me aproximo dele. — Você pode me explicar o que aconteceu? Então podemos conversar de maneira civilizada.

— Que porra! *Tu é* mais uma da laia dela! — Ele dá um soco na porta e grunhe, acho que de dor.

— Da laia de quem? — eu quem grito agora. — Que merda, Muralha. Não estou entendendo esse surto!

— Taíza! — fala o nome da songamonga e congelo. *Afinal, como ele conhece ela?* — Ela te mandou pra cá? — Ele se aproxima de mim e fico acuada de costas na parede. — Quanto ela te pagou para tu dormir comigo?

Pela segunda vez na noite, minha mão vai de encontro ao rosto dele. Porém, dessa vez, o estalo é bem maior e estou ali, frente a frente com ele, para ver ser delineada a marca da minha mão.

— Filho da mãe! Eu não faço ideia do que você está falando! — Empurro-o enquanto ele ainda está estático. — Sim, eu conheço aquela sonsa, mas não sei de onde você tirou que eu a ajudaria em qualquer coisa. — Empurro-o mais uma vez. Ele parece assimilar as informações. — Eu não sou uma garota de programa para transar com alguém por dinheiro! Se eu transei com você, foi porque eu quis. — Coloco meu dedo em seu peito e empurro-o fazendo com que ele bata as costas na porta. — Eu dei para você porque eu quis. Porque eu queria me satisfazer. Não porque uma imbecil que fofoca sobre famosos que tem alguma relação com você me pagou!

— Mafê...

— Cala a boca! Eu não terminei! — grito. — Meu nome é Maria Fernanda Vasconcelos Meireles. Sou colunista da seção de *"Amor, Sexo e*

Comportamento" na revista "'Amo Isso'". Trabalho lá há quase três anos e só recentemente as portas começaram a se abrir de verdade para mim. Há alguns meses eu propus uma matéria para minha chefe e ela aceitou! — Afasto-me dele quando tenta tocar em mim. — Vim para a comunidade por isso. Taíza não faz mais do que tentar infernizar minha vida naquela redação. Não sei qual sua relação com ela, mas também não quero saber. Pensei que você ser um *criminoso* era o seu pior, mas agora sei que não. — Ele tenta se aproximar, mas recuo. — Se tem um pingo de caráter, sai da minha casa. Agora!

— *Me escuta!* — Ele se aproxima e continuo a recuar.

— Se você não sair daqui, faço um mega escândalo e *toda* a comunidade vai me escutar e vir aqui. — Ele para. — Está disposto a isso? E que tal disposto a sair na minha próxima matéria?

— Não pode publicar nada sobre mim!

— Eu quero que você vá embora daqui. Agora!

— *Nós tem* de conversar!

— Não, nós não temos que conversar. Eu tenho que terminar meu trabalho, ir embora dessa comunidade e você tem de continuar nessa vida suja!

— Eu sabia que *tu era* uma filhinha de papai!

— Sai. Daqui!

— Eu escutei tudo o que *tu quis* dizer. *Tu queria* saber minha história, então pode tratar de sentar essa bunda na cama porque é longa!



Capítulo 17

Ao ouvir o nome da mesma revista onde Taíza trabalha sair da boca da Mafê, um ódio tomou conta de mim. Só o que me veio à mente é que Taíza a colocou aqui para que me enlouquecesse ou algo assim, já que é isso o que a maldita ruiva tem feito. Tentado me enlouquecer!

O medo que vi em seus olhos fez com que eu me afastasse dela. É a segunda vez que causo essa reação nela e é a segunda vez que quero morrer por ver isso em seus olhos. Não me importo de levar o segundo tapa da noite, apesar de que meu rosto está ardendo e que eu jamais deixei que mulher nenhuma fizesse isso.

Quando começa a falar o porquê de estar ali, a mágoa pelas merdas que falei estampam sua voz. Porém, mesmo que ela fale da minha ex com tanto desprezo, não consigo parar de pensar que ela *tá* ali por causa da Taíza. Quando Mafê termina de falar, sei o suficiente para saber que realmente tenho que me afastar dela, mas ainda assim, continuo querendo tomá-la em meus braços e mandar o mundo ir se foder. Quero gritar que ela é minha e de mais ninguém. Claro que não farei isso. Somos de mundos diferentes, somos diferentes! *E ela é um dos inimigos. Uma jornalista.*

Não é de hoje que tentam descobrir a cara do chefão da Bela Flor. Pelo que sei, quem conseguir, vai ganhar uma boa grana. Claro que alguns já chegaram muito perto de conseguir, mas ninguém nunca conseguiu publicar. Nunca conseguiram me apresentar ao mundo.

— Eu não quero ouvir o que tem a dizer! — Ela abre a porta do quarto me mandando sair.

— *Tu vai me escutar nem que eu tenha que te amarrar!* — Puxo-a pelo braço e a obrigo a sentar na cama.

Fecho a porta e me visto, ela pega o roupão que *tava* jogado no chão e o veste. Ela fica surpreendentemente calada, mas seu olhar desafiador não sai do meu.

— Eu conheci a Taíza quando *nós ainda era* moleque. — Começo. — Tinha vez que eu ajudava o pai dela em troca de bobagens ou moedas. Eu tinha doze anos quando meu pai me trouxe *pro* morro. Ele morreu. *Um tira matou ele.* — Sinto um nó na garganta e ignoro pulando meu ódio e revolta sobre essa história, pois ele não era bandido. — Eu não tinha ninguém, a família dela cuidou de mim. A gente se aproximou. Ela me entendia, também me apoiava e me ajudou. *Começamo* a namorar escondido, antes mesmo do polícia matar meu pai. Quando completei dezesseis *nós assumiu pros* pais dela — relembro a cena. Foi uma coisa estúpida, namorar Taíza. Só que naquele momento eu precisava dela e ela estava lá. — Os pais dela *num* gostaram muito da ideia, mas *continuamo* junto. Fui trabalhando e juntando grana porque ela queria vida boa e eu queria dar *pra* ela essa vida. *A gente foi morar juntos* no nosso barraco quando completei dezoito. Eu já era reconhecido no meu trabalho. — Olho para ela que me encara com aquele belo par de olhos verdes. *Será que se soubesse que eu sou o Cadu continuaria me olhando assim sem a repulsa com que muitos me olham?* — Um dia tudo parou de ser suficiente para ela. Ela quis descer o morro, morar num bairro de grã-fino e realizar as bobagens que sonhava. Queria conhecer gente famosa, ser famosa. Eu não. A gente separou. Paguei o estudo dela. Mando dinheiro para ela todo mês. E vou ver o meu filho *duas vez* no mês.

— Espera! — ela finalmente fala alguma coisa. — Você tem um filho? Não. A *Taíza* tem um filho? — Não me surpreende que ela não saiba. *Taíza* tem vergonha dele desde que tudo aconteceu.

— É. A gente tem.

— Mas, não... A *Taíza* não tem... não tem como! — Ela levanta e começa a andar de um lado para o outro. — A *sonsa* que eu conheço, não é tua ex. — fala por fim.

— Como sabe?

— A *Songamonga* não tem filho. Ela viaja o tempo todo para cobrir eventos e premiações... não tem como. Nenhuma mãe ficaria longe de um filho por dez dias. Às vezes ela fica quinze dias fora de Rio Azul.

— Ela *num* é lá nem uma mãe do ano não — falo frustrado. Meu filho só mora com ela porque não tenho uma alternativa melhor. Ele é uma criança muito especial e apesar de tudo, ama a mãe. A ruiva me encara de boca aberta. Ela ainda está magoada e parece se lembrar disso, pois caminha até a porta e abre para mim.

— Já contou sua história e eu já escutei. Agora pode ir. — Ela segura a porta. *Como ela se sentiria se soubesse que essa é a casa que construí para mim e Taíza?* Fico calado e sigo parando na frente dela.

— *Taíza* te mandou aqui?

— Imbecil! — ela grita. — Quantas vezes tenho que dizer que eu não vim por causa daquela *Mosca Morta*?

— Sobre o que é tua matéria?

— Quando sair, faço questão de te mandar autografada uma edição da revista. — Ela sorri debochada.

— Não brinca comigo. — Dou um passo em sua direção, mas ela não recua.

— Quem disse que estou brincando? — Nossos rostos estão a centímetros.

— Eu posso te jogar naquela cama e te fazer gritar o que eu quero saber.

— É você tentando e eu gritando... — Sorrio pela batalha ganha. — Gritando por socorro! Grito que está tentando me violentar e que não é a primeira vez. Grito que você não conseguiu me dar um único orgasmo. — A maldita estampa um sorriso vencedor no rosto.

— Isso é guerra?

— Pode ter certeza que sim! — Ela dá um passo, colando nossas bocas. Coloco uma mão em sua nuca e com a outra puxo sua cintura. Estamos colados, ofegantes e quentes. — Foi selado. Que vença o melhor. — Ela me dá mais um selinho e só então percebo que já estamos na sala e depois de abrir a porta, ela me expulsa e a tranca em seguida.

Droga, não consigo pensar direito quando beijo ela. Na verdade, não penso direito quando ela está perto.

Pego meu celular finalmente me permitindo ligar ele. Vinte e oito chamadas não atendidas da Taíza. Isso não pode ser bom!

— Como tá meu filho? — pergunto logo que ela atende.

— *Boa noite, meu amor. Já dispensou a vadia da noite? Ou será que ainda nem escolheu?*

— *Por que diabos tinha tanta chamada perdida tua? — ignoro o veneno que ela solta.*

— *Vou levar o Nicolas aí.*

— *O que? Taíza...*

— *Eu sei! Sem blá, blá, blá... Meus pais querem ver ele.*

— *Manda irem na tua casa...*

— *E deixar que todo mundo veja quem são eles? Não, obrigada. Prefiro que não saibam que sou filha de favelados.*

— *Não acredito nisso! Teus pais são pessoas.*

— *Continuam favelados... Liguei para avisar que tem que mandar alguém para ajudar a subir esse... o Nicolas.*

Combino com ela o horário e não sei se fico feliz em saber que meu filho vem aqui ou se fico apavorado.



ALGUNS ANOS ANTES

Como todos os dias, Taíza e eu estamos nos beijando atrás de umas caixas de papelão em um beco próximo à minha casa. Entre um beijo e outro e risadas, escutamos vozes. Nós nos encolhemos um pouco para não sermos descobertos e também para ficarmos um pouco mais juntos.

Nós nos apaixonamos e estamos esperando a hora certa para que eu fale com seus pais.

— É o tio Nick e aquele amigo tira dele — diz espiando através das caixas.

Ela está certa. São os dois. Meu pai e um amigo dele. Ao contrário do que costuma acontecer quando os dois se encontram, dessa vez eles discutem. Meu pai tenta se afastar. Ele está a caminho do trabalho, já deve estar atrasado, na verdade. De repente o amigo dele puxa uma arma não sei de onde e covardemente atira em meu pai pelas costas.

Tento correr até lá, mas Taíza consegue me segurar, não que ela seja muito forte, mas ao ouvir o segundo e o terceiro tiro, desabo no chão e Taíza coloca a mão na minha boca e na própria, impedindo-nos de fazer qualquer barulho que denuncie nós dois ali.

O homem que se dizia amigo dele e que eu chamava de tio e que eu tanto admirava, sai sem olhar para trás, deixa meu pai no chão sangrando e inconsciente. Morto.

Depois disso, tudo não passa de um borrão e de repente estou ao lado do caixão do meu pai sem conseguir derramar uma lágrima e só conseguindo pensar que assim como quis ser um bom policial um dia, como o amigo de meu pai, agora quero ser o maior bandido de todos e um dia conseguir me vingar de quem me fez tanto mal.



PRESENTE

Nordeste e Peixe chegam cedo a minha casa, como ordenei. Explico para eles que preciso de um homem de confiança para acompanhar meu filho e a babá, já que duvido que Taíza ficará por muito tempo. Como a conheço bem, posso dizer com certeza absoluta que ela vai embora deixando meu filho para trás menos de uma hora após ter chegado.

Nordeste fica encarregado de acompanhar, junto com um novo funcionário, Taíza, meu filho e a babá. Tudo está pronto para quando eles chegarem.

Recebo uma ligação de Taíza avisando que já está próxima à entrada da comunidade. Ao lado da escadaria há um caminho por onde taxistas e moto táxis que a quem forneço uma licença especial possam subir e descer o morro constantemente, já que nem todos de Rio Azul têm coragem de subir – não que aqui seja perigoso – ou quem mora na comunidade não costuma ter veículos.

Nordeste, e o novo rapaz, junto com três outros homens armados vão encontrá-la. Os homens que estão de plantão na entrada avisam quem está subindo, pois costumamos monitorar a entrada de veículos à comunidade e em questão de minutos recebo a ligação de Nordeste confirmando que já está com eles. Poucos segundos após finalizar a ligação com Nordeste, meu celular toca e, claro, é Taíza.

— *Já estou indo até meus pais. Te espero lá, precisamos conversar.*
— Anuncia e desliga antes que eu possa falar qualquer coisa.

Droga!

Saio rápido em direção ao boteco do seu Filé, pai dela, já imaginando a cara que dona Carol fará ao me ver lá. Não que eu me importe, mas sabendo que o neto deles está longe em parte por minha causa me sinto um pouco mal. Sei como ela se sente, mas ao contrário dela, eu costumo ver o Nick quando quero. Taíza é mais rígida quanto aos pais. Seu Filé, um homem da favela e que não nega suas origens, a envergonha. Taíza não se conforma em saber que dona Carol deixou a vida dela como doutora advogada *pra* viver na comunidade com seu Filé. Sinceramente não consigo

me lembrar de quando ela mudou tanto, quando passou de alguém que amei a alguém que só me traz raiva e desprezo.

Chego à esquina do boteco e dou de cara com o JP.

— Chefia, ela *tá* aí dentro. — Ele avisa nervoso.

— É, eu sei. Trouxe o Nick para ver seu Filé e dona Carol. — Volto a andar e ele se põe na minha frente.

— Não, chefia. A ruiva *tá* lá dentro! — fala e estremeço. Estou preparado para enfrentar a ruiva que vem me enlouquecendo e minha ex-mulher de uma vez só?

Será que ela sabe que seu Filé e dona Carol são os pais da Taíza?

— *Bora* comigo, JP. — Ele me acompanha.

Logo que meus pés pisam na calçada, vejo as duas se encarando como dois lutadores antes da luta.

Taíza sempre foi bonita, mas admito que ficou ainda mais nos últimos anos. Ela é morena clara, não muito alta, tem cabelos negros e longos. Não sorri muito, mas quando o faz verdadeiramente, ilumina o ambiente. Tem pernas grossas e quadril pequeno, cintura fina e seios maiores graças a uma cirurgia que me fez pagar. Suas roupas caras contornam seu corpo e um salto possivelmente maior que os que a ruiva costuma usar, sustenta seu corpo.

A ruiva, minha ruiva, melhor dizendo. Hoje está mais linda que o habitual. Dessa vez ela não está usando um short curto, ou uma saia curta, ou uma calça super apertada. Hoje um vestido curto e com saia rodada abraça seu corpo e um salto um pouco mais baixo que o de Taíza, está em

seus pés onde finalmente noto uma tatuagem de pimenta. Procuro por Nick, mas não o vejo, provavelmente está dentro da casa dos avós.

— Então é aqui que você está? Afinal, sobre o que raios é sua matéria? — Taíza a encara com raiva. — Como dar para favelados sem pegar herpes genital?

— Não, querida. — Ela vê quando me aproximo e dá um sorriso. — Minha matéria é sobre como conquistar o cara que te deu um pé na bunda. E cá entre nós, já consegui. — Ela pisca para minha ex e as duas olham para mim. — Não é mesmo, amor?



Capítulo 18

Dormi mal após a saída do Muralha, na verdade, sequer dormi. Porém isso foi bom. Usei a madrugada para escrever, era disso que eu precisava. Pouco antes de cinco da manhã, saí de casa com minha câmera. Sabia dos riscos de ser assaltada por estar tão cedo, mas ignorei, pois precisava disso também. Os destroços da Kath estavam em uma caixinha debaixo da minha cama, então tive de usar minha outra companheira que peguei no meu apartamento no dia anterior.

Desci o morro por uma rua por onde poucos carros costumavam subir e descer a comunidade. Fui fotografando coisas aleatórias, sabia que conseguiria relaxar com aquilo. Parei por um instante para fotografar um senhor que saía de casa e a esposa dava-lhe, na porta, um beijo de despedida.

Depois de algumas horas, voltei para casa me sentindo relaxada e determinada a não deixar que o Muralha me fizesse de gato e sapato. Vim para a comunidade com um objetivo e deixando ele agir comigo como tem feito, não vai me ajudar a alcançar o que quero.

Danny e Paola nunca foram amigas, mas se tem uma coisa que as duas sempre concordavam é que homens que não dão o devido valor e respeito às mulheres, merecem ser pisados e também adestrados como cãeszinhos. Já dizia a famosa frase: *"Todos os homens são cachorros, basta escolher aquele que late mais gostoso ao pé do seu ouvido"*. O Muralha late, morde e rosna, tudo, como ele, muito gostoso. Porém ele vem com benditos defeitinhos de fábrica, coisa que todo mundo tem.

Não quero dizer que vou consertá-lo, afinal, interessei-me por ele assim, mas também não vou deixá-lo fazer o que quer gritando e me ofendendo e depois, quando aparecer, fazer sexo como selvagens e depois brigamos de novo. Não! Isso não é para mim. Eu não quero um relacionamentozinho meia boca. Quero um amor de verdade! Algo arrebatador... que me deixe nervosa, feliz e com tesão! Podem haver brigas, claro, mas quero uma reconciliação que envolva mais que nós dois nos devorando em uma cama ou na parede ou qualquer lugar que seja. Quero um cara de verdade, homem o suficiente para se tornar único para mim, não só mais um na minha lista. Eu o quero, mas para isso, ele vai ter que me merecer.

Depois de um bom banho, salvo todas as fotos no meu e-mail e me arrumo. Danny não chegaria antes do meio-dia, isso é fato. Eu estava entediada. Depois de uma última olhada no espelho, fui para o boteco do seu Filé.

Não havia muito a se fazer. Dona Carol estava agitada e com um sorriso que não cabia no rosto, seu Filé havia chegado pouco depois de mim com uma sacola cheia de doces e chocolates. Tentei conversar com eles sobre o que estava planejando para o fim de semana, mas eles não quiseram saber. Então passei a servir algumas pessoas que estavam ali.

Logo começou uma estranha movimentação das pessoas. Marcos entrou no boteco e após me soprar um beijo e piscar para mim foi em cada mesa. Logo que ele deixava uma, os clientes deixavam o dinheiro na mesa e saíam sem olhar para trás. Como disse, estranho.

Falei com dona Carol e seu Filé, mas os dois disseram-me para apenas recolher o dinheiro e ir para casa. Recolhi e coloquei no caixa. Nada disso fazia sentido então decidi falar com dona Carol.

Fui até o estoque buscar alguns refrigerantes para pôr no congelador e voltei a tempo de ver Nordeste entrando no escritório e seu Filé o seguindo com um sorriso que não cabia no rosto.

— Dona Carol, o que está acontecendo afinal? — Parei na frente dela com os braços cruzados. Ela me olhou apenas por um instante e depois se fixou em algo atrás de mim.

— Minha filha chegou! — diz e vai em direção à filha que eu sequer sabia que existia.

Viro-me para cumprimentar a moça, mas só quem vejo ali é a sonsa Taíza.

Fala sério! Não é possível que esse ser asqueroso seja filha da dona Carol e do seu Filé.

Quando ela me vê, parece também não acreditar.

— O que esse ser periguético faz aqui? — brada e se aproxima tirando os óculos escuros do rosto.

— Bom dia, para você também, Dick Vigarista! Aparou o bigode?... — falo quando ficamos frente a frente.

— Então é aqui que você está? Afinal, sobre o que raios é sua matéria? — Ela me encara com raiva. — Como dar para favelados sem pegar herpes genital?

— Não, querida. — Vejo o Muralha entrar no boteco com JP ao lado. — Minha matéria é sobre como conquistar o cara que te deu um pé na bunda. Cá entre nós, já consegui. — Pisco o olho para ela e viro-me para o Muralha. — Não é mesmo, *amor*?

— "Amor"? — Ela se assusta.

— Sim. — Eu me aproximo dele e apesar de ter um plano em mente para o que fazer com o Muralha, meu plano para acabar com a graça da songamonga parece muito mais divertido no momento. Então, sussurro no ouvido dele antes de dar uma leve mordida em sua orelha: — Colabora que no momento a guerra é contra ela.

— Oi, Taíza. — A cumprimenta passando um braço em minha cintura. — Cadê o Nick?

— O Nordeste o levou lá para dentro com o papai.

— Quem é Nick? — pergunto.

— Como assim conquistou *meu homem* e não sabe o nome do *nosso filho*? — Taíza coloca um sorriso de vencedora no rosto e vira-se para o Muralha. — *Meu amor*, não contou para sua vagaba que é casado e tem filho?

Dona Carol olha para a filha, balança a cabeça negativamente e entra no escritório. Só então percebo que ela já fechou todo o boteco e somente nós estamos ali.

— Taíza, menos! *Tu sabe* que só o que a gente tem é o Nick — diz e me conduz em direção ao escritório. *Deus, ele vai me apresentar o filho dele. Não era isso que eu tinha em mente.*

— Carlos Eduardo! — grita e ele fica tenso. — Você sabe muito bem que não é só isso! Se você é quem é hoje, é por minha causa!

— Taíza, cala a boca. Vou ver meu moleque.

— Fala como gente, pelo amor de Deus! — grita de novo e sinto ele se encolher ao meu lado. — O tanto que tentei te ensinar e só o que você faz é mesclar essa linguagem de favelado com o certo. Que droga, Cadu!

— Cadu? — sussurro para mim mesma, mas ele escuta.

— Escuta, *vamo conversar* — diz segurando meu rosto entre as mãos e olhando nos meus olhos. — Quer conhecer o Nick?

Não sei o que responder, nem o que fazer. Não sei se corro, se grito, se choro ou se dou uns tapas nele. Eu me sinto enganada.

— Apresentar ela para o *meu* filho? Nem pensar, Cadu! Você pode até mandar nesse bando de favelado, mas sobre o meu filho, quem decide sou eu.

— Cala a boca, Taíza — ele grita, assustando-me e a ela também. — *Prest'atenção, a gente vamos conversar, tá?*

Balanço a cabeça afirmativa. *Burra! Como fui tão burra?*

— Quer ver o Nick? — pergunta e balanço a cabeça negativamente e Taíza passa por nós dois entrando no escritório do seu Filé.

— Vou para casa — falo baixinho.

— Vai fugir?

— Não. — Por que quero tanto chorar? Eu devia estar feliz porque vou poder ajudar minha amiga com a matéria dela. Porque contarei um dia aos meus netos que já dormi com um o traficante mais perigoso de Rio Azul... Quer dizer, esse tipo de coisa se conta aos netos, certo?

— *Me deixa só falar com tu* — ele pede. Não grita, não se altera, não manda. Na verdade, ele não pede. Ele implora.

— Eu estou indo. — Ele tenta me beijar, mas desvio e ele beija minha bochecha.

— Não! *Se tu fugir*, pelo menos te beijei de verdade. — segura minha nuca e nos aproxima. Fico tentada a gritar, mas eu não quero gritar.

Quero beijá-lo, quero ser beijada como se não soubesse que ele é um maldito traficante. Então acordo, ele é um traficante. O mais perigoso, conhecido e ao mesmo tempo desconhecido em Rio Azul. Porém é tarde demais para fugir.

Sua língua pede passagem e eu dou. O que pensei que seria desesperado, começa leve e devagar. Puxo-o para mim, seus lábios sugam os meus, deixando uma leve mordida meu lábio inferior e me fazendo gemer, de repente me levanta e senta-me na mesa de sinuca. O beijo fica cada vez mais feroz, mais urgente e quando sinto sua mão subindo pela minha coxa, acordo para realidade. Afasto-o. Nós dois estamos ofegantes e uma corrente de calor nos liga. Sinto minhas pernas bambas e respiro fundo antes de sair de cima da mesa de sinuca e pisar no chão.

— Mais tarde vou na tua casa. JP vai contigo — ele diz ofegante. — *Tu não sai* da comunidade antes que *nós converse*.

— O que? — Com dois passos ele fica cara a cara comigo. E puxa meu celular do decote do vestido.

— Ei!

— JP! — Chama alto e logo ele aparece sei lá de onde. — Leva ela *pra casa*. Ela não sai de lá até eu deixar. Entendeu?

— Sim, chefia — responde respeitoso e pega no meu braço.

— Se não soltar meu braço agora, dou um grito tão alto que estoura não só os tímpanos de vocês, mas também suas bolas! — falo e ele solta assustado. — Melhor assim! E você — aponto para o Mura... Cadu. — Tem uma hora para chegar na minha casa!

Viro as costas para ele e saio rápido em direção à minha casa. JP vem atrás de mim sem falar uma palavra e logo que chegamos ao nosso destino, bato a porta na cara dele. Ando de um lado a outro sem saber o que fazer. Não posso ir embora, tenho um trabalho a fazer. Não quero ficar aqui sendo a namoradinha de um traficante.

Ah, se meu pai soubesse. Com certeza me levaria para uma base militar de alta segurança e me manteria presa lá por um bom tempo só para me ensinar a não fazer uma estupidez tão grande quanto me apaixonar por um bandido. Sinto-me tentada a correr para o colo da minha mãe e chorar contando tudo, mas não farei isso. E não é só porque não "posso" sair daqui, porque se eu quiser, eu posso! Sou filha de um policial rígido e mesmo assim saía escondida praticamente todas as noites para me divertir sem que ele soubesse. Claro que vez ou outra minha mãe me encobria, mas quase nunca era necessário. Então no quesito "escapada", eu me garanto.

Pego o notebook, abro o rascunho que tinha feito mais cedo e começo a trabalhar nele, termino em menos de vinte minutos, o que me deixa muito frustrada, leio uma última vez e mando para a Renata.

Tomo um banho, deito-me e pego um livro que ganhei da Danny e que se tornou meu livro de cabeceira, *"Um Casamento Quase Real"*. O livro é uma maravilha e Steph, a personagem principal, é, definitivamente, uma das minhas divas. Os conselhos dela são os melhores e realmente inspiradores. Entre uma risada e outra, acabo colocando-o de lado e

prometendo a mim mesma uma soneca de quinze minutos, pois não havia dormido e sou filha de Deus, mereço um cochilo.



Escuto uma voz forte me chamando. Sei que é ele, mas não quero abrir meus olhos. Quero voltar para o meu sonho onde ele não é um traficante e eu não tenho que fazer uma matéria. Quero voltar para lá e escutar ele dizendo que não tem nada de errado, que vamos ficar bem.

Sinto um lado da cama afundar e abro os olhos rápido. Ele ostenta um sorriso sexy nos lábios e me levanto. Não, não vou facilitar para ele.

— Cadê o meu celular? — é a primeira coisa que falo.

— No meu bolso. — Ele fica sentado na cama e dá de ombros. — Beleza, *te veste* que vou te contar minha história.

— Pode falar! — Cruzo os braços, ciente de que ficar em um quarto trancado com ele não é a melhor alternativa.

— *Tá ligada que se nós ficar aqui vou te agarrar, né?* — Sorri safado.

Resmungo um "*vai se danar*" para ele, pego uma roupa no guarda-roupa e me tranco no banheiro para me vestir. Ele está certo, nós dois a sós em um quarto só pode resultar em sexo. Não vou ser hipócrita dizendo que não quero isso, porém posso dizer com convicção que quero saber quem ele é antes de qualquer coisa. Meu trabalho é importante para mim e essa matéria não é apenas um trabalho qualquer, é também pessoal. Afinal não é todo dia que você tem a mesma oportunidade que minha chefe me concedeu ao autorizar isso.

Respiro fundo e saio de dentro do banheiro.

— Vamos? — Chamo-o logo que chego à porta do quarto, mas paro quando ele tenta passar. — Antes eu quero meu celular. Quero falar com a Danny. — Estendo minha mão, mas ele a ignora e passa por mim.

Sigo-o até a porta da frente. Logo que ele a abre, visualizamos JP e minha amiga se beijando ali como desesperados.

— Quer entrar, gatinho? — Danny pergunta. Os dois ainda não nos notaram.

— A ruiva e o Muralha tão lá dentro! — ele geme frustrado e seguro uma risada por ele usar o apelido que dei ao chefe dele e pela cara do dito cujo que pigarreia em seguida.

— Estraga prazer — Danny pragueja quando se afasta do JP.

— JP, tu *tá* dispensado — Cadu fala e tremo ao identificá-lo assim. Que droga! Por que ele não podia ser mais um homem gostoso para minha lista? Tinha mesmo que ser um bandido? Eu tinha mesmo que me envolver logo com ele?

— Dispensado? — Minha amiga olha para mim desconfiada e sussurro um "*explico depois*" para ela. — Aonde você vai, Cadela?

— *Nois vai andar*. Vou mostrar à comunidade para ela — Muralha fala já me puxando pela mão sem dar tempo da minha amiga protestar ou eu dizer algo.

Olho para trás uma última vez e vejo minha amiga se agarrado novamente com o Tarado da Calcinha.

Dizem que namoro dos bons envolve andar de mãos dadas, tomar sorvete na praça e bilhetes bobos falando de como sentiu saudades. Porém, agora com a mão do Muralha segurando a minha, não me sinto como uma

adolescente tendo o seu primeiro beijo roubado após sair para um sorvete na praça com um carinha bonitinho. Sinto como se estivesse sendo levada para uma espécie de inferno e não duvido nada que seja isso.

— Estamos indo para onde? — pergunto e tento fazer com que ele solte minha mão, mas não adianta.

— Chegamos. — Para em frente ao boteco do seu Filé que continua fechado.

— O que viemos fazer aqui?

— Eu era moleque quando mudei para cá. — Começa a falar e sua mão aperta um pouco mais a minha. — Não conheci minha mãe. *Ela largou nós pelas droga.*

— Nós?

— Meu pai. A gente veio *pra* cá. Ele trabalhava o dia todo. Naquele tempo, nós da comunidade *não podia descer pra* estudar *nos colégio* da cidade, então estudava em uma ONG meio abandonada mesmo. Tinha *quatro sala*, era pequeno, cheio e escuro. *Os professor* não queria subir *pra* ensinar, então improvisaram. Dona Carol e um pessoal mais letrado ensinou a gente. Não foi muito, dá *pra* ver do jeito que falo. — Por um momento ele parece envergonhado.

Não vou ser hipócrita e dizer que não me incomoda a maneira como ele fala, porém moro aqui há algum tempo e vivo diariamente com esse pessoal. Acostumei com o modo de falar, às vezes eu mesma falo de maneira parecida... É algo que afirma a identidade do povo da comunidade.

— O que isso tem a ver?

— Eu conheci seu Filé. Ele me ajudou e me deu o que fazer *pra* eu não fazer coisa errada — fala e começa a andar devagar segurando minha mão. Como se não quisesse que eu fugisse.

— Não deu muito certo... — murmuro.

— Deu sim! — Ele para e vira para mim. — Seu Filé me ensinou muito. Só que eu me joguei nesse mundo.

— Então virou bandido porque quis! — Ele se aproxima devagar e não recuo. Nossos rostos ficam quase tão colados quantos nossas mãos.

— Sim! Eu virei bandido porque quis! Porque do jeito que um dia eu queria ser policial. — Automaticamente lembro-me de meu pai. — Eu resolvi virar bandido — fala com amargura.

— Uma virada de 360 graus. O que foi? Prefere machucar as pessoas do que as proteger?

Ele puxa minha mão sem delicadeza e vai em direção ao lado oeste do morro. Nunca tive nada para fazer lá, então nunca fui. Normalmente eu vou do boteco do seu Filé para casa ou desço. Danny diz que fui burra de não explorar o morro, porém eu estava tão empenhada em obter um resultado positivo para minha matéria, que não me liguei que poderia ter conhecido bem mais do lugar onde estava. Agora pensando bem, se eu tivesse feito isso, talvez tivesse conhecido o Muralha antes e, quem sabe, saber quem ele realmente era e não me deixar envolver. De repente paramos em um beco. Escuro e que me causa um certo arrepio.

— Taíza era minha namorada e...

— Disso eu já sei, dá para não tocar no nome da Dick Vigarista, por favor? — Por um segundo, surge o fantasma de um sorriso em seu rosto,

mas quando ele olha para uma parede verde, seu rosto escurece.

— Nós *tava* namorando ali — aponta com o dedo. — Eu era um moleque novo e era apaixonado por ela. — Dá um sorriso curto e sinto uma vontade imensa de vomitar, mas me controlo.

— Tem gosto para tudo. — Pigarreio.

— A Taíza não era que nem hoje. Ela era engraçada, inteligente que nem nunca fui. Muito bonita e me fazia um bem... — Puxo minha mão de uma vez. Não quero escutar ele citando os inúmeros motivos pelos quais amou sua ex. Ele me encara surpreso enquanto tento sair do beco.

— Mafê...

— Não! Não importa se você é o Cadu, um bandido, traficante, filho da mãe!!!! Não quero saber! O que me importa é que eu não quero nada com você! — grito.

— Mafê! — grita de volta e me puxa pelos pulsos pressionando-me na parede onde indicou que ficava de namorico com a Dick Vigarista. Sinto minhas costas queimando por encostar-se àquele lugar tão deles.

Previendo meu movimento de lhe dar um chute, ele segura minhas pernas com as suas fazendo seu short roçar em mim.

— Escuta, sua louca! *Tu não queria* saber de tudo? Agora vai saber.

— Cadu, *me solta. Me deixa* ir!

— Nós *tava* se beijando aqui. A gente namorava escondido.

— Eu não quero saber!

— Meu pai *tava* indo para descida do morro e *nóis viu* o amigo tira dele *parando ele*. — Tento me soltar, mas suas mãos apertam um pouco

mais meus pulsos. — *Nóis se encolheu*. Tinha *umas caixa* aqui. *Ficamo* olhando. Acho que eles brigaram. E de repente, meu pai deu *as costa* para o tira... — Ele me solta, mas não se move. — Ele atirou na cabeça do meu pai. Tentei ir lá, só que a Taíza não deixou.

— Você teria morrido — sussurro baixo, tendo uma sensação desconfortável no lado esquerdo do peito.

— Eu jurei que vou achar o tira. Ele me falava ser policial. Eu queria, só que depois disso...

— Resolveu fazer o contrário.

— Seu Filé e dona Carol não *deixaram eu* passar necessidade — fala abaixando a cabeça em meu ombro esquerdo, mas não encosta. — Só que eu só tinha a Taíza. Seu Filé falou *pra* eu não fazer isso. Eu não escutei. Queria vingança, Taíza queria uma vida melhor e faria qualquer coisa por ela. Ela me ajudou muito. *Nóis casou* contra a vontade dos pais dela. — Sua cabeça já não está onde estava. Nem ele está. Ele senta no chão, como se estivesse derrotado.

— Mura... Cadu. — Eu me corrijo.

— Quando a Taíza soube da gravidez, pirou. Ela sempre foi uma gata, daí falou que não ia ter um filho, que ia ficar feia.

— Que vaca!

— O Nick nasceu por um apartamento. Eu buscava ele para vir ver dona Carol e seu Filé. Taíza vivia no apartamento com ele. E depois de *uns mês*, *nóis voltou*. Ficamos juntos um tempo, até que... — Ele para.

— Até o que?

— A operação Nuclear. *Os tira* queria me matar. — Eu me lembro dessa operação. Meu pai a comandou. — Não deu para tirar a Taíza e o Nick daqui. — Ele apoia as mãos na parte de trás da cabeça. — Eu *tava* levando o Nick para dona Carol e uma bala acertou ele. — Ficamos os dois em silêncio. Ou quase isso. Cadu funga e me seguro para não o abraçar. Depois de alguns minutos que parecem uma eternidade, ele levanta com os olhos meio inchados e molhados.

— Ele era um moleque que corria atrás de bola e de outras crianças. — Ele anda rápido e vou atrás dele. Eu quero saber o restante da história.

Quando dou por mim, estamos na porta da casa dele.

— O Nick já não anda mais. Culpa de um tira! Daí tu acha que eu devia ficar do lado deles?

— Eu não disse isso.

— *Tu fala* deles. Que são gente boa...

— Não pode transformar as consequências do que você é em culpa dos outros!

— *Tu não entende*, né? Mataram meu pai, ele nem era bandido. Era honesto! Quase mataram meu filho!

— O que aconteceu com seu pai foi uma tragédia. Com seu filho, consequência dos seus atos.

— Acha que eu não sei? — ele grita. — Que eu *num* penso nessa merda a cada porcaria de segundo?

— Papai! — Olho para a porta e um pequeno garotinho de olhos verdes e sentado em uma cadeira de rodas nos encara.

— Oi, moleque! — fala com um sorriso amplo. — O que *tu faz* aqui? Não *tava* comendo doce com teu vô?

— Vovó *tá* aqui. Fazendo brigadeiro — fala com os olhinhos brilhando e vira para mim. — Oi, moça! Quer brigadeiro?

— Oi, Nick. — Estendo minha mão para cumprimentá-lo.

— Papai! Ela é mágica?

— Por que? — Cadu pergunta.

— Ela sabe meu nome. Eu não falei.

— Bom, às vezes ela faz uma parada do papai sumir e aparecer de novo. — Cadu fala com a maior cara de pau.

— Quero ver! — o pequeno fala e me engasgo com minha própria saliva.

— Muralha! Desculpa, Cadu... — Eu me corrijo.

— Vem, vamos comer brigadeiro — Nick chama.

— Não vou querer não, Nick. Tenho que ir para casa. Obrigada.

— Ah nem. Vamos! — Ele faz bico. — Papai, pede para ela.

— Mafê, quer brigadeiro?

— Não, obrigada, Mura... Cadu! — Eu me repreendo. Tenho que me acostumar! — A Danny está me esperando para conversar e...

— A Danny *tá* com a boca ocupada. — Bufa e olho para o pequeno. Crianças e sua inocência...

— Acho que não faz mal um pouco de brigadeiro, não é?

— Eba! — Sozinho ele vira a cadeira e volta para dentro. — Vovó, a namorada do papai também quer brigadeiro.

— Nick, eu não sou... — Tento dizer que não sou namorada do pai dele, mas de que adiantaria? Não o verei outra vez mesmo.

— Brigadeiro? — Cadu me olha pensativo.

— Brigadeiro.

Logo que entro na casa, sinto o cheiro do doce e em cima da mesa há três bandejas de brigadeiro e duas de beijinho de coco.

— Meu Deus, estou no paraíso! — Deixo escapar.

— Pode ficar tranquila que depois te levo lá de novo — ele sussurra e os pelos do meu pescoço se eriçam.

— Vem namorada do papai. Vem conhecer a vovó. — Ele segura uma das minhas mãos e aperta algo em um dos braços da cadeira.

— Namorada do seu pai? — Dona Carol sai da cozinha rapidamente.

— Oi, dona Carol. — Ela estanca ao me ver.

— Ela não é linda, vovó?



Capítulo 19

Nunca fui homem de sentir medo, com exceção de poucas ocasiões. Quando vi meu pai sendo morto, foi uma delas. Quando pensei que fosse perder meu filho foi outra. Apesar de não poder comparar esse tipo de coisa, o medo que senti ao imaginar Mafê saindo do morro sem me dar uma chance para conversarmos foi apavorante. Por algum motivo a quero perto de mim. O que sinto por ela não é em nada semelhante ao que senti pela Taíza algum dia e de certa forma isso é outra coisa que me dá medo.

Uma coisa é fato, eu sabia que ela não mudaria de ideia apenas por saber um pouco mais da minha história, ela me vê como um criminoso e acha que isso é errado, muito errado. Claro que sei que não é certo o que faço, não sou nenhum cínico. Porém não vejo tudo de maneira tão absoluta como ela. Dizer que sou cem por cento errado é como dizer que todo tira é um santo apenas por usar uma maldita farda.

Tento retribuir a comunidade onde cresci de maneira que possa melhorar a vida deles, mesmo sabendo que sou parte dos seus problemas. Porém, não sou, nem serei modesto, fiz muito por essa gente. Ajudei a fazer casas, reformei a ONG, dou-lhes proteção e trabalho. Os pais ganham uma pequena quantia para ajudar nas despesas quando as crianças são alunos frequentes. Não tive a melhor educação, meu filho, Nick, tem professor particular e acho justo que todas as crianças da comunidade também tenham acesso a uma boa educação.

Nick não gosta das aulas particulares, como toda a criança, gosta de estar em meio a outras pessoas. Meu filho não tem amiguinhos, pouco sai de casa e a mãe não lhe dá a devida atenção. Eu também não, porém faço o

que posso. Visito-o toda semana, a babá dele tem acesso livre para falar comigo sempre e quando consigo o trago para a comunidade. Há mais de três meses não conseguia trazê-lo, ou seja, a todo esse tempo os avós não o viam, o que deixa os três muito tristes, principalmente seu Filé. Sinto muito por ele, já não basta ter perdido o filho mais novo, também perdeu a filha que prefere renegá-lo apenas por ter um estilo de vida diferente do dela.

Há alguns minutos, dona Carol encara a mim e Mafê. Enquanto Nick insiste em dizer que ela é minha namorada. Quando sinto minha cabeça quase explodir com a força do pensamento da minha ex-sogra, Nick chama a atenção da avó pedindo água. Os dois vão para a cozinha e escuto ele falando o quão bonita é "*a namorada do papai*" enquanto dona Carol somente concorda.

— Eu não acredito nisso! — Mafê se vira para mim como se tivesse visto um fantasma.

— No que? — Puxo-a até o sofá.

— A dona Carol. Ela vai me matar. — Coloca as mãos no rosto enquanto pragueja baixinho.

— Ei, amor, relaxa. Dona Carol não vai *matar tu* não. Ela *adora tu* do jeito que adora a filha dela. — Eu me ajoelho na frente dela e puxo suas mãos do rosto.

— Por que raios eu não a escutei? — Continua me olhando ali na frente dela. — Ela disse para eu não me aproximar. Disse que eu devia voltar para minha vida... A Danny também disse...

— *Tu tem* algo para fazer aqui, né? — pergunto lembrando do trabalho dela.

— Tenho, mas agora tudo complicou.

— Mafê, *tá* tudo do mesmo jeito. Só que *tu sabe* que sou o Cadu.

— E está tudo igual? — Ela dá uma risada amarga.

— *Tá!* Antes de tu saber, eu já era eu. *Tu saber* só muda alguma coisa se *tu quiser*.

— Tenho que ir embora. — Levanta do sofá, vai para a porta, mas a paro antes que abra.

— Olha, Mafê, eu *gosto de tu*, sei que *tu gosta* de mim, mas não vou mudar — falo sério enquanto ela me olha. — Eu gosto de tu do jeito que tu é. Por que *tu não pode* tentar também?

— Você não entende, não é? — Ela me olha magoada. — O problema não é aceitar você ser um criminoso. Ou não gostar de você assim. O problema é que eu realmente gosto de você como é, mas não posso fazer isso.

— Não pode por quê?

— Porque me assusta! Porque fui criada para odiar pessoas como você e eu realmente odeio o tipo de pessoa que você é, mas não consigo te odiar! — Ela abre a porta.

— *Vamo* conversar.

— Nós dois sabemos que o seu conversar envolve mais que palavras. Seu conversar significa me fazer esquecer tudo enquanto nossos corpos se tornam um do outro. Então não, obrigada! — Sai batendo a porta e me deixando angustiado.

Não sei quanto tempo se passa, até que Nick venha até mim. Não sei o que dizer, não consigo me concentrar em nada do que meu pequeno está falando, não vejo como ou quando ele se afasta, mas se afasta e levo um tapa no rosto.

— Acorda! — Dona Carol não grita, mas quase.

— Que merda, dona Carol. *Tá* doida? — eu grito.

— Eu? Doida? Você está namorando a Mafê e eu sou doida?

— O que a senhora tem com isso? — Vou até a cozinha procurar alguma bebida e ela vai atrás de mim.

— Olha aqui, Cadu, você não vai mexer com aquela menina, entendido?

— Opa, olha quem voltou a falar direito! — zombo enquanto tomo uma bebida qualquer diretamente da garrafa.

— Carlos Eduardo, se você se aproximar novamente da Mafê, vai se arrepender!

— Fica tranquila, dona Carol. Ela deixou claro que *odeia eu*. — Tomo mais um pouco da bebida que desce queimando.

— O que fez com ela?

— Fiz nada! Ela agora sabe que sou o Cadu, graças a sua filhinha! — falo com raiva. Isso é culpa da Taíza!

— Você acabou com a vida da minha filha, com a minha vida, quer acabar com a vida de uma pobre menina e é culpa da Taíza? — ela grita. — Carlos Eduardo, acho bom não ir atrás da Mafê. Farei o possível para ela sair daqui o quanto antes e nem tente impedir ou abro a boca. Nem adianta

fazer nada contra mim, sabe muito bem que tenho meus meios de conseguir sua destruição mesmo de dentro de um caixão!

— Eu gosto mesmo da Mafê.

— E por que mentiu para ela? Por que *enganou ela*? — Joga em minha cara.

— Dona Carol, a senhora se acha muito melhor, né? Só porque é letrada, entende de lei... só porque é uma doutora advogada, mas a senhora não é tão grandona assim não. A senhora disse para Mafê que não é daqui da favela? Contou que a senhora tentou matar meu filho quando ele nem tinha nascido? — grito. — Falou para ela que o Tarsílio morreu por culpa da burrice da senhora?

— Você não tem o direito de tocar no nome do meu filho! — ela grita chorando.

— A senhora mandou o Tarsílio tentar me apagar, dona Carol!

— É culpa sua! Mandei ficar longe da minha filha! — Ela chora mais.

— Por quê? Tinha medo de abrir o bico para o seu Filé, né? Contar que ele não é pai da Taíza! — Percebo que o conteúdo da garrafa acabou e deixo-a em cima da pia.

— Cala a boca, Cadu!

— A senhora contou para o seu Filé? — grito e ela se senta em uma cadeira. — Contou que chifrava ele? Não vem *me dá lição*, dona Carol. O passado da senhora é podre! — Eu me abaixo ficando cara a cara com ela. — Só não mando Nick para longe da vida de vocês, por causa dele e do seu Filé que não conhece a cobra que sustenta.

— Cadu, isso foi um erro! Você sabe que nada é definitivo!

— Mas a falta de caráter da senhora é!

— Eu amo meu neto.

— Tentou matar ele!!! — Não consigo não esfregar isso na cara dela apesar de que sei que está sendo sincera ao dizer que o ama.

— Fiz isso pela Taíza. É minha filha, Cadu! Ela estava desesperada.

— Sai daqui, dona Carol! — aponto a porta e ela levanta indo em direção.

— E o Nick? — Para na porta.

— Vai *pra* casa mais a Carla. — Sou curto e grosso.

— Taíza disse que eles vão ficar conosco. — Levanta a cabeça enxugando as lágrimas. — Vou levá-lo.

— Vai embora, dona Carol! — Ela sai.

Depois de algum tempo entro em meu quarto, tomo um banho longo e me visto. Ligo para a Taíza que confirma que Nick ficaria alguns dias com os pais dela, mas nego e digo que ficará comigo. Ela sequer protesta, diz que está com uma amiga e que vem buscá-lo no fim de semana.

Entro no quarto de Nick e ele está jogando videogame enquanto Carla, sua babá, organiza os brinquedos dele. Há tanto tempo não trago ele para minha casa, porém deixei o quarto quase intacto. Só um móvel ou outro foi mudado de lugar por dona Lurdes, uma senhora que cuida da limpeza da casa para mim.

— Papai, a Carlinha não me deixa ir buscar brigadeiro! — reclama e Carlinha me olha sem graça.

— Nick, quer ficar aqui *uns dia*?

— Eu quero! Carlinha, você fica? — pergunta com um sorriso gigante no rosto.

— Claro que fico, Nick. — Ela sorri de volta.

Carla é uma boa moça e se não fosse babá do meu filho, com certeza, já teria passado por minha cama. Ela é negra, baixinha e de cabelos alisados longos. É engraçada, adora crianças e tem um sorriso bonito. Esqueci de contar um detalhe, além de tudo, é noiva de um dos homens que trabalham *pra* mim.

— Nick, você precisa de um banho. Vamos? — ela chama.

— Não preciso de ajuda não, Carlinha. *Tô* grande! — diz confiante.

— A gente faz assim: Você toma banho com a porta aberta e se precisar de mim, você me chama.

— *Tá* bom, mas nem vou precisar, Carlinha. Sou homem grande igual o papai.

Meia hora depois Nick aparece na sala de banho tomado, vestido, perfumado e com uma bandeja cheia de brigadeiro no colo.

— Papai, cadê sua namorada?

— Foi *pra* casa! — respondo me perguntando porque não me incomoda o fato do meu filho achar que ela é minha namorada, menos ainda o fato dela ter conhecido ele.

Ele é um moleque forte, inteligente, destemido, mas tem suas limitações. Prefiro mantê-lo afastado de toda a bagunça que envolve minha vida.

— Ela não comeu brigadeiro!

— Pois é! — Tento pegar um da bandeja, mas ele não deixa.

— Não, papai! Vamos levar *pra* ela. Carlinha, *me ajuda?* — Ele vai até a babá que está sentada perto da mesa. — Quero levar *pra* namorada do papai.

— Nick, ela fazendo *as coisa* dela.

— Que coisas?

— *Tá* com a amiga dela. No barraco dela.

— É longe?

— Não, só que...

— Por favor, papai! — Seus olhos brilham como se fosse chorar.

— Nick, não.

— Carlinha, *me ajuda!* — Pede *pra* babá que sorri *pra* ele e o acompanha, os dois em coro:

— Por favooooor!!!

— Não!

— Por favooooor!!! — Os dois falam juntos mais uma vez.

— Não!

— Por fa...

— *Tá bom!* — Eu me levanto. — Vou buscar o celular.

— *Aê!* Carlinha, *me ajuda.* — Pede enquanto entro no quarto.

Merda! O que será que ela vai fazer ao me ver? Eu deveria dar um espaço *pra* ela. Deixar que pense um pouco... Mas e se ela deixar o morro? Droga! Ela não pode fazer isso!

Pego o telefone em cima da cama e antes de sair do quarto volto a me perguntar se *tô* fazendo certo em ir atrás dela. Nunca fui de correr atrás de mulher, nem mesmo da Taíza. Elas que sempre vieram atrás. Apesar da Mafê ter feito isso no início, sei que o maior motivo não foi somente eu, mas ela correr atrás do que quer. Realmente ela é determinada.

— Vamos, papai? — Nick entra no meu quarto.

— Vamos.

Desde o que aconteceu com Nick, tentei melhorar o morro. Fiz rampas, coloquei barras e mesmo assim, não é menos difícil andar com ele por aqui.

Levamos cerca de meia hora para chegarmos à casa da "*namorada do papai*", quando levo cerca de dez minutos.

Não, meu filho não é um estorvo e o tempo a mais que levamos para chegar não me incomoda, não por motivos errados, pelo menos. O que me incomoda de verdade é o fato do meu filho estar em uma cadeira de rodas por culpa da estupidez de um tira. É minha culpa? Também, mas não fui eu quem puxou o gatilho.

Sinceramente é até estranho se observar, eu nunca gostei de armas. Só *uso elas* como defesa, nunca como ataque. Covardia, eu sei, mas não consigo fazer eu mesmo o que deve ser feito. Sou uma espécie de juiz, não executor, alguém é designado para isso.

Bato na porta e logo amiga dela abre.

— Você! — Ela me fuzila com os olhos. — Sai daqui! AGORA! —
Bate à porta na minha cara.

— Papai, o que houve?

— A amiga dela é estranha. — Dou de ombros e insisto a bater na porta.

— Eu vou arrancar suas bolas com minhas unhas e transformar em mingau! — Ela abre a porta já me ameaçando. Eu me controlo para não levar as mãos até o meio das minhas pernas.

— Tia, cadê a namorada do papai? — Nick pergunta e ela finalmente o nota com a Carla.

— Ai meu Deus! Que golpe baixo, Cadu! — Mostra as unhas para mim e me permito me proteger. Ela passa por mim e vai até meu filho. — Nick, não é? — Ela pergunta e ele confirma com a cabeça. — A *namorada* do seu papai, está com uma pessoa lá dentro. — Espio pela porta aberta e ela está com a cabeça deitada no ombro de um homem.

— Eu trouxe brigadeiro.

— Então você pode entrar!

— A Carlinha também?

— Claro que pode. Vamos? — Nick e Carla entram com ajuda da maluca de unhas gigantes e quando tento entrar ela fala que não e bate à porta na minha cara *de novo*.



Capítulo 20

Conhecer um pouco dele não me fez concordar com o que faz. Não que não veja o que tudo que aconteceu a ele teve um grande impacto em sua vida. Ações geram reações, mas o que ele faz não se pode simplesmente justificar com o erro de outras pessoas. Cada um é responsável pelos seus atos.

Não imagino como seria perder meu pai da mesma maneira, menos ainda imagino o quão traumático seria assistir tudo. Meu pai e eu não somos os mais próximos, porém é meu pai e o amo, jamais iria querer ver o que o Muralha viu acontecer, nem com meu pai nem com ninguém.

Brigadeiro nunca pareceu tão má ideia quanto quando Nick me ofereceu. Não por ele, mas pelo pai dele, pessoa de quem tenho que me afastar até decidir a coisa mais inteligente a fazer. Sim, inteligente, porque quando estou perto dele, minha mente não é muito eficaz, não trabalha direito e acabo fazendo besteira.

Pior do que estar ali com o Muralha e o Nick me chamando de "*namorada do papai*" é presenciar a cara da dona Carol ao me ver. Com certeza ela não me esperava ali, menos ainda como namorada do *ex-genro* dela. Enquanto decido se corro ou me jogo no chão com as mãos na cabeça como se estivesse tendo um ataque de pânico, Nick pede alguma coisa à avó que não me atendo e agradeço tanto pedindo a Deus perdão pelo padre Antônio que só acordo mesmo quando o Muralha me chama de "*amor*". AMOR! Provavelmente nem ele mesmo percebeu, mas eu sim.

Saio dali o mais rápido que posso. Apesar de sempre ter procurado o amor, jamais pensei que ia me apaixonar logo por um bandido, menos ainda

que seria recíproco. Não, com certeza ele chama todas assim! Claro, é exatamente isso. Ele chama todas assim para que se derretam aos pés dele pensando que são únicas. Não! O que eu estou dizendo? Estou me sentindo aquelas mocinhas inseguras de romance água com açúcar e me recuso a isso. Se por acaso fossem escrever minha história (e do Muralha), com certeza não seria assim. Seria algo como: "*Uma maluca romântica, um machista arrogante. Um amor estranho, divertido e perigoso*". Mais ou menos assim.

Mal noto quando chego em casa. Acertei o caminho no automático, pois, sinceramente, não prestei atenção. Sento ali no degrau mais alto e me encosto à porta de entrada. Danny ainda deve estar trancada no quarto com o JP, meu celular está... Merda! Deixei meu celular com o Muralha! Felipe me cumprimenta quando sai com a mãe e por fim decido entrar em casa.

— De modelo, jornalista à namoradina de pau mandado favelado? Esperava mais de você, Daniela! Mas obrigada que isso vai dar uma ótima matéria! — É a voz da Dick Vigarista.

— Pelo amor de Deus, Cadela, *me diz* que eu estou ficando louca e não que a corrida maluca está acontecendo aqui na minha casa!

— Maria Fernanda Vasconcelos Meireles. — Dick Vigarista pronuncia meu nome me olhando de cima a baixo.

— Uau, você sabe meu nome! — desdenho. — Agora tchau!

— Eu sabia que você tinha inveja de mim, mas isso... isso já é demais! — Ela me encara com um sorriso debochado.

— Inveja é a minha mão nessa tua cara de pau! — Danny tenta acertá-la, mas JP a segura.

— Obrigada, JP. — Ela pisca um olho para ele e minha amiga e eu congelamos com a cena. — Como eu dizia, não bastava toda a inveja, tinha que vir tentar ser uma espécie de filha dos meus pais, ficar com o *meu* homem e com a *minha* casa? Quer o lixo lá do meu apartamento também?

— Como assim sua casa? — pergunto e desvio o olhar dela para ver Danny acertando um tapa no JP.

— Cinco segundos para sair daqui ou raspo tua cabeça com fogo! — ela o ameaça e até Taíza a encara com medo.

— Deixa eu explicar pra tu, mulher! — JP pede e ela pega um isqueiro sei lá de onde.

— Cinco, quatro, três... — Pronto, a porta bateu e JP já deve estar na praia.

— Como você é agressiva, Daniela!

— Como você é antipática, Taíza! — Reviro os olhos quando ela me encara. — Dá para falar o que você quer e ir embora?

— Eu vim te falar umas coisinhas. Um: essa cor ficou péssima em você, devia voltar ao natural. — Ela me rodeia me olhando dos pés à cabeça e pegando uma mecha do meu cabelo entre os dedos que trato de puxar logo. — Está com pontas quántuplas. Dois: Cadu é *meu*!

— Que diabos ela vai querer com um traficante, Taíza? — Danny questiona e Taíza para olhando-a com um sorriso no rosto.

— Tsc, tsc, tsc... que coisa feia, Maria Fernanda. Escondendo da amiguinha... Relaxa, Danny. — Pisca o olho para minha amiga. — Eu te conto. Sabe sua amiguinha tingida aqui? *Tá* querendo roubar *meu* homem. Acho que você já ouviu falar no Cadu da Bela Flor.

— Quanta classe, Dick Vigarista, um traficante? — Danny desdenha.

— Olha quem fala... Sua amiga aqui quer muito ele, pena que não vai ter. Além do mais, você tá pegando um capacho qualquer dele, queridinha. Vamos ver a quem falta classe?

— Vai embora, Taíza! — Minha cabeça dói e a cada palavra esganiçada que sai da boca dela sinto vontade de atirar nela qualquer coisa que a faça ficar muda.

— Eu vim te dizer para sair da comunidade! — ela aponta um dedo para o meu rosto e dou um tapa em sua mão.

— Aponte esse dedo imundo para o seu furico e seja feliz! — Abro a porta. — Vai embora! Não vou falar isso de novo. Vou deixar a Danny atear fogo em você. E nós três sabemos que ela faria isso.

— Fica longe do Cadu e dos meus pais! Tem quarenta e oito horas para sair daqui ou vou acabar com sua raça! — Ela pega a bolsa dela e sai rebolando.

— Cuidado para não deixar a bunda cair rebolando tanto. Não pera... Que bunda? — Fecho a porta quando ela aponta o dedo do meio para mim.

Ignoro Danny e vou direto à cozinha tomar algo. Minha cabeça dói, gira e a vontade de vomitar não é pouca. Danny fala alguma coisa, mas não consigo armazenar, respiro fundo e a vejo com os braços cruzados me encarando.

— Não vai dizer nada, Fernanda?

— O que quer que eu diga? — Passo por ela indo para o meu quarto e ela me segue.

— O traficante, Fernanda? Quando planejava me contar?

— Danny, eu estava tentando digerir primeiro. Na verdade, ainda estou tentando. — Ecoa algumas batidas na porta da sala. — Se a Taíza tiver voltado, vou esfregar a cara dela no chão morro abaixo!

Caminho rápido para a porta pronta para descarregar minha raiva em cima da trapaceira da corrida maluca, mas não é ela quem está ali. É o irmão da minha amiga.

Danilo é um homem bonito, forte e divertido. Assim como a irmã, ele é alto, tem cabelos escuros e olhos castanhos escuros. Logo que me vê ele abre um sorriso e os braços. Sem pensar duas vezes o abraço. Nunca foi tão bom o abraço do meu amigo. Ele me abraça de volta e ficamos um tempo assim. Ele afagando meu cabelo e eu sentindo seu perfume e o calor do seu abraço. Danny pigarreia e o irmão dela me solta sorrindo.

— Ei, girafinha! — Ele abraça a irmã.

— Não sou girafa, sou cadela! Au au — ela brinca e sorri. Sempre fazemos isso.

— Gente, eu vou tomar um banho, tô precisando relaxar — aviso.

— Não, senhora! — Danny segura meu braço quando passo por ela. — Trate de colocar seu belo traseiro nesse sofá e me explicar essa história do Cadu!

— Sério que vocês vão falar de macho? — Dani fecha a cara e senta no sofá me puxando para sentar ao seu lado.

— Shiu, Dani! — Minha amiga faz um sinal de silêncio colocando o dedo nos lábios. — Cadela, que história é essa do Cadu? E o Muralha? Já partiu para outra pior que a atual?

— Não, escuta! O Muralha é o Cadu! — falo e ela para, sentando no outro sofá e me encarando.

— Quem diabos é o Muralha? — Dani quebra o gelo que se estabeleceu.

— Um idiota aí! — a Cadela fala dando de ombros. — Mas espera... Quer dizer que ele esteve debaixo dos nossos narizes o tempo todo e não percebemos?

— É! — Encosto minha cabeça no ombro do meu amigo.

— Mas se o Cadu é o Muralha, quer dizer que...

— Eu não vou continuar a matéria! — respondo frustrada e com vontade de chorar.

— Por que não? — Dani quem pergunta. — A ideia é ótima, Fernanda.

— Cadela, dá tempo de encontrar outra pessoa.

— Não, não dá! Tem que ser ele, se não for ele, não serve.

— Você pode... mentir! — Minha amiga sugere.

— Eu mentir na minha matéria, Danny? Ficou maluca?

— Não, não é isso...

— Mana, até eu sei que isso não é uma boa! — Meu amigo me apoia. — Mas Fernanda, você não precisa mentir, pode tentar com outro

alguém.

— Gente, não dá!

— Por que não? — os dois perguntam juntos.

— Porque eu o amo! — Abaixo minha cabeça em minhas mãos e abaixo até minhas pernas. — Eu estou completamente apaixonada por ele.

Os dois ficam em silêncio e não sei se isso é o melhor ou o pior. Ficar com meus próprios pensamentos ou escutá-los falando mil coisas. Uma mão em minhas costas sobe e desce me confortando e a minha frente, alguém, minha amiga, fica de joelhos e me puxa pelos braços para um abraço. Eu me seguro para não deixar uma única lágrima descer e respiro fundo. Minha amiga me solta quando escuta uma batida na porta e deito minha cabeça novamente sobre o ombro do meu amigo quando ele me puxa para perto.

— Quer dizer que encontrou o cara da sua matéria, mas não vai fazer a matéria por...?

— O nome Cadu não te lembra nada? — pergunto e ele fica pensativo.

— Não... É ele? — pergunta surpreso.

— Sim. Agora você entende, não é?

— Mas, Fernanda, você não precisa desistir da matéria só porque não vai ficar com ele.

— Dani, "*Como conquistar o amor de verdade em um lugar improvável?*", isso te diz algo?

— Eu sei disso, Fernanda, mas, às vezes, não é recíproco. Ele gosta de você?

— Oi, namorada do papai! — a voz de Nick me chama a atenção e vejo minha amiga batendo a porta da frente.

Fico sem saber o que dizer. Vejo o menino com o cabelo úmido, outras roupas e com um pote tampado sob as pernas. Ao lado dele tem uma moça de sorriso bonito e delicado que olha para mim e para o meu amigo.

— Oi, Nick! — finalmente consigo falar.

— Essa é a Carlinha. — Ele apresenta a moça.

Dani e eu a cumprimentamos e minha amiga se aproxima de mim com um sorriso vitorioso no rosto.

— Eu trouxe brigadeiro — diz sorrindo. — Papai pode entrar, tia Danny? — Pede a minha amiga e a encaro.

— Não, Nick. O seu papai não pode entrar, mas ele disse que vai esperar você lá fora — minha amiga responde.

— Ah! Qual seu nome? — ele me pergunta.

— Sou a Maria Fernanda, mas pode me chamar de Mafê. — Estendo minha mão e ele aperta.

— Prazer, Mafê.

Sentamos todos enquanto comemos o doce. Nick é uma criança esperta. Conta sobre as aulas que tem. Sobre a fisioterapia e que gosta muito dos avós, além de que estava com saudades "*de visitar o papai*". Fala que a mãe costuma ficar muito tempo fora, por isso a Carlinha cuida dele o tempo todo.

— *Tô* feliz, Mafê! — O pequeno diz quando Danny leva Carlinha ao banheiro e meu amigo vai buscar água.

— Por que?

— Papai não tinha namorada. Era sozinho. Agora tem você!

— Olha, Nick, seu papai e eu não somos bem namorados — falo e o sorriso dele se desmancha.

— Ele gosta de você.

— Eu gosto muito dele também. — Ele sorri amplamente e retribuo.

— Por que você não namora o papai?

— Não sei, Nick. Adultos são complicados. — Dou de ombros.

— Você vai me visitar?

— Você pode vir me ver. — Sorrio.

— Vou ficar na casa do papai. Vai me visitar, Mafê — pede.

— Vou pensar, Nick.

— Por favor! Por favor! Por favor! — pede mais.

— *Tá* bom, mas só se você me der mais brigadeiro! — brinco e ele me estende o pote com o doce.

— Posso pedir outra coisa? — ele fala baixinho e faço o mesmo.

— Claro. O que você quer?

— Leva brigadeiro para o papai. Ele não comeu porque queria trazer para você.

— Por que você não leva ou pede a Carlinha? — pergunto sem jeito.

— Carlinha pegou uma cueca dele! — Ele faz uma careta.

— A Carlinha? — Fico entre misto de surpresa, raiva e diversão.

— É. Ela disse que ia ser namorada do papai. E a gente vai ser uma família.

— Ela disse? — Olho para a porta do quarto e a vejo saindo do quarto conversando com minha amiga.

— Disse. — Ele confirma com um aceno de cabeça. — Eu gosto dela. Eu acho que o papai vai ser feliz com ela.

— É. Vai sim. — Como mais um brigadeiro.

— Carlinha, leva brigadeiro para o papai? — Nick pergunta e ela coloca um sorriso maior que o do gato Cheshire, de “Alice no país das maravilhas” e pega alguns, pronta para levar.

— Não. — Levanto de uma vez e tomo os doces que já estavam com ela.

A essa hora, o casal de irmãos já estava sentado comigo e Dani próximo demais. Aliás, por que ele está tão próximo de mim e eu dele? Isso está errado! Ele é lindo? É gostoso? Inteligente, divertido, tem dinheiro? Sim para todas as perguntas. Contudo ele não é o cara por quem estou apaixonada. Ele é um cara que está na minha lista — não a das proibições —, esteve em minha cama e está no meu coração, porém, nesse último, apenas como amigo.

Foi ruim dormir com o Dani? Absolutamente não. Entretanto, o que fazer quando seu coração diz para partir para outra, quando sua cabeça diz para partir para outra e sua chefe finalmente aprova sua matéria que também significa para partir para outra? Exatamente! Se apaixonar pelo

primeiro traficante arrogante, machista e gostoso que aparecer em sua frente. Se estou falando sério? Não exatamente, mas foi isso mesmo o que aconteceu, então não direi outra coisa.

Todos da sala ainda me encaram e sem dizer nada olho Carla com cara feia — sim, Carla, pois não merece minha simpatia ao saber que ela quer o *meu* homem — e saio de dentro da casa o mais rápido possível. Não preciso procurar muito e encontro Cadu conversando com Felipe encostado em uma mureta rodeia à frente da casa do garoto.

— Mafê! — O garoto me olha de baixo a cima e de cima a baixo.

Quando olha para trás e me vê, Muralha faz o mesmo, mas com um pouco de receio e mais safadeza, como se estivesse prestes a me despir.

— Oi, Felipe. — Apenas aceno com a mão.

— *Tu tá mó lindona, ó* — ele fala e Muralha dá um tapa na cabeça dele que me pede desculpas na hora.

— Ó, o respeito, moleque.

— Que nada. Não me senti desrespeitada. — Dou de ombros e ofereço brigadeiro ao garoto que antes de aceitar, olha para o Muralha como se pedindo permissão.

— Pega logo. — Muralha revira os olhos.

— Mafê, *brigado*. Vou *ajuda* a mãe. Tchau — diz indo para dentro de casa com alguns doces na mão.

— Ué, não vou ganhar nem um elogio extra? — brinco.

— Também *tá mó* delícia, com todo respeito, o brigadeiro — grita fechando a porta, com medo do Muralha, certamente.

— Moleque que *num* respeita. — Ele senta no banco que tem encostado à mureta da casa do meu vizinho.

— Quer mesmo falar de respeito? — questiono. — Porque até onde sei, mentir para alguém não é uma atitude respeitosa.

— *E tu*, senhora jornalista? — zomba.

— Eu nunca menti para você! Respondi cada coisinha que você me perguntou e quando achei que era a hora te contei que sou uma jornalista sim. Por livre e espontânea vontade que eu contei, não porque um ex veio falar para você. Agora pega a droga dos seus brigadeiros! — Jogo no colo dele e caminho de volta para casa.

— Não! Tu *num* vai falar o que quer e depois *dá* no pé não! — Ele me para segurando meu braço.

— Vai me contar mais uma parte triste da sua vida? Não, obrigada! Sabia que o seu filho está dentro da minha casa nesse momento?

— *Tá* incomodada? Eu levo ele para casa.

— Não, você não entendeu! O seu filho, Nick, está nesse momento dentro da minha casa com meus melhores amigos. Tem noção de quanto isso é baixo? Mandar uma criança tão linda fazer seu trabalho sujo! Fora a babá pervertida dele!

— Pera, a Carlinha pervertida? Não! Ela é demais! Eu que escolhi ela a dedo para cuidar do meu filho.

— Claro que ia usar os dedos! — Praguejo seus dedos malditamente “*mágicos*” — Idiota! Ainda tem coragem de falar isso na minha cara?

— Isso o que? Que droga, Mafê! Quer me endoidar, mulher?

— Quero! — grito. — E eu vou conseguir! Vou tirar cada gotinha da sua sanidade, do seu sossego...

— Que merda! *Tu não viu que tu já tá fazendo isso faz tempo, sua maluca?*

— Quem não vê é você!

— Não vejo o que *diacho?*

— Não vê que estou apaixonada por você! — Soluço.

Droga! Eu vou chorar? Não, por favor, não! Não quero, nem posso. Lembro-me de meu pai me ensinando que não devemos deixar que as lágrimas caiam na frente de nossos inimigos. Lembro-me de minha mãe falando que lágrimas não é um sinal de fraqueza, mas sim de que você é um ser humano e tem sentimentos. Lembro também das minhas amigas dizendo que nunca se deve derramar lágrimas na frente de um homem que ainda não se admitiu seu. Por fim, sinto um nó na garganta e o aperto ainda mais.

— É isso! Eu me apaixonei por você. — Ele fica calado. — Não vai dizer nada?

— Vou chamar o Nick e a Carlinha. *Nós tem* que ir.

— Ah, sim! Tudo bem, mas te digo uma coisa, *Cadu!* — Puxo meu braço que ele ainda segurava. — Eu fiz minha parte. Eu tenho uma matéria para terminar. — Ele tenta dizer alguma coisa, mas o interrompo. — Essa matéria não é sobre um traficante, fica tranquilo, menos ainda sobre você. Você está envolvido nela? Infelizmente. Eu não vou largar minha matéria porque sua ex veio me ameaçar. Menos ainda porque você é traumatizado, ou sei lá o que, demais para me amar.

— Taíza te ameaçou?

— Você vai tirar o JP da minha cola. Vai fazer o Marcos me largar de vez, a Taíza me esquecer e vai me deixar em paz. Quando e se eu precisar de você, eu te procuro.

— Desde quando *tu que manda?*

— Desde quando escolhi amor próprio ao invés de continuar correndo atrás de você!

— *Tu num sabe do que tu tá falando.*

— Você menos ainda... — Subo o primeiro dos três degraus que me levam à porta da minha casa. — Mais uma coisa: nunca, jamais, volte a me chamar de *amor*.

— Eu não te chamei de amor! — Ele parece procurar em sua memória.

— Queria eu que não tivesse me chamado, só fique você sabendo que isso se encaixa na categoria “mentiras”. E eu não tolero isso.

— *Tu queria* era que o macho lá dentro te chamasse, né? — Ele segura meus dois braços e me faz descer do degrau que eu havia subido e me encosta na parede em seguida.

— Isso. Alguém como o Dani. Já dizia Bob Marley: “*Não me chame de amor, se não for capaz de me amar. Não me chame de vida se pretender me tirar da sua vida. Não me chame de bebê se não for cuidar de mim. Não me chame de coração se pretender machucar o meu. Não me chame de anjo se não sou especial para você. Se não for capaz de tudo isso... Me Chame apenas pelo meu nome.*” — digo com um nó na garganta.

Sei bem o que acabo de dizer. Sei o que estou fazendo... não, na verdade, não sei o que estou fazendo. *Eu me declaro e ainda cito Bob*

Marley? Sério isso, planeta?

— E ele faz isso?

— Faz. — Minto. Bom, não é totalmente mentira. Tenho consciência de que se eu abrisse espaço e desse uma chance, Dani, com certeza, tentaria.

— Então eu vou te chamar... — Ele para para respirar fundo. — De Mafê.

— Nem me chame! Quando eu precisar, eu te procuro.

— E se eu precisar de tu?

— Não vai. Não precisou de mim até hoje.

— *Tu tá errada...*

— *Tô?*

— *Tá!* Sabe quanto tempo *num* durmo que nem durmo contigo?

— Desde que dormiu com a mulher que expulsei da sua casa?

— Não! Nem com Taíza eu dormia direito.

— Deixa desse papo clichê! Você não vai me levar para cama.

— *Tu sabe* que se eu quiser te levo. — Sorri arrogante. — Faço tu gemer e gritar meu nome.

— Não sou uma boneca, um fantoche... não sou um brinquedo, Cadu.

— Eu disse que *tu é?*

— Não sou! Eu sou uma mulher e não um brinquedo. Eu não estou em suas mãos, nem vou estar...

— Claro. *Tu me quer no teus pé*, né?

— Não.

— Entre *tuas perna*? — Ele separa minhas pernas com as dele. — Porque tô aqui. Mas tu *num* colabora.

— Eu?

— É. *Nós podia tá* bem, mas tu prefere se ligar em bobagem.

— Bobagem? Quer construir um relacionamento em cima de uma mentira?

— Que mané relacionamento, Mafê? Não é um relacionamento, nem namoro. *Nós se diverte*.

— *Me solta* — peço magoada.

— *Pra tu correr lá pra dentro e dá pro macho que tá te esperando?*

— O Dani é meu amigo e se eu quiser dar para ele, eu dou. Sou livre, desimpedida...

— Não é! — Ele ruge me olhando nos olhos. — *Tu não é livre, caralho! Tu disse que não divide*. Eu também não divido!

— Acabou, Cadu! — falo com um nó na garganta.

— Não, *num acabo*. *Tu é* minha!

— Só sou de uma pessoa! — grito. — E essa pessoa sou eu!

— *Tá errada!* — Ele puxa minha mão me fazendo acompanhá-lo ao redor da casa. Chegando aos fundos, ele empurra a janela do meu quarto e elas abrem, fácil. Isso me deixa surpresa e de boca aberta tentando entender como ele fez aquilo. Após entrar, Cadu me puxa para dentro antes que eu consiga ao menos fechar minha boca. — Vou mostrar para tu que *tu é* minha e que eu sou teu.

— Cadu, vai embora, por favor! — peço quando ele começa a beijar meu pescoço.

— Não saio daqui até tu entender que *tu é* minha. — Eu o afasto.

— Em algum momento eu vou embora. A matéria está quase pronta e...

— E... enquanto *tu tiver* aqui, *nós vai* ficar junto. Porque *tu sabe* que *nós não aguenta* ficar separado.

— Eu aguento. — Respiro fundo antes de falar.

— Não. *Tu num aguenta*. Eu também não! Não sei que merda *tu fez* comigo, mas quanto mais tenho de tu...

— Mais quer.. — completo porque sinto o mesmo em relação a ele. Seus olhos brilham.

— Mas isso *num é* amor! Isso é sexo! Isso é foda! É porque *nós se quer*.

— Não vai me usar.

— Tu também *tá* aproveitando. — Ele me empurra na cama. — *Tu gosta*.

— Mas não quero. — O empurro de cima de mim.

— Quer. Sei que se colocar a mão dentro da tua calcinha, *tu vai tá molhada*. — Ele está certo e faz para provar o ponto. — *Tu me quer* do jeito que te quero. — Morde meu pescoço.

— Quero mais que sexo.

— Só tenho sexo *pra* tu. Outra coisa *num* tenho. — Um celular começa a tocar a música do Lucas Lucco. É o meu.

— *Me dá!* — peço tirando ele de cima de mim mais uma vez.

— O papo não acabou. — Ele me entrega o celular e vai até o banheiro. Olho para a tela do celular e ele só não cai no chão porque cai na minha cara.

— Merda! — Xingo e vejo que meu nariz atendeu a ligação. *Touch maldito!*

— *Maria Fernanda!* — Uma voz autoritária soa pelo fone do celular.

— Oi, pai — respondo após um longo suspiro.

— *Onde você está?*

— Em casa. — Engulo em seco.

— *Não, não está. Tem meia hora para chegar aqui.*

— Onde está a mamãe? — pergunto preocupada já que ele está no meu apartamento e certamente está lá com ele.

— *Meia hora, Maria Fernanda!* — ignora minha pergunta. Isso não é bom.

— Pai, vou precisar mais do que meia hora.

— *Quarenta e cinco minutos, Maria Fernanda! Nada mais que isso.*

— Quase grita e desliga na minha cara.

Analiso a roupa que estou usando e não dá para eu vê-lo usando isso. Tiro tudo e jogo em uma pilha com outras roupas sujas e sem pensar duas vezes abro a porta do quarto batendo de cara no peito do Dani.

— O que houve, Fernanda? — pergunta preocupado, mas o ignoro e chamo a Cadela que vem rapidamente e nos tranco no meu quarto.

— Por que apareceu só de calcinha e sutiã? — pergunta. — Aliás, você não estava lá fora?

Passo por ela e vou até o guarda-roupa. Jogo todas as roupas no chão e em cima da cama e procuro uma ideal.

— Fernanda! — ela grita.

— Meu pai! *Tá* no meu apartamento.

— Ai meu Deus! O que aquele... — Olho para ela e para. — O que ele quer?

— Não sei! Disse que tenho quarenta e cinco minutos para chegar lá! — Quase dou um pulo de alegria ao achar um vestido discreto.

— Você não vai, não é? — pergunta enquanto sobe o zíper do vestido para mim.

— Claro que eu vou, Danny. — Pego uma bolsa qualquer e começo a despejar tudo o que encontro dentro dela.

Tiro o batom vermelho e passo um rosa, bem discreto, arrumo meu cabelo em um coque simples, mas sofisticado e calço um salto não muito alto.

— Você vai comigo, né? — peço.

— É claro que vou, Fernanda, mas...

— Não, Danny. Ele é meu pai e você o conhece!

— Mas nem por isso você tem que colocar o rabinho entre as pernas e ir até ele sempre que ele grita.

— Eu sei, mas é meu pai. E ele está em meu apartamento e a mamãe está lá... — Paro para respirar.

Coloco um relógio no pulso, brincos pequenos nas orelhas e em seguida tiro os *piecings* que tenho nelas. Danny fica somente me observando calada e depois de um tempo noto que o Muralha também me observa. *Droga! Havia esquecido que ele estava ali.*

— Onde que *tu vai?* *Nós tem* um assunto *pra* resolver — fala me observando.

— Cadela, saímos em cinco minutos. Vou chamar um táxi. — Aviso e ela sai rápido do quarto, mas a porta não se fecha, pois o irmão dela entra.

— Fernanda...

— Agora não é um bom momento, Dani — falo e até me sinto mal por ser rude, mas isso faz com que ele resmungue um pedido de desculpas e saia batendo a porta atrás de si.

— Olha, Muralha, eu tenho que ir ao apartamento da minha mãe.

— Tu e tua amiga *tava* falando do teu pai. — Ele cruza os braços e me observa enquanto procuro o número de um taxista.

— É. Ele *tá* lá. Preciso estar lá em quarenta minutos. — Checo no relógio.

Saio do quarto e bato na porta da minha amiga.

— Dois minutos, Cadela.

— Droga de taxista que não atende. — Fico tentada a jogar o celular na parede, mas repenso e só xingo o máximo de palavrões que me vem à mente.

— Calma, Fernanda. Já estou pronta. — Minha amiga entra sem bater.

Caminho de um lado para o outro tentando em vão que algum dos malditos taxistas me atendam, mas não atendem. Parece o raio de um complô contra mim! Lembro-me do irmão da minha amiga e saio do quarto em disparada para a sala.

— Dani, a chave do teu carro!

— Não vim de carro, Fernanda. — Ele dá de ombros e Carlinha e Nick me encaram. Estou pronta para xingar muitos outros palavrões quando Nick diz:

— Mafê, o papai tem carro.

— Muralha! — Chamo e ele vem correndo com minha amiga. — Preciso da chave do seu carro!

— Sem chance.

— Anda logo!

— Não!

— Que droga, Cadu! Dá logo a merda da chave do carro.

Ele pega o telefone, chama algumas vezes e ele diz:

— Nordeste, manda o Peixe levar meu carro *pra* saída... — Pausa para escutar o que ele diz. — É, qualquer um! E tu vai na casa da ruiva... é da *tua* ruiva — fala contrariado. — Carlinha e Nick tão lá. Leva *pra* minha casa.

Passa mais alguns segundos com Nordeste ao telefone e depois de desligar, explica para o Nick que não vai demorar muito. Saímos para o carro dele e Danny diz para o irmão nos esperar, que voltamos ainda hoje e sem dizer nada, ele concorda.

Chegando, procuro algum carro básico, mas só o que vejo é uma maldita Ferrari conversível de quatro lugares! Ele entra e nos manda entrar.

É, papai, acho que sua filhinha vai ao seu encontro em grande estilo. — Penso comigo mesma quando o carro liga e checo às horas. Ainda tenho trinta minutos.



Capítulo 21

Levar Nick a casa da maluca não foi uma das minhas ideias mais geniais. Tudo bem que ele insistiu, mas eu sou o adulto. Só que vendo como meu moleque ficou animado, com a presença da ruiva maluca que anda dominando meus pensamentos, eu fiquei desarmado e não poderia fazer outra coisa senão levá-lo até lá.

Ela sabe como pegar pesado e me deixar totalmente desprevenido. Busquei em minha cabeça quando eu chamei ela de *"amor"* e não consegui lembrar. Magoada, disse estar apaixonada por mim e ainda citou Bob Marley, não que eu soubesse que era algo que ele tinha dito, logo depois de jogar brigadeiros em mim. De qualquer forma, fiquei sem saber o que fazer, mas um alarme de incêndio soava em minha cabeça dizendo para tirar meu filho dali o mais rápido possível e fugir para as montanhas.

"Isso mesmo, foge, covarde! Pode fugir, mas não vai adiantar", uma vozinha irritante zombava gritando em minha cabeça ao mesmo tempo em que outra dizia: *"Corre, Cadu, ainda dá tempo de correr!"*.

Agi como nunca me vi agindo por causa de uma mulher. Eu me vi com ciúmes, tirando satisfações sobre o homem que a tinha nos braços algum tempo antes. Ela parecia gostar dele, apesar da delicadeza de coice de jumento com que cada palavra direcionada a mim saía, ela tinha um carinho especial defendendo o idiota. Fiquei puto, virei um homem das cavernas e falei a verdade para ela, que gosto dela, do quanto é diferente dormir com ela e não ter pesadelos (essa última parte eu não contei), mas que o que nós temos é desejo carnal e não vai passar disso. Coloquei as cartas na mesa e, mesmo não sendo justo, a influenciei a ficar comigo. Se

não fosse pelo maldito celular que tocou no meu bolso, provavelmente a teria feito expulsar aquele idiota da casa dela gritando meu nome.

Entrei no banheiro e quando saí, ela já estava agitada e nervosa demais resmungando uma lista extensa de palavrões ao telefone e reclamando algo com a amiga. Havia roupas por todos os lados e ela usava uma diferente, *tava* menos periguetete e mais séria, até mesmo o batom vermelho não pintava aqueles lábios carnudos. Ela até mesmo expulsou o tal cara do quarto e admito que sorri vitorioso, o que não durou muito, porque quando ela foi até a sala pedir a chave do carro do idiota lá e me deixou com a amiga assustadora dela no quarto.

— Meu irmão gosta dela de verdade! — diz de cara.

— Eu também!

— Sejam sinceros, Cadu...

Ela não termina a frase porque Mafê me grita e pede algo que não hesito em negar: a chave do meu carro. Olho de relance o sorriso vitorioso do meu filho, ele, com certeza, contou que eu tenho carro, porque eu nunca disse a ela.

Apesar de gostar de carros legais, não saio avisando a Deus e o mundo que tenho vários. Sim, vários. Sinceramente meu negócio dá dinheiro e não gasto nem a metade com Nick e Taíza. O que gasto na comunidade mal faz cócegas no meu bolso, então aproveito para comprar algo para mim. O que significa que deixar qualquer um que seja dos meus carros na mão daquela maluca está completamente fora de cogitação. Trabalhei muito, me arrisquei e paguei caro em cada um e não estou disposto a ter nenhum deles destruídos por ela. E, apenas por esse motivo, resolvo levar ela seja lá onde ela tivesse que ir.

Ligo para o Nordeste e depois dele perguntar qual carro eu ia usar e questionar o porquê do meu filho *tá* na casa da "*ruiva dele*", aviso *pra* ele não me encher e fazer o que falei. Converso rápido com o Nick dizendo que volto o quanto antes e digo para obedecer a Carlinha.

A amiga da Mafê faz questão de dizer na minha frente para o irmão ficar que as duas voltam logo e pela cara de compreensão dele, vejo que ele sabe o porquê dessa agitação das duas e isso me deixa puto. Eu que *tô* ajudando elas, mas não sei nem o porquê desse nervosismo todo, afinal, pelo que entendi, ela *tá* indo ver o pai dela. O que há de mal nisso?

Chegamos à ladeira e Mafê procura alguma coisa enquanto Danny não para de me observar com o Peixe que me entrega rápido a chave. Quando vejo, quase praguejo por não ter pedido para levarem um carro mais simples. Em minhas mãos está a chave do meu mais novo brinquedinho, uma Ferrari vermelha de quatro portas... um carro luxuoso demais para levar essas duas malucas seja lá onde for. Não é um carro para se sair à luz do dia da comunidade, mas ligo o "*foda-se*" e mando que elas entrem.

Ela me diz o endereço, que fica em um bairro de classe média, próximo ao condomínio onde Taíza mora. A todo o momento ela checa as horas e pelo retrovisor, noto o olhar curioso da amiga dela para nós dois.

— Quantos minutos, Cadela? — ela pergunta.

— Vinte... — A ruiva para de alisar o vestido e checa novamente o relógio que não havia dois minutos que tinha olhado.

— Dá tempo! — Tenta confortar a amiga e não me seguro.

— *Tá*, por que tudo isso? *Tu tem* medo do teu pai? — pergunto na lata e ela olha para mim arregalando os olhos.

— Não é medo, Cadu! É respeito — a amiga dela responde.

Eu me calo e vejo a ruiva abaixar a cabeça e voltar a alisar o vestido. Piso no acelerador e chegamos em menos de cinco minutos. O segurança na guarita cumprimenta as duas como velhas conhecidas e a mim com um aceno de cabeça e um "*senhor*" muito educado. Ela me indica o estacionamento subterrâneo e logo que paro, Danny desce, abre a porta da amiga, *se abaixa* e começa a conversar baixinho com ela.

Droga, por que ela está tão assustada? Ela tá indo ver o pai, não entrar no corredor da morte.

— Está pronta? — a morena pergunta à ruiva.

— Não!

— Está sim, vem! — Levanta e estende a mão.

Por um tempo apenas observo as duas. Danny pode ser um porre, mas se tem uma coisa que é verdade, é que ela ama a amiga. O carinho dela com a ruiva é até mesmo bonito de se ver. Elas se abraçam e Mafê respira fundo, solta uma gargalhada com algo que a morena falou e se soltam.

Danny vai para o elevador e se encosta na parede esperando a amiga que vem até mim. A morena de longe sorri e me mostra o dedo do meio me deixando mais uma vez sem reação, porém seu celular toca e ela vira de costas. Mafê está parada em minha frente sem falar nada. Ela está mais baixa que de costume, deve ser porque o salto não é tão alto quanto os que costuma usar. Olha para o relógio e depois para mim.

— Cadu, obrigada pela carona! — Dá um beijo no meu rosto e vai em direção a amiga.

— Não! — Ela tá na metade do caminho quando me manifesto. — Só isso de agradecimento? Não!

Caminho acabando rapidamente com a distância que nos separa e a puxo para um beijo de verdade. Ela não nega, se entrega e geme ali em meus braços se derretendo em minha boca, mas logo que nos separamos um tapa ecoa na garagem o sorriso vencedor que eu ostentava foi embora.

— Não sou sua puta! — diz magoada e encontra com a amiga e entram no elevador.

Droga, o que eu fiz de errado? Não dá para entender as mulheres!

Praguejo a mim e a ela por algum tempo sentindo meu rosto queimar onde ela acertou a mão, mas frustrado volto para o carro. Ela não me pediu para esperar, mas não vou sair dali enquanto não falarmos. Quero entender que merda fiz para ela agir assim! Sento no carro e uso o tempo que fico ali para fazer algumas ligações. Checo se Nick está em casa com Carlinha e depois de desligar fico me lembrando o que Mafê havia falado chamado a babá do meu filho de pervertida e digo a mim mesmo para perguntar isso depois já imaginando ser coisa do Nick. Meu moleque é bem inteligente apesar de ser novinho.

Mais de uma hora depois, já dei ordens, já reclamei, já demiti... tudo por telefone e nada das duas malucas aparecerem. Saio do carro e vou até a guarita perguntar se elas já saíram sem que eu visse, mas ele diz que não e quando peço o número do apartamento, ele nega, pelo menos até que eu pague e ele diz até mesmo a cor da porta.

O elevador para no sétimo andar e como ele explicou, sigo o corredor pela direita até um encontrar uma porta com o número 76. Escuto

gritos vindos lá de dentro mal me aproximando da porta e não paro quando escuto a voz da ruiva implorando:

— *Para com isso, pai! Pelo amor de Deus!!!* — ela grita e pela voz sei que está chorando.

Tento abrir a porta, mas ela está trancada e, sem pensar duas vezes acerto um chute nela e... ela mal se move! Acerto mais uma vez e nada. Na terceira vez a porta cai e vejo uma Mafê assustada com o rosto molhado e sujo de maquiagem.

— Ai meu Deus, o que você ainda faz aqui? — Danny sai de trás da Mafê e pergunta, já que a ruiva não consegue dizer nada.

— Danny, tira ele daqui! — Mafê empurra a amiga em minha direção e ela tenta me puxar para fora da sala que está cheia de objetos quebrados, mas antes um homem sai de dentro do mesmo cômodo em que as duas estavam e uma mulher sai atrás dele.

Merda, quem mais vai aparecer? O circo?

— O que está acontecendo aqui, Maria Fernanda? — o homem questiona com autoridade.

— Ele é... — Começa a falar baixo.

— Fala direito! Em alto e bom tom como te ensinamos!

— Sou o namorado dela! — falo e faço Danny soltar meu braço. Caminho até a ruiva que me encara assustada, com os olhos verdes tão tristes e a abraço.

— Namorado? — O homem me olha com desdém. — Não disse que estava namorando, Maria Fernanda. — Ela se encolhe em meus braços.

— É recente — respondo apertando-a um pouco mais. — Começamos há poucos dias.

— E por que diabos a porta está no chão? — Uma veia salta em sua testa. Aquele homem ou precisa de uma corça, ou de uma boa transa.

— Por que eu derrubei. — Dou de ombros e ele puxa a ruiva dos meus braços me deixando louco para derrubar ele.

— Ficou louco, moleque? É com esse tipo de pessoas que você está andando, Maria Fernanda? — ele grita apertando os braços dela e ninguém diz nada. Vejo Danny a ponto de explodir, vejo a mulher prestes a fazer o mesmo... mas ninguém faz nada.

— Pai, o senhor *tá* me machucando.

— Que droga! Não escutou ela não? Tu *tá* machucando ela! — Eu o empurro fazendo com que ele bata as costas na parede e novamente a abraço dessa vez perguntando se ela *tá* bem.

De repente me dou conta do que aconteceu: *Eu falei que a Mafê é minha namorada. Merda, acabei de enfrentar o pai da minha namorada! Merda maior, eu realmente considero a Mafê minha namorada!!!*

O homem me lança um olhar mortal e vira para a mulher que o ajudou a se equilibrar.

— Isso é culpa sua, Edilene! Se tivesse criado essa menina direito ao invés de ficar escrevendo safadezas, ela não seria assim!

— Já chega! — Danny grita. — O senhor tem um minuto para sair daqui ou eu armo um escândalo! O senhor será matéria de capa de todas as revistas do país e dos jornais também! — Ela anda até ele apontando o dedo. — Eu vou fazer questão de destruir sua carreira, *senhor!* — zomba.

— Deixa de ser idiota, Daniela! — o homem grita. — Eu tenho o direito de falar com minha filha!

— Teria, se ela quisesse falar com você! — Finalmente a mulher que acho ser mãe da Mafê se manifesta. — Você perdeu esse direito no dia que levantou a mão e...

— CALADA, EDILENE! — ele grita e levanta a mão para a mulher.

Solto a Mafê e vejo uma arma na cintura dele. Rapidamente eu puxo ela e aponto para ele engatilhando. Ele percebe, sua mão para no ar e devagar ele vira de frente para mim.

— Moleque, você não sabe onde está se metendo! — diz entredentes.

— Não, mas ninguém bate em uma mulher perto de mim. Agora sai de perto da dona Edilene e vai embora.

— Sabe usar, filho? Isso não é brinquedo e eu posso te prender só por estar apontando essa arma para mim.

— Se afasta dela, já falei!

Ele faz e continuo apontando a arma *pra* ele.

— *Tu vai* embora e seu eu ficar sabendo que *tu chego* perto da Mafê ou da dona Edilene, vai ficar feio *pro* teu lado, chefe! — Debocho da cara dele. Sei que estou brincando com fogo, já notei que ele é um tira e só por ele ser pai da Mafê é que não acabei com ele aqui mesmo.

— Minha arma, moleque.

— *Te mando* pelo correio. — Pisco um olho e ele fumaça de ódio.
— Agora vaza!!!

Então ele vai. Puto, mas vai.



Capítulo 22

Ainda estou sem reação quando o marceneiro chega para colocar a porta de volta no lugar. Depois que meu pai saiu, minha mãe pediu a arma para o Cadu, que a entregou sem reclamar, tentou se aproximar de mim, mas Danny não deixou e eu não pestanejei. Há não sei quanto tempo estou sentada, não no sofá, em uma poltrona ou em uma cadeira... estou sentada no chão, com as pernas em posição de lótus, como diria Flávia, minha colega que é professora de Yoga.

Repasso, em minha mente, cada detalhe de cada segundo do que aconteceu aqui. Cadu me beijou. Dei um tapa no rosto dele. Entrei no elevador com minha amiga. Escutei, antes mesmo de entrar em meu apartamento, meu pai gritando com minha mãe. Entrei com Danny e pedi que ele se acalmasse. Conversamos. Ele me insultou. Brigou comigo. Depois me tratou como um lixo. Disse coisas horríveis. Danny tentou me defender, mas pedi para ela deixar. Minha mãe quis interferir, eu não deixei. Eu merecia cada palavra. Ele descobriu o que eu estava fazendo. Disse o número exato de caras com quem eu tinha ficado naquele período e não consegui me sentir menos que um lixo. Não pelo número ser grande, isso pouco me importava... o pior era ele falando tantas coisas horríveis para mim, filha dele.

Minha mãe dizia a ele que não era necessário todo o circo, mas ele não se importava. Quando não me atacava, fazia com ela dizendo ser culpa dela, por ela *"escrever safadezas ao invés de educar a filha"*. Aquilo tudo acabava comigo e o olhar de desaprovação da minha amiga, só me derrubava mais. Sai para pegar um copo d'água, logo após implorar pelo

amor de Deus para ele parar com tudo isso, mas ele ignorou e deixei os três travando uma batalha sobre quem tinha mais razão. De repente a porta da frente cai no meio da sala.

Cadu estava ali parado e eu sem saber o que fazer. Gelei quando senti uma mão em meu ombro, mas era minha amiga. Empurrei-a para cima dele pedindo para que tirasse ele do apartamento, mas era tarde demais. Meu pai já estava na sala com minha mãe e eu... bom, ao que parece sou novamente a namorada dele.

Logo o senhor termina de consertar a porta e vejo Cadu pagando. Minha mãe pergunta se ele quer alguma coisa que diz que não. Danny avisa que vai ligar para o irmão dizendo que vai ficar comigo no meu apartamento e sai para o corredor. Cadu ainda não se aproxima e minha mãe também não. Respiro fundo, levanto-me e vou até ele:

— Ei, obrigada. Você já pode ir. — Viro para minha mãe e, sem dar tempo dele me dizer qualquer coisa, falo: — Não tem problema se eu ficar aqui hoje, não é?

— Que pergunta boba, Fernanda. É claro que não minha filha.

Minha mãe é uma mulher bonita, jovem e bem cuidada. Ela é escritora de romances adultos. Começou na internet, escondida do papai, usando o pseudônimo: *Duda Pereira*. Depois de um tempo contou a ele, eu já sabia desde o início. Era nosso segredo. Ele, homem rígido, turrão, não gostou nada, mas mamãe não parou e hoje é conhecida nacionalmente.

— Só tem um problema. A turnê de lançamento de "*Suspiros*"...

— Começa amanhã... — Lembro-me do novo livro dela. — Tudo bem, mãe. Danny vai ficar aqui comigo.

— Se o seu pai voltar...

— Ele não vai, mãe. E se voltar, sei lidar com ele. — Sorrio sem conseguir enganar nem a mim mesma.

— Fernanda, eu... Eu posso falar com o pessoal da editora e...

— Não, mãe. Você não pode, nem vai. A Danny vai ficar aqui comigo e eu estou bem. Só não quero voltar para comunidade hoje... Quero pensar antes de fazer qualquer coisa. Provavelmente falarei com a Renata para acabar com isso — falo e automaticamente ela olha para o Muralha.

— E seu nome é?

— Carlos Eduardo — ele responde.

— Certo. Carlos, a Fernanda vai me ajudar aqui com minha mala. Você senta e espera.

— Sim, senhora! — diz e ele se senta no sofá.

Uau! Mamãe do poder!!! Dá-lhe, mamãe!

Seguro o riso e, puxando minha mão, ela me arrasta para o quarto onde tem roupas até no ventilador de teto. Começo a dobrar, calada, e colocar dentro da mala. Não sei o que dizer ou se devo dizer algo, então continuo em silêncio. Logo terminamos, escuto uma batida na porta Danny entra.

— Hey, tia.

— Oi, Danny. Meninas, vou tomar um banho porque daqui a pouco meu voo sai. — Então segue para o banheiro.

Eu me jogo na cama e minha amiga se joga ao meu lado.

— Por que ele ainda está aqui, Cadela?

— Sei lá. Mamãe disse para ele sentar e esperar e ele respondeu um "*sim, senhora!*". Dá para acreditar?

— Não. — Ela sorri e eu a acompanho. — Cadu da Bela Flor recebendo ordens de dona Edilene Vasconcelos? Não acredito que não vi essa cena.

— Eu vi. E admito que foi bem engraçado.

— Imagino que sim. Dani vai para casa.

— Tenho que falar com ele. Fui grossa lá em casa...

— Sim, foi, mas se ele não desistiu de você mesmo com essa sua matéria maluca, acha que ele vai desistir com um simples esporro? Claro que não! Ele tem meu sangue, oras! — Gargalha. — Não desistimos fácil.

— Rará. Você sabe muito bem que não vejo o Dani como algo mais que um amigo.

— Você não viu ele assim quando deu para ele. — Revira os olhos e acerto um tapa nela. — Ai, Cadela.

— Shiu, que você mereceu. — Levanto e começo a mexer nas joias da minha mãe.

— Ah, fala sério. Sejamos sinceras, o que você sente pelo Dani é muito mais que amizade. Tem tesão e desejo aí sim!

— Sai dessa, Cadela! — Viro de frente para ela.

— Não até você admitir!

— Não vou admitir coisa nenhuma. — Volto a ficar de costas e a deixo citando mil e um motivos sobre eu querer algo com o irmão dela.

Mamãe volta ao quarto após algum tempo e se arruma rapidamente. Dona Edilene é uma senhora de pele amarelada. Está com quarenta e um anos, olhos verdes como os meus. Sua pele é bem cuidada, quase como dessas atrizes de cinema, mas não repuxada como as delas. Tem cabelos pretos e volumosos, uma estatura mediana e um bumbum de fazer inveja em muita assistente de palco siliconada. Seus lábios grossos, também como os meus. Seu físico não remete à uma mulher da idade dela, não que ela seja velha.

Papai foi o primeiro homem da vida dela, mas houve um momento de suas vidas em que os dois se separaram por alguns meses. Mamãe experimentou o que a vida lhe ofereceu, mas como mulher que foi criada para casar e servir o marido, experimentou com moderação. Nunca sentiu vergonha de comentar isso comigo, já com papai, é outra história.

Como já disse antes: papai é da polícia. Ele é a terceira geração de policiais da família dele e como não teve um filho homem torcia — ou torce — para que eu me casasse um dos seus capachos baba-ovos. Houve um único de quem me agradei, mas não para chegar ao ponto de casar e ficar esperando meu marido chegar em casa exigindo desde comida, filhos bem-educados, casa impecável até sexo. A parte do sexo bem que poderíamos resolver, mas ele deu para trás justamente na hora H... ou quase nessa hora.

Era Natal. Toda semana papai levava Saulo em casa para jantar conosco e mesmo fazendo o estilo "caladão", ele me interessava. Tinha aquele estilo meio bruto, sexy... Então resolvi fazer ao menos um "test

drive". Na verdade, o que tentei foi só um beijo e... não aconteceu! Lembrome das palavras dele:

— *Desculpe, mas o capitão não autorizou.*

Vá para a desnaturada que pariu! Pelo amor de Deus... Desde quando um homem pode decidir o que uma mulher faz? Não! Recuso-me terminantemente a essas histórias ridículas de "*homem manda, mulher obedece*". No país onde vivo, teoricamente, temos direito iguais. Todos! Homens e mulheres. Se um homem pode transar com quem quiser sem pedir permissão ao pai ou a mãe, por que uma mulher teria de fazer isso?

Então ai de quem falar "*Ah, cala a boca, femimiminazi! Isso é falta de dar!*". Não é falta de dar. É falta de quem "*receba*" decentemente. Não é simplesmente gozar, sair para fora, rolar para o lado e dormir! Não. Tem que fazer gozar, gozar e gozar juntos... Sexo é para ser prazer mútuo, não um prazer exclusivo de um só. Sexo pode ser só sexo. É isso o que estou tentando explicar à minha amiga cabeça dura.

Assim como a Danny curte fazer sexo e não ter de casar com o cara e viver eternamente ao lado dele. Não tenho que me apaixonar pelo irmão dela por termos transado. Foi bom? Foi ótimo. Repeti? Muitas vezes! Só que isso não significa que vá acontecer novamente. Menos ainda agora que estou gostando de outro. Na verdade, eu sei que *amo* outro.

— Terminou? — minha amiga pergunta.

— Não. Você tem que parar com isso, poxa! Eu gosto do Dani como amigo.

— Tia, estou errada em querer esses dois juntos? — Revira os olhos para mim e foca em minha mãe que está totalmente arrumada para sair.

— Danny, meu bem, você escutou a palavra mágica que a Fernanda disse?

— Amigo? — Nós duas falamos juntas e deixamos uma risada escapar.

— Amor! Fernanda, se você ama esse rapaz, para que ficar com outro?

— Eu não quero outro, mãe. Isso é história da Danny!

— Cadela, você tem certeza de que o ama? — minha amiga pergunta sentando na cama e me olhando nos olhos.

— Nunca tive tanta certeza, Danny.

— Já contou para ele sobre o que é a matéria? — minha mãe que pergunta.

— Ainda não.

— E está esperando o que? — mamãe fala novamente.

— Coragem?

— Nada disso! — Danny levanta da cama com um pulo. — Tia, a senhora vai de que para o aeroporto?

— Táxi, por quê?

— Eu te levo! — Pisca um olho e corre *saltitante* para a sala!

Escuto uma breve discussão abafada pela porta fechada e quando abre novamente, vejo minha amiga com um sorriso estampado e a chave da Ferrari na mão.

— Vamos lá, tia. Aeroporto em grande estilo!



— Novecentos e noventa e nove... Mil! — Respiro fundo e continuo andando de um lado a outro do quarto. — Ainda não estou pronta! — Resolvo contar até dez mil... — Sete mil quinhentos e setenta e dois... — Ele entra no quarto falando comigo. — Sete mil quinhentos e setenta e três...

— *Nós vai falar ou não?*

— Sete mil quinhentos e setenta e quatro... Espera que tenho que chegar à dez mil...

— Ai meu pau! — fala e se joga na cama. Automaticamente olho para o short dele. Aquele pedaço de pano que esconde uma das coisas que me dá mais alegria nesse mundo. — *Tu vai demorar? Pra que isso?*

— Sete mil e... e... — Continuo olhando para o meio de suas pernas. — Quinhentos e... seis seiscentos...

— *Tu contou errado.* — Ele senta e sorri. Aquela risada gostosa e safada. Ela me acalma por um momento. Percorre todo o meu corpo, faz minha pele se arrepiar e minhas pernas tremerem. — *Vamo' lá...* a doida pegou a chave da minha máquina no lugar de me deixar falar com tu!

— Érr... — Gelo sabendo que está na hora de falar a verdade para ele. Eu sabia que teria que fazer isso, desde o momento em que o vi pela primeira vez, quando eu estava saindo da casa do Marcos. — *Tá...* Você queria saber qual a minha matéria...

— Vai abrir o bico? — Bate uma mão na outra e as esfrega.

— Vou, mas quando você foi me contar sua história, contou como tudo aconteceu. — Ele levanta e anda até mim. Recuo um passo

automaticamente e ele não dá outro em minha direção.

— O que aconteceu na minha vida, não é igual a tua. *Tu teve* vida boa... Óh essa casa.

— Era dos meus avós. Deixaram para minha mãe e ela me deu.

— *Tu é* filha de tira... Viveu na mordomia. Só usa roupa chique. Perfume *grã-fino*.

— Isso é só o que todo mundo consegue ver. Você não consegue ver além? — pergunto.

— Mafê, *tu é* essa que *tava* aqui. Filha do tira. Abaixa a cabeça para ouvir grito dele. Tua mãe a mesma coisa. Essa tua amiga valente, é igual.

— Deixa de ser babaca! — falo magoada.

— Tu algum dia passou fome? Tu algum dia teve que matar *pra* não morrer?

— Não, mas nem por isso sou pior ou melhor que ninguém.

— Olha *pra* tu! *Mó* gata, tem grana, é jornalista e tem pai pica dura. Que porra *tu tá* fazendo naquele morro? — Vai aumentando a voz gradativamente e recuo mais um passo mesmo ele continuando no lugar.

Quando ele quis me mostrar quem era, eu fui. Mesmo sem querer saber. Por que ele não pode apenas me escutar antes de me julgar? É tão difícil? Sei que soa hipócrita vindo da pessoa que fez praticamente o mesmo com ele, mas eu o ouvi, não ouvi?

— Eu *tô* fazendo uma matéria.

— De quanto tempo? Porque *tu tá* lá faz tempo que eu sei!!

— É uma coisa de longo prazo...

— E por que merda *tu num fala* logo o que é? — grita.

— É coisa minha!

— Da minha vida eu tenho que falar. Até meu filho *tu conheceu*...

— Eu não pedi para conhecer o Nick!

— Mas *tu conheceu!* *Tu fala* que quer uma coisa séria. *Tu me coloca* contra a merda do muro e quando chega tua vez, *tu fica* de nhenhém!

— Vai embora — falo baixo.

— O que?

— Vai embora! A porcaria da matéria acabou. O Dani vai trazer minhas coisas e da Danny. Não queria se livrar de mim? Conseguiu! Vou falar para minha chefe que não vou continuar com a matéria, mas vai embora agora!

— Tua amiga *tá* com meu carro — fala frio.

— Pode esperar ela voltar lá no estacionamento. — Abro a porta do quarto que ele havia encostado quando entrou e caminho até a porta recém colocada da sala.

— *Tu vai* mesmo parar?

— Eu tenho palavra, Carlos Eduardo. — Ele faz uma careta. — Se tem uma coisa que meu pai "tira" me ensinou é que se você não tem palavra, não tem nada!

— E a palavra que *tu deu* para tua chefe?

— Não importa! Da Renata cuido eu. Agora, sai do meu apartamento. A menina mimada e tratada a pão de ló tem que fazer as unhas e arrumar a maquiagem. — Debocho com a porta aberta e a cara dele fecha ainda mais.

Ele força a porta me fazendo soltá-la e fecha. Vai até a cozinha, pega uma cerveja na geladeira e volta já tomando quando senta no sofá.

— Pode falar! — Ele me encara como se estivesse assistindo o melhor jogo de futebol do mundo na melhor tevê já inventada.

— Falar o que? Você já deixou claro quem eu sou. E eu já deixei claro que minha matéria acabou. Não precisa disso.

Ele deixa a lata de cerveja no chão ao lado do sofá, levanta e me puxa pela mão para eu sentar do lado dele. Quando sento e ele também, a lata de cerveja volta para sua mão e ele bebe até a última gota antes de ir para a cozinha e pegar mais.

— Quer? — Ele me oferece a lata dele. Vejo que é a mesma latinha verde que Danny e eu tomamos e nos derrubou.

— Não — nego. *Se for para dar merda, que seja comigo sóbria.*

— Então conta aí. — Encosta no sofá e coloca as pernas esticadas sob a cadeira que ele arrastou para perto.

Respiro fundo. Penso se devo contar até mil novamente, mas quando começo, ele diz para eu falar de uma vez, que arrancar o curativo de uma vez só, dói menos.

— Você acredita no amor? — pergunto de cara e ele engasga com a cerveja.

— Que?

— No amor. Você acredita no amor entre um homem e uma mulher? Homem e homem ou mulher e mulher não importa. Você acredita no amor romântico.

— Não, ruiva. Não acredito. Eu acredito que tudo acaba.

— Não foi isso que eu perguntei.

— Não acredito não, Mafê.

— Eu sempre fui apaixonada por contos de fadas e romances. Sempre gostei da ideia de encontrar o amor verdadeiro, mas nunca achei que devesse esperá-lo aparecer um belo dia quando eu estivesse correndo perigo e me salvar. Nunca quis príncipe encantado. Apenas alguém que me amasse e que eu o amasse também.

— *Pra* que isso?

— Namorado sério eu nunca tive. Sempre fui assim, impulsiva! Quando tinha quinze anos, perdi minha virgindade. Nunca coloquei na minha cabeça que a primeira vez tinha que ser com o cara perfeito. Apenas achei que era a hora e fui com quem deu vontade.

— *Tu é* maluca...

— Não sou. Apenas não sou o tipo de mulher que fica esperando os outros para conseguir o que quer. Eu sempre tive atitude. Não acho errado correr atrás do que quero. Quando alguém corre atrás de um sonho, é guerreiro. Só que ir atrás de um homem, como realmente fiz com você é feio... Cadu, presta atenção: eu nunca considereirei errado porque nunca vi isso como guerra de sexos ou como uma humilhação de uma mulher correndo atrás de um homem que não a quer. — Viro de frente para ele, que

faz o mesmo comigo. — Se um homem pode ir atrás de uma mulher, por que uma mulher não pode ir atrás de um homem?

— É feio!

— Não! É machismo, mas isso não importa, porque tive motivos para ir atrás justamente de você. Você despertou em mim, primeiro aqui embaixo, e mesmo eu tendo enfiado na cabeça que tinha que ser você o cara por quem eu me apaixonaria, você não era. Eu e você fizemos acontecer. Eu fiquei enfeitiçada por quem achava que você era.

— *Tu fez isso sozinha, maluca.* Eu nem queria isso...

— Não queria um relacionamento.

— Não quero! — fala quase que firmemente.

— Não estou te pedindo em casamento, Cadu. Estou apenas expondo os fatos — digo e ele confirma com um acenar de cabeça. — Você era o cara que eu sempre imaginei ser o certo para mim. Esse ar de perigo, gostoso, divertido, sexy e apesar de grosso, cuida de quem gosta.

— Eu...

— Não, *me deixa* falar. Sabe como eu sei disso? Eu vi como você olha para o seu filho. Vi como trata o seu Filé. Não exigindo que abaixem a cabeça ou tenha medo, mas tratando como a pessoa que ele é. Um senhor de bem que também é avô do seu filho. É alguém que visivelmente tem seu carinho. Hoje, você apareceu aqui no meu apartamento, derrubou minha porta e enfrentou meu pai para me defender. Não sabe o quanto fiquei sem reação. Eu realmente estava apavorada. Meu pai, apesar de me amar, é um homem violento. Só minha mãe sabe realmente lidar com ele. Ele nunca me

bateu de verdade, sabe? Mas ele já machucou minha mãe e foi quando decidi sair de casa.

— Ele bateu na tua mãe? — Rosna com ódio. — Porra, isso não é homem!

— Eu fui covarde em deixar ela só. Fiquei um tempo com a Danny e depois vim para cá. Só recentemente minha mãe veio para cá. Ela é escritora e papai nunca aceitou. Eu sou jornalista, meu pai nunca quis isso para mim. Queria que eu casasse com um dos paus mandados dele, mas nunca tive vocação para isso.

— Teu pai é maluco, só pode.

— Não. Ele é superprotetor. Não gosto disso, também, mas é meu pai. Mesmo depois que sai da casa dele, ele sempre cuidou de mim. Nunca mais voltei, mas sempre mantivemos contato, apesar de não ser dos melhores. Terminei a faculdade com dificuldade, já que não tem nenhuma faculdade pública que tenha jornalismo nem aqui, nem nos arredores. Paguei a faculdade, fiz estágio na revista e hoje trabalho lá. — Ele levanta, busca mais uma cerveja e me pede para continuar. — Renata minha chefe, queria uma coisa nova. Eu queria e ainda quero um aumento e mais reconhecimento. Tudo bem que minha coluna é bem conhecida, mas eu quero mais!

— Então é por grana que tu transa comigo e deu *pro* Nordeste? — fala e me seguro para não dar um tapa bem dado na cara dele. Levanto-me e ando de uma ponta a outra da sala.

— Eu não sou uma prostituta, já te disse isso. — Tento manter a calma. — Minha matéria não consiste em "*dar por aí*". Minha matéria é sobre o amor.

— Amor de dar *pra* um e outro?

— Olha, Cadu, se for para ficar me ofendendo, melhor sair daqui.

— Um nó na garganta me impede de gritar.

— *Tá. Tô shiu!*

— Não é uma matéria única. É semanal. Cada uma tem um título, mas o nome da série é "*Encontrando o Amor*". — Ele se remexe desconfortável no sofá.

— Então *tu procura* um cara que te ame?

— Não exatamente. Eu realmente acredito em amor verdadeiro. É conto de fadas? Clichê? Foda-se! Eu acredito.

— E o que *diacho* eu tenho a ver com isso?

— Tudo, meu bem. Lembra quando eu disse que estou apaixonada por você? Eu não estava brincando. — Aproximo-me e apoio uma mão no braço do sofá e a outra sob duas almofadas que estão onde eu estava sentada antes. Pairo meu rosto perto do dele e nossos narizes se encostam levemente.

— Mas eu já te disse o que eu quero! — Engole em seco.

— Amor... — sorrio. — Você já é meu, apenas não admitiu ainda... — falo e ele ofega quando meus lábios roçam os dele.

— Admito quando for verdade. — Uma mão dele alcança minha nuca e seus dedos afundam em meu cabelo puxando-os.

Ele sabe que é verdade. Também sabe que não se preocuparia comigo se não gostasse de mim. Cadu não apenas gosta de mim. Posso estar sendo precipitada, mas sei que é muito mais que tesão, que desejo, que o

simples gostar... ele está no mínimo apaixonado por mim, tanto quanto eu por ele. Não digo paixonite, falo paixão. Paixão daquelas que duram, que andam lado a lado com o amor... aquele tipo de paixão que te faz cometer loucuras e querer cometer essas loucuras. Paixão que é amor. Amor que é paixão.

O que eu sinto por ele é isso: Amor! Pode parecer loucura, mas é a verdade! Ele é bandido? Safado? Incuravelmente arrogante? Sim, sim e sim! Só que algo me diz que ele sente o mesmo. Ele age com intensidade e sentimento o suficiente para saber que estou certa. Eu faço o mesmo. Do mesmo jeito que ele me quer dele eu o quero meu!

— Eu tenho certeza de que é verdade! Ninguém faria o que você fez depois de tudo o que aconteceu no dia de hoje! Depois de tudo o que te falei, nenhuma arrogância ou pau duro sobreviveria. Você não simplesmente me deseja, Cadu. Você me quer sua, assim como você já é meu! — Mordo o lábio inferior dele e em um instante fui jogada no sofá e ele está por cima de mim.



Capítulo 23

Droga! Ela *tá* certa. Eu me preocupo e até mesmo gosto dela. Agora, amar? Não! Não é nem perto do que sinto. Tesão? Sim! Desejo? Sim! Amor? Não! Mafê é muita coisa que não gosto e muita que gosto. Ela me deixa maluco no sentido bom e ruim. Bagunça minha vida e me deixa de cabeça virada... E ainda dança em cima dela. Sai por aí dona dela mesma, mas volta com o rabinho entre as pernas *pra* mim. Dá uma de valente, vira gelatina na minha mão e geme meu nome na hora H.

Eu gosto muito dela. Gosto das maluquices. Gosto dos pedaços de panos que ela insiste em dizer que é roupa. Gosto do batom vermelho que deixa a boca dela mais linda ainda. Gosto de como ela me *arranha* e me deixa todo cheio de marcas. Gosto dos olhos verdes dela. Gosto de como tem resposta *pra* tudo, mas ao mesmo tempo trava com muita coisa. Gosto de como ela quer saber da minha vida e como fala da própria vida com as covinhas aparecendo. Gosto de tudo nela. Mas não estou apaixonado!

É estranho como mulher bagunça e complica as coisas. Ela já falou do trabalho de jornalista. Disse sobre o que é a matéria, mas eu não entendi ainda o que eu tenho com isso. Ela tinha que se apaixonar por alguém? Alguém tem que se apaixonar por ela? Por quê? E o que tem a ver comigo? Por que a Bela Flor? Quero saber tudo isso... Mas é difícil quando ela fica tão perto e quem resolve tomar o controle é a cabeça de baixo. *Isso, meu soldado que comanda e logo ela tá debaixo de mim jogada no sofá.*

— Então? — Ela sorri passa as pernas na minha cintura. — O que pretende fazer?

— Vô botar nessa tua cabeça doida de *periquete* que *nós é* só foda. *Num* tem nada de amor aqui não!

— E eu vou te mostrar que quando uma *periquete* se apaixonou, é de verdade e para valer.



Não sei quanto ao restante do mundo, só que eu odeio ser acordado. Acordar no grito? Pior ainda. Não tenho muita coisa contra a amiga louca da Mafê, exceto que ela é uma enxerida que tem fuçado o morro querendo saber sei lá o que de mim e ela ser totalmente maluca-pirada que quando chega à casa dos outros, entra sem bater e ao ver a amiga dormindo sem roupa depois do "vamo vê" comigo no sofá, dá um grito.

Eu não queria ter derrubado a Mafê do sofá, nem derrubado a maluca com uma almofada, mas porra, ela me assustou. Que pessoa normal faz uma coisa dessa?

— Que merda! *Vocês é* tudo doida! — pego minha roupa e levo a ruiva comigo *pro* quarto enquanto a morena ainda no chão reclama da bunda e do nariz doendo.

— Credo, Muralha. Será que você quebrou o nariz da Danny? — reclama quando *jogo ela* na cama e levanta rápido. Abre um pouco da porta e grita pela amiga dela que invade o quarto sem que eu vista nem a cueca.

— Puta merda! *Dá pra* sair? — grito me cobrindo.

— Não até me prometer uma coisa. — Sorri e analisa todo o meu corpo.

— *Vei*, quer ver, pode ver. Se quiser ver eu comer tua amiga de novo, pode ver. — Paro de me esconder com as mãos e viro para ruiva que

sei lá quando, vestiu minha camisa. Ela adora fazer isso.

— Cadela, para de olhar! — a ruiva reclama.

— Ah, qual é Fernanda? Só uma entrevista, é tudo o que preciso.

A ruiva vira a amiga de frente *pra* ela e aproveito *pra* vestir a cueca e o short. Que bando de malucas. Eu devia era ir embora e expulsar as duas do morro. Seria menos problema para mim que ficar no meio da conversa dessas malucas. Que merda de "entrevista" é essa que a morena *tá* falando?

— Hum, *tô* indo. Cadê minha chave?

— Então... — a amiga vira para mim — aconteceu uma coisa...

— Cadela, o que você fez?

— Eu nada, mas assim, depois que a tia embarcou, eu quis dar um tempo para vocês...

— O que *tu* fez com meu bebê? — A pego pelos ombros.

— Nada, Cadu! Não fui eu. — Ela me faz soltá-la. — Aquele idiota que simplesmente apareceu na minha frente.



Amassado, destruído, quebrado. É como *tá* a frente do meu carro, coitado. Sabia que não ia dar certo *deixar ele* nas mãos daquela doida, mas eu queria falar com a Mafê. Ela estava assustada, depois me dispensou e eu não quis sair dali sem falar direito com ela. Precisava entender o que estava acontecendo.

Fico tentado a dar uns tapas na morena de nariz em pé que explica como o tal cara apareceu na frente dela. Não duvido nada que a louca estava dirigindo na contramão ou mexendo no caralho do celular. Tudo bem, eu

também faço essas coisas, mas o carro é meu, porra! Se eu quebro, a culpa é minha. Vou me xingar *pra* caramba, mas se outra pessoa faz isso...

— Nossa, Cadela, mas você está bem? — Mafê pergunta nem um pouco preocupada com meu bebê todo quebrado.

— Se ela *tá* bem? Droga, olha como *tá* meu bebê! — reclamo.

— Ah, fala sério, Cadu. É só um carro — a morena diz e me imagino acabando com ela, quer dizer, mandando acabarem com ela. Não gosto de sujar minhas mãos com coisas que não valem a pena.

— Não é só um carro, sua maluca! *Tu sabe* quanto paguei nele?

— Provavelmente o mesmo que o cara da outra Ferrari pagou na dele. — Ri.

— Que? Porra! Quer dizer que *tu acabou* com duas Ferrari de uma vez só? — grito muito puto.

— Calma, Cadu. O seguro *tá* aí *pra* essas coisas.

— Merda! — Xingo mais uma vez e pego meu celular. Demora um pouco, mas logo Peixe atende.

— *Fala, chefia.*

— Traz um carro *pra* mim no...

— Outro? — Ele me interrompe. Odeio isso.

— Não, Peixe. O que já *tá* aqui... — respondo com raiva. — Quer saber, manda o idiota do JP trazer. Tenho duas malucas *pra* levar de volta...



Depois de falar com o JP e falar para ele trazer o carro, ligo para a Carlinha para saber como o Nick está. Volto para o apartamento das malucas quando a chuva começa a cair forte como se chorasse pelo meu bebê ali destruído.

Entro e as duas estão no sofá comendo brigadeiro e rindo. Passo direto para o quarto para tomar banho e depois me vestir. A ruiva não vem atrás de mim e puto do jeito que estou, melhor nem vir mesmo. Depois de sair do banho, vejo que a chuva aumentou e começo a me preocupar. Rio Azul é um lugar quente, mas quando chove... ah, aí São Pedro bota é *pra* acabar!

Chego na sala e JP *tá* lá sentado entre as duas. Os três debaixo de uma coberta. Mafê com a cabeça *numa* almofada. JP com a cabeça no ombro da Mafê e Danny com a cabeça no ombro dele. Eles tão falando de alguma coisa e assistindo TV, mas não consigo pensar em nada se não nele cheirando o pescoço da Mafê.

Porra, Danny não tá vendo isso não? Que merda é essa que ela deixa o macho dela ficar cheirando a minha ruiva?

— Cadê a chave? — Paro na frente dos três e vejo-o desencostando rapidamente da minha ruiva.

— Aqui, chefia. — Joga para mim.

— JP, quando eu mando *tu trazer* um carro *pra* mim, não é *pra* tu se embrulhar e ficar cheirando o cangote da Mafê! É *pra tu trazer* o caralho do carro e me entregar a chave! Entendeu?

— Claro, chefia. — Levanta e a coberta cai no chão. Fecho os olhos de raiva quando vejo que a roupa da Mafê é mais curta que um biquíni e viro as costas.

— *Vam'bora!* — Vou para porta e JP diz:

— É... Chefia, *tá* chovendo.

— E tu por acaso é feito de açúcar? — retruco sem olhar *pra* eles.

— Não, é que...

— Vários pontos da cidade estão alagados e o trânsito *tá* impossível.

— Escuto a voz da morena.

— E como tu conseguiu chegar aqui? — pergunto ao JP.

— Não *tava* chovendo igual agora não... — fala baixo e Danny o puxa para sentar novamente no sofá.

— Porra, JP, sai de perto da Mafê, caralho — reclamo quando Danny puxa a coberta por cima deles novamente e Mafê encosta a cabeça no ombro dele.

Rápido ele levanta e para do meu lado. Danny revira os olhos e começa a falar sobre eu estar com ciúmes... onde já se viu? Eu, Cadu, com ciúmes! Já disse que o que sinto pela Mafê é tesão. Não estou, nem vou ficar apaixonado por ela. Não amo, nem vou ama-la. Não sinto, nem vou sentir ciúmes dela. Só que ela é minha e enquanto for minha, macho nenhum tem que olhar para ela, menos ainda chegar perto.

— Credo, Cadela. Não sei como você aguenta ele — Danny reclama e olho feio para ela.

— Credo, Mafê, não sei como *tu aguenta* ela — reclamo de volta.

— Que merda, vocês dois parecem crianças! — Mafê grita. — Cadu, não quer que o JP fique perto de mim, então fica você, caralho.

Danny, para de coisa que se fosse o Dani que tivesse assim, você ia achar bonitinho.

— Que culpa eu tenho se sou a favor do meu irmão?

— Já falamos disso! Eu não gosto do Dani assim. — As duas começam a discutir e depois de JP e eu nos olharmos tentando entender, a palavra mágica entra pelos meus ouvidos.

— Droga, Danny. Só transei com ele algumas vezes...

— Mais do que a quantidade de vezes que transou com esse aí — aponta *pra* mim.

— Pera! — grito. — *Tu disse* que nunca tinha dado *pra* ele.

— E quando disse que dei?

— Agora! — Eu me seguro para não gritar de novo. Merda, eu sei que nem a conhecia quando rolou, mas porra, não é bom saber que tua garota deu para outro que estava na casa dela como se não fosse nada demais.

— Ah! Então... Foi há um tempo, já... — diz.

— E os flashbacks que rolaram? — a morena diz e não sei se mato ela ou se deixo que ela continue a tagarelar.

— Daniela, que merda. Até há algumas horas você tinha entendido que o que eu tive com seu irmão não foi mais que transas casuais e sem importância. Sim, foi bom. Foi ótimo, mas eu não o amo. Eu não me apaixonei antes e não estou apaixonada por ele agora. Se eu não for ficar com esse traste — aponta *pra* mim. — Também não fico com o Dani, porque eu não o vejo assim.

— Meu irmão te ama! — diz e minha raiva aumenta.

— Mas eu, Maria Fernanda, não o amo. Qual a dificuldade de entender? — minha ruiva pergunta e mentalmente a apoia.

— Fernanda...

— Danny, esse assunto nem deveria ter começado! Nunca existiu Dani e eu e nunca vai existir. Sinto muito que seu plano casamenteiro deu errado. — Vira para TV e começa a zapear os canais até parar no canal principal da cidade.

Na TV diz que a cidade está alagada mesmo. Que não é recomendado que saiam de casa, menos ainda de carro, até porque os coitados já devem estar debaixo d'água. Ligo para Carlinha e mesmo com a ligação falhando, consigo entender que ela está com Nick na casa da dona Carol. Fico mais aliviado em saber isso. Não sou o maior fã dela, mas admito que dona Carol é uma boa avó *pro* meu filho, apesar de tudo.

— E o Nick? — Mafê vem até a cozinha e pergunta.

— Na casa do seu Filé — suspiro aliviado.

— Ah, sim. Você sabe que não vai conseguir chegar ao morro hoje, né?

— Nem seu namoradinho sair. — Não resisto a alfinetar. Merda, quando estou com ela me sinto a porcaria de um adolescente com a primeira namoradinha.

— Ele não é meu namoradinho. Somos só amigos. — Ela puxa uma cadeira e senta e faço o mesmo ficando ao seu lado.

— Amigo não come a amiga, Mafê — falo e ela dá risada.

— Aí que você se engana, Muralha. Só que isso não importa. Não gosto, nem nunca gostei do Dani como ele e a Cadela querem.

— Por que *tu mentiu*? Disse que não deu para ele.

— Achei desnecessário, Cadu. Poxa, eu só queria ficar bem com você.

Fico calado, tentando pensar enquanto ela me observa. Não tem importância o tanto de vez que ela deu para esse filhinho de papai. Não importa que ele queira *comer ela* de novo, nem que a amiga maluca queira que ela faça isso — aliás, isso é mais uma coisa que eu tenho contra ela. A Mafê gosta é de mim. Ela quer dar é *pra* mim. O macho dela sou eu. Então que se foda o resto.

— Vem cá. — Eu a puxo para o meu colo. — Quando é que acaba teu trabalho?

— Já disse que vou falar *pra* minha chefe que desisti, Cadu.

— Tá doida? — Coloco o cabelo dela detrás das orelhas. — Se *tu desistir*, *tu sai* do morro, né?

— Sim.

— Então não vai desistir porra nenhuma... — Segurando *o cabelo dela*, aproximo nossos rostos.

— Cadu...

— Não! *Tu não tem* que fazer eu me apaixonar por ti? — ela confirma com a cabeça. — Então faz, ué. *Faz eu* me apaixonar *por ti*. O que *nós tem pra* perder? Namora comigo.

Não, eu não tô doido, mas se ela vai ficar longe porque não me apaixonei por ela, acho justo ela tentar esse milagre com o tempo que falta, mesmo eu sabendo que não vai conseguir.



Capítulo 24

Depois que ele fez a proposta na cozinha do meu apartamento, fiquei totalmente sem reação e admito que fiquei tentada a dizer um não. Estava pronta para deixá-lo (ou pelo menos tentei, em vão, convencer-me disso), sair da Bela Flor, finalizar minha matéria de vez e esquecer meu “final feliz”. Afinal, o que mais eu poderia fazer? Era melhor acabar tudo e seguir em frente sem prejudicar tanto meu emprego e minha vida, já que meu coração estava completamente ferrado.

Contudo ele me surpreendeu. Disse que queria tentar e tem tentado. Não tem sido algo forçado. É algo que ele realmente quer e sente. Não dormimos juntos todos os dias, nem sempre estamos próximos, algumas vezes brigamos e nos entendemos, apesar de dona Carol ter me demitido do boteco, continuo no morro. O “objeto” principal de minha matéria está aqui e, sinceramente, não estou pronta para ir.

Quando finalmente conseguimos sair do meu apartamento, no dia seguinte ao temporal em Rio Azul, para voltar para a comunidade, Danny já havia feito as pazes com JP que explicou que não a deixou bater em Taíza por causa das ordens de Cadu. Segundo o “Ken”, como o Cadu o chama, existem ordens e uma delas é proteger Nick e a mãe dele, mesmo que ela esteja errada. Cadu não gostou quando escutou Danny e JP conversando sobre o assunto, pois até então ele só sabia que Taíza havia me ameaçado, mas não sabia como, nem quando ao certo.

Nick passou todo o resto da semana conosco e nenhuma das vezes Taíza ligou ao menos para perguntar como estava o filho. Nesses dias também, Carlinha ficou na casa do Muralha e só percebi que o pequeno

havia me enganado quando ela pediu a Cadu a noite de folga para sair com o noivo dela que, depois, descobri que trabalha para ele.



ALGUMAS SEMANAS DEPOIS

Nas últimas semanas, tenho me dedicado exclusivamente à revista e ao Muralha. Também tenho ajudado Danny com uma coisa ou outra, já que, apesar de ter publicado a matéria e essa ter feito um tremendo sucesso, disse que continuaria comigo na comunidade até o fim.

Sim, o Muralha aceitou fazer a bendita entrevista com minha amiga desde que ela não revelasse quem ele era. Ela não gostou muito, mas ou eram nos termos dele, ou ele não aceitava. Ela jamais espalharia quem ele é por aí já que sabe que eu não gostaria. Danny, apesar de saber que eu amo o Cadu, que quero estar com ele e que não quero nada mais que amizade com o irmão dela, continua falando indiretas e coisas que irritam meu Muralha e a mim também.



A paz entre Danny e JP não durou tanto. A discussão começou quando ela pediu para cortar o cabelo dele e ele fez um escândalo (e até desmunhecou um pouco), fazendo até Muralha e Nick se acabarem de rir, junto comigo. Achei ridículo eles se deixarem por causa disso, mas se bem conheço minha amiga, não foi mais que uma desculpa para se afastar, já que ela está visivelmente se apaixonando por ele. Apesar de gostar do JP, Danny é rápida e começou a sair com um rapaz também da comunidade. Não posso dizer que JP gostou, pois na primeira oportunidade armou barraco dos grandes e ficou chupando o dedo já que minha amiga terminou a noite com o outro, não com ele.

Marcos é um caso à parte. Ele surtou quando o Muralha disse que estávamos namorando (sim, ele disse namorando com todas as letras e sem gaguejar). Marcos subiu na laje da casa dele e disse que ia se jogar lá de cima. Eu até quase apoiei ideia dele, mas acabou que terminou com Cadu e Peixe tirando-o de lá enquanto chorava e esperneava como criança birrenta.

Céus, ainda me pergunto como fui capaz de ficar com ele!

Ele não quis entender, disse que a amizade dele com o Muralha tinha acabado e que ele ia se arrepender.... Na hora até calafrios senti, Marcos foi gélido e até Cadu ficou incomodado. No mesmo dia ele sumiu da comunidade e não deu mais notícias deixando Muralha, eu e Peixe preocupados.



Há algumas horas Renata me ligou pedindo que eu fosse à redação. Desde que vim para a Bela Flor, sempre fui até lá uma vez por semana, esse era o nosso combinado, mas nessa semana já fui duas vezes e ela ligar pedindo que eu fosse uma terceira vez me preocupa. Não faço ideia do que possa ser e Danny não me acompanhar me deixa um tanto insegura.

Desde que arrumou esse novo rolo depois do JP, ela tem tido menos tempo para mim e isso me incomoda, já que ela mesma havia dito que o motivo por ter ficado no morro era eu, não, como ela disse, “*uma piroca qualquer*” mesmo eu sabendo que JP também era o motivo. Aviso Muralha pelo telefone que estou indo até a redação. Ele avisa (sim, avisa) que JP vai comigo, pois com o Marcos sumido, ele não confia que eu fique por aí sem “proteção”.

Como se o JP fosse conseguir me salvar de qualquer coisa maior que uma mosca. E olhe lá... já vi ele dar piti por causa de uma traça.



Apesar de ter entrado no elevador temendo o que Renata diria dessa vez, quase cai para trás quando as portas se abriram e todos os meus colegas de trabalho (até mesmo a Dick Vigarista) gritaram um “surpresa” para mim e em seguida começaram a cantar a tão famosa canção de “Feliz Aniversário”.

Sinceramente? Eu nem lembrava que hoje era meu aniversário. Estive mais preocupada com minha última discussão com o, não canso de dizer isso, meu namorado e pedindo para minha melhor amiga me apresentar o cara novo com quem estava saindo. Além de Dani não falar comigo nem a pau e Cadu ficar enchendo o saco por ciúmes do meu amigo, coisa que ele não admite nem sob tortura.

— Então, Fernanda, gostou da surpresa? — Renata me pergunta em sua sala, quando a farra acabou e todos voltaram para suas mesas.

— Nossa, Renata, eu amei! Ainda mais saber que a revista bateu o recorde de vendas novamente. — Sorrio, sentada na cadeira que ela me apontou à frente de sua mesa.

— Sim, Fernanda, sua coluna é a mais pedida. Oito em casa dez leitoras de “*Amo Isso*” admitem que a sua matéria é a primeira que leem e que é a mais esperada.

— E os números de acesso aumentaram — comemoro.

— Verdade, o site está *bombando*. Você conseguiu, Maria Fernanda. — Renata sorri. — Considere seu salário aumentado.

— Obrigada!!! — Dou vários pulos e abraço minha chefe que retribui de maneira desajeitada. — Obrigada, Re!!!

— Mas... — ela diz parecendo sufocada e a libero do abraço.

— Mas?

— Taíza também quer sua promoção e ela está se esforçando muito para isso, Fernanda — diz um pouco sem jeito.

— Mas você disse que...

— Taíza também está em um projeto. E dependendo dos resultados, vou escolher qual das duas fica com a promoção, ok?

— Bom, se ela quer guerra... Guerra vai ter! — Pego minha bolsa e vou em direção à porta.

— Mafê, tudo depende da matéria final. Você tem duas semanas.

— É, eu sei disso.

— Boa sorte!

— Obrigada, Re. — Saio da sala dela e vejo Dick Vigarista conversando com uma das amiguinhas da laia dela.

Fico tentada em ir até ela e dizer que a vaga já é minha, mas o olhar que Cinthia, a secretária da Renata, dá em minha direção, acaba me impedindo. Sigo meu caminho rumo ao elevador enquanto um ou outro colega ainda me parabeniza ou simplesmente me cumprimenta. Entro no elevador e antes que as portas se fechem, ela entra também.

— Taíza, sai daqui se não quiser levar um tapa na cara! — falo calma.

— Que foi garizinha? Dividimos o homem, mas não quer dividir o elevador? — As portas se fecham e a ignoro. — Que foi, Maria Fernanda? O papai arrancou sua língua?

Em pensar que já a ajudei. Que fui amiga dela, sim, eu fui amiga, ela só se aproveitou da minha boa vontade. Afasto até o canto oposto do elevador e ela se aproxima para me irritar.

— Fernanda, você sabe que o Cadu vai meter o pé na sua bunda e voltar correndo para mim logo que eu estalar os dedos, não é mesmo? Assim como todas as outras vezes. — Devagar ela se aproxima e afundo as unhas nas palmas das mãos para não rasgar a cara de santa puta dela. — Ele é ótimo de cama, não é? Nossa, já quebramos a cama algumas vezes, sabia?

— Bom para você. — Eu me limito a dizer e encarar a tela que diz que ainda estamos no quinto andar. *Que lerdeza!*

— Pergunte a ele sobre “nó cego”. Ele adora isso... — sorri e a encaro com nossos rostos quase se tocando. — Ele é tão grande e delicioso, não é mesmo? E fica tão sexy com uma arma na mão.

— Humrum. — *Terceiro andar.*

— Nick foi feito ali naquele mesmo quarto onde você tem dormido, sabia? Nossa, a nossa casa foi completamente batizada por nós dois.

Um barulhinho sinaliza que o elevador finalmente parou no térreo e digo:

— Então que bom que estamos morando na casa dele. Assim podemos deixar nossa própria marca. — Passo batendo com meu ombro no ombro dela e saindo do prédio.

Conto até cinco mentalmente tentando me controlar para não voltar lá, mas antes que eu faça isso ela puxa meu braço me fazendo virar para ela no meio da calçada.

— Vocês não estão morando juntos! — Relincha.

— Morando? Bom, dormimos no mesmo quarto, mesma cama, na mesma casa. Também tomamos banhos deliciosos separados e, principalmente, juntos no mesmo banheiro... comemos ali naquela casa. Minhas roupas no quarto dele, sapatos idem... acho que posso dizer que, sim, estamos morando juntos. — Sua mão levanta para me acertar e antes que eu mesma a pare, JP segura seu braço.

— Que droga acha que está fazendo, JP? — Relincha de novo.

— Ordem do chefe — diz nos afastando.

— Seu chefe disse para me proteger, não essa vagabunda ruiva.

— Chefia mandou *pra* proteger ela também, madame. — Pisca para ela e me arrasta pelo braço até o carro em que viemos. Um preto e discreto que, sinceramente, não sei dizer o modelo.

Sem dizer nada, JP também entra no carro e dirige de volta para o morro da Bela Flor.



JP tenta falar comigo, mas o ignoro até que para o carro no meio da ladeira da comunidade. Fico sem entender, mas logo ele xinga, pragueja e bate no volante com raiva.

— Que droga, JP! — Eu me assusto. — O que houve?

— *Tá* vendo aquela porra não, Mafê? — aponta furioso uma calçada onde Danny está beijando um cara.

— Vocês não estão mais juntos, JP — tento argumentar.

— O caralho que não! Ontem ela *tava com eu*, porra! — Abre a porta do carro e sai em disparada em direção a minha amiga e o cara. Não

penso duas vezes, abro a minha porta e o sigo.

Nunca tinha visto JP tão... Homem das cavernas, já que ele sempre estava mais para... bom, Ken humano... Enfim, JP alcança os dois e em questão de segundos o cara que estava beijando minha amiga está no chão. Ela dá um grito e põe as mãos na boca quando JP começa a socar o rapaz que só depois de apanhar um pouco, começa a revidar. Puxo-a para longe dos dois enquanto grito para JP parar, mas ele me ignora e minha amiga em estado de choque não consegue ajudar, claro.

Droga, Mafê, pensa! O que fazer? O que fazer?

— Polícia, JP, polícia! — grito e ele para procurando e justo nesse momento o cara acerta um soco certeiro nele que cai apagado no chão. — Ai meu Deus!

— O que você fez? — Danny grita com o cara e corre até JP.

— Ele me acertou! — reclama e cospe sangue no chão.

— Cadela, *me ajuda* — minha amiga grita enquanto apoia a cabeça do JP no colo.

— Devo ter algo na bolsa ou no carro. — Eu me viro para correr de volta para o carro, mas ele não está lá.

De repente um barulho alto. Fecho os olhos implorando para ser um trovão, mas ao andar até o meio da rua onde já tem muita gente curiosa apontando para o pé da ladeira, na entrada da comunidade, está o carro preto capotado.

— Caralho! — Uma voz conhecida fala alto atrás de mim. Não quero me virar e dar de cara com ele. — Que merda houve aqui? — Sinto as pessoas se afastando, caladas e ele cada vez mais próximo. Não me viro,

ele me faz virar e pegando com as duas mãos no meu rosto pergunta: — Porra, Mafê, *tu tá* bem?

Depois de ter certeza de que eu estou realmente bem, Cadu começa a gritar perguntando o que tinha acontecido e onde estava JP.

— Ai meu Deus, o JP — lembro e tento levá-lo até minha amiga que está com ele.

Mal dou um passo e escuto uma explosão. Com certeza, o carro. Com cara de cachorrinho que caiu da mudança, peço desculpa baixinho e como ele está, acho eu que, em estado de choque, eu o arrasto rápido até JP e minha amiga.

— Porra, o que aconteceu aqui? — pergunta logo que vê JP no colo da Danny e minha amiga quase surtando em desespero.

Logo após eu explicar que JP havia brigado com o carinha que a Danny estava beijando, o Muralha liga para o Peixe e os dois levam o Ken (com o cabelo ainda arrumado) para minha casa que está mais perto. Danny sequer fala com o cara. Não sai do lado do JP, mas quando o cara diz que vai embora, Cadu vira rápido para ele e diz que não. Não entendo muito bem o porquê de o cara acatar de primeira, mas ele simplesmente segue com a gente para minha casa.



Cadu está fazendo uma espécie de interrogatório tentando descobrir o que aconteceu, enquanto Danny pragueja por não a deixar ir ver JP no quarto.

— Cala a boca, porra! Depois que tu explicar que merda foi essa, *tu pode* até chupar o JP se quiser, mas agora fala!

— *Tá!* — fala alto e com um suspiro. — Eu estava com o Saulo e... — um sininho soa em minha mente quando minha amiga diz o nome do cara com que estava antes que JP chegasse, automaticamente fixo meu olhar nele tentando ter certeza de que é quem estou pensando.

Danny continua a falar, mas meu foco é o negro alto, forte e de olhos verdes que anda de um lado a outro da pequena sala. Percebendo meu olhar, Saulo vai até a cozinha e vou atrás.

— Que merda você está fazendo aqui, Saulo? — pergunto logo que entro no cômodo. — Você é suicida ou idiota? Não sabe que esse lugar é cheio de gente perigosa para gente como você? O que acha que vai acontecer quando alguém souber que você é poli... — não consigo terminar de falar, porque ele me empurra e encosta-me na parede segurando meu corpo com o seu e tapa minha boca com sua mão.

— Ninguém sabe, Maria Fernanda — fala de maneira séria. — E nem vai saber se você não abrir esse biquinho lindo. — Mordo sua mão e um urro baixo sai de sua boca.

— O que você quer com a minha amiga? — Empurro ele que só se move porque é surpreendido, já que é forte e musculoso.

— Eu gosto dela.

— Gosta o caralho! Fala logo ou pego um megafone e saio correndo a comunidade inteira falando que você é policial!

— Seu pai sabe que vocês estão aqui e ainda por cima metida com essa gente? — pergunta com um sorrisinho arrogante no rosto.

— Escuta bem o que vou te dizer: eu sou uma mulher maior de idade, vacinada, tenho meu trabalho, minha casa, minha vida e isso não diz

respeito a ninguém se não a mim mesma. O mesmo vale para minha amiga. Não sou pau mandado do meu pai como você. Agora responde a droga da minha pergunta! — falo mais alto.

— Fala quem eu sou e sua amiguinha se ferra. Estou apenas cumprindo ordens, noivinha. — Ele se aproxima novamente me prensando contra a parede e cheirando meu cabelo.

— Mafê? — Escuto a voz de Cadu se aproximando.

— Uma palavra, noivinha. Uma só. — Saulo sussurra em meu ouvido e dou-lhe um chute entre as pernas.

— Sua... — o idiota cai no chão e Cadu entra na cozinha.

— Que merda foi agora? — ele me pergunta visivelmente cansado.

— Ele disse que JP mereceu o que ele fez e ainda por cima o chamou de bichinha. — Minto. — Só quem pode dizer esse tipo de coisa com e do JP somos nós. — Cadu sorri e me abraça.

Minha amiga entra na cozinha sem entender nada, mas vai até o imbecil e o ajuda a ir para o sofá da sala perguntando se ele está bem.

— Tô vendo que tenho que ter *mermo* ciúme do JP. — Fecha um pouco a cara, mas logo volta a sorrir. — Porra, *tu derrubou* um negão por causa dele. — Gargalha e em seguida me beija.



Depois que Saulo conseguiu ficar de pé, foi embora passando longe de mim. Admito que fiquei me sentindo... mesmo sabendo que aquilo não seria o suficiente para mantê-lo longe. Apenas fiquei satisfeita de vê-lo no chão.

Tive de explicar ao Muralha o que houve com o carro e, apesar dele ficar com raiva por perder mais um carro, ele estava mais preocupado comigo e, pasmem, com o JP.

Quando Saulo foi embora, minha amiga foi para o quarto onde JP ainda estava apagado e só saiu meia hora depois com um sorriso no rosto avisando que ele acordou depois que ela jogou um copo de água na cara dele.

— Ele está bem? — pergunto sentada no colo do meu namorado no sofá.

— Bom, ele está reclamando que baguncei o cabelo dele com a água, então posso dizer que ele está ótimo — diz ainda sorrindo, mas em seguida fecha a cara. — E quero ele fora daqui, em cinco minutos, Cadu! — Ela entra no meu quarto batendo a porta com força.

— É sério isso? — Muralha me pergunta. — Pensava que ela gosta dele.

— Ela gosta, mas é muito cabeça dura, que nem você. — Dou-lhe um selinho e levanto. — Vou falar com ela. Melhor levar o JP daqui.

— Beijinho mais mixuruca, Mafê! — reclama.

— Amor, leva o JP e depois a gente melhora isso. — Entro no quarto rápido quando percebo que o chamei de amor e sorrio baixinho.

Respiro fundo e minha amiga está digitando ferozmente no celular e xingando inúmeros palavrões.

— Danny?

— Oi.

— Não! Por que droga ele fez isso?

— Estava com ciúmes! Ele gosta de você.

— Mas eu não gosto dele. Por que ele não entende isso de uma vez?

— Continua a digitar andando de um lado para o outro.

— Danny, precisamos conversar!

— Fala.

— Senta e para, pelo amor de Deus. Já estou ficando tonta. — Tomo o celular da mão dela.

— *Tá.* — Levanta as mãos em sinal de rendição e senta na cama.

— Lembra do noivo que o papai me arranjou?

— É sério isso, Fernanda? Por que você sempre tem que ser o centro das atenções?

— O que? — pergunto assustada.

— É! Nossa, Fernanda. A gente *tá* aqui nesse lugar por *sua* causa. A promoção na redação é para você! Cadu topou a entrevista por você! Conheci o JP porque ele roubou *sua* calcinha. Ele queria você, não a mim. Agora isso tudo acontece e você dá um jeito ser o centro das atenções novamente! Que merda, Fernanda.

— Que merda digo eu, Danny! Isso é o que? Inveja? Amiga, pelo amor de Deus! Você me conhece mais do que o suficiente para saber que não sou assim.

— É, Fernanda. Inveja! — Gargalha. — Eu só... — começa a chorar. — *Desculpa*, eu não quis dizer nada disso. Eu só estou tão cansada de tudo isso.

— Amiga, você pode ir quando quiser. Eu preciso estar aqui, você não.

— Fernanda, eu não consigo me afastar. Nem de você e nem dele.
— Abraço-a.

— Danny e por que não fica com ele?

— Porque não!

— “Porque não” não é resposta.

— É a minha.

Respiro fundo e continuo abraçando-a até que pare de chorar.

— Desculpa, Cadela.

— Não, Danny. Não precisa pedir desculpa.

— Eu me excedi, mas eu realmente quero saber o que você queria me dizer. O seu noivo é o negão frouxo para quem você quis dar e ele disse que não estava autorizado, não é? — Debocha e brota um riso divertido em seu rosto.

— Esse mesmo.

— O que tem ele?

— Vi ele hoje.

— Não! E aí?

— Resumindo: ele disse que se eu tentar atrapalhar ele, vai contar ao meu pai que estou aqui.

— Espera! Rebobina a fita que acho que estou lerda depois desse ataque. Vamos analisar. Um: atrapalhar ele em que? Dois: credo, muito maduro da parte dele ameaçar contar ao seu pai, pessoa que não tem nada a ver! Três: Como ele sabia que você está aqui?

— Acho que ele está em uma investigação sob o comando do meu pai ou algo assim aqui na Bela Flor.

— Ai meu Deus! — Cobre a boca com as mãos surpresa.

— E ele sabe que estou aqui porque veio aqui em casa.

— Veio? Quando?

— Você lembra o nome dele?

— Sei que tem “s” — diz pensativo.

— Saulo.

— O Saulo? — Quase grita.

— É.

Por um tempo ficamos em silêncio. Eu não sei o que dizer e Danny certamente também não. Meu telefone toca, mas ignoro. Minha amiga idem, até que o dela começa a tocar. Olho a tela, já que ele ainda está comigo e vejo “Maninho” na tela enquanto toca uma música da Pitty.

— É o Dani, Cadela. — Entrego para ela que ainda demora um pouco para atender.

Deixo-a conversando com ele e vou até o banheiro.



Capítulo 25

Mafê saiu cedo da comunidade. Disse que a chefe tinha ligado *pra* ela ir até a revista e mandei que JP fosse com ela. Eu tinha que procurar o Nordeste. Estava preocupado com o que ele poderia fazer com ela, minha namorada.

É estranho eu gostar dessa palavra? Namorada. O som é legal, além de que falar isso e logo pensar na ruiva é algo gostoso. Quase tão gostoso quanto ela em si.

Enfim, JP foi com ela e enquanto estiveram fora, percorri a comunidade com o Peixe atrás do meu amigo e não o encontrei. Taíza ligando a cada minuto também não estava ajudando.

Eu estava indo em direção à entrada da comunidade quando Taíza me ligou pela milésima vez e resolvi atender mesmo tendo deixado claro para ela que nosso único assunto em comum era Nick e, principalmente depois que assumi Mafê como minha namorada, tudo que dizia respeito ao meu filho, eu trataria com a Carlinha, babá dele.

— O que é que *tu quer*, Taíza?

— *Você está morando com aquela vagabunda, Carlos Eduardo!* — grita e tenho que afastar o celular do meu ouvido para não ficar surdo.

— O que *tu quer*? — ignoro o que ela disse, mas certifico de guardar na mente que devo perguntar sobre isso à Mafê.

— *Se você estiver mesmo vivendo sob o mesmo teto que essa puta, eu mesmo acabo com a raça dela!*

— Ela é minha namorada, caralho! E se *tu respirar* perto dela, corto o dinheiro que te dou e...

— *Cadu!* — grita.

— Vai *te* ferrar, Taíza. *Tô* nem aí *pros teus* surtos. Tu *tá* avisada. Respira perto da minha mulher e não é só tua maldita conta que vai se ferrar. — Desligo com raiva.

Mulher chata da porra!

Escuto um barulho alto e vejo muita gente junta, parada no meio da ladeira. Ouço alguém falando de um carro preto capotado e mais alguém falando de uma ruiva. Meu sangue gela e abro passagem rapidamente para poder saber o que aconteceu. Mafê está parada de costas para mim olhando para o pé da ladeira onde um dos meus carros está todo amassado e de cabeça para baixo. Respiro aliviado quando vejo e me certifico de que ela está realmente bem.



Tudo bem que o JP não é um poço de músculos, mas fiquei surpreso ao ver ele apagado no colo da Danny. Liguei para o Peixe que comigo e junto com o imbecil que derrubou o Ken, ajudou a levar ele para a casa da Mafê.

Danny causa toda uma confusão para ir cuidar do Ken no quarto, até que finalmente diz o que aconteceu.

—... Eu estava com o Saulo e o JP chegou já batendo nele e falando besteiras — explica. — Foi do nada, Cadu. Eu sequer o vi chegando. Ele só parou depois que foi nocauteado pelo Saulo, mas eu não queria isso, sério.

— Eu já vi o JP brigando, Danny. E apesar de ser uma bonequinha, ele briga bem *pra* caralho.

— Ele se distraiu. A Fernanda e eu não sabíamos o que fazer, daí ela gritou para ele que a polícia estava chegando e ele se distraiu.

— Então o negão ganhou na sorte. Agora *tá* explicado porque o JP ainda não acordou...

— Não! Foda-se. Pelo amor de Deus, Cadu, estou pouco me importando para isso. Vou cuidar do JP! — Levanta já indo em direção ao quarto.

— Vai nem despachar o outro? — Eu me levanto procurando a Mafê e a encontro com o outro, mas ele gemendo de dor caído no chão da cozinha e ela encostada na parede.

Logo em seguida Danny chega e ajuda ele. Quando Mafê me conta o que aconteceu até sinto uma pontinha de ciúmes. Ela derrubou o cara pelo que ele falou do JP, mas ela já disse o que sente por mim, então foda-se o resto.

Ficamos na sala e depois que o tal Saulo vai embora, Danny entra no quarto para cuidar do JP. Quando ela sai mandando que eu o tire de lá, fico confuso. Em seguida entra no quarto da Mafê batendo a porta com força. *Tá* na cara que ela gosta dele. Tanta gente cabeça dura nesse mundo!

Não, eu não sou um desses!

Mafê entra no quarto que a amiga entrou depois que me chama de *amor*. Fico sentado ainda por um tempo, admito, com um sorriso bobo enquanto olho de maneira fixa para a porta fechada. Fiquei estranhamente

feliz com a palavra que ela disse e somente alguns minutos depois, vou até o outro quarto e ajudo o Ken a ir para o próprio barraco.

Ligo para o Peixe para saber como ele está resolvendo o problema com o carro que, não só capotou ladeira abaixo, mas também explodiu. Ele avisa que apareceu Corpo de Bombeiros, tiras e muita gente “oficial”. Mando que ele apenas se certifique de que ninguém tenha se machucado e deixe o restante de mão.



Antes de voltar à casa da Mafê, passo no boteco do seu Filé para confirmar que trarei Nick para casa e ele ficará um dia com ele. Como Nick estuda em casa, não tem muitos amiguinhos. Na verdade, ele só se diverte mesmo com os meninos da comunidade que gostam de brincar com ele na pequena quadra de futebol.

— Mas Carol, é aniversário da menina. *Tu não pode* ser assim. *Tu gostava* tanto dela. — Escuto seu Filé falando quando me aproximo da porta do escritório dele.

— Gostava, antes dela se engraçar *pro* rumo do Cadu. — Escuto a voz da megera.

— Mas mulher, *eles se gosta*. Que tem de errado?

— A Taíza ainda gosta dele, Filé.

— Hum, *tá doida*, mulher? Deixou de gostar da menina só porque ela *tá* com o Cadu e a Taíza quer voltar para ele? *Tu sabe* que tu *tá* errada nisso. *Nós vai* dar parabéns *pra* Mafê sim. — A voz dele fica mais alta e mais séria.

É aniversário da Mafê? Por que ela não me disse?

— Se quiser ir, vá, mas amanhã vou avisar *pra* ela que é *pra* sair da casa da minha filha. Já enrolei demais por tua causa. — A porta abre e dona Carol me olha com a cara feia. — Ouvindo detrás da porta, Cadu? Bem tua cara, só faz coisa errada.

— Eu vim falar com seu Filé!

— Aproveita que ouviu a conversa e avisa logo tua namoradinha que quero ela fora da casa da minha filha! — Com raiva vai para o balcão e manda a nova funcionária, (já peguei e Mafê expulsou do meu barraco, Mayara, acho), servir as mesas.

Entro no escritório do seu Filé, converso com ele sobre o Nick e o sorriso brota em seu rosto. Ele é um dos maiores motivos para eu ainda trazer o meu filho para a comunidade. Não desmerecendo o morro, eu amo esse lugar, mas depois de tudo o que aconteceu aqui, seria um dos últimos lugares onde levaria meu filho. Converso um pouco mais com seu Filé e antes de ir embora, ele pede:

— Meu filho, *tu dá* parabéns para Mafê por mim?

— Por que o senhor não faz isso cara a cara, seu Filé? — pergunto sabendo que era isso que ele queria.

— Quero evitar *os problema* com a Carol. *Tu sabe* como ela é... quando encasqueta com uma coisa. — Abre uma gaveta da mesa e me entrega uma caixa embrulhada em jornal. — Comprei isso *pra* menina. *Dá pra* ela e diz que eu desejei parabéns, *tá?*

— Tudo bem, seu Filé.

— Ah, Cadu, a menina quer ficar aqui. Arruma um lugar *pra* ela ficar meu filho. *Tu sabe* que se fosse por mim ela continuava onde *tá*, mas a

Carol e a Taíza...

— É, eu sei, seu Filé. Se preocupa não. Mafê já *tá* mais no meu barraco que lá mesmo. Ela fica comigo. — Dou de ombros e novamente o velho senhor sorri.

— Fico feliz com isso, Cadu. *Tu merece* uma mulher boa que nem a Mafê. — Bate nas minhas costas e deixo o boteco com os olhos da minha ex-sogra sobre mim e caixinha pequena que levo.



Vou *pra* casa imaginando o que posso dar de presente para a Mafê. Eu não sabia que era aniversário dela e ela nem *pra* me contar. A amiga dela menos ainda. Vejo as horas no celular e ainda dá tempo de ir comprar alguma coisa para ela. Desço rápido o morro com o cartão no bolso e vou de táxi até uma loja onde vende o que quero *lhe* dar e depois de uma vendedora peituda me ajudar a escolher, pago e volto para a comunidade.

Chego já de noite e passo em casa para tomar banho e pegar o presente do seu Filé. Ligo para o Nick na ida para o barraco dela e ele comenta que “a mamãe chegou com muita raiva, mas já saiu”. Falo *pra* ele não se preocupar e depois de dizer para obedecer a Carlinha, desejo boa noite e desligo.

Escuto uma animação dentro da casa dela e bato na porta. Ninguém atende e depois de bater mais três vezes, tento abrir a porta e está destrancada. Na sala Danny está sentada no sofá com uma loira meio afastada dela, dona Edilene também está no sofá e Mafê em pé e de costas para mim sendo abraçada forte demais pelo prego irmão da morena. Quando ele me vê, faz questão de fazer gracinha cheirando o pescoço e

cabelo dela e descendo a mão até quase a bunda dela. Sorrindo ela bate na mão dele e se afasta.

A loira me nota e fala alguma coisa para Danny que só então me nota e dona Edilene também.

— Eduardo! — Vem até mim e me abraça. — Que saudades de você!

— Oi, dona Edilene. — Retribuo o abraço desajeitado. — Bom ver a senhora de novo.

— Senhora *tá* no céu! Ou chama de Edilene ou de “amor da minha vida” — fala e vira para Mafê que sorri para mim. — Filha, você não mentiu quando disse que ele tinha um corpo gostoso. Nossa, quantos músculos.

— Mãe! Larga meu namorado. — Sorri e sinceramente a mulher conseguiu me deixar sem graça e, por um segundo, fazer esquecer o prego com pinta de modelo que estava agarrando ela há pouco.

— Posso nem tietar meu genro, meu Deus! — Dona Edilene volta a se sentar no sofá.

Mafê deixa o prego para trás e vem até mim sorrindo.

— Seu Filé mandou para tu. — Entrego o embrulho que ele me pediu para eu entregar.

— Bem que ele podia ter vindo — fala aceitando a caixinha.

— É. Eu falei *pra* ele. — Dou de ombros. — Esse aqui é meu. — Entrego a segunda caixa.

— Como sabia que era meu aniversário?

— Seu Filé me disse.

— Você comprou algo *pra* mim! — fala surpresa.

— Comprei, mas se você não gostar, a gente pode trocar — falo sem graça. — Eu comprei com dinheiro mesmo, *tá?* — digo baixinho essa parte.

— Obrigada! — Ela me dá um selinho toda feliz e põe os dois embrulhos em cima da mesinha. Em seguida pega na minha mão e me puxa até a loira. — Eduardo — diz com um risinho, afinal é como se fosse uma piada interna —, essa é Paola. Uma grande amiga.

A loira se levanta com um salto maior que os que a Mafê usa e me dá dois beijinhos. Um em cada lado do rosto e depois me abraça. Fico meio sem jeito de uma mulher gostosa daquela estar tão perto e Mafê não reclamando, nem brigando.

— Vou pegar as bebidas que o Dani trouxe, alguém me ajuda? — Mafê pergunta e o prego levanta ao mesmo tempo que eu.

— Podem sentar os dois! Eu vou com ela. — Paola levanta e, depois de piscar para o irmão da morena, sai até a cozinha.

Apesar de não gostar nem um pouco do irmão da Danny, a noite foi divertida. Mafê abriu os presentes e quando abriu o meu, uma câmera de última geração, ela me deu um beijo que quase me fez leva-la para o quarto. Já era tarde quando as bebidas acabaram, então Danny pediu para o irmão ficar para dormir e na mesma hora disse para a Mafê que ia dormir ali também. A loira riu já quase bêbada e Mafê depois de me dar um beijo, disse que a companheira de cama dela naquela noite seria dona Edilene. Depois de todo um “planejamento” acabou que minha sogra dormiria com a loira e Danny com o irmão prego dela. Como a casa só tem dois quartos, restava à Mafê ou o sofá ou aperto na cama com a mãe e a amiga.

— Mãe, eu não vou para Nárnia. O Eduardo mora aqui pertinho. Dez minutinhos e já chegamos. — Dá um beijo na dona Edilene e se despede do restante do pessoal.

O irmão da amiga dela com cara de poucos amigos, disse para ela se cuidar e “qualquer coisa grita”. Danny cochicha algo no ouvido dela e ela responde que conversam quando ela chegar. A loira a abraça quase sufocando e fala que vai esperar até ela chegar.

— Fernanda, eu queria conversar com você. — Ando até a porta e espero Mafê. O prego a chama quando já está vindo em minha direção.

— Pode ser amanhã, Dani?

— Pode, mas é que...

— Amor, vamos? — Não tenho tempo de me assustar comigo mesmo, pois desligo minha mente por um momento e quando noto já estamos no meu barraco, em minha cama para ser mais exato.

— Eu te amo — ela diz antes de apagar e dormir rapidamente, mas quem disse que consigo fazer o mesmo?



Capítulo 26

Acordo e ele já não está mais na cama. Na noite anterior quando ele me chamou de amor, sei que foi para “marcar território” como Paola gosta de dizer, mas também é porque ele sente o mesmo que sinto por ele. Tenho certeza. A noite foi maravilhosa, tanto por ter meus amigos e minha mãe por perto quanto por também ter o homem que amo junto.

Como sempre, depois do banho coloco a camisa dele e quando chego na sala me arrependo. Ali está o Marcos conversando com ele e quando me vê, fecha a cara na hora. Cadu, que estava de costas para mim, vira rápido e volto para o quarto. Visto uma calcinha e roupa limpa que tenho ali e depois de me calçar, saio novamente do quarto, mas só ele está ali.

— Eu não sabia que o Marcos estava aqui — falo.

— É, ele apareceu cedo querendo trocar uma ideia.

— E...? — Paro na frente dele que me analisa de baixo a cima.

— Prefiro a roupa de antes. — Sorri safado.

— Eu também, mas meus amigos e minha mãe estão lá em casa. Vai comigo? — pergunto.

— Antes tu não *tava* se importando. Saiu do quarto só com minha camisa. — Ele me puxa pela cintura e sento no seu colo, de frente para ele, colocando uma perna de cada lado do seu corpo.

— Antes dava tempo de aproveitar um pouco mais — coloco meus braços em volta do seu pescoço —, mas agora eu realmente tenho que ir. Já

está tarde.

— Quem disse? — Beija meu pescoço.

— Meu relógio? — Sorrio e ele tira o relógio do meu pulso jogando em um canto qualquer da sala.

— Não tô vendo relógio nenhum.

— É, né? Eu acho que estava enganada... — Ele me silencia com um beijo forte.



Nunca tínhamos ficado juntos dessa maneira, foi intenso, mas não foi só carnal. Ok, sexo é carnal, mas não parecia ser só sexo. Será que eu estaria sendo precipitada em dizer que fizemos amor mesmo que tenha sido no sofá? Não que haja um lugar ou mesmo posição específica do sexo que se qualifique no “amor”, só... fizemos. Foi diferente. Foi amor.

Fomos para minha casa juntos como um casal apaixonado e... cacete! Será que eu estou confundindo tudo? Será que estou romantizando isso? Droga! Estou apaixonada, envolvida e não faço ideia de como agir ou mesmo pensar.

— Tu tá pensando no que? — pergunta logo que paga o pão.

— Nada.

— Ah vá. Fala...

— Você me chamou de amor ontem só por causa do Dani? — pergunto na lata e ele para visivelmente desconfortável com a pergunta.

— *Pra* que tu quer saber?

— Responde, por favor — peço, quase implorando para que a resposta seja um sonoro não. Que ele realmente me chamou de amor porque é isso que sou dele, seu amor.

— Foi — responde um pouco baixo. — Foi por causa daquele prego que eu falei aquilo — diz mais alto e algumas pessoas prestam atenção, mas apenas até notar que se trata dele.

— Tudo bem. — Caminho na frente e ele me segue em silêncio.

— *Tá zangada?* — Puxa meu braço me fazendo ficar de frente para ele, já na frente de casa.

— *Tô magoada, chateada.*

— Não é forçando a barra que *tu vai* conseguir alguma coisa de mim.

— Não é me chamando de “amor” na frente dos meus amigos que vai me fazer deixar de gostar de você.

— Então o importante é falar *essas coisa* na frente dos teus amigos?

— O importante é que seja algo que você sente. Não algo que você diga só para que eu me sinta melhor ou para magoar alguém. Algo real.

— Eu não sei falar *dessas coisa*, Mafê. Entende isso!

— Sabe o que eu entendo? Quando me falam o que sentem. Você não consegue falar ou não quer?

— Os dois — admite.

— Vou te fazer umas perguntas de resposta “sim” ou “não”. — Ele acena positivamente com a cabeça. — Um: Você sente algo mais que tesão por mim?

— Sim.

— Dois: Você vê que o que temos é mais que sexo?

— Sim. — Dessa vez demora um pouco mais para responder.

— Três: Você se sente assim quando me vê, quando estamos juntos?

— Eu me aproximo e pego uma de suas mãos colocando sob meu peito para que ele perceba as batidas mais aceleradas do meu coração.

— Sim. — Engole em seco antes de responder.

— Quatro: Está apaixonado por mim, Cadu? — Estamos tão próximos.

— Sim — responde com um leve sorriso e me dou por satisfeita por enquanto.

— *Tá* vendo, não dói ser sincero comigo e consigo mesmo. — Dou-lhe um beijo que só acaba quando nos falta ar.



Entramos em casa, minha mãe estava saindo do quarto já pronta para ir para casa, pedi para que sentasse para tomarmos café, mas ela disse que me ajudaria e já foi passando o café enquanto Cadu sentava começava as benditas ligações de todos os dias.

— Como foi a noite, minha filha? — minha mãe pergunta quando escutamos Cadu discutir com alguém ao telefone.

— Foi boa, mãe.

— Depois que vocês saíram o Dani não ficou nada feliz. Começou a reclamar com a irmã que o Eduardo tinha te chamado de amor. — Dá de ombros.

— Fala sério, mãe!

— Eu também não acreditaria se não tivesse escutado. Ele estava muito puto, Fernanda.

— E aí?

— Aí a Danny saiu e quando a Paola achou que eu estava dormindo, passou para o quarto onde ele estava — fala e começo a sorrir junto com ela.

— Ai meu Deus.

— Pois é. — Ela sorri. — Eles até me inspiraram em uma cena no meio da madrugada... Parece que o Dani é bom mesmo.

— Mãe, credo! — Ela consegue a proeza de me fazer corar.

— O que? Estou errada?

— Não, mãe. — Sorrio sem jeito. — O Dani é mesmo bom.

— O prego é bom em que? — Cadu vem até nós e me dá um beijo no topo da cabeça.

— Dançando. — Minha mãe diz e não me preocupo em corrigir. Ok que meu amigo é um péssimo dançarino, mas Cadu não tem como descobrir isso.

— Ah, sim. Danny acabou de chegar com uma cara não muito boa. — Avisa e o telefone dele logo toca e ele volta para a sala.

— Mãe, o Dani dança tão mal que se você estiver a cem metros de distância dele, vai querer se afastar pelo menos um oceano dele — falo e sorrimos. — Vou falar com a Cadela.

Um grito alto da minha amiga e todos corremos para o quarto tentando saber o que houve.

— Que droga, Dani! Tinha que comer a Paola em mais uma cama minha? — reclama enquanto o irmão dela sorri, pelo menos até que me vê.

Eu sabia que Paola era ou é afim do meu amigo, mas não sabia que já tinha rolado algo entre os dois, não até que minha mãe me contasse e agora eu presenciasse os dois lutando para se vestir. Danny pelo visto já sabia. Na verdade, teve mais uma cama batizada, mas nunca me contou e me sinto quase enganada, mas não pelo Dani ou pela Cadela, mas por a minha amiga, Paola. Puxo Cadu da porta quando ela, sem vergonha nenhuma, sai debaixo da coberta e, pelada, começa a recolher a roupa para se vestir.

— Olha um pouco mais que eu arranco suas bolas e costuro em cima dos seus olhos. — o puxo até a mesa.

— *Carai. Tu é ciumenta pra porra.* — Sorri e depois de sentar em uma das cadeiras, ele me puxa para o seu colo.

— Sou nada. — Tento levantar, mas ele não deixa.

— Fica aqui *pra nós tomar* café junto. — Beija meu pescoço, minha boca, meu braço até que acabo concordo.



Todo mundo sentado à mesa conversando e os dois irmãos com cara feia sei lá por que. Minha mãe conta como foi a turnê do livro dela, Paola conta que deixou o escritório onde estava trabalhando depois que o chefe dela a assediou. Danny com um puta mau humor diz na hora:

— Você não é puta mesmo? Era só dar para ele e depois receber, não sairia no prejuízo não. — Pisca o olho.

— Danny! — eu a repreendo, mas ela dá de ombros.

— Deixa, Fernanda. Já me acostumei com esse jeito de mal-amada dela, que acha que o mundo deve se curvar diante dela só porque foi um dia, no passado, uma modelo de um sucesso mínimo e sofreu nas mãos dos papaizinhos vigaristas e exploradores de crianças.

— Vai se fuder, Paola! — minha amiga xinga tomando um café com leite.

— Danny, para que tudo isso? Estávamos bem aqui. O que houve? — pergunto e lágrimas surgem nos olhos dela.

— Não quero falar disso. — Levanta e sai pela porta da frente.

Sem pensar duas vezes, Paola e eu levantamos e vamos atrás dela, que está parada na escadaria que leva a um nível um pouco mais baixo do morro.

— O que houve, Danny? — Paola pergunta.

— Desculpa, Paola. Desculpa, amiga. Não queria falar essas coisas de você. — Choramanga e abraça a loira. As duas nunca foram melhores amigas, Danny até mesmo preferia a distância, mas ainda sim sabíamos que uma poderia contar com a outra sempre.

— Fernanda, eu fui terminar com o Saulo — fala assim que solta Paola, que estava a par de toda a história, porque contamos mais cedo, pouco depois de ela chegar à minha casa. — Daí a gente ficou, porque eu gosto dele, Cadela — diz soluçando. — Então eu decidi que o certo era por

um ponto final em minha história com o JP, mas eu também não consegui, porque gosto dele. Eu gosto dos dois, meninas.

— Você ficou com o JP também? — pergunto e ela apenas acena com a cabeça.

— Não tem porque ficar nesse desespero todo, Danny. — Paola tenta consolar.

— Nunca me senti tão suja, meninas. É tão diferente de quando você fica com um qualquer — diz.

— E não melhora com o tempo, desculpa — Paola diz.

— Paola, como você aguenta isso? — pergunta.

— Amiga, é diferente. Você está com eles dois porque gosta de ambos e não está ganhando dinheiro com isso — Paola fala. — Você sente prazer e tem um sentimento forte por eles.

— Mas não compensa essa culpa, gente — Danny diz.

— O que não compensa é você ficar sem nenhum dos dois — Paola retruca.

— Cadela, o que você acha? — As duas me olham.

— Não sabia que você realmente gostava do Saulo.

— Gosto sim. Desculpa, Cadela.

— Ué, desculpa por que? Desde quando a gente manda no coração? — falo. — Só não quero que se machuque, mas o que você decidir, terá meu apoio.

— Isso aí! Estamos juntas sempre. Independentemente de para quantos machos cada uma dá ou deixa de dar. — Paola nos puxa para um abraço apertado. — Boys gostosos nunca são demais, meninas.



Depois que minha mãe, Dani e Paola foram embora, Danny disse que iria ver como JP estava e depois iria à redação da “*Amo Isso*”, pois tinha uma reunião com Renata.

Mal sentei no sofá e batida insistentes na porta me fizeram levantar. Cadu, que estava na cozinha perguntava se tinha sorvete e respondi que sim. Ao abrir a porta, andei um pouco para trás surpresa.

Desde que havia me demitido do boteco, dona Carol sequer olhava para mim, mesmo quando eu ia até lá ao menos ver seu Filé, mas agora ela estava ali na minha porta e com cara de poucos amigos.

— Então tu ainda *tá* aqui... — fala desgostosa.

— E onde eu deveria estar? — pergunto. Seu Filé havia dito que eu poderia continuar na casa até acabar o prazo que Renata havia me dado para terminar o trabalho e dona Carol não havia falado que eu deveria sair, pelo menos não até agora.

— Eu falei *pr’aquele* coisa ruim falar *pra* tu sair daqui o mais tardar hoje. — Entra na casa. — Tira só o que for teu e daquela tua amiga da tua laia e sai da casa da minha filha.

— Oi?

— É. Quero você fora da casa da minha filha — diz quase gritando.

— Não precisa dizer de novo, dona Carol. — Cadu sai da cozinha com uma tigelinha de sorvete. — Ela vai *pro* meu barraco.

— Não me importa *pra* onde vai, só quero ela fora. *Tão* avisados. Amanhã não quero nem rastro de vagabunda nessa casa. — Vira as costas e vai para a porta.

— Então a senhora vai ter que mandar derrubar essa casa, porque a vagabunda que viveu aqui antes de mim, deixou um rastro maior que o meu — falo e depois de me olhar com raiva, sai batendo a porta com força.



Desde que cheguei na Bela Flor, dona Carol e seu Filé haviam cuidado de mim como se fossem meus pais. Eles eram pessoas por quem criei uma enorme admiração e carinho, por isso dona Carol agir da maneira como tem agido me deixa triste, de verdade.

Minha preocupação não é onde vou ficar, isso pode se resolver sem grandes problemas. Eu posso ir para o meu apartamento, posso alugar alguma coisa para ficar... enfim, não é esse o problema. O problema é essa situação com a dona Carol. Tudo bem, entendo que a Taíza é filha dela e que não somos as pessoas preferidas uma da outra, mas dona Carol parecia gostar de mim da mesma maneira que eu gostava dela e agora, só porque eu e a filha dela temos divergências, faz isso... acho que tenho direito de ficar chateada com isso.

— *Tu quer* que eu ajude a arrumar *tuas coisa*? — pergunta deitando ao meu lado na cama e me puxando para os seus braços.

— Não sei. Ainda não sei *pra* onde vou com a Danny.

— Ué, *pro* meu barraco. *Pra* que outro lugar *tu ia*? — Levanto a cabeça e fixo o meu olhar em seu rosto.

Sei que ele tinha falado isso quando dona Carol disse para eu sair da casa, mas, sinceramente, não levei a sério. Imaginei que seria mais para afrontar e irritá-la do que uma verdade mesmo.

— Não dá. Danny *tá* comigo.

— Ela fica na casinha do cachorro — fala sorrindo e me faz rir também. — Ela *né* Cadela?

— Se for pensar assim, eu também tenho que ficar nessa casinha.

— Aí nós três *vai se espremer* lá, porque dormir sem tu não tem graça. — Consigo ouvir seu coração batendo mais forte quando diz isso. O meu também dispara.

— Não acha muito cedo para morarmos juntos? — Não consigo esconder o sorriso.

— Não. Nós *tá* melhor junto e se a tua amiga vem de brinde, ela pode ficar no quarto da Carlinha. Ela quase não usa.

— *Tá* bom. — Beijo seu peito por cima da camisa.

— Mas tem que pagar aluguel — avisa.

— Danny e eu pagamos.

— Sexo pelo menos *três vez* todo dia — fala com um sorriso sem vergonha.

— Eita, deixa que a parte da Danny eu mesma pago. Com juro e tudo o mais. — Sorrio.



UMA SEMANA DEPOIS

Danny e eu estamos instaladas na casa do Cadu há uma semana. Os dois, como sempre, mais discutem um com o outro do que respiram, mas não como se fossem se matar, pelo menos não sempre. Algo mais puxado para implicância só por implicar mesmo.

O mais estranho é que Danny nunca foi dramática, nem sentimental, mas ultimamente parece que tudo tem sido motivo para ela chorar. Outro dia enquanto eu pesquisava algumas coisas sobre o sadomasoquismo para uma matéria, ela começou a ler o depoimento de um dominador e de repente começou a chorar na parte em que ele relatava todo o prazer que sentia.

Depois de pesquisar na internet para ter certeza, mandei mensagem para Paola me ajudar. Surpresa com minha desconfiança, ela respondeu que logo cedo passaria na farmácia e chegaria o mais rápido possível.

Não são nem seis da manhã quando escuto batidas na porta. Desvencilho-me dos braços do Cadu que dorme profundamente, visto sua camisa e cueca e vou abrir a porta. Minha amiga está lá prestes a bater mais uma vez. Com um saltão maior que o meu, uma calça jeans bem justa e uma regata com um decote U e o cabelo loiro preso em um rabo de cavalo. A vaca mesmo de cara lavada é linda e me dá um abraço antes de entrar.

Pego a caixinha e entramos no quarto em que Danny está dormindo. Acendemos a luz e notamos, no chão, um prato com os restos do que um dia foi uma melancia e, ao que parece, calda de chocolate e molho barbecue. Só de sentir o cheiro, chego a ter vontade de vomitar. Paola e eu a acordamos, ainda meio grogue e a mandamos para o banheiro com o teste

em mãos. Sem entender muito bem o que estava acontecendo, ela apenas dá de ombro e faz o que mandamos.

Paola se encarrega de levar rapidamente para a cozinha a nojeira da minha amiga e volta para o quarto no exato momento em que Danny abre devagar a porta do banheiro.

— Danny? — Paola chama e com lágrimas escorrendo pelo rosto, ela olha para nós duas.

— *Pra* que droga vocês me trouxeram isso? — pergunta jogando o teste na cama e se trancando de volta no banheiro.

Pego o teste e vejo dois risquinhos. Sabemos o que aquilo significa. O fato de nunca termos ficado grávidas, não significa que somos burras. Além do mais, lemos as instruções da caixinha antes.

— Caramba, Fernanda. Como isso aconteceu?

— Quer mesmo ter uma aula de educação sexual agora, Paola? — Deixo o teste nas mãos dela e começo a bater na porta do banheiro pedindo para minha amiga sair.

— Não é isso. — Paola se aproxima. — É que... bom, sejamos sinceras, você senta em mais pirocas que eu e eu sou uma *personal fucker*. E quem engravida é a Danny? Isso é no mínimo... Irônico?

— *Pra* início de conversa, eu sentava! No passado. Agora só sento em uma piroca, obrigada, de nada. Eu nunca transei sem camisinha, além de que, sou super paranoica com isso e mesmo usando preservativo, também uso meu amado e que nunca há de falhar: anticoncepcional. Agora, vem, temos de ajudar a Danny. — Continuo batendo na porta e chamando minha amiga.



Já disse milhões de vezes, mas não custa nada repetir: nós somos amigas que fazem de tudo e muito mais umas pelas outras e dessa vez não seria diferente. Se a Danny sorri, sorrimos com ela. Se ela pede socorro, ajudamos. Se ela chora, choramos também.

Seria engraçado, se não fosse trágico, mas nós três estamos no quarto em que minha amiga dorme, desde às seis da manhã e do momento em que minha amiga resolveu sair do banheiro com o rosto vermelho e coberto por lágrimas, Paola e eu também desabamos. Não é frescura, mas é algo que nos envolve. Não somos nós que estamos grávidas, claro, mas é nossa amiga e o desespero dela é mais do que o suficiente para nos arrancar lágrimas.

— Como isso aconteceu logo comigo? — Sua cabeça está apoiada no colo da Paola enquanto a mesma afaga seu cabelo. — Sem ofensas, Fernanda... — sempre que alguém diz “sem ofensas” é quase certeza absoluta de que vai ofender —, mas, porra, você dá mais que a própria Paola e eu que engravidado? Por que eu? Você pelo menos tem o Muralha e...

— *Tá* repreendido! Não quero ser mãe, pelo menos não tão cedo, por isso me previno. — Continuo sentada na frente das minhas amigas.

Uma batida na porta do quarto chama nossa atenção e, depois de enxugar minhas lágrimas, vou até lá. É Cadu. Estava preocupado, pois acordou e eu não estava na cama. Nem em outro lugar da casa. Eu sequer havia trocado de roupa desde que Paola chegara. Continuava na camisa e cueca dele.

— O que aconteceu? — pergunta vendo um pouco assustado meu rosto inchado de chorar com minhas amigas. — Não diga que é bobagem!

— Nada, problemas femininos. — Dou de ombros.

— É a Paola? — pergunta notando minha amiga loira no quarto.

— É. Ela veio ajudar a gente.

— Com problemas femininos?

— Sim! Você por acaso iria comprar absorvente para mim?

— *Se tu tivesse* pedido... — Coça a cabeça desconfortável.

— É, eu sei. Me deixa resolver isso e a gente conversa, ok? — Dou um selinho rápido nele e bato a porta em sua cara antes que responda.

Volto a me sentar no chão, em frente às duas. Paola me olha preocupada e as lágrimas de Danny aumentaram. É estranho. Ok, as variações hormonais no corpo da mulher, durante a gravidez, provocam profundas alterações, tanto físicas como emocionais, mas isso não é o fim da vida de ninguém. Danny tem um bom emprego, casa, família que a apoia, exceto os pais, claro... enfim, além de que o JP... espera!

— Danny, esse bebê é do JP? — pergunto e de maneira impossível aumentam ainda mais as lágrimas.

— Então é do Saulo? — Paola quem pergunta.

— Eu não sei — Danny diz levantando e andando de um lado para o outro.

— Como assim não sabe? — Paola a encara como se ela tivesse uma segunda cabeça no ombro e tenho quase certeza de que estou fazendo o mesmo.

— Eu não transei com o Saulo sem camisinha...

— Então e do JP — afirmo.

— Mas a camisinha estourou...

— Danny! — Paola e eu gritamos ao mesmo tempo.

— E a pílula do dia seguinte? — pergunto.

— Eu tomei!

— Transou sem camisinha com o JP? — Paola pergunta.

— Antes de transar com o Saulo.

— No mesmo dia? — minha vez de perguntar.

— Sim.

— Mas espera... — pego a caixinha e o teste para colocar dentro — Você está atrasada há quanto tempo? — Lembro-me da menstruação dela ter descido próxima à minha.

— Não estou.

Não pergunto mais nada. Mando que Paola a ajude a se trocar e aviso que vamos ao médico. Entro no quarto do Cadu e ele está em uma ligação. Pego rápido um vestido leve, por causa do calor que está fazendo, uma sandália rasteirinha aberta e a primeira bolsa que encontro.

— Que foi? — pergunta quando termina a ligação.

— Vou sair com as meninas.

— Tá tudo beleza? — Preocupado, ele se aproxima.

— Não! Quer dizer, sim... Não sei! — Pego meu celular e a bolsa, saindo do quarto.

— Que? Mafê, eu não mando em tu, mas tu *tá* me deixando agoniado.

— *Tá*, olha só, eu vou ao médico, ok? Não precisa se preocupar, estou bem — falo quando ele fica tenso.

— Então o que *tu vai* fazer no médico? — Encontro minhas duas amigas prontas na sala.

— Não se preocupa. Vamos? — Elas acenam com a cabeça e seguem para a porta da frente.

— Eu levo vocês. — Ele se oferece.

— Não precisa, vamos no carro da Paola. — Beijo o canto da sua boca e saímos.



Danny e eu temos o mesmo ginecologista, descobrimos por acaso há alguns anos. Eu estava na sala de espera para ser atendida e ela estava saindo do consultório. Já éramos amigas, claro, mas isso não é o tipo de coisa que conversávamos. Nunca tínhamos chegado uma na outra e falado sobre isso, mas enfim.

No caminho para o consultório do Dr. Samuel liguei para Gina, sua secretária, pedindo pelo amor de Deus para que arrumasse um jeito de encaixar a Danny na agenda dele. Depois de muito pedir, Gina conseguiu uma brechinha na agenda no momento em que o carro parou na entrada do prédio.

Por alguns minutos, minha amiga reluta em descer do veículo e entrar no prédio. Pede para voltar para casa. Diz que está com sono, até mesmo ameaça vomitar em cima de nós. Sim, ela ameaça de verdade!

— Deixa de ser mimada, Daniela! — Paola grita. — Eu não acordei antes das seis da manhã para aguentar isso! — fala para mim.

— Danny, pelo amor de Deus! Para de frescura!

— Tá! — Ela se rende. — Mas eu realmente acho que a melancia com o chocolate e o molho barbecue não me fez muito bem.

— Imagine só o porquê... — Paola revira os olhos.



Pouco depois que chegamos à sala de espera, Dr. Samuel a chamou para entrar na sala, mas ela se recusou a entrar sem Paola e eu.

— Mas eu não disse que elas não poderiam entrar, Daniela. — Ele se justifica.

— Não tô nem aí, Dr. Samuel! Ou elas entram ou eu não entro — fala alto e algumas mulheres que também estão na sala de espera se atentam a cena.

— Danny, pelo amor de Deus! — Paola diz. — Ele disse que podemos entrar com você!

— Foi? — pergunta para mim e confirmo com a cabeça. — Desculpa, Dr. Samuel. Estou um pouco nervosa — diz e as lágrimas começam a cair pelo seu rosto.

— Danny, entra! — Paola a empurra para dentro da sala e as sigo, em seguida o médico entra e fecha a porta.

— Então, o que houve? — pergunta.

Danny até tenta explicar, mas não consegue parar de chorar, então resolvo falar por ela. Procuro em minha bolsa o teste de gravidez de

farmácia para mostrar, mas não encontro. Com certeza, ficou em cima da cama dela.

— Bom, ela fez um teste de farmácia agora cedo e deu positivo. — Vou direto ao ponto.

— Ok, vamos ver isso. Pode se trocar ali, Daniela? — Aponta um biombo.

Depois que minha amiga faz o que o médico pediu, a enfermeira ou assistente dele (não sei ao certo) a orienta a deitar em uma espécie de cama de hospital onde há um monitor perto e alguns outros aparelhos que não faço ideia de quais sejam os nomes.

— Daniela, agora eu vou fazer uma ultrassonografia transvaginal, tudo bem? — Ela acena com a cabeça. — Não acho que seja necessário o exame de sangue, a não ser que você deseje — ela nega. — Tudo bem. Esse ultrassom irá confirmar ou não sua gravidez e caso o resultado seja positivo, determinará a idade gestacional. Também determinará a localização da gravidez e o número de fetos.

— Ai merda! — Minha amiga pragueja.

— O que foi dessa vez, Danny? — Paola pergunta.

— Nada. Vamos terminar isso logo, doutor.



Capítulo 27

Desde ela se mudou para o meu barraco, não tive mais os malditos pesadelos. Não é porque ela está perto, é porque eu não estou só. Tudo bem que, mesmo com às vezes que dormi com outras, tive pesadelos, mas isso não vem ao caso. O que importa é que agora eles se foram. Pelo menos até essa manhã.

Acordei assustado e suando *pra caramba*. A cama estava praticamente encharcada. Olhei para o outro lado da cama e ela não estava lá. Na verdade, estava completamente frio aquele lado da cama. Tomei um banho e depois de procurá-la na sala, cozinha e quarto do Nick, fui até o quarto da maluca da Danny tentar encontrá-la.

Ela mesma abriu a porta e, admito, eu me assustei e tive vontade de puxá-la para meus braços quando notei que ela estava chorando, mas ela disse que estava tudo bem. Eu já estive perto dela durante sua TPM e da última vez, ela quase arrancou minhas bolas, então, sim, acredito quando ela diz que são problemas femininos. Também fico surpreso quando vejo a amiga loira das duas dentro do quarto, não por ela estar aqui, mas por ser tão cedo e ela já estar aqui.

Quando ela bate à porta na minha cara, resolvo ir até a cozinha fazer um café para *tomar*, mas o que vejo lá me dá uma puta vontade de vomitar. Uma banda de melancia raspada até a casca e com restos de molho e chocolate. Jogo no lixo e desisto do café. Volto para nosso quarto, é, já considero nosso e até que gosto disso. Enfim, volto para o nosso quarto e atendo uma ligação do Peixe contando que Nordeste foi até o boteco do seu Filé e fez a maior algazarra lá.

— *É, Cadu, ele fez uma briga! Jogou cadeira, bateu no João do Pão...*

— Merda, pensei que ele *tava* de boa. Teve aqui no meu barraco outro dia. Falou que *tava* pegando outra... — ela entra no quarto jogando uma caixa e um termômetro de medir febre em cima da cômoda.

— *Não sei, Cadu. Eu segui ele, mas o pulho não faz nada se não arrumar briga por aí. Os tira quase pegou ele de novo.*

— Vou ter um papo sério com ele, Peixe. Valeu aí.

— *Falou, chefia.* — Desligo.

Ela falou que tinha que ir ao médico. Não me deixou *levar ela* e as amigas malucas dela e ainda por cima só meu deu mais um beijinho mixuruca. Isso é a tal rotina?



Como combinado, hoje, sexta-feira, pego Nick no apartamento da Taíza para que ele passe o final de semana na minha casa. Carlinha também, claro. Desde que começou a cuidar de Nick, Carlinha tem um quarto em meu barraco para quando precisar passar a noite lá, mas como Danny está ficando no quarto, converso com ela digo que não precisará dormir na casa, só precisa ficar durante o dia e ela concorda animada falando que ficará com o noivo.

Nick é completamente apaixonado pela Mafê. Mal chegamos ao meu barraco, ele já começa a chamar por ela animado. Aviso que ela saiu com a Danny, outra que ele adora e ele pergunta se tem brigadeiro. Nunca vi alguém que ama mais esse doce que esse moleque.

— Eita, *muleque*, agora tu me pegou... Não comprei *as coisa* de fazer brigadeiro não.

— Hum... chama a vovó! — fala animado. — Vamos lá agora, papai?

— Nick, papai tem que fazer *umas parada*.

— É rapidinho! Só até a Mafê chegar...

Dou de ombros e concordo. Antes vou ao banheiro e quando estou voltando para a sala, pego o termômetro e a caixa que Mafê tinha deixado em cima da cômoda e levo para a cozinha para colocar junto com o kit de primeiros socorros. Não gosto de muita bagunça, admito. Deixo em cima da mesa enquanto pego a caixa para guardar, escuto Nick conversando com a babá:

— Carlinha, o que é isso?

— Nick! Onde encontrou? — pergunta, pela voz, sem graça e sem saber ao certo o que fazer.

— Em cima da mesa.

— Isso é coisa de adulto, Nick.

— *Tés-tê* de *gravi-gravidêz*. — Nick lê e gelo. — Teste de gravidez, Carlinha?

— Nick, não. — Saio da cozinha e vejo Carlinha já com a caixa na mão.

— Papai, o que é teste de gravidez? — o menino me pergunta.

— Cadu, desculpa. Estava em cima da mesa e... não vi quando ele pegou. — Eu me aproximo e ela me entrega a caixa e o termômetro que

agora sei que é um teste. Eu sequer tinha parado para prestar atenção nele.

— Tem dois risquinhos, papai.

— O que significa, Carlinha? — pergunto mesmo sabendo a resposta. Taíza fez um desses testes quando grávida do Nick.

— Significa que tem uma nova mamãe por aí — diz sem graça.

— Ai meu Deus. Eu vou ser pai de novo! — Minha pressão cai e me sinto, na verdade, quase um JP da vida.

— Parabéns? — Carlinha diz.

— Eu vou ter um irmãozinho? — Nick grita animado. — Carlinha como se faz os bebês? — pergunta e caio no sofá.

— Meu Deus, não tô preparado para isso com aquela louca!

Agora tá explicado! O chororô? Hormônios. O assassinato da melancia que encontrei de manhã cedo na cozinha? Desejos de grávida. Problemas femininos? GRAVIDEZ!



Nick passou todo o final de semana conosco. Conheceu a amiga loira da mãe do meu filho e da Danny. Milagre... *amou ela* também! O que essas mulheres têm? Enfim... conversei com o Peixe e, acredite ou não, com o JP — que quase mato por me zoar porque logo eu seria pai de novo. Não estava em meus planos ser pai mais uma vez, pelo menos não agora.

Eu e essa maluca nos conhecemos há pouco tempo e nem temos algo “de verdade”. *Tá*, se perguntam, falo que é minha namorada e ela é, mas falta apenas uma semana para a tal matéria dela acabar e sim, ela conseguiu fazer eu me apaixonar por ela (mesmo que eu não consiga dizer

isso em voz alta) e o que poderíamos viver juntos começaria de verdade agora, mas um filho... claro, não vou deixar meu filho desamparado. Eu amo a Mafê!

Eu disse isso em voz alta? Não? Ok.

Entretanto é isso que eu disse. Realmente sinto isso por ela, mas um filho não estava nos planos. Como deixamos isso acontecer? É o que eu me pergunto desde sexta-feira quando descobri os dois malditos risquinhos. Depois que me recuperei, coloquei no mesmo lugar. Ela não parecia preocupada quando chegaram, mas depois de brincar com o Nick que a cada segundo queria falar sobre o irmãozinho, mas eu não deixei, ela foi dormir. Sim, dormir às duas da tarde e só acordou às oito da noite.

Pesquisei na internet e esse é um dos sintomas da gravidez. O fato dela estar usando umas roupas mais folgadas também! *Tá*, não é um sintoma, mas não consigo fingir que é coincidência! Eu pesquisei na internet, porra! No mesmo dia o teste e a caixinha sumiram de cima da cômoda e quando perguntei do termômetro, ela primeiro perguntou do que eu estava falando e quando respondi, ela ficou nervosa e desconversou.



O prazo da matéria dela acaba em dois dias. Eu ainda estou esperando ela falar comigo sobre a gravidez. Quero que ela fale sobre isso comigo. Sim, eu, um marmanjo desse tamanho, estou me cagando de nervoso, mas quero que ela fale comigo. Eu me assustei? Assustei, mas agora estou começando a me acostumar com a ideia e agora quando faço amor com ela, tomo cuidado para não correr o risco de machucar ela e o nosso bebê.

Admito que essa criança que cresce na barriga dela fez com que meus sentimentos aumentassem ainda mais, mas sei que com ou sem ela, eu a amaria do mesmo jeito.

Ela acaba de adormecer em meus braços antes que eu tenha a oportunidade de dizer as três palavras que ela tanto deseja ouvir. Com meu coração disparado, sussurro:

— Eu te amo.



Nas últimas semanas, ela falou muito do tal coquetel que aconteceria no final de semana que acabaria o prazo dela. Seria uma espécie de homenagem à chefe dela e ao lançamento da edição de aniversário da revista. Com isso, ela me fez comprar um smoking e uma máscara preta. Eu me senti um assaltante bem vestido com tudo aquilo, mas topei fazer isso por ela.

Ela entregou a matéria para a chefe e pelo que entendi, ela está disputando a promoção com a Taíza, ou como ela prefere chamar, Dick Vigarista. A festa será hoje. Ela e Danny disseram que passariam o dia no salão e fiquei de buscar a Mafê no apartamento dela.

Chego e o porteiro interfona para o apartamento perguntando se posso subir. Depois de autorizado, estaciono o carro e pego o elevador para o andar dela. A porta é aberta por dona Edilene usando uns óculos de grau, rabo de cavalo e um blusão que, por ela ser baixinha, vai até os joelhos. Ela parece uma versão da filha. Ela me cumprimenta, oferece uma bebida e pede para que eu me sente no sofá logo após dizer que estou gostoso (é, gostoso. Não bonito, não bem vestido... gostoso!). Até minha sogra percebe que sou o máximo!

Depois de me entregar uma lata de cerveja, sai para o quarto dizendo que terminará de ajudar as meninas. No meio tempo em que elas se arrumavam — aliás não sei para que tanta demora — eu recebi algumas ligações de Peixe dizendo que havia perdido Nordeste e que houve um problema com uma das cargas da minha melhor mercadoria. Disse para ele resolver com o JP e ele avisou que também não sabia do JP. Mando dar um jeito e depois de concordar, desligo.

A campainha soa e depois de dona Edilene gritar para que eu atenda, dou de cara com o negão que derrubou um dos meus homens — nossa, isso soou tão gay, mas foda-se, sou macho mesmo! Ele me cumprimenta com um sorriso falso no rosto e pergunta pela Danny. Aviso que estou esperando Mafê há pelo menos uma hora e que não havia visto ninguém se não minha sogra. Ofereço a ele uma cerveja e meia hora depois Danny aparece na sala. De primeira ela se assusta e para quando vê o tal Saulo. Acho que ela não o esperava ali, mas depois abre um sorriso e o beija depois de me cumprimentar.

— Você está linda. — Ele a elogia.

— Obrigada. — Ela realmente está muito bonita.

Está usando um vestido vermelho de um pano brilhante que não sei o nome. Os seios dela estão para saltar e ele é bem apertado nessa parte. As alças dele são fininhas e no seu rosto, tem um batom vermelhão. Ela tem um brinco grande e redondo na orelha e o cabelo solto jogado em cima de um dos ombros. Ela já é alta por si só, com o saltão vermelho que enfiou nos pés então... Algumas das tatuagens que tem *estão aparente* e a máscara também vermelha que vai usar, está em uma de suas mãos junto com uma bolsa.

— Podemos ir? — Saulo pergunta.

— Claro. Deixa só eu me despedir da Fernanda. Não sabia que você ainda ia, então combinamos que íamos com o Cadu... Eduardo. — Ela se corrige e ele nem parece perceber.

— Então vai lá.

Depois que os dois vão, minha sogra tranquilamente senta ao meu lado no sofá e tira a cerveja da minha mão bebendo em seguida. Com um notebook no colo, ela começa a digitar rapidamente e começo a olhar. Lembro que ela é escritora e vejo o título do livro: *Gemidos*.

— Gemidos? — pergunto.

— Sim, é uma trilogia — ela diz sem tirar os olhos da tela do notebook — Suspiros foi o primeiro. Gemidos, o segundo.

— E o terceiro? — pergunto.

— Nem queira saber. — Ela olha para mim e sorri terminando de beber a cerveja. — Pega uma cerveja para mim?

Levanto e dou a volta no sofá, já que ela não faz questão de tirar as pernas do meio do caminho. Até me surpreendo eu achar isso engraçado e não ficar irritado imediatamente. Entrego a ela e antes que eu me sente, escuto a voz da minha mulher me chamando. Eu me viro e a vejo simplesmente maravilhosa em um vestido meio dourado cheio de brilho e sem decote algum. *Essa é a minha garota!* Ele é justo, mas ela ainda não tem barriga de gravidez, mesmo se tivesse, estaria tão linda quanto está agora. Seu cabelo está preso e em sua boca um batom clarinho que nem parece com ela. Um par de brincos de pedras nas orelhas e um sorriso estampado.

— E então?

— Tu *tá* linda, amor — falo e não me preocupo em corrigir a última palavra.

— Você me chamou de amor. — Eu me aproximo.

— É porque eu te amo, Mafê.

— Ama? — Parece emocionada.

— Amo! — Ela me beija enquanto os “tec-tec” da dona Edilene no teclado some da minha mente.



Capítulo 28

Danny é uma mulher inteligente e que sempre lutou pelo que acredita. Totalmente a favor da escolha e dos direitos das mulheres. Na verdade, ambas somos assim. Acreditamos que o aborto é uma questão de pura escolha e cada um tem o direito de escolher se quer ou quando quer ter um filho.

Não estamos pregando: “morte aos fetos”. É uma simples questão de respeito a escolha, escolha essa que diz respeito às mulheres, pois somos nós que sofremos mudanças radicais em nossos corpos, rotinas, vidas e muito mais.

A gravidez afeta o homem? Nem de perto o tanto quanto afeta uma mulher. Não é frase feminista, é a verdade. Na sociedade em que vivemos uma mãe solteira não é bem vista, mas e o pai que os abandonou, não quis assumir ou qualquer outra coisa do tipo? Isso é motivo para praticar um aborto? Não importa. Isso não diz respeito a você, diz respeito a quem terá sua vida totalmente afetada: a mulher.

Minha amiga passou toda a semana pensando no que faria. Apesar de ser a favor da interrupção da gravidez, essa opção para ela estava fora de cogitação. Conversamos muito e a decisão dela e, apesar de apoiá-la, não concordo.

— Vou ser mãe solteira! — diz convicta.

— Tem certeza? — Paola pergunta.

— Danny, são gêmeos! — falo.

— Acha que eu não sei? Eu estava lá quando o Dr. Samuel enfiou aquele negócio na minha vagina! E disse: “Aqui estão! São dois fetos”. Meninas, eu estou comunicando a vocês, apenas! — fala com seriedade. — Eu recebi um convite para ser correspondente internacional. Primeiramente farei um teste comigo. Seis meses nos Estados Unidos. Se gostarem, farei uma série de reportagens por toda a Europa.

— Com dois filhos pequenos e sozinha, Danny? — pergunto.

— Eles não sabem que estou grávida! — Sussurra.

— Daniela, minha querida, não sei te avisaram, então eu te conto agora! Barriga de grávida cresce, de gravidez de gêmeos, cresce duas vezes mais! — Paola diz e minha outra amiga fecha a cara.

Estamos as três no salão. Danny e eu estamos nos preparando para uma festa da revista e Paola para um cliente. Não, ela não precisa viver nessa vida, mas ela mesma nunca fez questão de sair. Diz que escolhe a dedo os clientes e tem seus favoritos, além de que, se um dia quiser deixar essa vida, terá bons contatos e fará o que quiser.



Depois de Cadu dizer que me amava com todas as letras, cogitei deixar a festa para lá. Renata provavelmente nem perceberia. Com certeza, os braços do meu homem estavam bem melhor que qualquer festa. Caramba, ele disse que me ama pela primeira vez! Com um sorriso no rosto e uma ereção na calça, ele diz que está na hora de irmos e aproveitarmos a minha noite. Sem muita vontade, sigo para dar um beijo em minha mãe enquanto ele me aguarda na porta da frente.

— Use camisinha, Fernanda — minha mãe grita antes que eu feche a porta.

Viro-me para seguir em frente pelo corredor e bato de cara no seu peito, assim como quando nos vimos pela primeira vez, ele me segura para que eu não caia.

— O que houve? — pergunto voltando a me equilibrar nos saltos.

— Isso! — desde o polegar pelo meio das minhas costas, do pescoço até o fim do decote do vestido, um pouco acima do bumbum.

O que? Desde quando que eu Maria Fernanda Vasconcelos me visto sem um decotizinho ou um arraso?

O que o vestido não tem de decote na frente, tem de decote profundo nas costas.

— Relaxa, fica mais fácil de tirar — aviso mordendo seu lábio inferior.

Suas mãos descem até minha bunda e me aperta com desejo enquanto devora minha boca em um beijo. Encostando minhas costas na parede, ele sobe minha perna esquerda e com ela o vestido. Sua mão sobe por dentro do tecido enquanto ele a passa por a minha coxa até chegar à minha calcinha ou onde ela deveria estar, já que não estou usando uma.

Ofegante ele para nosso beijo e com o olhar pergunta cadê minha calcinha e com um sorriso ele entende minha resposta. Volta a me beijar, prensando-me na parede, fazendo com que eu o sinta todo através de sua calça. Um barulhinho chato começa a incomodar e novamente ele se afasta.

— Odeio essa merda! — Atende o celular e quase derreto até o chão — fala JP! — Beija minha testa e segurando minha mão com a sua, vamos até o elevador. — Ken, tu abaixa a voz! Eu sei lá com quem a Danny foi! — desliga sem esperar uma resposta.

— Ele quer saber com quem a Danny está? — pergunto já dentro do elevador.

— É! Ela deu um chá de calcinha *pra* ele, só pode!

— Ou ele deu um chá de cueca para ela, porque minha amiga é louquinha por ele.

— Parece não! *Tá* dando é *pra* outro — fala dando de ombros.

— Mas ela também gosta do Saulo...

— E tem disso? — pergunta.

— No caso dela tem. Ela não sabe com qual dos dois vai ficar, ainda mais agora...

— No lugar do JP já tinha largado de mão. Ela não quer ele não. Se quisesse não tinha levado o outro *pra* tal festa.

— Já disse, ela gosta dos dois.

— Quero ver se o negão e o Ken vão aceitar *saporra*. Eu não aceitava.



A festa já está quase no fim. Minha chefe me apresentou para grandes profissionais da área do jornalismo. Por incrível que pareça, o dono de uma revista com foco no público masculino me convidou para posar nua para a edição do mês seguinte da revista. Não preciso nem dizer que Cadu quase derreteu o homem com o olhar, preciso? Todo ciumento, não largava a mão da minha cintura. O tempo todo que dava ficava atrás de mim e cobria minha barriga com as mãos. Claro, estava escondendo o decote das minhas costas e isso me fazia rir vez ou outra.

— Maria Fernanda, uma foto! — Ouço um dos fotógrafos da noite.

— Claro. — Cadu havia ido buscar uma bebida, aproveitei para mostrar o decote nas costas e o fotógrafo tirou a foto me elogiando.

— Perdi o que? — Muralha volta com uma bebida colorida para mim e um whisky para si.

— E uma foto do casal? — Cadu nega com a cabeça e o rapaz se vai.

Provo minha bebida e não sinto uma única gota de álcool. Ok, não sou a melhor pessoa para o álcool, mas hoje, em momento algum ele me deixou tomar uma única gotinha.

— Por que isso não tem álcool? — pergunto.

— Achei melhor não. — Deu de ombros.

— Isso tem gosto de limpa vidros com cheiro de groselha — reclamo e ele sorri.

— Não vou dar álcool *pra* tu. *Te contenta com o limpa “vrido”*.

— Se eu quiser beber, eu bebo! — Reviro os olhos e ele fecha a cara.

Por que isso afinal?

— *Tu sabe que tu num pode beber!* — fala baixinho.

— Amor, é só uma bebida, não vou ficar bêbada com um único drink.

— Não *tô* falando disso, tu sabe!

— Não sei de nada, *me conte*.

— É ruim *pro* bebê. O doutor disse isso quando a Taíza tava...

— Espera! Que bebê? — pergunto assustada.

— O nosso, ué. Amor, eu vi o teste.

— Que teste? — Eu me afasto tentando encontrar a Danny com o olhar.

— O que *tava* no nosso quarto...

— Disse que me ama por que acha que estou grávida? — falo alto demais.

— O que? Não, vem cá, Mafê. — Tenta pegar minha mão.

— Preciso achar a Danny! — Eu me afasto e saio tentando encontrar minha amiga.



Não encontro minha amiga em lugar nenhum e ao que parece, todo mundo na festa resolveu me notar e me parar perguntando algo sobre meu trabalho, fazendo propostas de trabalho e me parabenizando pela minha coluna.

Já desistindo de encontrar minha amiga, ela me liga avisando que não estava se sentindo bem e que estava no banheiro feminino. Vou até lá e depois que ela está melhor, digo que ela deve ir para casa. A teimosa nega, dizendo que vai ficar até o fim da festa. Sentadas, as duas, em um sofazinho dentro do banheiro começo a contar para ela o que aconteceu depois que ela e Saulo saíram e rindo ela diz que finalmente consegui e confirmo.

— Ele não está me deixando beber — comento.

— Por quê?

— Você não vai acreditar...

— Tenta a sorte — minha amiga diz com um sorriso tímido.

Começo a rir sem saber ao certo ainda se ele realmente só disse me amar por pensar que eu estava grávida, mas foda-se, talvez isso só tenha sido algo para que ele criasse coragem para dizer o que já queria.

— Ele achou o teste na cômoda.

— Que teste?

— O de gravidez, ué. Ele achou o teste e viu os dois risquinhos. — De repente um barulho alto. A porta de alguma das cabines do banheiro. Dick Vigarista com bigode depilado chega apontando o dedo no meu rosto.

— Sua puta! — grita enquanto encaro o dedo dela louca para quebrá-lo. — Eu sabia que você ia arrumar um jeito de tentar ficar com meu homem. Golpe da barriga, Maria Fernanda? — grita mais alto.

Seguro o dedo dela, levanto-me e ficando cara a cara com ela entorto seu dedo para trás e enquanto ela resmunga de dor, digo:

— Taíza, já te disse um monte de vezes, não brinca com fogo que você pode se queimar. — Solto o dedo dela. — Danny, vamos sair daqui — chamo minha amiga e quando já estou saindo pela porta, a Dick Vigarista resolve puxar meu cabelo. Somente uma virada de mão é o suficiente para deixar até a marca do anel que estou usando, na cara dela. — Encosta mais um dedo em mim e eu arranco cada fio desse seu *megahair* com um trator.

— Eu não tenho medo de você! Eu vou acabar com sua raça, vagabunda! — Ela me xinga e com a Danny já fora do banheiro, tranco a porta. Só nós duas enquanto minha amiga bate na porta pedindo para que eu abra. — O que pensa que *tá* fazendo?

— Não tem medo de mim não, Taíza? Deveria, porque eu vou bater tanto nessa tua cara de santa puta que vão precisar de um microscópio para encontrar o maior pedaço que sobrar. — Tiro os brincos da orelha e jogo dentro da minha cluntch.

— Abre essa porta, sua louca! — grita com medo.

— O que? Não disse que ia acabar com a minha raça? Acaba agora, Taíza. Só nós duas! Não é valente? — falo e ela enfia um tapa em meu rosto que arde até na alma. A vaca tem a mão seca! — *Tá* vendo, não é tão difícil, mas agora é minha vez e vou te mostrar como é um tapa de verdade.

Tapa meu no rosto dela. Tapa dela no meu rosto. Dou-lhe um chute e ela cai no chão. Subo em cima dela e segurando seus braços com minhas pernas, desfiro mais alguns tapas antes que ela consiga inverter nossas posições. Sinto suas unhas rasgando meus braços e minha raiva aumentando.

— Acha que vai ficar com meu homem? — ela grita. — Cadu é meu e não me importa se você está grávida ou qualquer outra coisa, só quero que você morra! Eu não tive aquele pirralho maldito à toa não, Maria Fernanda!

Com raiva do que ela acaba de falar do próprio filho minha raiva aumenta. Fecho minha mão e acerto um soco no olho dela.

— Eu achei maravilhoso aquela coisinha maldita acabar naquela cadeira de rodas! Ele nunca sairá de lá! — grita e acerto-lhe mais um soco, mas dessa vez no outro olho. Logo em seguida sinto alguém me tirando de cima dela enquanto ela chora e me xinga. — Ele nunca vai voltar a andar porque eu não quero! — grita. — Eu que não quero! — continua gritando até que alguém a tira do banheiro.

O segurança continua me segurando até que Cadu ameaça bater nele. Quando me solta, Cadu me abraça e estamos chorando de raiva.



Logo a polícia chegou, enfiaram a mim e Taíza em uma viatura e acabamos aqui, em uma sala da delegacia. Sim, os seguranças chamaram a polícia e agora, eu, Taíza e Renata estamos nessa sala enquanto ela diz que quer prestar queixa por agressão.

— Essa vagabunda é mulher de traficante, seu policial! — grita aos quatro ventos enquanto deixa escorrer um choro falso pelo rosto. — Ela ia me matar se os seguranças não aparecessem. Olha a situação do meu rosto. — Seus dois olhos já estão um pouco arroxeados e inchados. Sua boca está cortada e inchada também. — Ela é um monstro.

— Cala a boca, Taíza! — grito. — Não era eu que estava dizendo achava bom o filho estar em uma cadeira de rodas.

— Eu jamais diria uma coisa dessas! Eu amo meu filho!

— CHEGA! — o policial grita.

— Vocês duas passaram dos limites. Duas jornalistas bem conceituadas e... que pouca vergonha. De você até que eu esperava isso, Taíza, mas de você, Maria Fernanda! Em pensar que eu ia te dar a maldita promoção! — Renata briga.

— Senhora, por favor! — o policial diz a Renata.

— Desculpa, seu policial. Por favor, leva essas duas daqui, elas quase arruinaram minha festa.

— Renata... — Taíza tenta falar.

— As duas! DEMITIDAS! — grita e sai batendo a porta.

— Culpa sua! — Vira para mim com raiva.

— Se eu fosse você não falaria comigo, Taíza, porque falta isso aqui para eu quebrar todos os seus dentes. — Deixo um pequeno espaço entre o indicador e o polegar para mostrar.

— Está vendo? Ela está me ameaçando! — grita e o policial revira os olhos. — Seu policial, ela está envolvida com o Cadu da Bela Flor — diz e finalmente o policial começa a prestar atenção nela. Percebendo isso, a maluca continua a falar: — Ela é a mulher do Cadu, seu policial.

— Como a senhora tem certeza disso? — ele pergunta e grito um “é mentira” que ele ignora.

— Éramos amigas. Ela vive lá na Bela Flor, seu policial. Ela é mulher do Cadu. Pode perguntar para a ex-patroa dela. Carolina Oliveira! — fala o nome da mãe como se ela fosse apenas uma conhecida. — Ela é advogada respeitada, seu policial. Ela pode confirmar.

— Eu não conheço esse tal Cadu, moço — reclamo quando vejo que ele está acreditando nela.

— Conhece sim! Ela me bateu porque eu disse que viria até a polícia contar tudo o que eu sei. — Mente na maior cara de pau.

— Vagabunda mentirosa.

— Calada — diz o policial para mim.

— Ela o ajuda a traficar, seu policial. Ela estava vendendo no banheiro da festa. Quando a vi e disse que iria até a polícia falar a verdade porque ela já está indo longe demais, ela fez tudo isso comigo. Ela também

ameaçou meu filho, o chamou de coisinha e outras coisas horríveis, seu policial. O meu filho que está em uma cadeira de rodas. — diz chorando tão convicentemente que até mesmo eu quase acredito.

— Eu adoro o Nick, sua lambisgoia!

— Checa a bolsa dela, seu policial, pode checar! Juro que tem um monte de cocaína e outras drogas lá dentro. — Continua a derrubar suas lágrimas de crocodilo.

— Ele precisa de um mandado, sua idiota — falo quando ele começa a coçar a cabeça careca.

— *Tá* vendo? Ela não quer mostrar! *Tá* vendo como não estou mentindo?

— Olha a porra da bolsa! Eu nunca cheguei perto de drogas na minha vida. Pode olhar!



Depois que o policial saiu, Taíza e eu fomos para salas separadas imediatamente. Eles acreditavam piamente que eu a mataria e isso é bem verdade, mas não pelos motivos que eles achavam ser reais.

Algum tempo depois, o mesmo policial careca e gordo entra na sala seguido de mais dois policiais. Um negro baixinho e um branquelo alto com cara de pedófilo.

— Maria Fernanda Vasconcelos Meireles, a senhora está presa por porte e venda de drogas. Você tem o direito de permanecer em silêncio; tudo o que você disser poderá e será usado contra você no tribunal. Você tem o direito de ter um advogado presente durante qualquer interrogatório.

Se você não puder pagar um advogado, um defensor lhe será indicado — o policial diz e me algema.

— O que? Por que?

— A sua bolsa estava cheia da branquinha, moça. Boa sorte com as demais acusações.



Você já foi preso? Foi parar em uma cela com fedor de baratas, cheddar e cocô? Já passou a noite em claro com medo do que poderia acontecer caso você dormisse? Bem, foi isso o que aconteceu nessa noite do terror. Tudo bem que foieem uma cela onde estava somente eu (não sei se foi bom ou ruim), fiquei lá trancafiada das duas às oito da manhã, quando meu pai apareceu.

Quando vi meu pai ali me senti tentada a mergulhar no vaso de baratas, cheddar e cocô. Sua face era neutra e depois que saímos da cadeia, ele continuou em silêncio. O delegado havia me dito que estaria de olho em mim e avisou para eu mandar meu “namoradinho” abrir os olhos. Aliás, cadê meu namoradinho?

Meu pai para o carro na garagem do meu prédio. Em silêncio desce e abre a porta me puxando com força pelo braço. Não ousou falar um “a” e quando entramos no apartamento, ele me empurra, fazendo com que eu caia no chão, continuo em silêncio. Minha mãe me ajuda a levantar e me leva para o banheiro. Depois de trocar os curativos que foram feitos por uma enfermeira na delegacia, me mandou tomar um banho.

Fechei meus olhos e deixei aquela água tentar levar tudo aquilo de mim. Taíza, briga, cheddar, barata e cocô! Eu estava com nojo de mim

mesma. Nem o creme mais cheiroso que tinha, conseguia tirar tudo aquilo de mim.

Depois do banho, fiquei enrolada no roupão e depois de checar em meu celular, notei apenas uma mensagem e nada mais. Era do Dani:

Fica longe da minha irmã! NUNCA mais se aproxime dela, para o seu bem! Se você sequer falar com ela e eu souber, acabo com você!

Chorando, acabo dormindo. Acordo com uma discussão na sala. Vidro sendo quebrado, gritos e quando chego a sala, a única coisa de pé é o balcão que divide a cozinha da sala.

— *Você fez isso, Edilene!* — ele grita. — *A culpa é sua!* — Aponta uma arma para minha mãe.

— *Pai, por favor, não!* — imploro, mas não é ele quem segura a arma. É Cadu.

— *Ruiva!* — fala com um sorriso no rosto. — *Acordou! Que bom, vamos participar da farra?* — Vejo meu pai com uma poça de sangue em volta.

— *Cadu, o que você fez?* — grito.

— *Ele mereceu!* — Sorri. — *Agora é a vez da mamãezinha.* — Apertava o gatilho e minha mãe caía no chão.

— *Meu Deus! Por que fez isso com meus pais?*

— *Pra nós ficar junto* — diz trêmulo e segura meu rosto tentando me beijar.

— *Me larga!* — Empurro-o.

— *É assim, vagabunda? Era pra eu escutar a Taíza! Tu merece morrer mesmo!* — Um disparo e eu acordo.

Ele está ali. Segurando meu rosto, tentando me abraçar, dizendo que está tudo bem. Peço para ele me largar e após fazer uma careta, ele se afasta.

— Sai daqui — falo chorando.

— O que?

— Sai da minha casa! Sai daqui! — grito.

— Mafê, amor...

— Não me chama de amor! — Continuo gritando. — A culpa é sua! É tudo sua culpa! Você acabou com a minha vida.

— Eu não... Mafê, a gente vai ter um filho.

— Eu não estou grávida, seu imbecil! A Danny está. Quantas, porra de vezes eu transei com você sem camisinha? Nunca! Ter um filho com você é a última coisa que eu quero na minha vida.

— Amor...

— Não sou seu amor. — Pego meu celular em cima do criado-mudo e jogo em sua direção. O celular acerta a parede e se espatilha no chão.

— Tem certeza que *tu quer* isso? — pergunta sério.

— Do mesmo jeito que eu tenho certeza de que quero meu nome limpo e você na cadeia! Agora sai daqui, seu covarde — grito uma última vez e ele sai.



Não sei se fiz o certo com tudo isso, mas o que eu sei é que minhas coisas não ficarão no morro, menos ainda na casa dele. Sei que ele não costuma estar lá durante a tarde e como todos ainda acham que sou algo dele, subo com alguns homens de um caminhão de mudança para me ajudarem. Não tenho móveis para levar, mas tenho muita roupa, sapatos e coisas menores.

Pouco mais de duas horas depois, já estamos descendo com as últimas caixas. Coloco a última no caminhão e é fechado. Uma sirene alerta ser a polícia e meu coração dispara. Em questão de segundos, Cadu para ali próximo à escadaria e os policiais chegam, mas não são quaisquer policiais. É a equipe comandada pelo meu pai que, ao algemar Cadu e me olha com um sorriso largo e pisca um olho para mim.



DOIS MESES DEPOIS

“Os canais de notícias não cessam. Há dois meses o maior traficante de Rio Azul foi finalmente capturado depois de mais de oito anos no comando do narcotráfico cidade e regiões próximas. Não se sabe o motivo pelo qual Cadu da Bela Flor simplesmente se entregou à polícia. Há exatamente dois meses o capitão Meireles do Bope de Rio Azul recebeu uma foto do rosto do traficante, que até então, era desconhecido, e, juntamente com a foto, o local para prendê-lo. O que parecia ser aparentemente uma cilada, acabou sendo, na realidade, a prisão de um dos homens mais perigosos de nossa cidade.” Diz uma jornalista qualquer no jornal da noite.

— Eles não se cansam — resmungo comigo mesma e desligo a TV.

Da última vez que encontrei meu pai, todo orgulhoso, ele disse que derrubou dois coelhos com uma cajadada só. Segundo ele, acabou com meu namoro ridículo e com o moleque que se achava o maior traficante que Rio Azul já teve.

Minha mãe ficou assustada quando viu o rosto dele na TV, internet... enfim. Perguntou-me se eu tinha conhecimento de quem ele era e respondi um sim seco. Não queria papo. Não queria falar sobre o homem que me fez parar na cadeia... sim, ele fez isso. Eu nunca usei drogas, nunca peguei em uma droga e como será que toda aquela cocaína foi parar lá dentro? Não foi o Papai Noel, com certeza.

— Fernanda? — Escuto batidas na porta do quarto, mas não me dou ao trabalho de responder. Continuo digitando. A porta se abre e minha mãe com uma bandeja com sanduíche e suco entra no quarto. — Filha, você tem que comer.

— Estou sem fome, mãe. — Não tiro os olhos do computador.

— Fernanda, tem tempo que você não come. Que você não sai. — Abre as cortinas e a luminosidade me incomoda, mas prefiro colocar os óculos escuros do que falar algo.

— Eu saí para trocar a cor do cabelo, mãe.

— Isso faz quase dois meses!

— Semana que vem vou retocar.

— Qual a última vez que você falou com a Danny?

— Quer dizer no dia antes de eu ser presa e ela quase perder os bebês dela? — resmungo.

— A Paola veio aqui outro dia e você sequer respondeu um “oi” dela — diz sentando na cama.

— E?

— Maria Fernanda Vasconcelos Meireles! — grita e só então olho para ela. — Que droga, minha filha! O Dani não quer você perto da irmã dele, mas você já se perguntou se ela não quer você por perto? Seu namorado foi preso. Ou você vai visitar ele ou o esquece! Não dá para estagnar sua vida assim, Maria Fernanda.

— Mãe, eu quero ficar só — falo.

— Fernanda, você vai se arrepender de tudo isso, minha filha.

— Foda-se! Quem vai quebrar a cara sou eu ou a senhora? Agora dá para sair da merda do meu quarto? — explodo e sem reação minha mãe sai.



Combinei de encontrá-los no parque próximo ao meu condomínio. Lá é um bom lugar para não pirar, gritar com alguém ou simplesmente andar, no meu caso, correr. Acho que já estou na sexta volta ao redor do lago quando vejo um deles.

Ele está encostado em uma árvore com pose de machão, até que Peixe o empurra e ele quase cai no chão.

— Pô, Peixe, pirou? — JP pergunta e é a primeira risada que dou em muito tempo.

— E aí chefia, tá pronta? — Peixe me pergunta.

— Nunca estive tão pronta, Peixe. JP, vem me dá um abraço, vai! — peço sabendo que ele vai desmunhecar por causa do meu suor. Dito e feito.

Ele corre de mim mais rápido que o Usain Bolt.



Saulo não ficou nada feliz em me ajudar com isso, na verdade, eu não fiquei feliz em ter que pedir a ajuda dele, mas, foda-se, é por uma causa maior. Sento-me no banco frio e duro de cimento à espera dele. O cheiro daquele lugar é ainda pior que o da delegacia onde fiquei, mas ignoro.

Sei que aqui os presos não usam perfume e nem muitos produtos de limpeza que não sabonete, mas estranhamente senti o mesmo cheiro forte que ele sempre teve quando ele se aproximou. Quando sentou na minha frente com aquela barba enorme e olhos brilhantes, confesso que me senti a pior mulher do mundo. Afinal, se não fosse por mim, ele não estaria ali. Eu sei que ele mesmo enviou a própria foto e se entregou justamente quando eu fui buscar minhas coisas. Ele queria que eu visse e soubesse que era por minha causa.

— Oi.

— Oi.

— Eu não sei o que dizer — admito.

— Eu posso... — ele tenta pegar minha mão, mas recuo automaticamente.

— Desculpa — falo e ele dá de ombros. Está claramente envergonhado de que eu o veja nessa situação. — Cadu, como aquelas drogas foram parar na minha bolsa?

— Nordeste — diz e parece ter certeza. — Ele e a Taíza.

— Cadu... — Ele levanta o rosto e fica me encarando esperando que eu diga alguma coisa. — *Me desculpa.* — Tento segurar, mas uma lágrima ou outra desce.

— Ei, amor, — eu me arrepio quando ele começa e enxuga minhas lágrimas com suas mãos algemadas e mais calejadas. — Não chora. *Tô aqui por causa das minha burrice.*

Seguro suas mãos com as minhas e as beijo.

— Eu ainda te amo.

— Eu também te amo, minha maluquinha. — Ele me dá um sorriso fraco, mas sincero.



Capítulo 29

Desde que fui preso, Paola se tornou minha advogada. A mulher é inteligente de uma maneira que eu nem imaginava. Para tudo tinha uma resposta e em todos os depoimentos dava um jeito de deixar menos pior minha situação, mesmo eu pouco me importando para isso.

Me entregar foi uma das coisas mais fáceis que eu fiz na minha vida. Posso dizer que a mais difícil, fora ver meu filho em uma cadeira de rodas por minha culpa, foi deixar a polícia levar a mulher que eu amo e não me envolver por medo de ser preso e perder toda a minha moral ou sei lá o que.

Eu sabia que ia acontecer algo. Nordeste havia ameaçado antes de pegarmos o elevador, quando ainda estávamos no corredor do apartamento dela. Menti falando que era o JP e acabou resultando em tudo isso.

Somente quando o pai dela a tirou da cadeia, sem que ninguém soubesse que ela sequer havia sido presa, fui até a casa dela. Esperei que ela acordasse e eu pudesse oferecer meus braços. Decorei em minha mente cada pedaço mínimo do seu corpo e fiquei enfurecido quando notei marcas além das marcas da briga, em seu corpo. Com certeza, um homem fizera aquilo e não havia sido eu.

Conversei com dona Edilene e ela confirmou minhas suspeitas e disse mais, disse que Mafê sequer abriu a boca para falar um “a”.

— Não que ela estivesse com medo, meu filho. Só que não parecia ela. Maria Fernanda ficou calada e depois que cuidei dela, ela dormiu chorando, mas não sei qual o motivo.

— Vou voltar para o quarto, Edilene. — Dou um beijo em sua testa.

Ela acordou aos gritos, mas antes disso me pedia para não fazer mal a mãe dela nem a ela. Eu jamais faria isso e escutar suas palavras me fizeram sentir um peso.

Depois que me mandou embora, esperei o momento certo para realizar desejo dela. Sabia que o pai dela, o tal capitão Meireles, teria gosto em me prender e para minha humilhação ser maior, foi exatamente o que fiz. Fui preso, levado e espancado por ele. Cada soco que ele me deu, ele falava que era pela filha dele, como uma obsessão.



Minhas únicas visitas eram minha advogada e Taíza quando resolvia me torrar a paciência. Acostumei a ficar fechado na minha. No início os presos quiseram fazer um test drive ou sei lá o que comigo. Depois que eu decepei o pinto de um deles, eles se afastaram e não mexeram mais comigo. *Tá*, isso me resultou em uma solitária de alguns dias, mas sem a Mafê, eu estava só mesmo.

A ver ali, sentada na minha frente com o cabelo de outra cor e mais magra foi estranho. Claro, eu desejava muito *ver ela*. O mais importante, eu desejava tê-la de volta em meus braços. Isso não seria possível ali. Jamais a sujeitaria às visitas íntimas, nem se ela quisesse, coisa que eu duvido muito. Sei que ela merece mais que um traficante, mais que um presidiário, mais que alguém como eu. Ela merece o melhor e mesmo eu não sendo tudo isso, quero tentar dar esse melhor a ela.

Depois de algum tempo, avisam que o horário de visita acabou. Volto para minha cela e quando já estou no meu canto, abro minha mão para ver o que tem no papel que ela havia me entregado sem que ninguém

percebesse. Eu não sou um bom leitor, deixei a escola cedo, mas aprendi o suficiente para ler aquele pequeno bilhete onde ela me explicava tudo o que eu precisava saber para que ficássemos juntos novamente.



O grande dia chegou e ocorreu tudo como combinado. O tal Saulo, conseguiu nos ajudar e consegui sair da cadeia sem tantos problemas. Apenas um tiro de raspão atingiu minha perna esquerda e outro meu braço direito, mas ainda assim consegui voltar para a Bela Flor. Foi quase uma festa e seu Filé fez questão de ir até o meu barraco pessoalmente. Ele me contou que nos últimos meses que estive fora, quase três, ele e dona Carol se separaram e ela havia ido morar com Taíza depois de admitir que Tarsílio e Taíza não eram filhos dele.

— Ela era uma cobra, menino — diz sem jeito.

— É, seu Filé...

— Mas vida que segue! *Tô* namorando — conta.

— Parabéns, seu Filé. *Mó* garanhão, hein? Quem é?

— *Tu já viu* ela no boteco. Ela começou lá depois que Carol botou a Mafê para fora.

— Mayara?

— Nayana — diz sorrindo.

— Sou bom com nome não, seu Filé — respondo dando de ombros.

— Deixe de coisa, Cadu. E a menina Mafê?

— Não sei, seu Filé.

— *Tu gosta dela num é?*

— *Eu amo ela* — admito.

— E tu *tá* esperando o que para pegar tua mulher de volta, filho?



Já faz duas semanas que fugi da prisão. Os jornais só falam de mim e eu mesmo estou me abusando por conta disso. Mesmo fazendo essas malditas duas semanas, Mafê não me procurou, não me atendeu, nem nada... Eu estou enlouquecendo e o pior é que não posso descer o morro, agora que todo mundo me conhece.

—... *Você ligou para Maria Fernanda, deixe seu recado após o sinal.*

Grito JP que chega rápido.

— Que foi, chefia?

— *Tu viu a Danny?* — pergunto.

— Ela *tá* de bucho. — *Dá* de ombros.

— Sabe se a Mafê foi lá nela?

— Foi nada. O prego não quer ver a ex-ruiva nem pintada de ouro.

— E a Danny?

— Dormindo para carai. Ela disse que vai ter dois duma vez.

— JP, *esses moleque são teu?* — pergunto e ele fica verde, azul, rosa, roxo e por fim branco.

— Ela disse que não sabe do pai.

— Deve ser ou tu ou o negão, cabeça.

— *Carai*, chefia, verdade... Droga, eu vou ser pai? — Sai de cabeça baixa.

— *Tu vai* pra onde, JP?

— Falar com ela, chefia. Quero moleque meu criado por outro não.

— *Tá certo*. Dá um jeito de ter notícias da Mafê *pra* mim.



Já é noite quando finalmente decido ir atrás da Mafê. Ela não aparece. Tudo bem que o pai dela me quer morto, os outros tiras também, a maior parte da população vive dizendo querer o mesmo, a mídia não admite, mas querem isso. Só que não significa que ela queira o mesmo, afinal, foi ela que me ajudou a sair daquele buraco.

A segurança no morro teve de ser reforçada e até para eu conseguir sair não foi fácil. Sei que estou me arriscando e provavelmente arriscando ela também, mas não aguento mais a distância entre nós. É, ela conseguiu me deixar um idiota de quatro por ela e o mais estranho: eu faria qualquer coisa por ela, como já fiz ao me entregar aos tiras.

Eu não tinha notado que era tão fácil entrar no condomínio e subir até o apartamento dela. Respiro fundo antes de bater na porta, mas antes que minha mão encoste a madeira, escuto uma discussão:

— Paola, me deixa! Eu já disse que vou. — É a voz dela.

— Fernanda, não! Do que adiantou tudo isso então?

— Adiantou ele sair de lá. Agora que ele pode seguir a vida dele, eu posso seguir a minha. — *Como assim? Do que será que elas estão falando?*

Encosto meu ouvido na porta tentando ouvir melhor.

— Mas amiga, você sabe que sair de Rio Azul não é a resposta... —
O que? Ela vai embora?

— Eu não estou pedindo sua opinião, Paola. Estou avisando porque é minha amiga.

— Não vou ficar de braços cruzados enquanto você faz essa burrada. — Escuto a porta se abrindo e quando ela se fecha, Paola me nota. — Seu idiota, o que está fazendo aqui? — Estranhamente sussurra quase gritando.

— Ela vai embora? — pergunto.

— Cadu, que porra você está fazendo aqui? — Ela está surpresa.

— Porra, Paola, *tu acha* mermo que eu ia ficar longe dela?

— Você não pode vir aqui! Os homens do pai dela estão vigiando tudo isso aqui!

— *Tô* cagando *pra* isso! Ela não vai embora de Rio Azul. — Tento abrir a porta, mas ela me impede.

— Eles vão pegar você, Cadu!

— Já falei que não *tô* nem aí. — Ela continua na frente me impedindo.

— Você não faz ideia de como ela ficou quando você foi preso. Ela não comia, não saía, não fazia porra nenhuma se não assistir notícias sobre você e ficar na frente do notebook. Ela surtou quando descobriu a violência que você sofreu lá dentro... — diz.

— Paola, é minha mulher, *nós vai* ficar junto — falo com um nó na garganta.

— Você só trouxe problemas para a vida dela.

— Eu não procurei isso. Ela foi atrás de mim. Ela disse que é apaixonada por mim e que me ama. Eu também! *Tu quer* que eu fique longe?

— Eu quero a minha amiga bem.

— Então ela vai decidir se vai ficar comigo. Porque ela fica bem comigo.

A afasto da frente da porta e entro. Ela não havia trancado quando Paola saiu. Com a mesma rapidez que abri, fechei e tranquei evitando a amiga loira dela. Em alguns segundos ela sai do quarto começando a falar que não mudará de ideia e que era para Paola sair, mas logo que me vê para.

— Cadu... — diz com a voz fraca e embargada. Olho para ela tentando ter certeza de que realmente estamos ali, os dois. Seu corpo está coberto, como sempre, por uma camisa minha. Eu tinha certeza de que ela pegaria algumas quando fosse levar suas coisas do meu barraco e eu estava certo mesmo. Seu cabelo está preso em um rabo de cavalo todo bagunçado. Sem maquiagem nenhuma e descalça, ela se aproxima de mim.

Suas mãos trêmulas passeiam pelo meu peito, braços, pescoço, rosto... Fecho meus olhos automaticamente sentindo seus toques, até abrir sentindo um tapa violento no meu rosto. Seus olhos estão cheios de lágrimas e ela grita me perguntando o que estou fazendo ali.

— Eu odeio *esses teus tapa*. Dói pra *carai* — reclamo passando a mão no local onde a sua acertou.

— Você merece muito mais, seu imbecil. — Dá mais um tapa, mas dessa vez em meu braço direito. Em seguida no esquerdo e socos fracos no meu peito, até que eu a abraço enquanto ela chora e me xinga.

Quando ela se acalma um pouco, levo-nos ao sofá e sentada encolhida no meu colo, começo a falar o quanto senti sua falta, pergunto sobre a mãe, mas ela não responde. Não fala nada.

— Amor, por que *tu não queria mim* ver? — novamente ela não responde. Seu rosto afundado entre meu pescoço e meu ombro. — Seu Filé perguntou de ti — comento.

— Você não devia estar aqui — fala fungando com o rosto no mesmo lugar. — É muito perigoso, arriscado.

— *Tu vale* a pena.

— Meu pai deixou os cães de guarda, lambe saco dele vigiando o prédio... — diz e levanta o rosto me encarando. — E se eles tiverem visto você?

— Viram não — afirmo.

— Tem certeza? — pergunta e aceno com a cabeça enquanto mexo em uma mecha loira do seu cabelo. Ela trocou o vermelho por uma cor escura e umas mechas loiras.

— Gostava do teu cabelo vermelho — comento.

— Senti sua falta, mas não pude ir à comunidade — diz de cabeça baixa.

— *Tu vai* para onde? — Ela me olha surpresa.

— Vou fazer uma viagem...

— Não!

— Que?

— *Tu num vai. Tu num pode* fazer eu ficar apaixonado por ti e sumir da minha vida — falo e um sorriso pequeno surge em seu rosto.

— Queria que pudéssemos ficar juntos sem problema algum.

— *Nós pode.* Vem pro morro comigo.

Por um tempo ela apenas me encara com uma expressão neutra até que me beija. Ela me beija como nunca. De maneira doce e ao mesmo tempo quente. Mafê me beija me deixando sem ar, mas recusando se afastar de imediato. Suas mãos alcançam a barra da minha camisa e com suas unhas roçando minha pele, ela a arranca do meu corpo. Levanto meu corpo e o dela do sofá e enquanto ela me marca com mordidas e me arranhando com as unhas, levo-a até o quarto.

Deito-me por cima dela na cama, mas logo ela inverte nossas posições e, após tirar meu short e cueca, beija, lambe e devora cada pedaço meu como nunca havia feito antes.



Capítulo 30

A viagem não foi bem uma decisão minha. Minhas opções eram: Todos que eu amo mortos ou sair de Rio Azul. Está meio óbvio o que eu escolheria, certo? E quem fez essa ameaça? Acertou quem pensou no Marcos, mas quem pensou no meu pai também acertou. Sim, os dois estão juntos nessa. Meu pai sempre teve um ódio mortal de bandidos, então não entendo bem o que ele está fazendo “trabalhando” com o Marcos, mas como Paola diria, são farinha do mesmo saco.

Passei as duas semanas após a fuga do Cadu tentando achar um jeito de contornar essa situação, mas não consegui descobrir como. Eu não queria, nem quero o homem que amo morto, mas não gostaria de me afastar também. Ele não iria comigo, claro. Sei que ele jamais abandonaria o filho e o lugar que tanto ama. Eu também não o faria se não fosse por causa de tudo isso.

Levanto-me da cama. Ele ainda dorme. Sempre disse que dorme bem quando está comigo e sei que é verdade. Ele me contou quando ainda estávamos na comunidade a história por trás de todo o ódio de dona Carol por ele.

Disse que descobriu por acaso que o pai de Tarsílio e Taíza não era o seu Filé e dona Carol surtou quando ficou sabendo. Cadu deu um prazo a dona Carol para que contasse ao seu Filé, caso contrário, ele mesmo o faria, mas dona Carol cometeu a estupidez de voltar o filho mais novo contra Cadu e no dia de uma guerra entre Cadu e a polícia, Tarsílio tentou matá-lo e quase conseguiu. Se não tivesse atirado antes, estaria morto e eu sequer o teria conhecido. Infelizmente o rapaz morreu e desde então, dona Carol

ameaçou revelar ao seu Filé que ele havia matado aquele que o marido pensava ser seu filho de sangue e amava assim. Cadu acabou nunca contando para seu Filé a verdade e desde então sempre teve pesadelos, ora com Tarsílio, ora com o pai, ora com Nick.

Ele pode até ser um bandido, mau caráter e coisas do tipo, mas apesar de ter sido uma escolha, muitas coisas contribuíram para que ele se tornasse quem é hoje. Incluindo eu mesma. Não me achando que eu sou a rainha da cocada preta que fez o traficante mudar, mas desde que me conheceu, Cadu mudou. Sua relação com as pessoas da comunidade melhorou. Nick mesmo disse que gostava muito mais do pai novo. Um dia conversando com Carlinha, ela disse-me que ele havia se tornado uma pessoa melhor e mais presente na vida do filho, não apenas por levá-lo para passar os finais de semana com ele, mas por deixar os rabos de saia de lado e cuidar mais do pequeno. Carlinha também disse que ele pediu que ela levasse Nick para outras consultas e procurar outros profissionais para tentar a recuperação dele.

Tomo um banho rápido e visto uma calça jeans, blusa e uma botinha. Pego minha bolsa e vou até a sala onde minhas malas já estão. Não sei como ele não as percebeu quando chegou. Checo se estou com o passaporte, os demais documentos e cartões. Minha mãe estava em um evento da editora em outro estado, só chegaria em casa no fim da semana, até lá eu já estaria em Nova Iorque. Ninguém, fora meu pai, sabe para onde estou indo. Eu sequer sabia para onde iria até duas noites atrás quando ele chegou com minha passagem.

Eu não tive oportunidade de me despedir direito da minha mãe. Não contei a ela o que estava acontecendo. Também não me despedi direito de Paola, apenas avisei que viajaria e depois de nossa discussão, sequer lhe dei

um abraço de adeus. Danny menos ainda. Paola disse que ela estava com saudades, mas como sua gravidez é de risco, está confinada no apartamento do irmão com a mãe de babá enchendo o saco e pronta para me derrubar se eu aparecer lá.

A campainha soa e logo que abro a porta levo um tapa no rosto que só não revido por conta da surpresa e depois por perceber quem é com uma barriga enorme.

— Se você sair de Rio Azul, vou até o fim do mundo atrás de você para te matar — Danny diz.

— Ai! — reclamo. Agora sei como Cadu se sente levando meus tapas.

— Larga a porra dessa mala. — Ela fecha a porta com a chave e tira da fechadura.

— Danny, não dá tempo disso agora. Eu tenho que ir. Meu voo sai daqui a pouco — aviso e tento tomar a chave dela que esconde nos seios.

— Não, senhora! Você não sai de Rio Azul até me explicar porque está indo viajar assim do nada e sem nem se despedir de mim. — Senta no sofá.

— Quem...

— Paola — falamos juntas, ela com um sorriso no rosto.

— Fala baixo. Não quero que o Cadu escute. Ele não sabe que...

— Não falou para ele que está indo embora de Rio Azul hoje? — Ela me fuzila com o olhar. — Muralha! — grita e de repente Cadu aparece

na sala pelado. Observando ele rapidamente, ela se vira para mim e diz: — Sério que uma coisinha desse tamanho fez você se apaixonar?

— Que porra! — ele resmunga e volta rapidamente para o quarto.

— Danny, não acredito nisso!

— O que? Na minha primeira vez com o JP até parecia que eu estava perdendo a virgindade de novo. E o Saulo você sabe... O meu negão não fica para trás.

— Para de comparar meu pau. — Ele volta à sala de short e vestindo a camisa. — Que porra que *tu quer pra* me gritar daquele jeito?

— Não está vendo nada diferente aqui não? — minha amiga pergunta e sinto vontade de matar ela.

— *Tu engoliu* uma bola gigante! — Dá de ombros e vai até a geladeira procurando algo.

— E essa mala também gigante aqui não te diz nada? — aponta para minha mala próxima a porta da sala.

Ele olha a mala, olha minha amiga, depois me olha e volta a olhar para a mala.

— *Tu ia* embora? — reclama.

— Isso aí, Muralha querido — Danny responde levantando do sofá com a mão nas costas. Com mais ou menos seis meses de gravidez minha amiga está com um barrigão. — Essa cadela maldita ia embora de Rio Azul sem contar para gente para onde ia e sem nem tentar se despedir.

— Por que porra *tu ia* fazer essa merda? — ele pergunta com a voz alta.

— Calma, Muralha, ela não vai sabe por quê? — Minha amiga mantém um sorriso largo no rosto e vai em direção à cozinha e segura um isqueiro na mão. — Ela não pode viajar sem isso aqui. — Balança meu passaporte na mão e tento rápido ir até ela, mas Cadu me segura.

— Danny, por favor, não faz isso — peço.

— Sinto muito, Cadela, mas ou você me diz o porquê de estar indo embora de Rio Azul ou eu queimo o passaporte. — Acende o isqueiro e aproxima do documento.

— Danny, não faz isso! O meu pai... — minha voz falha e ela apaga a chama. — O meu pai. E o Marcos. — Cadu afrouxa os braços a minha volta, mas o sinto tenso. — Eles disseram que vão matar todos que amo. E que você seria a primeira.

— Fernanda... — Caminho até ela e arranco o passaporte de suas mãos.

— Não, Danny! Seu irmão *tá* certo! Tudo que deu errado em sua vida foi minha culpa, não quero você, minha mãe, Cadu... Nick... não quero que ninguém morra por minha culpa.

— Mafê, isso não vai acontecer — Cadu diz.

— Como você sabe?

— Eu arrumo um jeito de deixar *nós tudo salvos* — fala.

— Amiga, você não tem que sair de Rio Azul.

— Vocês não entendem! Eles não estão de brincadeira.

— *Tu não sai* de Rio Azul, *tá* entendendo? — ele fala convicto.

— Gente, *me escuta!* — grito. — Eu, Maria Fernanda, vou viajar em — olho a hora meu relógio de pulso — duas horas e nem o papa me impede!

Dou um beijo no rosto da minha amiga, enfio a mão no decote dela tirando de lá a chave da porta. Pego minha bolsa em cima do sofá e me aproximo do Cadu para lhe dar um beijo, mas ele vira o rosto. Encosto meus lábios em sua bochecha e depois de destrancar a porta, ele me pressiona de frente para ela.

— Sem sexo na minha frente, por favor. — Escuto Danny reclamando.

Com sua boca em meu pescoço e pressionando meu corpo com o seu, faz com que eu me arrepie. Seus lábios saem de meu pescoço e passam para minha orelha direita.

— *Tu não vai sair daqui...* — sussurra e suas mãos sobem da minha cintura para os meus braços.

Danny diz alguma coisa, mas só consigo me concentrar em Cadu.

— *Tu, Mafê, é minha mulher. E tu vai ficar é comigo.* — Morde minha orelha e suas mãos sobem por dentro da minha blusa até chegar aos meus seios que ele aperta me arrancando um gemido. — *Tu vai ser mãe *duma* princesa nossa, ou *dum* moleque. Nós vai fazer eles* — uma de suas mãos abre o botão e zíper de minha calça descendo para dentro de minha calcinha. — E tu vai ficar molhada assim toda vez que *ver eu*.

— Para, por favor — peço em meio a gemidos quando seus dedos se movimentam dentro da minha calcinha.

— *Tu sabe que num vai fugir.* — Ele lambe meu pescoço. — *Nós vai se ajeitar e tu vai ser a rainha daquele morro.* — A mão que estava em meu peito sai de lá e vai para o meu rosto que ele vira para si forçando-me a virar de frente para ele. — Agora coloca nessa tua cabeça que *tu é minha e tu num sai dessa cidade sem eu.* — Lambe os meus lábios.

— Cadu... — sua mão continua em minha calcinha.

— Fala. Fala que *teu homem é eu.* — Seus lábios seguem até meu pescoço. Já estou mais mole que picolé na beira de um vulcão em erupção. Na verdade, é como me sinto. Um vulcão prestes a entrar em erupção. — *Pó falar que tu é minha.* Que não sai de Rio Azul.

Antes que eu diga qualquer palavra, minhas pernas estremeçam, sinto o sorriso dele em meu pescoço e mordo seu ombro. Com um urro, ele faz com que eu o solte e toma minha boca para si enquanto acabo de me derreter em sua mão.

— Caralho! Eu nunca tinha visto uma cena dessa. — É a voz de Danny. Ofegantes, nós dois olhamos para o sofá e lá está minha amiga alisando a barriga e olhando atenta para nós. — Agora sei que...

— Você assistiu tudo isso? — Escondo meu rosto quando ela confirma. Cadu fecha o zíper e botão da minha calça.

— Eu estava aqui o tempo todo, só você não viu... — Cantarola rindo um trecho de uma música da Pitty. — Cadu, adorei seu tipo de persuasão.

— Danny, vaza! — Cadu acena um “tchau” com a mão seca.

— Poxa, gente. Depois de um momento tão íntimo quanto esse... — reclama. Sim, minha amiga é tão cara de pau a ponto de fazer isso assim.

— Cadela, pensei que você estava no quarto ou algo assim —
comento ainda sem graça.

— E qual seria a graça, Fernanda? — Sorri. — Eu até ia, mas achei
mais interessante ver essa cena. Tia Edilene disse que estava procurando
uma cena quente para acrescentar em Gemidos e que cena melhor que essa?

— Não vai contar uma cena minha para minha mãe! — Tenho
certeza de que estou vermelha como um pimentão.

Com uma carranca, Cadu diz que vai ao banheiro e me deixa só com
a maluca na sala. *Tá*, até eu fiquei surpresa com essa da Danny.

— Relaxa, amiga. — Pisca o olho para mim. — Vou mandar
mensagem para um dos dois idiotas virem me buscar. — Pega o celular.

— Como assim? — Eu me sento perto dela.

— Assim: eu contei para o Saulo e para o JP que não sabia quem era
o pai das meninas daí eles disseram que vão cuidar de mim até saber quem
é o pai. É a coisa mais engraçada do mundo. Quer ver? — pergunta.

— Quero, eu acho. — Ela mostra no celular um grupo com eles três
e então digita uma mensagem:

DANNY: Papais! Tô na casa da Cadela. Preciso ir para casa.

Menos de um minuto depois chove mensagens dos dois:

JP: EU TE PEGO!

SAULO: NÃO. EU PEGO. JÁ TÔ CHEGANDO!

JP: TÔ QUASE AÍ.

SAULO: EU TÔ MAIS PERTO.

DANNY: *Não importa quem, só venha logo. A cadela quer transar com o macho dela sem ninguém olhando.*

Os dois continuam discutindo por algum tempo e Danny e eu damos risadas, quando Cadu volta e mostramos para ele, que também cai na gargalhada e diz estar torcendo pelo Ken. O porteiro interfona algum tempo depois avisando que tem dois homens esperando pela Danny e apesar de eu insistir para que me deixe levá-la até o carro, ela nega e se despede de nós dois.

Para garantir, Cadu esconde meu passaporte, rasga minha passagem e queima ela, além de abrir minha mala e jogar todas as roupas em vários cantos da casa. Isso em um prazo recorde de cinco minutos. Ele só para quando o beijo, mas nos afastamos no minuto seguinte quando a campainha toca.

— Aposto que a Danny esqueceu alguma coisa — falo.

— Ela é prego igual o irmão — reclama e vou abrir a porta.

— Boa noite, meu amor. — Deparo-me com o Marcos em minha porta, apontando uma arma para a barriga da minha amiga.

— Ai meu Deus! Marcos, larga ela! — peço, mas ele entra na sala seguido do meu pai que logo avista Cadu na cozinha.

— Amor, tem cerveja? — pergunta e um tiro ecoa. Inevitavelmente Danny e eu gritamos assustadas.

— Sogrão, pirou? — Ele aparece apontando uma arma para o meu pai que me puxa e aponta a arma para minha cabeça.

— Não me chama assim, moleque! — resmunga e aperta a arma em minha cabeça. — Vou estourar os miolos dela e depois que matar esses

projetos de vagabunda na barriga dessa louca, mato ela também — fala de mim e da Danny.

— *Tá doido?* — Cadu continua apontando a arma para meu pai e para Marcos.

— *Doido tá você, moleque!* Mexendo com a idiota da minha filha de novo.

Por um tempo, meu pai fala um monte de ofensas sobre mim. Diz que eu sou como sou por culpa da minha mãe. Por pelo menos quinze minutos Cadu tenta argumentar. Tenta fazê-lo me largar e Marcos a Danny, mas não adianta, eles continuam nos segurando.

— Primeiro você mata essa vagabunda — meu pai diz a Marcos. — Grande amiga você arrumou, Maria Fernanda. Uma que engravida e suspeita que seu noivo seja o pai.

— Saulo não é nada meu, pai! — justifico.

— Já te disse que você vai casar com ele! — grita.

— O único macho com ela vai casar, *é eu* — Cadu fala e se eu não estivesse morrendo de medo, até me emocionaria com essa declaração.

— Filha minha não casa com bandido! — grita novamente.

— *Carai, nós pode* acabar com isso? — Marcos finalmente fala.

— Quando eu mandar — meu pai fala com raiva. — Última chance, Maria Fernanda! Ou morre a vadia ou morre o moleque.

— Solta as duas — Cadu fala. — *Deixa elas ir* que eu me entrego. Tu paga de herói de novo.

— Moleque, não te quero só preso! Eu quero ver você morto. Seu sangue escorrendo como o do seu pai escorreu nas mãos do meu superior.
— Ri e me arrepio com a frieza dele.

Em questão de segundos, acontece toda uma movimentação na sala. JP e Saulo entraram em algum momento e os tiros ecoam pelo ambiente. Vejo sangue próximo a minha amiga que está no chão assim como eu e me aproximo como posso. Um último tiro e silêncio. Meu pai cai ao chão e vejo Cadu correndo atrás do Marcos que saiu do apartamento.

JP e Saulo correm até nós duas e ao verem o sangue se desesperam. Eu me obrigo a me concentrar em minha amiga, não em meu pai caído com um tiro na testa. Respiro um pouco mais aliviada quando vejo que o tiro acertou apenas sua perna. Mando os idiotas a levar para o carro para que possamos ir para o hospital. Minha vista turva de lágrimas não me permitem fazer nada além de levantar-me e apagar em seguida.



JP há mais ou menos uma hora passou em meu quarto avisando que Danny e as bebês estavam bem e que Cadu estava com Nick, depois do susto que o pequeno passara também. JP explicou que Cadu tentou pegar Marcos, mas só conseguiu depois que ele já estava dentro do apartamento de Taíza. Marcos ameaçou matar o pequeno e após confessar que o tiro que deixou Nick na cadeira de rodas partiu da arma dele propositalmente e não de um policial, porque, segundo ele, quem deveria ser o pai do filho da Dick Vigarista era ele que sempre a amou, ela mesma atirou nele.

Saulo também passou em meu quarto e disse que não tinha certeza se o tiro havia partido da arma dele ou da arma do Cadu, já que JP havia

acertado apenas Marcos e isso foi no braço antes que ele conseguisse sair do meu apartamento.

O médico havia me explicado que por causa de toda a adrenalina, eu não havia notado que uma bala tinha me atingido na região do abdome. Quando os idiotas nos trouxeram até o hospital, fomos direto para cirurgia.



— Filha, *me desculpa!* — Minha mãe desde que entrou no quarto me pede desculpas a cada cinco minutos entre lágrimas.

— Mãe, está tudo bem. — Tento acalmá-la.

— O seu pai fez tanto mal, filha — comenta.

— Mas agora ele não vai mais fazer, mãe — falo com um nó na garganta. Pode me julgar, mas eu amava meu pai.

— Eu tenho que... — enxuga as lágrimas. — Tenho que preparar o enterro e o funeral.

— Tudo bem, mãe.



Os médicos não me liberaram para que eu fosse ao enterro do meu pai e sinceramente até vejo isso com uma coisa boa. Todos os canais de TV, estações de rádio, redes sociais e sites anunciam a morte do “honrado Capitão Meireles” e dizem que morreu como um herói tentando defender a filha e a amiga de um assalto. Essa é a versão que a polícia contou.

Há dezenas de jornalistas na porta do hospital e nunca me senti tão enojada com o jornalismo. A profissão que escolhi é linda, mas muita gente a usa para explorar histórias tão íntimas das pessoas. Alguns dos jornalistas

criam mentiras, falsas histórias e as espalham como se fossem verdade. Só que é como sempre dizem: uma hora a verdade aparece.

A polícia manipulou sei lá como as imagens de segurança do meu prédio e do elevador, mas felizmente — ou infelizmente — uma jornalista conseguiu as originais e divulgou. A bomba foi solta, o escândalo armado e Danny e eu quase não conseguimos sair do hospital sem nos machucarmos ainda mais.

Não fui para o meu apartamento, não fui para o morro, nem para o apartamento da minha amiga. Minha mãe havia alugado um loft temporário e fui para lá. Na porta do prédio também está cheio de jornalista e só resolvi responder quando uma pergunta em particular me incomodou.

— *Maria Fernanda, como se sente sendo responsável pela morte de seu pai?* — pergunta um homem magro, alto de olhos claro.

— O único responsável pela morte do meu pai foi ele mesmo. Se não tivesse sido ele, teria sido eu e minha amiga.

— *Então está feliz por ele estar morto?*

— Que tipo de monstro acha que sou? — pergunto e os demais repórteres ficam em silêncio. — Meu pai nunca foi perfeito, mas eu o amava, porém ele também era uma pessoa horrível. Tentou me matar, matar minha amiga grávida e matar meu namorado. O bandido que estava junto com ele o matou e em seguida foi morto, mas o monstro sou eu por estar viva e não imaginar um final diferente que já estava fadado a acontecer?

De repente todos começam a me aplaudir e o imbecil que havia me perguntado essas asneiras ficou de boca aberta quando entrei no prédio.



TRÊS MESES DEPOIS

— Eu vou arrancar as bolas do idiota responsável por isso! — Danny fala fazendo força mais uma vez. Parece que a cada dia o vocabulário de palavrão dela aumenta mais e mais.

— Danny! — Sorrio segurando sua mão.

Estamos na sala de parto há algum tempo. Danny não quis que JP ou Saulo entrasse com ela já que não sabia quem era o pai e não queria escolher entre os dois para isso. A mãe dela já estava com a câmera a postos pronta para entrar com ela e Danny a mandou dar meia volta, pois não queria que as filhas passassem pelo mesmo que ela passou. E quem foi a eleita? Eu! Paola me ofereceu dizendo que não teria estômago para uma cena dessas.

— Empurra um pouco mais, Daniela — diz o médico.

— Se eu empurrar mais vou cagar, doutor! — ela grita botando força mesmo assim.

Um primeiro choro ecoa e Danny de olhos fechados dizendo que não tem coragem de olhar, então me pergunta qual a cor da bebê.

— Se for pretinha é do Saulo. Se for branquinha do JP, Cadela — diz e uma das enfermeiras ri só para levar um esporro dela em seguida.

Olho aquele ser pequenino com cara de joelho e coberta de sangue.

— E então, Cadela? — pergunta, mas não dá tempo de responder. Ela reclama de dor e já vai botando força para a segunda bebê sair. — Meu Deus! Sexo é tão bom, por que ter bebê é tão difícil?

Logo o segundo etezinho sai de dentro da minha amiga. Admito, a cena é muito nojenta, mas também é linda de se ver e após enrolar a segunda bebê na manta a enfermeira tenta mostrar a Danny que se recusa abrir os olhos antes da minha resposta.

— Danny, acho melhor você abrir os olhos. — Aviso confusa.

— Ai meu Deus! — fala emocionada e ao mesmo tempo confusa como eu.



— Isso é mesmo possível? — Danny pergunta com o teste de DNA em mãos.

— Não é comum, mas não é impossível — o doutor fala.

— Meu Deus, eu sou pai — JP fala com Olívia, a bebê clarinha de olho azul no colo e Saulo com Sara, a bebê pretinha de olhos verdes.

Sara nasceu primeiro. Com três quilos e meio, estava na cara que era filha de Saulo, principalmente por causa da cor dela. Tão pretinha e linda como o pai. Ok, bebês são esquisitos quando nascem, mas acabam ficando lindos, pelo menos uma boa parte deles fica. Olívia nasceu um pouquinho menor. Com três quilos exatos. Bem branquinha e com uma pinta de nascença no bumbum, segundo Danny e JP, igual a dele.

Todos ficaram confusos, claro e os pais pediram exame de DNA. O resultado foi o que se esperava, cada bebê tinha um pai. O doutor explicou que a ciência não sabia explicar porque isso acontecia e nem quisemos saber o importante eram as bebês saudáveis.



Taíza foi acusada pela morte do Marcos, mas como foi legítima defesa, Cadu pagou a fiança dela. A mãe resolveu levá-la para outro país, França para ser mais exato. Taíza nunca foi um exemplo de mãe, mas foi ela quem salvou Nick e Cadu. O pequeno implorou ao pai para não ir com a mãe, admito que eu também fiz o mesmo e depois de dar uma grana gorda a Taíza, ela aceitou deixar o pequeno.

Nos últimos três meses, estamos morando juntos. Nick está prestes a fazer uma cirurgia que pode fazê-lo voltar a andar. Carlinha que descobriu sobre o método. Ainda é experimental e caso não dê certo, os problemas aos pacientes são mínimos. Com a ajuda dela, organizei tudo. Pagamos ao médico, pois essa cirurgia é feita apenas pelo médico que criou o método.

Amanhã é o dia em que acontecerá a cirurgia de Nick e apesar de animado, ele sabe que pode não dar certo. Explicamos tudo direitinho a ele e com toda sua animação de conseguir voltar a andar, ele entendeu.



DOIS MESES DEPOIS

Nick não recuperou cem por cento dos movimentos das pernas. A cirurgia não foi um sucesso total, mas foi o suficiente para o pequeno ter mais ânimo ainda para sua fisioterapia que, segundo o doutor, não resolveria o problema, mas ajudaria sim ele a levar uma vida mais normal.

É como se ele estivesse reaprendendo a andar e é tudo tão lindo de se ver. A cada passo dele, é uma vitória nossa. A cada movimento que faz com a perna, nós nos emocionamos e sei que quando largar as muletas, será a maior alegria de todas.

O tempo todo, Nick me pergunta quando vou dar o irmãozinho dele. O menino adora as gêmeas, mas Danny está de partida com seus dois

namoridos, como os chama. Sim, ela resolveu ficar com os dois e eles aceitaram. Não facilmente, claro, mas aceitaram e hoje os dois são quase amigos. Danny havia recusado o convite de ser correspondente internacional por causa dos riscos para sua gravidez, mas recebeu novamente o convite e com o apoio de seus namoridos, resolveu seguir o seu sonho.

Paola conseguiu colocar uma coleirinha no Dani. Quem diria... ela fez até ele me pedir desculpas por ter mantido Danny longe de mim. Ela saiu da vida de *personal fucker* e abriu o próprio escritório de advocacia. Como ela havia previsto, muitos dos seus fregueses se tornaram clientes do escritório e apesar de todo o ciúme do Dani, ela manteve o profissional com eles nunca os deixando ousar fazer ou insinuar nada com ela.

— Amor... — Cadu entra no quarto e fecha o notebook.

— Oi, amor. — Cumprimento-o com um beijo.

Continuamos na comunidade. Cadu me pediu para morarmos juntos e aceitei. Nick foi quem mais amou a ideia.

— Nick quer um irmãozinho — fala já me beijando.

— Eu não quero um filho, pelo menos não agora. Você sabe — digo.

— Eu sei, mas *nós pode* treinar, né?

— Podemos. — Sorrio quando ele me joga na cama e arranca minha blusa.

— Casa comigo? — fala de repente.

— Que? — Levanto a cabeça dele da minha barriga.

— Casa comigo.

— Não! — Levanto rápido da cama.

— Por que não?

— Porque não, Cadu... A gente *tá* tão bem assim! Casar para que, amor?

— Porque *tu vai* ficar gostosa num vestido branco. Porque quero esfregar na cara do padre tarado que *tu é* minha e abençoada por ele. — Sorrio. Ele levanta da cama e pega em cima da cômoda uma caixinha prateada. — Porque quero tu *pra* sempre e *tu sempre diz* que *pra* tu o casamento é *pra* sempre.

— A gente também é.

— Mas quero certeza. — Ele se ajoelha na minha frente e abre a caixinha. — *Bora* casar?

— *Tá* bom. — Sorrio emocionada e após colocar a aliança em meu dedo, Ele me beija.

Ele não continuou a traficar. Não parou de uma vez, mas foi diminuindo aos poucos até cessar e no dia em que ele inaugurou com seu Filé um barzinho maior, foi o dia que finalmente aceitei marcar a data do nosso casamento.

Epílogo

Nick

Mafê foi a mãe que a vida me deu e com certeza foi uma das melhores coisas que me aconteceu. Ela se tornou especial para mim no momento em que a conheci, principalmente porque ver a maneira como ela e o meu pai se olhavam, tive a certeza de que eles se fariam felizes para o resto da vida. Quando Taíza, minha mãe, foi embora do país e deixou-me com o meu pai, Mafê cuidou de mim como nunca ninguém tinha feito antes. Carlinha, minha babá, e ela pesquisaram muito e encontraram uma forma para que eu voltasse a andar, coisa que mesmo tão não novo, eu tinha certeza que nunca aconteceria. Taíza nunca mais mandou notícias, mas também nunca senti sua falta. Mesmo quando presente, nunca tivemos uma boa relação, ela me tratava mais como um estorvo do que como um filho.

Hoje, aos vinte e cinco anos, quase não se nota o problema na minha perna. Eu não fiquei cem por cento, manco um pouco de uma das pernas e preciso de auxílio de uma muleta, mas é muito melhor que uma cadeira de rodas.

Eu agradeço sempre a Mafê por tudo o que fez por mim e principalmente pelo meu pai. Ela não é só a mulher dele, é a mulher que o transformou. Meu pai era envolvido com muita coisa errada, incluindo tráfico de drogas, mas depois que ela entrou na vida dele, isso foi diminuindo aos poucos, até chegar ao momento em que ele parou de vez, e foi exatamente três meses depois disso que entrei na igreja acompanhando Mafê para entregá-la ao meu pai no altar. Eu ainda estava com as duas muletas e com vergonha de ir com ela, mas ela me convenceu e isso me

ajudou muito a ser quem sou hoje. Ela me ajudou a adquirir minha confiança e não me envergonhar de quem sou.

Quando eu ainda era criança, vivia pedindo a Mafê e a meu pai um irmãozinho, mas apesar de ele me prometerem, não vinha. Até que um dia Mafê descobriu uma doença que se não tratasse, não poderia ser mãe. Como ela chorou durante aquele período e quando finalmente terminou o tratamento foi que eu tive coragem de pedir para chamá-la de mãe e chorando muito ela disse que sim e me abraçou forte.

Alguns meses após o término do tratamento, mamãe me mostrou o teste de farmácia. O resultado era positivo e ela havia contado primeiro para mim. Naquele dia ela contou para o meu pai durante um jantar entre nós três. Me lembro de como ela segurou minha mão e do meu pai e disse a ele que tínhamos que contar a ele uma coisa. Ele até brincou perguntando se eu estava tomando sua esposa. Toda feliz, ela pediu que eu contasse e admito que foi uma das coisas mais engraçadas que vi na vida. Meu pai, como meu tio JP, *desmunhecou* e quase desmaiou. Depois comemorou comigo e quando fui dormir, a sós com ela. Quando eu conheci Mafê, também conheci a amiga dela, Danny. Ela namorava o tio JP e depois que casou com ele e com o tio Saulo, foram embora com Olívia e Sara, suas filhas. Eles sempre foram uma família meio estranha. Todos os anos, depois que completaram doze anos, Olívia e Sara passaram a vir passar as férias conosco. Elas adoravam a praia, o morro e Rio Azul.

Sara sempre foi a mais danada. Vovô Filé dizia que ela ia dar muito trabalho e bem... foi verdade, mas Olívia não ficava atrás. As duas viviam aprontando, Tio JP e tio Saulo até tentaram colocar elas em um colégio de freiras, mas foram expulsas uma semana depois.

Olívia apesar de ser danada, sempre foi mais quietinha que a Sara e sempre tive mais afinidade com ela, apesar de ser alguns anos mais velho. Houve uma época, quando Liv tinha cerca de quinze anos e eu pensava que ela era apaixonada por mim. Admito que eu mesmo gostava dela, mas eu já tinha meus vinte um, qualquer coisa que eu tentasse com ela, resultaria num corte de bolas da parte dos dois pais dela. Sim, ambas chamam os dois de pai.



Não é *babação* de irmão mais velho, mas minha irmãzinha é linda, aliás, meu irmão também. Só que minha irmã é minha princesinha. Vilar é linda como nossa mãe. Tem os olhos verdes, boca com os lábios cheios e aos dezesseis anos faz os homens se arrastarem aos pés dela.

Ela é superinteligente e aos doze anos, já deu um chute na bunda do contador do negócio do vovô e do papai. Ela sozinha descobriu que ele estava roubando os dois e desde então passou a tomar conta dos números. Minha irmã é uma *nerd* de primeira.

Henrique é mais moleque. Adora jogar bola, brincar com os outros meninos da comunidade e dançar. Sim, ele é ótimo na dança, até criou um grupo com alguns meninos do Bela Flor. Já até ganharam algumas competições de Hip Hop regionais, mas como tem apenas quatorze anos, mamãe sempre os acompanha. Infelizmente eles ainda não participam de competições nacionais por que mamãe não pode acompanhá-los.

Hoje é dia de jantar com meus pais. Quando comecei a faculdade de biologia há oito anos, sai do morro. Já estou terminando o Mestrado. Saí não por vergonha, eu amo esse lugar, mas por necessidade. Por causa do

problema em minha perna, não é muito fácil subir o morro, seja pela ladeira, seja pela escada, então tive que mudar.

Mal chego, Vilar já pula em mim me dando beijos, abraçando e dizendo que estava com saudades, mesmo não fazendo uma semana desde que nos vimos.

Encontro mamãe, papai, tia Danny, tio Saulo, tio JP, Henrique, Sara e Liv na sala. Logo que me larga, Vilar puxa Sara dizendo que vai mostrar sei lá o que e depois que cumprimento todos, sento no sofá e Liv aparece em seguida.

— Faz tempo que não via você — falo para ela.

— É. Sara e eu viajamos para Londres nas últimas férias. — Sorri e começa a contar toda empolgada da viagem.

— Vamos dar uma volta — chamo enquanto meu pai discute com tio JP e tio Saulo alguma bobagem sobre cerveja.

Andamos por um tempo na comunidade, conversando amenidades e quando já estamos voltando para casa, ela me beija. Do nada. Só que é um beijo bom, tímido, mas quente que quase esqueço que tenho namorada.

— Liv, eu tenho namorada — falo sem jeito quando nos afastamos...

— Ai meu Deus. Desculpa, Nick. Não vai acontecer de novo, juro — fala cobrindo o rosto com vergonha.

Pego meu celular e mesmo sabendo que é covardia, envio uma mensagem para Raquel:

“Desculpa, mas quero terminar. Amanhã passo na sua casa para conversarmos.”

Sim, covarde, mas não vou deixar essa oportunidade escapar. Sempre a quis e se depender de mim, ela vai ser sempre minha.

— Vamos, Nick. Juro que não falaremos sobre isso — fala me chamando.

— Nem pensar! — Puxo-a para meus braços. — Vai acontecer de novo sim e falaremos sim sobre isso. — Beijo sua boca.



Os pais de Liv não gostaram de ela ter aceitado sair comigo, na verdade, segundo Sara, eles não gostam que elas saiam com cara nenhum, mas saímos mesmo assim.

No dia seguinte, fui à casa da Raquel conversar com ela, que não ficou nada feliz e me desejou muito chifre.

Levei Liv em uma praia deserta que sempre gosto de ir para pensar na vida e descansar. Desligamos nossos celulares e durante toda a noite conversamos, cantamos enquanto ela tocava o violão que peguei emprestado com um amigo, já que queria fazer uma surpresa para ela. Por fim, a luz do luar aconteceu nossa primeira vez. Não planejei, apenas aconteceu e foi bom, pelo menos até a droga da camisinha estourar.

Não esperamos e logo fomos atrás de uma farmácia vinte e quatro horas. Rodamos quase toda a cidade e fomos achar já seis horas da manhã. Liv estava surtando, chorando e dizendo que não queria ter um filho agora. Eu me controlei e tentei deixá-la menos nervosa. Após tomar o comprimido, a deixei no apartamento que a família dela sempre usava quando vinham para o Brasil.



TRÊS MESES DEPOIS

Essa é a segunda vez que vejo a pílula do dia seguinte falhar. A primeira vez com a tia Danny, agora com Liv, deve ser genética, mas admito que estou feliz. Liv disse que ponderou muito e quando contou aos pais, decidiu voltar a Rio Azul para me contar que eu seria pai. Minha pequena veio toda acuada de Berlim.

Bateu na minha porta e já foi despejando tudo, dizendo que eu seria pai e que mesmo se eu não quisesse a criança, ela nasceria e eu teria que pagar pensão, por que ela não ia largar os sonhos dela para criar sozinha um filho.

Calei sua boca com a minha e disse que não só queria cuidar do nosso filho, como dela também. Minha pequena chorou em meus braços, disse que não sabia o que fazer, pois era jovem demais para ser mãe.

Certifiquei-me de acalmá-la e disse que faríamos como ela quisesse, mas que eu queria esse filho e ela também. Seus olhos brilhavam e ela provavelmente pensava se dava para confiar em mim e em minhas palavras.

Quando meus pais souberam que Liv estava grávida, não sabiam se me matavam ou se parabenizavam. Minha mãe foi a primeira a me dar uns tapas. Com Mafê não se vacila, ela desce a mão, era o que o vovô Filé dizia e ele estava certo. Meu pai não me bateu, mas reclamou dizendo que era novo demais para ser avô. Vilar adorou a ideia de ser tia e até nos ajudou com as coisas do bebê. Henrique também ficou todo animado e saiu espalhando para os amiguinhos que ia ser tio.

Decidimos ficar em Rio Azul. Liv queria fazer faculdade de música, na verdade, estava pronta para começar as aulas quando se descobriu grávida. O primeiro semestre decidiu fazer antes de ter nosso bebê e depois

faria uma pausa de seis meses para cuidar melhor dele. Em seguida continuaria. Eu concordei.

Depois que meu filho, Lucas, nasceu foi uma farra só. Minha mãe e meu pai fizeram uma festança na comunidade e toda a família de Liv participou. Claro, levei uma surra dos meus sogros, uns tapas da minha sogra e uns puxões de orelha da minha cunhada, mas fora isso, minha felicidade estava garantida. A mulher que amo ao meu lado. Meus pais, meus irmãos, meu avô Filé, minha avó Edilene e a família da minha mulher também. Só para completar meu filho, o meu tesouro.

Agora minha família está completa e do mesmo jeito que mamãe foi uma, como ela diz, Periguete Apaixonada pelo meu pai, serei o Bobo Apaixonado por essa baixinha.

Agradecimentos

Eu odeio digitar “fim”. *Em.cada.uma.* das minhas histórias. Imaginem só como não foi para eu digitar nessa pela segunda vez?

Mafê foi a minha primeira personagem feminista quando eu nem sabia direito o que isso significava. Eu só sabia que queria escrever sobre uma mulher forte e dona de si, mas que não tinha medo de abaixar a cabeça quando fosse preciso. Cadu vocês bem sabe de todos os defeitos... Nem preciso falar, mas vocês também sabem as qualidades, se chegaram até aqui. Eu amo esses dois de uma maneira que vocês não fazem ideia, por isso decidi agradecê-los primeiro.

Obrigada também a vocês, minhas Guetes maravilhosas que embarcam em todas as aventuras que proponho. Meu grupo e *minha vida* não seriam os mesmos sem vocês.

Obrigada amiguinhas e coleguinhas autoras que estão sempre me apoiando.

Obrigada também minha mãe que me aguentou escrevendo a primeira edição de madrugada e dormindo a tarde toda, já que pela manhã não podia.

Obrigada a minha maninha, minha revisora foda e uma das minhas pessoas favoritas do mundo.

Obrigada a melhor amiga do mundo, por todo o apoio desde os nossos doze anos, ela é a futura médica mais incrível que vocês não conheceram, haha.

Kenga, obrigada pela capa, pelos conselhos, pelos rolês e pelas cachaças.

E obrigada ao meu namorado por aturar meus surtos durante o processo da segunda edição (e durante todo o resto do tempo também).



Beijos Purpurinados,
Kamila Cavalcante

VEM AÍ

Quase aos quarenta anos, Laís Carter vivia a vida dos sonhos de muitos. Uma mulher cercada de luxos, dinheiro, além de ser linda, inteligente, decidida e bem sucedida como CEO do grupo Carter Enterprise.

Após cinco anos casada com o grande amor de sua vida, seu ex-chefe, Franklin Carter, vê tudo mudar quando o empresário morre deixando-lhe como a única herdeira de suas empresas.

João deixou sua família no interior do estado para tentar a vida na capital Rio Azul em busca de melhorias, porém, nem tudo é tão fácil quanto lhe disseram e, dois anos após sua chegada à cidade grande, o rapaz vê-se prestes a desistir da tão sonhada faculdade e descumprir sua promessa voltando para a casa dos pais.

Quando a empresária o conhece, sente algo diferente e encontra-se fazendo uma proposta tentadora ao jovem estudante que, sem muitas opções, acaba aceitando.

Um romance no mesmo universo de Periquete Apaixonada, que promete divertir, ultrapassar barreiras e fazer você se apaixonar.